

A NONA ONDA

Katrin Mileva

translated by

Amadeu António

A NONA ONDA DO ALÉM

Katrin Mileva, compiladora, 2009

Dedico este livro aos meus queridos pais Vela e Vasil Boyadzhievi

Índice

Prefácio à segunda edição

Prefácio

Primeira parte

Ouçó os sinos celestiais

O início do fenómeno

Omphalos, o umbigo do mundo

Anos de busca

O redemoinho do desconhecido

À espera do cavaleiro

O cavaleiro radiante

O Mestre Predito pela Virgem Maria «Pesado é para mim este fardo»

Eles já estão entre nós

A provação continua «Por que me deste esta dádiva, Senhor?»

O templo sem o qual não podemos viver

O aviso começa a cumprir-se

À Terra regressam os bons

Segunda parte

O enigma do fenómeno

Tudo é movimento, só as direcções mudam

As grades que aprisionam este mundo

A nona onda do milagre energético

Do passado ao futuro: um regulador moral Filhos de Deus ou casulos cósmicos?

A clarividência à luz de uma nova teoria

A barreira O terceiro olho

As coordenadas da eternidade Terra dos deuses Espírito e matéria

O mítico O divino e o feito pela mão humana

As coisas não são como estamos habituados a vê-las

Sobre mim mesmo

Bibliografia

A nona onda dos sinos (Prefácio à segunda edição)

«A Nona Onda do Além», de Marin Boyadzhiev, é um livro que merece, sem dúvida, uma leitura cuidadosa e reflexões profundas. A expressão «nona onda» refere-se ao avanço mais poderoso e culminante de um fenómeno, enquanto os sinos tocam em festas, no nascimento ou na morte, ou para alertar de um grande perigo. A que se refere esta nona onda? Para que razão tocam os sinos?

O livro aborda temas profundos e essenciais, centrados em três eixos principais. Em primeiro lugar, fala da crise total da civilização terrestre — uma crise provocada pelo egoísmo, pela falta de espiritualidade e pela grave escassez de valores morais nas pessoas. Mostra como as ondas sucessivas de sinais que anunciam o desfecho trágico desta crise já atingiram o seu apogeu e estão muito próximas do fim. É precisamente a realidade mágica do além — o mundo invisível que governa o nosso — que faz soar os sinos de alarme com mais força, avisando-nos do fim desta civilização e lembrando-nos o pouco tempo que nos resta para mudar.

A voz e o rosto visível desse além é a vida e a obra da profetisa búlgara Vanga. Ela representa, de forma externa e luminosa, essa dimensão transcendente. A sua existência de total dedicação, abnegação e tragédia profunda é o fio condutor de todo o livro. Durante mais de 70 anos, após os 12 anos de idade, Vanga serviu o além, as pessoas e o bem, cuidando também dos seus entes queridos e esquecendo-se de si mesma.

Com toda a justiça, podemos dizer que estamos perante uma vida de verdadeira proeza — algo raro na história conhecida da humanidade. Vanga deveria permanecer na memória coletiva como um ato heroico e como a voz do além.

Outro foco central é a demonstração discreta, mas sólida, da realidade do mundo espiritual e do seu papel dominante sobre o visível. As provas são os milagres constantes de Vanga, corroborados por investigações científicas e por outros clarividentes.

O terceiro aspeto fundamental é a prova convincente da nossa ligação cármica inevitável aos pensamentos, sentimentos e ações desta vida e das anteriores. Esses elementos explicam grande parte das doenças,

fracassos, mas também das bondades e das felizes «coincidências» que vivemos. A outra causa reside no comportamento livre das demais pessoas.

Através destes três eixos, o livro desenha, de forma artística e convincente, o quadro da vida real no Cosmos e na Terra, na sua profunda interligação. O Universo está repleto de vida e de civilizações diversas, que partilham uma linguagem comum: a do sentido, não das palavras. Por isso, as consciências evoluídas comunicam com plantas, flores, animais, pessoas de línguas desconhecidas ou seres espirituais de todo o Universo. Conseguem ler a memória de objetos, cristais, seres vivos ou do próprio éter silencioso.

O livro ilumina a interconexão de tudo o que existe na Terra e no Cosmos, revela a inteligência inerente a cada coisa, confirma com factos impressionantes a existência do karma, da reencarnação, de outras formas de vida ao nosso redor e de civilizações extraterrestres.

Dedica também grande atenção ao ser humano. Através das palavras de Vanga, o autor mostra quão superficial é a vida da maioria, o excesso de importância dado ao material, a cegueira e a maldade humanas, e o desprezo pelo espiritual e pelo moral. O karma acumulado é tão terrível que, se as pessoas soubessem o que as espera, abandonariam voluntariamente esta existência. «Ainda bem que não sabem», diz a profetisa.

Ao mesmo tempo, o livro revela as imensas possibilidades e o potencial oculto do ser humano, bem como as novas qualidades que já começam a despontar. Através do karma, evidencia a interdependência universal. O autor desvenda o verdadeiro sentido da vida humana: o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do espírito, que um dia nos elevará ao universal, ao amor — a Deus. Para isso, basta falar sempre a verdade e ser honestos uns com os outros. Por isso Vanga se opunha tanto à mentira. E por isso o ocultamento do que os cosmonautas americanos viram na Lua diz tanto de negativo sobre a nossa civilização e os seus líderes.

Tudo isto constitui um desafio enorme à ciência atual, expondo também as suas limitações.

Um lugar especial é dado à missão dos búlgaros para a humanidade e ao significado dos Balcãs para o passado e o futuro do mundo.

Muito mais se poderia dizer de positivo sobre este livro, que justifica plenamente o tempo dedicado à sua leitura. O seu linguagem, tom e espírito completam a experiência: impregnado de compaixão pela vida de Vanga, pelas pessoas e pela nossa civilização; atravessado por uma tristeza profunda perante a queda e os sofrimentos humanos, causados pela ignorância e pelo egoísmo. Ainda assim, desperta otimismo e fé na ajuda das hierarquias espirituais e num futuro luminoso para a humanidade — se quisermos tornar-nos melhores.

«A Nona Onda do Além» enriquece o leitor, eleva o seu espírito à esfera espiritual, convida-o a reavaliar a própria vida e a descobrir o seu sentido mais elevado.

De facto, o além é a realidade mágica que governa o mundo visível. As pontes para ele estão dentro de nós — cabe-nos descobri-las e atravessá-las rumo ao nosso verdadeiro lar.

Kubrat Tomov 22.10.2002

Prefácio

Todos chegamos e partimos deste mundo sem saber de onde vimos nem para onde vamos nas misteriosas dimensões do Cosmos. Não nos é dado saber. Ninguém escolhe os pais, o local de nascimento, a nação, o povo ou a família. Há muitas teorias: acumulação genética ao longo da cadeia familiar; a «sangue azul» dos eleitos; intervenção divina num momento preciso; ou o aparecimento casual de um génio, com probabilidade de um em um milhão... Há um grão de verdade em tudo isso, mas apenas um grão. Há coisas nesta vida que não nos cabe conhecer, porque estão ligadas ao Cosmos — algo muito maior do que a nossa Terra, o nosso sistema solar ou até a nossa galáxia. A vida terrestre tem dimensões galácticas que talvez só compreendamos quando usarmos todo o potencial do cérebro humano ou descobirmos capacidades ainda insuspeitas. Por isso, fenómenos como profetas e videntes, capazes de ver o passado e o futuro, parecem-nos tão estranhos e inexplicáveis.

Vanga viveu 86 anos no nosso tempo e no nosso espaço. Mesmo já no século XXI, muitos factos da sua vida, palavras e pensamentos

continuam difíceis de explicar. O século passado destruiu definitivamente as lendas da humanidade. Desde a antiguidade, o homem cria mitos para construir os seus sistemas éticos e estéticos. A partir do Renascimento, tentou destruí-los. Os últimos mitos caíram com o fascismo e o comunismo. Hoje, erguemos o mito do homem comum, discreto, até invisível. Mas quando também este colapsar, talvez voltemos ao princípio: uma cultura em que o mito é inseparável da profecia, das palavras dos sacerdotes e oráculos. Provavelmente repetir-se-á a um nível superior, mas a essência permanecerá. Os profetas continuarão a preservar o conhecimento ancestral, os mitos, e a lançar pontes para os Registos Akáshicos — única fonte de que podem extrair informação. Vanga foi o último grande representante deste fenómeno espiritual da humanidade.

Hoje, o nosso conhecimento do mundo está fragmentado em setores especializados, cada um avançado, mas perdemos o hábito de os integrar num todo. Ao afirmar que já não há polimatas na era moderna — ou que, se existirem, terão apenas conhecimentos parciais —, esquecemo-nos de génios como Leonardo da Vinci, Michelangelo, Isaac Newton, Mikhail Lomonosov ou Albert Einstein, que combinavam múltiplas áreas e assim chegaram a descobertas revolucionárias.

Para compreender as capacidades extraordinárias de Vanga, precisamos de outras medidas: reunir todo o saber acumulado ao longo dos séculos sobre estes fenómenos, ignorando a fronteira artificial entre «ciência» e «pseudociência». Só assim poderemos explicar factos documentados em fontes históricas, na teosofia ou nas teorias contemporâneas sobre micro e macrocosmos.

Hesitei muito antes de começar este livro. Ainda hoje penso que só quem conviveu pessoalmente com Vanga deveria escrever sobre ela — quem sentiu o poder das suas capacidades. Já saíram muitos livros assim, que admiro profundamente. Mas, ao ler tudo o que se publicou, reuni factos e procurei explicações nas conquistas atuais da ciência, da psicotrónica, do esoterismo... Cheguei à conclusão de que é urgente encontrar uma explicação lógica para fenómenos como Vanga. Não podemos fechar os olhos; temos de olhar para o que nos rodeia e para nós próprios.

Nove anos após «Ouço os Sinos Celestiais» (cujo tiragem se esgotou há muito), decidi não reimprimir, mas ampliar com novas teorias e hipóteses sobre clarividência, profecia e fenómenos psi. Há muito pergunto-me se as pessoas à minha volta fecham deliberadamente os olhos ao óbvio ou se o mundo, doente de materialismo grosseiro, já ficou espiritualmente cego.

Assim nasceu esta tentativa de explicar o inexplicável — esta nona onda do além. Não pretendo que seja uma obra original; algumas citações de Vanga repetem-se nas duas partes, para contextualizar as minhas reflexões e fundamentar conclusões com factos da sua vida. Não é uma memória pessoal de Vanga, mas uma recolha de factos, documentos históricos, avanços científicos e comentários de grandes pensadores. Perdoem-me a ousadia, mas alguém tem de dar mais um passo para explicar um fenómeno real. Este passo é hesitante, mas tenho a certeza de que o próximo, dado por outro, será digno de respeito.

Marin Boyadzhiev Outubro de 2009

PRIMEIRA PARTE OUÇO OS SINOS CELESTIAIS

1. O início do fenómeno

Ela nasceu em Strumica a 31 de janeiro de 1911. Nesse dia, a Igreja celebra os Santos Desinteressados e Taumaturgos Cir e João. Cir era um egípcio de Canope, que se tornou famoso no século III d.C. como médico ilustre na gloriosa cidade de Alexandria. Como cristão profundamente crente, curava sem exigir recompensa pelo seu trabalho. Não seguia as receitas de Hipócrates ou Galeno. Para ele, a causa principal de todas as doenças eram os pecados, que provocavam sofrimentos graves ao corpo e à alma. Possuía também o dom de taumaturgo. Com o seu talento de curador, atraiu muitos habitantes dos centros helenísticos antigos para a religião cristã. Vanga parece ter exatamente essa capacidade: atrair as pessoas não só ajudando-as em momentos difíceis, mas também com uma boa conversa e conselhos sábios. Tal como ele, ela tem o dom do milagre — não há doença que não consiga curar, e de uma forma muito estranha para os médicos.



Por uma razão ou outra, os biógrafos de Vanga, nos livros de memórias sobre ela, indicam que aceitava como data de nascimento também 3 de outubro de 1911 — data essa gravada no seu túmulo, talvez por influência de alguns dos seus próximos, embora a verdadeira seja 31 de janeiro. O 3 de outubro é o dia de São Dionísio Areopagita, o sagrado mártir. Ele era ateniense, membro do Areópago, converteu-se ao cristianismo e tornou-se o principal companheiro do apóstolo Paulo. Escreveu a obra «Sobre a Hierarquia Celestial», um dos primeiros textos dedicados à fé cristã, além de um livro sobre os nomes de Deus e a bênção mística. Fornece informações valiosas sobre a morte maravilhosa da Mãe de Deus.

Menciono tudo isto porque, mesmo que as coincidências, associações e referências sejam casuais, a vida de Vanga provoca muitas reflexões quando a comparamos com a de Dionísio Areopagita.

Segundo a antiga doutrina dos números — a numerologia —, a data 31.01.1911 corresponde ao número 8. É um dos mais difíceis de explicar. Até a forma do oito fala da sua dualidade. Neste número, unem-se dois mundos: o material e o espiritual. Representa a perfeição de todos os aspetos do Ser. Para Pitágoras, os princípios essenciais estão nos primeiros quatro números, pois, multiplicando-os ou somando-os, obtemos todos os outros. O quatro tem uma força mágica, pois contém não só os princípios das ciências, as leis dos seres e o modo da sua evolução, mas também a causa das diferenças entre as religiões e a sua unidade superior. O tetragrama é a verdadeira chave universal. Os pitagóricos juravam por este grande símbolo:

«Juro por Aquele que gravou nos nossos corações a Sagrada Tetractis, símbolo imensurável e puro, Fonte da Natureza e modelo dos Deuses.»

E o número oito reúne duas tetractis. Por se dividir em duas partes iguais, sem dar vantagem a nenhuma, é também o número da justiça. Simboliza a providência e a imprevisibilidade do destino, tanto na vida do indivíduo como na de povos inteiros. Assim é na vida da profetisa búlgara. As duas tetractis contidas no oito sugerem-nos que se trata da forma de outra forma, da autoridade de outra autoridade. Não ficamos sempre, após cada conversa com Vanga, com a sensação de que ela é apenas a porta-voz dos pensamentos e da vontade de alguém que nos observa rigorosamente e julga? O oito é a fórmula geral do Karma, da justiça humana. Oito é também o número do deus egípcio Tot, o número mágico de Hermes Trismegisto, que deu à humanidade a ciência dos números e da geometria. O caminho de Buda é octuplo, o número simboliza o Universo.

Segundo a bioenergética contemporânea, no corpo humano existem realmente centros energéticos, chamados na antiguidade chakras. São sete, mas o oitavo fica acima da cabeça, é a auréola que liga o ponto especial — a fontanela — às energias cósmicas. É o chakra dos bodhisattvas, dos santos, profetas e messias. Indica um alto nível de desenvolvimento espiritual do seu portador, cujos detentores são a encarnação da realidade cósmica — o Universo — na Terra, como é Vanga. Eles já concluíram a sua evolução divina e passaram para outra classe de seres que povoam o Universo. Regressaram voluntariamente à Terra para nos ajudar a acelerar a nossa evolução, proteger-nos de erros e aprofundar os nossos conhecimentos espirituais — missão a que se dedicou toda a vida da profetisa búlgara.

Na astrologia, o oito simboliza Saturno — o planeta do destino. Este número influencia todas as pessoas nascidas entre 19 de janeiro e 19 de fevereiro, período chamado «casa de Saturno», e foi exatamente então que Vanga nasceu — a 31 de janeiro.

De tudo o que foi dito, podemos concluir que as pessoas cuja data de nascimento está ligada ao número oito sentem que não são como os outros. Na alma, são solitárias, incompreendidas... Acrescentemos que sob o signo do oito nasceram Michelangelo, Bach, Rembrandt, Picasso, Alexander Blok...

Refletindo sobre a data de nascimento de Vanga, ficamos surpreendidos com a precisão de uma profecia de Edgar Cayce: «Muitos

indivíduos com capacidades extraordinárias — para o bem ou para o mal — nasceram na Terra nessa época (1911-1912).»

A letra com que começa o nome de Vanga é a terceira na ordem do alfabeto usado por parte dos povos eslavos, incluindo nós. O número três reina em todo o Universo. Se aceitarmos a unidade como essência de Deus, o dois como a sua capacidade criadora, o três simboliza o mundo real. Tal como o homem é composto por corpo, alma e espírito, o Universo divide-se em três esferas concêntricas: mundo natural, mundo humano e mundo divino. A trindade é a lei da estrutura das coisas e a verdadeira chave da vida. Está em todos os seus níveis — da estrutura da célula ao dispositivo fisiológico do corpo animal, ao funcionamento do sistema circulatório, à estrutura metafísica do homem, do Universo e de Deus. Mostra as relações infinitas entre o microcosmos e o macrocosmos. Assim, esta lei da trindade, formulada por Pitágoras, é a pedra angular da ciência esotérica. É compreendida por todos os grandes iniciados.

«Na síntese dos três mundos esconde-se o segredo do Cosmos», ensina Pitágoras.

Ao dizer isto, refere-se à natureza misteriosa do universo — Céu, Terra e Homem. E um oráculo de Zaratustra acrescenta: «Em todo o Universo reina o número TRÊS, e a unidade é o seu princípio.»

Poderíamos continuar a refletir longamente sobre este tema. Por mais materialista grosseiro que alguém seja e negue os conhecimentos antigos como imperfeitos ou invenções de pessoas atrasadas, não se podem negar muitas coincidências que encontramos no que foi dito e na vida de Vanga. Deixamos aos leitores o julgamento. Os números têm a sua dimensão no tempo e no espaço em que existimos. Estão ligados a pontos que, unidos, formam figuras geométricas — chamá-las-íamos redes geométricas —, com que está envolto o mundo dos quanta, do menor ao maior, e o mundo dos corpos cósmicos, perante os quais a nossa Terra parece uma partícula de pó. Mas disso falaremos mais adiante neste livro.

Vanga nasceu prematura — as orelhas coladas, os dedos das mãos e pés com membrana, a fontanela — o ponto de contacto com o mundo

espiritual — aberta. Na verdade, assim permaneceu até ao fim da sua vida terrena.

Casos assim não eram raros na prática das parteiras autodidatas dos campos, as «babas». Até meados do século XX, nas pequenas localidades dos Balcãs, sem assistência médica permanente, havia sempre uma «baba» que não só ajudava no parto, mas também curava, benzia, algumas profetizavam, desfaziam feitiços, fundiam chumbo, davam ervas para doenças; guiadas pela máxima de que as causas das doenças não estão no corpo, mas no espírito, e que este deve ser curado juntamente com aquele.

No seu dia a dia, casos como o de Vanga não eram problema. A prematura era envolvida em lã não lavada ou em estômago de boi. Assim cresceu o meu primo, em meados dos anos 50, também prematuro e cuidado só pela minha avó, que não deixava ninguém aproximar-se dele até aos nove meses. Parece que esta prática era conhecida nos Balcãs desde a antiguidade, pois na mitologia grega se menciona que Zeus completou a gestação de Dioniso — também prematuro — cosendo-o na sua coxa, após Semele, a mãe, ter sido atingida pelo raio de Zeus. Outro assunto é que neste «crescimento» se vislumbra um mito trácios mais antigo. Como nota Mircea Eliade, o Zeus ático, o Gebeleizis geta e o Zeus Sbelsurd representam o mesmo deus do furacão e das forças da natureza — habitantes e guardiões das altas montanhas da Trácia.

Aceita-se que a criança vem ao mundo só quando chora forte. Assim aconteceu com Vanga. Esperou o seu tempo, envolvida em lã não lavada e estômago de boi. Dois meses depois, no fim de março, o bebé chorou alto e começaram a procurar-lhe nome.

Aqui recordo o que dizem os autores da Sociedade Teosófica: o homem é um ser em que, independentemente da parte do Universo que habita, o mais alto — o Espírito — e o mais baixo — a Matéria — se unem pelo intelecto.

«A Imagem vem para conquistar este mundo — escreve Annie Besant em “A Genealogia do Homem” —, mas antes deve aprender a obedecer.» «Embora fosse Filho, aprendeu a obediência pelos sofrimentos e tornou-se perfeito!» (Bíblia, Epístola aos Hebreus, V, 8-9).

Assim torna-se senhor da vida e da morte. Mas a Imagem esquece a sua origem, adormece na matéria e só gradualmente, através de golpes exteriores, desperta para a manifestação.

Se entendermos esses «golpes exteriores» como os da sorte, vemos quão certa está Annie Besant, especialmente no caso de Vanga, cujos golpes começam logo no nascimento.

Os Balcãs no início do século XX eram um lugar onde ainda se entrelaçavam culturas de vários etnos, influenciando fortemente, até hoje, as suas ligações culturais e políticas. Essa penetração mútua nunca parou desde a antiguidade. Apesar do forte consciência nacional, saber várias línguas balcânicas era visto como sinal de alta cultura. (Os últimos «políglotas» dessa era foram os idosos nascidos no fim do século XIX e que viveram até aos anos 80 do século XX...) Ainda hoje, as culturas dos diferentes povos se entrelaçam e fundem.

Assim, no dia seguinte (por volta da Anunciação), segundo o costume, a avó da criança saiu à rua e pediu à primeira mulher que encontrou que sugerisse um nome para a menina. A desconhecida disse «Andrómaca». Claro que esperavam um nome típico da região e a sugestão não agradou à avó — talvez por estar ligada à cultura helénica ou por soar estranho. Provavelmente procurava um nome cristão típico e perguntou à próxima mulher. Esta sugeriu Vangelia, talvez associando ao feriado da Anunciação.

Ambos os nomes soam estranhos para os habitantes atuais da Macedónia, Sérvia e Bulgária. Não são comuns na sua prática linguística, embora a forma masculina de Vangelia — Vangel — se encontre no Mar Negro, sobretudo em cidades com vestígios de colonização grega antiga.

O nome Andrómaca aparece pela primeira vez na epopeia grega, na «Ilíada». É a esposa de Heitor, com quem Aquiles luta e vence. Filha de Eétion, rei de Tebas, sempre foi o símbolo da mulher que cuida do lar. A cena comovente da despedida de Heitor e Andrómaca tornou-se exemplo da capacidade da mulher de unir o amor ao marido e ao filho com o amor à pátria. Por outro lado, as tribos de Troia e Tebas são aparentadas com os trácios — não por acaso estes os ajudam na Guerra de Troia, vindo exatamente destas regiões e lutando ao seu lado.

Legaram aos seus descendentes genéticos outra epopeia, de igual dignidade à grega e provavelmente mais antiga. Mas, por circunstâncias, seguiu o destino das epopeias de povos sem escrita — permanece desconhecida.

Já no século XV, Konstantin Kostenechki menciona canções órficas. No século XVII, o poeta dubrovnik Ivan Gundulić chama Orfeu de búlgaro num poema e refere que, segundo a lenda, as sete nascentes do rio Maritsa brotaram por desejo desse mesmo Orfeu — eco de uma antiga lenda trácia.

Perto de Strumica, nos Rodopes centrais e ocidentais, no fim do século XIX, Ivan Gologanov registou muitas canções chamadas «Veda Slovena», que atraíram o interesse de Stefan Verković. Tornou-se conhecido que nas canções populares e lendas dos búlgaro-muçulmanos dos Rodopes se preservam motivos ligados aos mitos de Orfeu e à mitologia grega, incluindo a Guerra de Troia e Andrómaca.

Não se pode supor que indivíduos dessa população, guardiões das canções de «Veda Slovena», tivessem acesso à «Ilíada» de Homero, já transformada em obra literária e afastada dos mitos e canções heroicas. Tal ideia seria absurda. Provavelmente trata-se de canções e mitos preservados pelos povos que habitavam estas terras antes dos eslavos e protobúlgaros — os trácios. Há cerca de dez anos, o escritor Todor Riznikov chegou às mesmas conclusões, mas, como Gologanov, não foi compreendido pelos académicos atuais. Alertava que essa informação e essas canções eram guardadas como tabu pelos habitantes locais dos Rodopes centrais e ocidentais, conhecidas sobretudo pelos mais velhos, que ele visitou e que, um a um, partem.

Tudo isto Vanga recebeu como herança genética. Os seus antepassados eram provavelmente da população local dos Balcãs, aqui desde tempos imemoriais. Contactaram ativamente com os antigos gregos e preservaram memórias dessa era nos mitos, lendas e canções. Assim, o nome Andrómaca não foi casual — foi uma escolha perfeita como desejo para o destino de uma menina recém-nascida.

Tal como o nome Vangelia, que é mais do que evidente. Ainda hoje significa «boa nova» ou pessoa que vem ao mundo para anunciar boas notícias, e é dado, a par de Blagovesta, a crianças nascidas por volta da

Anunciação. A palavra tem origem grega, mas não está ligada apenas à tradição cristã. Entre os habitantes dos Balcãs, desde tempos antigos, existe o costume de, num determinado dia do ano, observar quem entra primeiro em casa do anfitrião: conforme a pessoa, julga-se como será o ano seguinte.

Geralmente, quando é alguém bom, diz-se que traz «boa nova», honra-se como o mais próximo da casa, oferece-se-lhe presentes e deseja-se que regresse no ano seguinte, no mesmo dia, como primeiro visitante. Provavelmente, esta tradição remonta a épocas mais antigas, aos séculos em que a população local adotou o cristianismo. Porque o substrato comum, o etnos geral nos séculos antes de Cristo, eram os trácios e os seus povos aparentados. E neste cruzamento dos Balcãs, era muito importante para eles quem vinha de visita, de que tribo era, se hostil ou amigável para o anfitrião. Por isso, o nome Vangelia ainda hoje é visto como designação para alguém que chega com a sua bondade e capacidade de trazer boas notícias — tanto à família e ao clã como ao povo. Esta missão Vangelia cumpriu-a brilhantemente, e a sua tarefa terrena coincide plenamente com o nome que carrega.

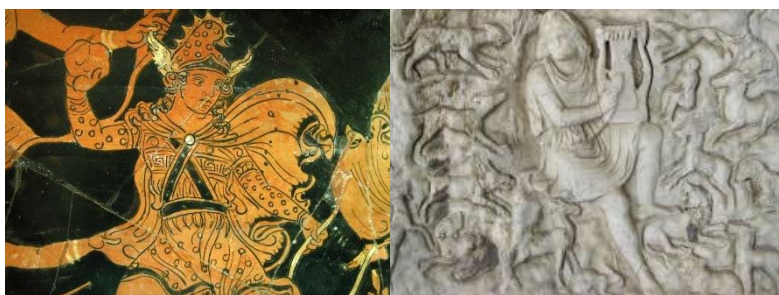
2. Omphalos ou o umbigo do mundo

É também muito significativo, sob muitos aspetos, o local de nascimento de Vangelia Pandeva Surcheva – Gushterova. São muitos os factos que confirmam que as qualidades genéticas se transmitem de geração em geração ao longo de milénios, e que muitas das capacidades humanas dependem do ambiente geográfico onde se vive. Ou, como escreve num texto preservado do século V a.C., as pessoas podem ser classificadas conforme o meio que habitam. Até as investigações contemporâneas provam que o corpo e o carácter humano variam de acordo com a natureza do local. Na antiguidade, Strumica e os seus arredores faziam parte da chamada «Trácia montanhosa», que, num plano mitológico mais amplo, integrava a «montanha sagrada do mundo».

Neste território surgiu, há muitos séculos, o estado da Macedónia. E antes da sua fundação, a região entre os rios Vardar, Struma e o lago de Ohrid, e a leste até ao Ponto Euxino e ao Bósforo, era uma das fontes de espiritualidade, pátria de tribos e povos que os historiadores gregos

descrevem como populações chegadas aqui com os pelasgos ou antes deles.

Sobre Orfeu, Vanga conta a vários dos seus interlocutores que o dom dele vinha da terra, não do céu. Tocava folha de salgueiro e ramo de salgueiro, com casca de ulmeiro, faia ou carvalho. Deitava-se no chão e assim ouvia as melodias que depois reproduzia. Ela vê-o claramente: como criança com roupas rasgadas, como jovem sem barba, cabelo por cortar, unhas grandes, que passa o tempo todo a cantar. E, ao lado dele, segundo ela — por mais ilógico que pareça —, caminha o czar Samuel. Ambos são, desde tempos antigos, das personalidades mais populares nesta região.



Segundo as fontes históricas que chegaram até nós, Orfeu viveu no século XIII a.C. nos Rodopes, atingiu a suprema sabedoria que obteve dos conhecimentos secretos quando esteve com os sacerdotes egípcios em Luxor e Karnak. Lá ainda hoje se podem encontrar imagens dele. Os historiadores antigos escrevem que as suas canções eram mágicas e associam-no às propriedades curativas das pedras e ervas dos Rodopes.

Para Vanga, os trácios eram «pessoas grandes, belas, fortes». Vê-os musculosos e pouco vestidos, com braços nus, vivendo em grande pobreza. À mesa, só havia pão, carne de cabra, alho, cebola e azeitonas. Criavam mulas e camelos.

As fontes escritas mais antigas sobre os trácios datam dos séculos XVIII–XVI a.C. e estão ligadas à Escrita Linear A e Linear B, usadas na ilha de Creta e na Grécia micénica. Depois vem o mais antigo monumento literário da Europa — a epopeia de Homero. Em diferentes locais da ilha de Creta e na antiga Hélade foram descobertas mais de 5000 tábuas com Linear B, e um dos primeiros nomes decifrados é o de Dioniso, que na antiguidade era tradicionalmente considerado um deus trácios. Os nomes de dárdanos, misos e frígios aparecem em textos de Kadesh da

época de Ramsés II. Da mesma época são papiros que refletem eventos do fim do século XIV a.C. (1313-1312). Há muitos mais testemunhos sobre os trácios vindos da antiguidade, mas não é o lugar para nos deter neles em detalhe. Os estudiosos ainda hoje não têm uma posição clara sobre se os trácios eram população autóctone ou vieram para os Balcãs de outro lugar.

Aqui mencionaremos apenas a descoberta recente de Perperikon, surgido antes do acrópole ateniense: uma cidade-fortaleza cercada por muralhas de pedra robustas, que certamente era a capital dos trácios. A designação «capital» na antiguidade tinha outra característica, diferente da atual. Esta cidade, que unia as tribos trácias, era o seu maior centro ritual e cultural. Inicialmente, foi construído ali um enorme templo com cavernas escavadas na rocha, passagens e túneis. Após um terramoto inaudito ou talvez um cataclismo natural — inundação, dilúvio, colisão da Terra com um meteorito —, foi destr  ido e, mais tarde, no mesmo lugar, ergueu-se Perperikon com muralhas de pedra sólidas, ao contrário do primeiro centro unificador dos helenos, cercado por uma alta paliçada de madeira, constr  ido, como dissemos, séculos depois da cidade dos trácios.





É evidente que a ilha de **Samothrace** e a Península Balcânica estão estreitamente ligadas à dispersão dos atlantes, tema sobre o qual Edgar Cayce também teve visões. Tratava-se de pessoas com dons sobrenaturais, que dominavam não só o seu corpo, mas também a alma, possuindo capacidades parapsíquicas e sobrenaturais para o homem contemporâneo — capacidades que alguns representantes da humanidade herdaram.

«Na Atlântida — escreve Cayce —, quando ocorreu a destruição do país, foi devido ao uso de segredos espirituais para fins materiais e poder físico. O governo estava no Templo do Sol, de onde toda a potência era usada para dominar as coisas materiais; foi dada instrução, para preservar a vida, de migrar para outros países...»

Essa migração dirigiu-se também para as terras da Península Balcânica. E agora esta região é rica em sensitivos e fenómenos. Até há pouco tempo, eram envoltos em mistério e desconfiança por parte das autoridades oficiais. Mas são muitos os factos que testemunham as capacidades extraordinárias e supernormais da população local, desde a antiguidade até aos nossos dias. Parece ser um eco distante na herança genética de tribos e civilizações desconhecidas da história, remotas no tempo.

Strumica, o local de nascimento de Vanga, torna-se parte do Primeiro Estado Búlgaro sob o khan Presian. Antes disso, havia ali uma cidade chamada Tiberiópolis, destruída pelos ávaros. O território onde se situava esta cidade chamava-se, desde tempos antigos, Macedónia. É mencionada pela primeira vez nos livros do Novo Testamento, no capítulo 16:9 dos «Atos dos Apóstolos»:

«Durante a noite, apareceu a Paulo uma visão: estava diante dele um homem macedónio, que o suplicava e dizia: “Passa à Macedónia e

ajuda-nos!”» Após esta visão, decidimos imediatamente partir para a Macedónia, pois compreendemos que o Senhor nos chamava para anunciar ali o Evangelho. Assim, partindo de Tróade, chegámos diretamente a Samothrace e, no dia seguinte, a Neápolis (na costa do Mar Egeu), e dali a Filipos, que faz parte da Macedónia.

A Macedónia era então uma província romana que unia as terras dos trácios. E o primeiro encontro do apóstolo Paulo em solo europeu foi exatamente com estes trácios, ou como ele os chama «macedónios», onde a pregação evangélica teve rápido sucesso. Até ao fim da sua vida terrena, o apóstolo Paulo aponta sempre os macedónios como exemplo. Em apenas um ou dois anos, estavam prontos para dialogar com o apóstolo Paulo sobre os temas mais complexos e difíceis da doutrina cristã. Como escreve Vidka Nikolova no seu trabalho «Devido ao orfismo trácio», «nos anos 51–58 d.C. estabelecem-se as chamadas igrejas macedónias de Kavala a Ohrid (segunda e terceira viagens do ap. Paulo), e com elas também as igrejas apostólicas mais para o interior, na Trácia e na costa do Mar Negro — em Filipópolis (Plovdiv), o primeiro apóstolo é o discípulo e companheiro de Paulo, Hermas; em Berea (Stara Zagora) — Karp... De Macedónia através da Trácia até à Cítia, são todos discípulos do ap. Paulo, o que, na linguagem da época, corresponde à década 52-62 d.C. Assim, a Macedónia e as igrejas macedónias tornam-se o centro da atividade do ap. Paulo — várias vezes percorrida por ele e pelos coapóstolos e discípulos (ap. Lucas, Silas, Marcos, Timóteo, Erasto, Clemente, Epafrodito...), condicionado também pelo facto de a Macedónia ser o nó terrestre no caminho da Ásia Menor a Roma...»

Provavelmente, estes processos na província romana afetaram também o então Tiberiópolis, pois a cidade ganhou fama pelos seus quinze mártires pela fé cristã, de que falaremos mais adiante no livro. Não por acaso Strumica, construída no lugar da antiga cidade, torna-se centro de uma eparquia — provavelmente já o era em tempos romanos. Strumica é o centro de um comitato. A consciência búlgara nesta região preservou-se apesar da subsequente dominação bizantina e sérvia, e depois da escravatura turca. O destino da região de Strumica continua assim após a libertação da Bulgária — permanece sob o poder do Império Otomano, depois torna-se parte da Bulgária, as grandes potências entregam-na à Sérvia e só em meados dos anos quarenta do

século XX passa a fazer parte do recém-formado estado da Macedónia, integrado na federação jugoslava.

Vanga, que muito amava a história, falava frequentemente do czar Samuel, dos soldados de Samuel cegados após a batalha na aldeia de Klyuch contra o exército bizantino. Afirmava que eram 14 000, não 10 000, perguntava onde nascera Samuel e respondia ela mesma — nas montanhas de Ohrid. Sobre a origem do nome Ohrid, contava que vem da época em que os guerreiros búlgaros foram cegados, do exclamation «Oh, ridaya!» (Ai, choro!). E sobre a Macedónia falava muitas vezes como território povoado desde a antiguidade até aos nossos dias. Ficou-lhe gravada na memória a recordação dos anos de escola em Zemun, e quando chamavam à sua terra natal Sérvia do Sul, indignava-se e provava-lhes que ali era búlgaro...

A sul de Strumica, a cerca de cem quilómetros, fica o santuário de Delfos, sobre cuja entrada estava inscrita a sentença «Conhece-te a ti mesmo» e que foi o primeiro centro unificador das antigas cidades-estado helénicas — note-se: em torno do oráculo délfico no templo de Apolo.





Os reis das 12 cidades-estado consultavam o oráculo délfico mesmo nas decisões mais triviais. Este profetizava muitas vezes em versos, alegoricamente, ou por vezes caía em transe e falava com a voz de Apolo. Mais frequentemente, estes oráculos eram chamados Pítias. E o modo como profetizavam é muito próximo do de Vanga.

Segundo as investigações arqueológicas, Delfos e a ilha de Samothrace eram centros culturais ainda da época da comunidade etnocultural trácio-pelasga, e ali estavam os maiores santuários de Orfeu.



Com o tempo, estes santuários multiplicam-se pelas outras montanhas da Península Balcânica; segundo Pausânias, havia um santuário dedicado a Orfeu também no Olimpo.

Para o homem contemporâneo, pareceria estranho o facto de no santuário de Apolo em Delfos se entrelaçarem dois cultos — a Apolo e a Dioniso. Mas eis o que escreve Tucídides sobre o assunto:

«O costume entre os helenos era que quem dominasse uma região como senhor sempre dispusesse também dos seus santuários, com a condição de respeitar os ritos em vigor... Após expulsarem à força os habitantes locais, chegavam aos santuários como estrangeiros e depois possuíam-nos como seus... » E em Delfos provavelmente havia um santuário ainda mais antigo dedicado a Orfeu, que mais tarde se fundiu com Dioniso. Como provam investigações contemporâneas, no santuário havia sacerdotes chamados TRAÍDOS, nome ligado aos trácios. Eram guardiões do conhecimento superior. Na antiguidade, a anfictonia era protegida por uma guarda trácia — guerreiros iniciados nos segredos.

No centro deste santuário de Apolo encontra-se o «umbigo do mundo» — o **OMPHALOS**. Esta pedra sagrada, que parece uma taça invertida ou mais exatamente um hemisfério envolto em ramos de videira entrelaçados formando triângulos equiláteros perfeitos, está nesse lugar desde tempos imemoriais.



Este culto assemelha-se muito aos santuários órficos nos Rodopes e noutros lugares montanhosos dos Balcãs. Se observarmos mais atentamente os triângulos mencionados, lembrar-nos-iam a estrutura dodecaédrica da Terra, de que fala Platão no «Fedão»:

«A Terra, vista de cima, parece uma bola feita de 12 pedaços de couro e pintada com várias cores.»

Será isto um eco de uma crença ligada à filosofia do orfismo? O período entre os séculos XIII e VIII a.C. é de consolidação dos helenos e, até ao momento da sua primeira unificação das cidades-estado, identificavam-se apenas pela autodefinição étnica pessoal dos reis individuais — se pertenciam aos helenos ou não, apesar de muitas vezes falarem uma língua incompreensível para os outros. Naturalmente, nesta conjuntura, o centro unificador — o templo — ditava tanto as regras das relações mútuas como os costumes que, com o tempo, se tornaram tradição e uniram os diferentes etnos num só povo.

No «Timeu», Platão, provavelmente influenciado novamente pelo orfismo, escreve que toda a superfície plana é composta por triângulos, e Políbio afirma que a Itália parece um triângulo. Ao mapear os focos das civilizações e culturas antigas, N. F. Goncharov compôs a estrutura triangular da Terra, mencionada em muitos documentos antigos.

Num cratera do século V a.C. está representado um sacrifício no templo de Delfos, onde vemos sobre a pedra chamada «umbigo do mundo» um tripé, o altar de Apolo.

Mas o santuário délfico não é o único nesta região, como já mencionámos. Na antiguidade, havia o costume de os reis consultarem adivinhos, profetas e astrólogos para interpretar sonhos ou prever o futuro. Até aos nossos dias chegou, por exemplo, a história do nascimento de Alexandre, o Grande. Todos os historiadores e escritores

antigos que mencionam este facto são categóricos: os sacerdotes egípcios que compuseram o horóscopo da criança aconselharam Olímpia a dar à luz alguns dias mais tarde, para evitar o destino previsto pelas estrelas, mas ela não seguiu o conselho. Assim, o destino de Alexandre, o Grande, foi claro desde o nascimento. Tal como o de Aquiles, filho de Peleu, e de muitos outros reis e heróis antigos... Por mais incríveis que pareçam ao homem moderno estes factos, são confirmados por pessoas-fenómeno como Vanga.



Segundo Heródoto, um antigo santuário dedicado a Dioniso existia na montanha mais alta — os Rodopes, nos Rodopes ocidentais. Era dominado pelos trácios — os satros. Os adivinhos eram os bessos, um ramo deste povo. Ali profetizavam como as pítias em Delfos. Suetónio relata que, quando o pai de Otaviano Augusto liderava o exército na floresta sagrada de Dioniso, consultou o oráculo do deus sobre o filho. O oráculo derramou vinho sobre o altar e a fumo subiu até ao céu, sinal de que Otaviano se tornaria um grande homem. O mesmo prodígio recebera, séculos antes, o pai de Alexandre, o Grande, ao oferecer sacrifício nesse altar.

Regressando ainda mais no tempo, à aurora da civilização helénica, vemos que para os gregos a Trácia era um lugar sagrado. Ali estavam os santuários mais antigos de Cronos, Zeus e Urano; dali descia a Poesia, as Leis, as artes sagradas. Antes ainda de existir escrita e surgir a poesia, circulavam lendas sobre os lendários poetas da Trácia: Tamíris, Lino, Anfião, que se tornaram símbolos dos géneros poéticos. Segundo Héber d'Olivier, o nome TRÁCIA deriva do fenício RAHVI — espaço etéreo, firmeza celestial. Trácia tem significado simbólico como montanha sagrada para Píndaro, Ésquilo, Platão: para eles, é o país da

ciência pura e da poesia. Do ponto de vista filosófico, significa país do espírito, lugar de ensinamentos e tradições que provam a aparição da Razão Divina. Talvez por isso o primeiro viagem do ap. Paulo à Europa esteja ligada aos descendentes dos trácios, e o santo apóstolo os aponta como exemplo a seguir.

Olhando para a época em que os testemunhos históricos se entrelaçam com mitos e lendas, chegamos novamente à conclusão de que a região é um dos focos espirituais da civilização, e antes do dilúvio talvez aqui se tenham instalado descendentes da mítica Atlântida, mencionada pela primeira vez por Platão. A lenda desta terra mítica nasceu ou foi dada ao mundo contemporâneo pelos antigos gregos e, há mais de 2000 anos, desperta o interesse das pessoas.

«Ó Sólon — disse o sacerdote egípcio ao sábio Sólon —, vós, gregos, sois como crianças, nada sabeis dos tempos antigos. Nada te é conhecido dos conhecimentos ancestrais. Segundo eles, após a catástrofe que destruiu a população das costas e margens dos rios, restaram apenas “pastores e criadores de gado”, que viviam nas alturas das montanhas.»

«Nos nossos anais — continua o sacerdote egípcio noutro diálogo com Sólon — fala-se de como o grande reino do mar atlântico invadiu a Europa e a Ásia e como os atenienses se opuseram bravamente aos ataques inimigos. Naquela época, em frente ao estreito que vós chamais colunas de Hércules, existia uma grande ilha, maior que a Líbia (atual África) e a Ásia juntas. Os habitantes da Atlântida chegavam facilmente às outras pequenas ilhas entre a Ásia e a Europa, e dali ao continente que circundava o Mediterrâneo. A Atlântida tinha reis famosos pelo seu poder. Dominavam os vizinhos, partes do continente estavam sob poder atlante. Toda a Líbia até ao Egito e toda a Europa até à Tirénia estavam sob dominação atlante. Este poderoso estado decidiu subjugar todos os povos em torno das colunas de Hércules, incluindo o nosso e o vosso. E foi então que a vossa cidade mostrou ao mundo a sua força e poder. Opôs-se aos perigos mais terríveis e venceu os inimigos, salvando do escravagismo não só a si mesma, mas também os povos ainda não subjugados pela Atlântida.

A outros povos, como nós, por exemplo, devolveu a liberdade. Mas logo depois começaram terremotos e inundações terríveis. Todas as

tropas da Atlântida que nos atacaram foram engolidas pela terra e água revoltadas num só dia e uma noite. No lugar onde estava a ilha Atlântida, agora é impossível navegar ou explorar. A navegação é impedida pela enorme quantidade de lama deixada na água pela ilha ao afundar-se nas ondas marinhas.»

Segundo os autores da Sociedade Teosófica e algumas investigações contemporâneas, os líderes desta civilização não eram do tipo de seres humanos em desenvolvimento normal. Naquela época, os corpos físicos eram mais macios e flexíveis, permitindo que seres espirituais elevados adotassem mais facilmente forma humana. As suas qualidades mentais e espirituais eram sobre-humanas e, para os contemporâneos, eram deuses-homem. Eco deste período são os primeiros reis-sacerdotes, venerados e divinizados pelos mortais comuns. Transmitem às pessoas conhecimentos em todas as áreas da ciência, técnica, arte; habitavam templos de adivinhação, onde escolhiam discípulos e os ensinavam a desenvolver as qualidades necessárias para os futuros humanos. Os seus corpos não eram influenciados pela hereditariedade, mas pelas qualidades da alma. A força do pensamento e da memória era medida de elevação; em torno de tais pessoas uniam-se os habitantes terrestres do continente perdido. Após o dilúvio, conduziram-nos a novas terras. Assim, gradualmente formou-se uma nova raça, criada e educada nas condições duras do Pamir, Tibete, Extremo Norte do continente. Um dos objetivos era criar um corpo suficientemente forte para suportar as consequências das forças anímicas destrutivas que arruinaram as raças iniciais crescidas na Atlântida.

Assim, a nova descendência já não possui o antigo poder mágico sobre a natureza. Mas o cérebro humano começa a mudar, a formar-se como instrumento principal do pensamento. Os líderes são separados em centros de ensino montanhosos, eco dos quais são as lendas ainda existentes sobre o mítico país de **Shambala**.



Shambala ou Shambhala é considerada o país dos vajrayanas — a primeira emanção de Adi-Buda. Característico para eles é a cor branca, que significa a fusão de todos os dhyani-budas. Simbolizam o princípio da purificação. São sempre representados em pose budista, com a mão direita ao nível do coração e a esquerda segurando uma campainha junto à coxa. Uma descrição de Shambala encontramos na «Kalachakratantra». Situa-se a norte do rio Sita, identificado com o Tarim, Amu Darya ou Syr Darya. Rodeada por oito montanhas nevadas, no centro fica a capital Shambala. O primeiro rei-sacerdote é Suchandra. Sob ele, Shambala torna-se o centro do ensino kalachakra, seguido por 6 reis-sacerdotes, cada um reinando 100 anos.

Na Idade Média, os iniciados estudavam profundamente mapas geográficos onde estava marcada uma misteriosa região entre os Himalaias e o deserto de Gobi. Em 1145, os historiadores mencionam o relato do presbítero João, que vivia no fim do mundo, além da Arménia e da Pérsia. O mais extenso relato sobre esta figura espiritual vem do historiador Otto von Freising. Ele inclui o linhagem do presbítero João entre os antigos magos. O imperador do Sagrado Império Romano-Germânico, Frederico Barbarossa, recebeu uma mensagem de João.

Mensagens semelhantes foram enviadas à Bizâncio e a outros países europeus, mas a do Vaticano perdeu-se nos arquivos.

Outros documentos contam que o senhor de Shambala tinha um ceptro com esmeraldas. Perante o palácio, havia um espelho mágico que permitia a João ver tudo o que acontecia nos diferentes países do mundo. Dragões voadores transportavam rapidamente pessoas pelo ar para qualquer canto do globo. O elixir da verdade purificava a alma e obrigava a dizer apenas a verdade, por isso ninguém nessa terra misteriosa ousava apropriar-se de bens alheios. Bastava beber três goles da fonte da juventude eterna, após um jejum específico, para voltar aos trinta anos. Havia também pedras de águia, que aguçavam a visão e tornavam invisível quem as usasse num anel. Um minério mágico podia aquecer ou arrefecer qualquer substância, iluminar distâncias e cobrir de escuridão os arredores num raio de dez quilómetros.

Provavelmente, escolas semelhantes eram os santuários dos Balcãs, de que já falámos. De tudo isto resta a herança genética em indivíduos isolados da raça humana, que possuem capacidades fenomenais. Essas capacidades, segundo a ciência oculta, são dirigidas pelos grandes iniciados de Shambala.

É impossível citar todas as investigações contemporâneas que provam a existência da Atlântida. A elas podemos acrescentar com segurança a hipótese mencionada há algumas páginas do prof. Petko Dimitrov e de William Ryan e Walter Pitman. Mais importante é a conclusão: existiu uma civilização que atingiu um alto nível de desenvolvimento e deixou aos povos antigos muitos dos conhecimentos e habilidades que se perderam ao longo dos séculos ou sobreviveram e se desenvolveram até hoje.

Mas, entre o que a humanidade perdeu, estão as capacidades dos atlantes para alguma transformação espiritual desconhecida do homem contemporâneo. Disso falam também os factos sobre muitos adivinhos e profetas na antiguidade, que faziam parte integrante da sociedade da época. Além da conquista e subjugação do mundo, os atlantes provavelmente tinham também objetivos nobres — guiar as pessoas para o seu autoconhecimento, separando e destacando o princípio espiritual em cada indivíduo. Isso parece característico e alcançável para a estrutura e possibilidades do cérebro humano, desde que o possamos

desenvolver mais. Provavelmente será inerente às pessoas das gerações futuras. Prova disso são as capacidades de muitas personalidades geniais ligadas à civilização europeia; o nascimento de génios inexplicáveis como Nostradamus e Vanga, os sonhos proféticos de Mendeleev, Lomonosov, Michelangelo, Victor Hugo, H. G. Wells, a atração de Einstein pelos trabalhos dos autores da Sociedade Teosófica e pelo ensino de Petar Danov.

Quando Vanga conversa com Anatoly Lubchenko e profere as suas profecias sobre o futuro do mundo, é categórica:

«... Mas as pessoas começarão a livrar-se dos seus corpos... Pode viver-se sem corpo, só com personalidade, só com energia, como nos mortos. Mas isso não acontecerá em breve... »

São muitos não só os estudos teóricos, mas também científicos do século XX, que se propõem provar a existência dessas capacidades no homem — sobre eles falaremos mais detalhadamente na segunda parte deste livro. Evidentemente, os primórdios das capacidades que Vanga possui estão geneticamente presentes em nós, apenas subdesenvolvidos. Interessante é que a maioria das pessoas com tais possibilidades nasce em torno do Mediterrâneo e do Mar Negro, numa latitude geográfica aproximadamente igual, na Península Balcânica, nas terras dominadas há séculos pelos antigos atlantes. Nesta território surge também uma das heresias mais persistentes — o bogomilismo, depois levado para Itália, França, toda a Europa Ocidental, e na Croácia torna-se até religião de Estado. Ali ainda hoje guardam a memória dos cátaros e albigenses, que não são mais do que bogomilos trasladados das terras dos trácios e búlgaros.

E mais algumas palavras sobre o «umbigo do mundo» — o sagrado **Omphalos** do santuário de Delfos. Sempre que se fala de catástrofe mundial, os cientistas são categóricos: ela alterou o campo magnético da Terra e a posição dos polos. Talvez a colocação da pedra sagrada exatamente aqui seja um fraco eco das antigas mudanças no curso da Terra e no estado do globo terrestre, mudanças no desenvolvimento da civilização terrena. Nesse caso, o povoamento de trácios, ilírios e pelasgos na Península Balcânica pode ter ocorrido realmente há 10 000 anos, data para a qual há também provas científicas de um grande

cataclismo no planeta Terra. Provavelmente também eles possuíam aquelas capacidades com que foram dotados os atlantes.

Nessas circunstâncias, não é de admirar que na região haja tantos santuários, oráculos, clarividentes, profetas, e que pessoas como Vanga sejam mais uma prova de que estes fenômenos estão geneticamente presentes nas gerações que povoam a Península Balcânica. A própria Vanga gosta de contar que no território de **Rupite**, há 4000 anos, existia uma cidade chamada Petra. A civilização das pessoas que a habitavam, segundo as descrições de Vanga, aproximava-se muito da dos atlantes. Menciona sete fogos, sete igrejas ou santuários. A cidade pereceu, submergida pela lava do vulcão erupcionado, no lugar do qual se ergueu a montanha Kozhuh. As suas palavras são confirmadas pelas fontes geotermiais, prova de atividade vulcânica profunda sob a crosta terrestre. Aqui é forte tanto a radiação geomagnética como a radioativa.





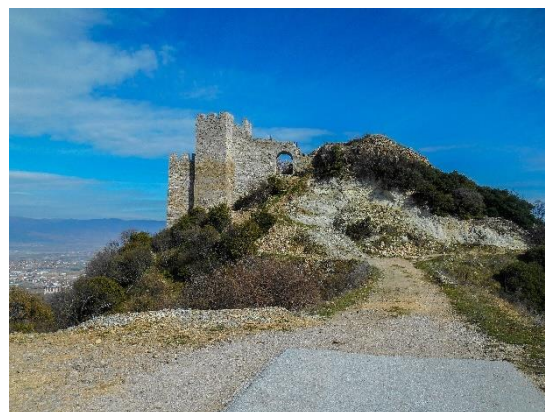
Ainda hoje, ali podem ver doentes que vêm procurar cura na água mineral. Embora o cuidado da autarquia se limite apenas à captação das águas termais. A água corre calmamente pelo plano, formando lagos naturais, e sobre a terra paira o vapor da água quente. Se não houver rebanhos por perto, fica-se com a impressão de ter chegado a um lugar místico, extraterreno, onde se destaca apenas a igreja «Santa Petka».

Segundo Vanga, a erupção do vulcão ocorreu a 15 de outubro. Os habitantes da cidade viviam em prosperidade, pois por ela passava um rio aurífero. Eram altos e robustos e vestiam roupas «finas e brilhantes como folha de estanho». Os portões da cidade eram decorados com animais alados dourados. Para Vanga, as fontes geotermiais são os suspiros das pessoas inocentes que pereceram.

«Este lugar é também uma rota de aves — diz ela. — Daqui passam grandes bandos de aves, quando vão ou regressam do sul. Mas por que se reúnem aqui, não sei!» Será que tudo isto não confirma também a nossa suposição sobre o «umbigo do mundo»? Afinal, as aves também guardam alguma informação genética que atravessa os séculos?

E ainda outra lenda conta Vanga, desta vez sobre a sua cidade natal, **Strumica**. Assim se chamava a filha do senhor da cidade. O palácio dele

ficava na colina, e Strumica vivia no plano. Tártaros atacaram a cidade, mas não conseguiram tomar a fortaleza. Mas Strumica apaixonou-se pelo líder deles e indicou-lhe a entrada secreta. (Talvez se refira à antiga fortaleza Tiberiópolis e a protobúlgaros, não a tártaros?) Penetraram na inexpugnável fortaleza, muitos defensores foram mortos e a cidade caiu nas mãos dos tártaros. O pai amaldiçoou a filha — que a terra não aceitasse o seu corpo e o expelisse sete vezes, para que a sua alma nunca encontrasse paz. Na colina acima da cidade, há realmente sete degraus escavados, e os locais afirmam que são vestígios dos túmulos de Strumica.



Durante as conquistas otomanas, quando as hordas turcas avançavam para Strumica, os habitantes viam no horizonte um anjo com asas

abertas, que lhes dizia para não se renderem, infundindo-lhes confiança de que resistiriam. Assim, Strumica expiava o seu pecado.

É num lugar assim, num recanto do mundo destes, que nasceu a profetisa Vanga, para transmitir através dos séculos aquelas predisposições que possuíam os seus antepassados de há 10 000 anos.

3. Anos de busca

Vangelia foi batizada na igreja próxima da casa dos pais, «Santos Quinze Mártires de Tiberiópolis (Strumica)». O próprio nome da igreja indica que se trata de defensores da fé cristã, profundamente ligados a esta região. Sob o imperador Juliano, o Apóstata (361-363 d.C.), de Niceia fugiram para Tessalónica, e depois para Tiberiópolis (Strumica), os bispos Teodoro e Timóteo — o primeiro membro do Primeiro Concílio Ecuménico —, juntamente com os monges Comásio e Eusébio. A eles juntaram-se os sacerdotes locais Pedro, João, Sérgio, Teodoro (o segundo) e Nicéforo, os diáconos Basílio e Tomás, os monges Hieroteu, Cáriton e Daniel, e um leigo chamado Sócrates. Foram intransigentes nas suas convicções cristãs e rapidamente ficaram conhecidos na região de Tessalónica. O governador prendeu-os e condenou-os à morte a 28 de novembro de 362. Os cristãos sepultaram cada um em sarcófago de pedra separado, com o nome e o título inscritos. As relíquias dos mártires tinham poder taumatúrgico.





Os ávaros destruíram a cidade e os sarcófagos de pedra ficaram soterrados até à época do czar búlgaro Boris-Miguel. A sua atenção foi atraída pelos milagres que ocorriam nesta região e exatamente neste lugar. As relíquias foram exumadas e em Bregalnitsa construíram uma igreja com o nome dos santos, apesar de os habitantes de Strumica quererem que ficasse na sua cidade. Ali serviam clérigos preparados por São Clemente de Ohrid. Inicialmente, devido à resistência dos strumicanos, trasladaram apenas as relíquias de Timóteo, Comásio e Eusébio, e na época do czar Simeão, as dos restantes santos. Ali afluíam pessoas de toda a Bulgária para venerar os santos e receber ajuda curativa. Conta-se como uma cega de Strumica recuperou a visão ao tocar a mão do santo mártir Pedro. Outro, coxo, curou-se ao tocar as relíquias. Um rapaz mudo de Glavenitsa falou, um paralítico recuperou a saúde, um leproso de Moglen recebeu cura. Vinham pessoas de toda a Bulgária procurar ajuda e cura, tal como séculos depois iam ter com Vanga. Agora ninguém sabe onde ficava a antiga cidade de Bregalnitsa, e com ela desaparecem as relíquias dos mártires.

Na época em que a profetisa búlgara foi batizada na igreja «Santos Quinze Mártires», ainda se guardava a mão incorrupta do sacerdote Pedro, que continuava a realizar muitos milagres de cura. A igreja foi construída, segundo os strumicanos, exatamente onde em Tiberiópolis

havia sido sepultadas as relíquias taumatúrgicas dos santos. Dois anos depois, durante a Guerra dos Balcãs (1913), as relíquias milagrosas foram roubadas por um soldado grego e levadas para Kukush.

Ainda hoje em Strumica, o dia dos Santos Quinze Mártires é celebrado com grandes honras e como a maior festa da cidade. Para não esquecer o motivo da construção da igreja, o bairro onde Vanga nasceu e cresceu chama-se «Svetiko».

Como em todo o lado nos Balcãs no início do século, Strumica ainda guarda a memória das relações no Grande Império Otomano. O bairro é um conglomerado étnico de búlgaros, ciganos, turcos, gregos. Esta colorida convivência étnica rompe-se na véspera da Primeira Guerra Mundial, quando a maioria dos turcos se muda para a Anatólia. No bairro fica o hodja, que não quis emigrar e todos o chamam Gülbaba, porque tinha o mais belo jardim de rosas. Nesta atmosfera, Pande e Paraskeva vivem juntos e criam a filha primogénita Vangelia.

As relações de vizinhança ainda preservavam o carácter patriarcal, a comunicação resumia-se a relações fraternais e sororais. Quem caía em dificuldade era apoiado por todos os que viviam ao redor, independentemente da nacionalidade. Era prática comum as mulheres trocarem um pratinho do que cozinharam durante o dia, levarem comida a idosos e inválidos, os homens reunirem-se ao entardecer para provar a rakia ou o vinho do vizinho, as crianças brincarem todo o dia juntas, as mais pequenas ficarem com os vizinhos quando os pais estavam ocupados. As casas não se trancavam. Vivia-se como numa grande comuna, onde era obrigatório não só ajudar o outro, mas também saber a língua que ele falava. Porque a conversa decorria de forma a que todos se entendessem, cada língua salpicada de palavras da do interlocutor.

Apesar de Strumica ser uma pequena cidade, os habitantes ocupavam-se da agricultura, cultivavam tabaco. No verão, levantavam-se às duas da madrugada com as crianças e iam para o campo de tabaco. A atmosfera desta convivência e a psicologia popular correspondem às relações entre os habitantes dos assentamentos nas grandes impérios da antiguidade até aos nossos dias. E acrescentaríamos: às relações na Península Balcânica desde os tempos mais remotos. Não conseguimos explicar de outra forma a paz social que reinava nesses bairros, até

aparecer um irritante externo — a política dos governantes do momento.

O primeiro golpe do destino atinge Vanga quando começa a descobrir o mundo, desde as suas primeiras memórias.

Aos três anos, a mãe morre ao dar à luz o segundo filho. A mentalidade das pessoas dos Balcãs no início do século era tal que não davam grande importância a este facto — era comum uma criança ou adulto morrer de doença ou no parto. Para os contemporâneos, isso soaria insensível, mas havia uma filosofia comum que acalmava o espírito dos que choravam o falecido: «A vida humana é como uma flor — brota, floresce e murcha». Esta filosofia incentivava os jovens casais a terem mais filhos, libertava rapidamente o homem numa situação assim para procurar nova mãe para os filhos, pois a casa precisava de dona. Assim, os jovens aprendiam com os mais velhos a superar rapidamente os momentos difíceis da vida, a serem mais resistentes aos golpes do destino, porque até ao fim do século XIX este era implacável para a maioria.

Vanga não tem grande escolha. Se não tivesse acontecido a desgraça com a mãe, não escaparia ao pai durante a Primeira Guerra Mundial. Nessa altura, muitas crianças da Península Balcânica ficaram órfãs e a dor era partilhada.

Parece que o órfão, a perda dos pais, não impressionava muito os antigos, pois em muitos mitos e contos preservados desaparece sobretudo o pai — é morto ou é um deus-homem, e à criança, futura heroína, cabe à mãe cuidar. Noutros mitos e contos, a mãe morre e a criança fica com a madrasta má. Ou é abandonada e criada por uma corça, loba ou outro animal, por pessoas casuais que a encontraram.

O pai de Vanga é mobilizado e a menina fica completamente sozinha. Uma vizinha recolhe-a... uma turca. Asanitsa fica para sempre na memória de Vanga como mulher boa e compassiva, que a cuidou quase três anos e já pensava em adotá-la, pois todos presumiam que o pai morrera na frente. Mas ele regressa e voltam a viver os dois, pai e filha.

Os turcos têm o hábito de permitir tudo à criança, para eles não há desejo infantil impossível. Adoram as crianças. Como resultado desta

educação, o pai encontra uma menina teimosa e rebelde, mas boa e sociável.

Passa o tempo e, segundo os costumes da época, Pande decide casar novamente. Encontra uma das raparigas mais belas da aldeia, que estava noiva de um oficial búlgaro, mas o noivado rompeu-se. Forma família com Tanka Georgieva e vivem em prosperidade. O pai trabalhador enriquece gradualmente, o património chega a cem decáros de campos. Nessa altura, Strumica já está sob poder sérvio e a orientação pró-búlgara do antigo combatente pela liberdade nacional Pande Surchev devolve-o ao fundo da vida. Prendem-no, confiscam-lhe a terra, espancam-no.

Quando se fala dos jogos infantis favoritos, todos os que contactaram com Vanga escrevem que as crianças do bairro se reuniam em casa dela. Gostava de brincar aos médicos, curava as crianças aplicando ervas em diferentes partes do corpo. Varriam o pátio, ela sentava-se no meio de uma esteira e contava-lhes histórias intermináveis, inventadas por ela. Pena que já não haja testemunhas vivas dessa época e ninguém possa dizer como eram essas histórias. Será que a menina de sete anos já contava o que sonhara ou vira em sonhos? Edgar Cayce deparou-se com muitos casos de crianças que, inconscientemente, descreviam acontecimentos de vidas passadas. Talvez acontecesse o mesmo com Vanga, mas não havia quem registasse ou memorizasse os seus contos infantis, que para os amiguinhos provavelmente soavam a conto de fadas.

Um dos maiores «coleccionadores» de tais relatos de vidas passadas é o professor americano Ian Stevenson. Foi o primeiro a reunir e publicar não só memórias, mas a adicionar as suas conclusões, avaliando esses relatos como casos que incentivam a crença na reencarnação, sem os usar como prova irrefutável. O próprio Stevenson aponta como mais convincente o caso de Imad Elawar, que o professor descobriu aos dois anos e meio. O motivo do interesse foi um episódio em que o pequeno Elawar correu a abraçar pelas pernas um perfeito desconhecido, dizendo-lhe: «Tu és o nosso vizinho.»

Quando soube do ocorrido, o professor foi ao Líbano e ocupou-se do caso. Chegou à conclusão de que apenas Ibrahim Bahamzi poderia ser a encarnação anterior da criança. Este morrera em 1949, aos 16 anos, de

tuberculose. Reuniu cerca de 60 factos conhecidos apenas por Bahamzi, aos quais a criança deu 57 respostas corretas, referentes à infância, pais, casa, parentes etc. Este e muitos outros casos semelhantes descritos na literatura mundial levam-nos a pensar que talvez algo parecido tenha acontecido com Vanga na sua infância precoce, quando contava histórias interessantes aos amiguinhos.

Dessa época resta também a memória de que a pequena Vanga gostava de colocar cada objeto num lugar certo. Ajudava sempre o pai quando procurava algo. Encontrava imediatamente o que se procurava. Mais uma qualidade que talvez sugira que já usava inconscientemente as suas futuras predisposições. E se preparava para o que a esperava.

O seu jogo favorito torna-se a procura de objetos escondidos. Deixava-os fora do pátio ou a grande distância, fechava os olhos e ia procurá-los. Este jogo infantil inocente alarmou os pais, mas na confusão com a prisão do pai esqueceram a preocupação. Vanga continuou o jogo de procurar objetos mesmo após o regresso de Pande da prisão, e as ameaças não a detiveram.

Assim, num momento, sem que pais ou próximos percebessem, Vanga já estava preparada para o evento que muda radicalmente a sua vida. As suas capacidades parapsíquicas e sobrenaturais germinam e em breve darão sinal da sua existência. Segundo os investigadores de fenómenos como Vanga, tais habilidades desenvolvem-se sobretudo em crianças que, sem o saberem, as aplicam e, se o destino for benevolente, as aprimoram.

Chegamos a estas conclusões seguindo a vida de muitos santos canonizados pela Igreja Ortodoxa ou Católica. São muitos os casos em que crianças notam fenómenos extraordinários, como a aparição da Virgem Maria ou de Jesus Cristo, que se manifestam para avisar os habitantes de um lugar de uma desgraça iminente. São precisamente as crianças que chamam a atenção dos adultos e, com a sua ajuda, transmitem as mensagens das figuras divinas. Evidentemente, o destino de Vanga é seguir o caminho do aprimoramento das suas capacidades parapsíquicas, dadas desde o nascimento, aperfeiçoar as ligações telepáticas que ainda realiza inconscientemente com os próximos e com o espaço ao seu redor. E assim preparar-se para os golpes cruéis do destino que a aguardam.

4. O redemoinho do desconhecido

Os astrólogos definem a época em que Vanga vive como ano sob influência do planeta Plutão. Com a sua entrada no signo de Caranguejo — 1914 —, eclode a Primeira Guerra Mundial. Exatamente então, Vanga perde a mãe e fica três anos em casa de estranhos — vizinhos. A época caracteriza-se por redistribuições territoriais, recortes de mapas geográficos, anexações e separações de territórios de diferentes estados. Estes processos não poupam Strumica e arredores.

Os povos individuais, como a maioria das pessoas, esforçam-se por penetrar além das fronteiras físicas, geográficas, até espirituais. O destino da Península Balcânica sempre foi determinado pela influência dos signos zodiacais Virgem e Peixes. A combinação com a forte influência de Plutão gera um período muito conflituoso, que inclui o trágico ano de 1923.

O evento ocorre no verão. A família mudara-se para junto do irmão de Pande — Kostadin —, em Novo Selo, que enriqueceu mas não tem filhos e convidou o irmão para ajudar no trabalho pesado do campo no verão. Todos os dias, a Vanga de doze anos ia com o burro do tio aos currais fora da aldeia, para trazer os dois cântaros cheios de leite. Muitas vezes acompanhavam-na as duas primas e as crianças gostavam de parar na Fonte do Khan, beber água e conversar.

O dia estava quente, as crianças, como de costume, sentaram-se junto à fonte. De repente, ao longe, surgiu uma coluna de ar em funil, que sugava pedras pelo caminho, arrancava arbustos e os elevava alto. As meninas assustaram-se terrivelmente. Se correram ou se agruparam, não se sabe. Provavelmente Vanga afastou-se delas ou elas fugiram e a deixaram sozinha, porque o tornado só a levou a ela no funil. Tudo aconteceu em segundos. As meninas, mudas de medo, correram para a aldeia contar o que sucedera. Foram procurá-la e encontraram-na duas horas depois, enlouquecida, a mais de 2 km do local — coberta de terra, folhas e espinhos. Não se sabe quanto tempo esteve nos braços do tornado.

Nunca depois Vanga conta o que sentiu durante o redemoinho. Quando, 70 anos depois, Boyka Tsvetkova, a sugestão de Vanga, visita Strumica e fotografa o local, a profetisa é categórica:

«Nunca mais me mostres essa fotografia!»

Boyka Tsvetkova está convencida de que, todo o tempo que andou pela cidade e perto da Fonte do Khan, Vanga estava com ela, por isso fica surpreendida com essa reação. Reage do mesmo modo quando lhe pedem para contar o que vê nas noites em que fica sozinha ou quando entra em transe. Porque o evento trágico junto à fonte leva a um drama de vida — Vanga fica cega para sempre, apesar dos esforços dos médicos. Mas parece que para este evento da sua vida, como já mencionámos, estava preparada antes de acontecer. Assim, impercetivelmente, o drama da menina de doze anos ultrapassa os problemas do círculo familiar estreito, para lançar as bases de algo que, anos depois, se torna fenómeno.

Na mitologia, os redemoinhos são mensageiros dos deuses. Revelam e indicam toda a presença de divindade. Como fenómeno natural, o redemoinho descrito pertence aos tornados, pouco conhecidos, raros, mas de grande poder destrutivo. Surgem da criação de fluxos turbulentos vorticosos nas nuvens. O tornado é um vórtice atmosférico com eixo de rotação distorcido. Provavelmente cria também um campo de torção, sobre o qual falaremos mais detalhadamente na segunda parte do livro.

A causa da sua aparição é a instabilidade da atmosfera na fronteira entre ar quente e frio, sempre ligada a nuvens de chuva chamadas maternas, que podem atingir 15 km de altura. Das nuvens, o tornado desce à superfície terrestre. Pela intensidade do vórtice no centro, onde o vento se move a 18 a 140 metros por segundo, e pelos danos causados, classifica-se numa escala de 1 a 5 pontos. São pequenos furacões, mas a sua localização em espaços muito reduzidos multiplica por cem o impacto. O tornado pende da nuvem como um ferrão, como funil gigante. No centro, a pressão é tão baixa que suga tudo o que encontra pelo caminho.

Na história dos povos, há muitos registos de chuva de rãs, transporte de animais a distância, chuva de peixes, sugados da mesma forma quando o fenómeno ocorre sobre mar ou lago.

Menciona-se um tornado sobre os lagos canadenses que baixou o nível de um deles quase um metro, sugando mais de meio milhão de

toneladas de água. Na Rússia, ainda se recorda o tornado que passou por Moscovo e arredores, arrancando árvores, abrindo uma clareira na floresta de 400 passos de largura, e perto de Mytishchi elevando um rapaz ao ar, que «aterrou» vivo em Sokolniki. Durante o mesmo tornado, um guarda policial «voou» 100 metros. O tornado de Irvin, nos EUA, enrolou como rolo uma ponte ferroviária de 75 m e atirou-a ao rio. Arrancou a igreja de Dawson Mills e esta «voou» quatro metros e arrastou-se mais dois pela terra, abrindo uma vala profunda.

O diâmetro de um tornado comum varia de cem metros a vários quilómetros, mas conhecem-se os chamados tornados dispersos, que podem atingir 500 km, como o de maio de 1917 nos estados de Illinois e Indiana.

Na Península Balcânica, este tipo de fenómenos naturais é raríssimo. Muitos cientistas negam que um tornado possa aparecer nas nossas terras, mas eu próprio fui testemunha de fenómeno semelhante no centro de Varna, no verão de 1999. Tudo aconteceu de repente: começou a choviscar e, apenas cinco minutos depois, exatamente no jardim junto ao relógio da cidade, sobre o mercado de livros, formou-se tal redemoinho que os ramos das árvores começaram a partir-se e os livros de várias bancas foram literalmente «sugados» e voaram para o céu. Um ou dois minutos depois, tudo voltou ao normal.

Há muitos casos documentados de pessoas elevadas ao céu por tornados, mas nenhum menciona que o evento mudou a vida delas, como acontece com Vanga. Eco de tais eventos existe no folclore e nas crenças populares. Nas pessoas ficou a superstição de se protegerem «para que o redemoinho não as varra». Isso era visto como sinal do destino que muda radicalmente a vida da pessoa, na maioria dos casos para mal. Eco de fenómenos naturais semelhantes preserva-se nas canções populares, onde são mencionados diretamente ou poeticamente, comparando o redemoinho geralmente a um dragão que vem levar a rapariga mais bela e, passado tempo, a devolve, mas já mudada — «nem viva, nem morta».

Pessoas, sobretudo na adolescência, levadas por redemoinho e sobreviventes, são vistas como diferentes dos outros, ungidas por Deus ou possuidoras de algum poder mágico. Muitas vezes, nos contos e lendas, há motivos de «escada erguida ao céu», da luta do rapaz com o

vento que lhe rouba algo precioso, de um baloiço solar descido que rapta a rapariga mais bela... Numa canção de Borovan, região de Beloslatina, conta-se de um redemoinho que «lambe o céu acima, varre a terra abaixo», e no redemoinho está o jovem Stoyan.

Difícilmente o episódio com Vanga se explica apenas pelo chamado «redemoinho». O século XX foi testemunha de muitos casos em que certas pessoas desapareciam dias, regressavam sem lembrar onde estiveram ou o que fizeram. Já na Bíblia, no livro de Enoque, descreve-se caso semelhante. Muitos autores inclinam-se a afirmar que isso tem ligação com forças extraterrestres que levam, com certo propósito, um representante da humanidade para o preparar para uma missão especial na Terra. Independentemente de chamarmos essas forças extraterrestres ou divinas, o facto é que tais fenómenos existem e depois delas as pessoas mudam e algumas adquirem capacidades fenomenais.

No primeiro momento, Vanga não compreende o que aconteceu.

Estava louca de medo. À volta dela reuniram-se as pessoas que a encontraram, falavam que ainda «se mexia», por isso estava viva, alegravam-se por ter sobrevivido. Ela ouvia-os, mas não ousava abrir os olhos. Tentava, pelas vozes, perceber quem lhe falava. Distinguia vozes de pessoas próximas e via-as como num sonho leve. O pai aproxima-se, toma-a nos braços, alegra-se com ela. Por fim, decide olhar para ele. Tenta abrir os olhos, mas uma dor aguda trespassa-a. Terra e areia, como milhares de agulhas, causam-lhe terríveis tormentos ao mexer as pálpebras. A consciência infantil entra novamente em pânico. As pessoas preocupadas à volta levam-na depressa à Fonte do Khan, molham-lhe o rosto com água, fazem-na piscar para que as pestanas limpem a terra e areia acumuladas debaixo delas. Isso causa-lhe ainda mais dor. Levam-na para a aldeia. As mulheres começam a aconselhar o pai de Vanga, recomendam ervas, «benzidelas e águas bentas». Até ao fim do dia, os olhos da menina enchem-se de sangue e começam a embranquecer, juntamente com as íris. Assim reage o organismo às partículas duras que entraram nos olhos.

Os pais decidem imediatamente regressar a Strumica e levá-la a um médico. A pequena comunidade do bairro «Svetiko» agita-se, decidida a ajudar com o que puder. Recomendam ervas, pomadas, todos se

revezam para ver Vanga e dar algum conselho, contar o que sabem, com o único objetivo — ajudar. Nessa altura, a igreja «Santos Quinze Mártires» já não podia ajudar com a sua relíquia — a mão incorrupta do santo local, o sacerdote Pedro —, que fora roubada, como já escrevemos, e levada para Kukush em 1913.

Levaram Vanga ao médico e ficou claro que o estado se complicara e a inflamação aumentara. Para salvar os olhos, era necessária uma operação urgente. Levam a infeliz menina a Skopje; pagam uma operação, a outra foi feita «por pobreza». Parece que as complicações eram grandes, pois ambas as intervenções cirúrgicas se revelam infrutíferas. Para operar a catarata que descera perante os olhos de Vanga, era preciso um bom especialista. O pai concorda em enviá-la a Belgrado para ser operada lá. Eram necessários quase 500 levs, que não havia de onde tirar. Venderam a máquina de costura legada pela mãe de Vanga, a única ovelha que tinham, mais algum objeto do lar, mas reuniram apenas metade do dinheiro. Por isso, os médicos fizeram «meia operação». Vanga conseguia ver debilmente. Prometeram-lhe que a outra metade da operação fariam quando trouxesse o resto do dinheiro e então veria como deve ser. Só que agora precisava de se cuidar, necessitava de comida forte, higiene, tranquilidade. Essas condições não podiam ser cumpridas na miséria em que a família vivia.

Muitos anos depois, numa conversa a 2 de maio de 1985, Vanga partilha com uma das suas visitantes, oftalmologista:

«Eu respeito os oftalmologistas, mas não consigo suportar... Fico como se tivesse bebido rakia e vinho, quando vejo um oftalmologista... Não havia então um médico meu para ajudar, que eu seria grata toda a vida? Não vos odeio, mas revivo-o... Revivo-o, dói-me, é pesado para mim, porque — vocês sabem. Naquela altura não havia médico meu. Levaram-me a Zagreb, levaram-me à Alemanha. No fim, o professor disse-me: “A natureza, menina, faz milagres.”»

Assim, 1923 torna-se um dos anos mais infelizes não só na história búlgara, mas também na vida de Vanga. Nesse ano, o seu destino funde-se com o do povo a que pertence espiritualmente e fisicamente, e permanece para sempre com ela até aos últimos dias da sua vida.

No ano seguinte, nasce outra criança — Tome. Vanga cuida dos dois irmãozinhos e ajuda nas tarefas domésticas, pois a madrasta trabalhava no campo e o pai contratava-se como jornaleiro nas aldeias vizinhas. Perante as íris dos seus olhos desce uma catarata e ela fica novamente cega. Desta vez para sempre, pois de uma segunda operação nem se falava. Atormentava-a não tanto o pensamento de ser cega, mas o de ser um peso para a família, de não poder ajudar plenamente. Chorava noites inteiras e procurava saída, rezava a Deus e esperava.

Talvez então, nas horas da meia-noite, quando cada ruído se ouve ao longe, aprendesse a distinguir os sons que chegavam até ela, a vesti-los de imagens — desde pequena estava predisposta para isso. É possível que, durante as orações a Deus, tocasse inconscientemente outros espaços e dimensões do espiritual, sem se dar plena conta disso. Este período tão crítico para ela abre-lhe horizontes desconhecidos, que aceita como algo natural e ainda pensa que é assim com todas as pessoas. É a época em que Vanga começa a sonhar continuamente visões, que ainda são caóticas, pois não consegue dirigir a consciência. Por isso, vê-as como sonhos comuns e não as partilha com ninguém.

Quando a enviam para a escola para cegos em Zemun, por alguns anos chega a tranquilidade à sua vida. Ali não só se livra dos anos de fome e da tensão que reina na família. Pela primeira vez, começa a disciplinar a consciência. Aprende o alfabeto Braille, ensinam-lhe várias disciplinas ligadas às ciências exatas e humanísticas. Tem um ouvido musical incrivelmente desenvolvido e assimila rapidamente as aulas de piano. Aprende a tricotar, cozinhar, limpar, arrumar. A «ver» o mundo à sua volta não com os olhos, mas com os dedos, as mãos, todas as partes do corpo.

5. À espera do cavaleiro

O regresso inesperado e triste de Vanga do internato em Zemun à natal Strumica, de que falaremos mais adiante, entrelaça-se novamente com um evento importante na história do povo búlgaro — um cruel cataclismo natural sentido até na Macedónia — o terramoto de Chirpan. A região em torno da Stara Planina não tem grande atividade sísmica. Os grandes terramotos que abalaram o mundo egeu e Constantinopla de 800 a 1100 d.C. mal afetavam o território do então estado búlgaro.

Sentiam-se tremores fracos, tanto desses cataclismos como do outro foco sísmico — Vranča.

Desde que existe estatística de terremotos nas terras búlgaras — 1903 —, foram abaladas por terremoto mais forte 13 vezes. O primeiro mencionado nessa estatística é o de Shabla a 31 de março de 1901, de 7,2 graus na escala Richter. O seguinte é de 1904, ao longo do vale do rio Struma, de 7,8 graus. Na segunda metade do século XX, sentiram-se três terremotos com epicentro em Shabla, Vranča e Strazhitsa. No último ano, houve terremoto na região de Plovdiv e na área do Kosovo, na Sérvia.

O terremoto de Chirpan surpreende os habitantes da Península Balcânica, sobretudo os búlgaros, embora em 1923 se tenha sentido um terremoto fraco em Sofia.

Num plano global, planetário, o regresso de Vanga a Strumica é uma época em que novamente se expressa fortemente a influência de Plutão. Começa a crise económica mundial, acentua-se a tendência para atitudes hipernacionalistas, crescem as pretensões territoriais. A ciência penetra cada vez mais na matéria, o espiritual fica em segundo plano. São muitos os avanços no dia a dia das pessoas, nascidos das conquistas científicas. Expressam-se fortemente as reações do tipo plutoniano, as mais perigosas: fanatismo religioso, nacionalismo, terrorismo, extremismos nas diferentes doutrinas ideológicas como comunismo e fascismo.

Por outro lado, o esoterismo e a clarividência tornam-se muito populares — publicam-se revistas e livros com essa orientação, surgem os primeiros apelos para investigação científica profunda dos fenómenos paranormais.

Numa época assim, sob influência de Plutão, continuam as mudanças psicológicas que ocorrem com Vanga. Evidentemente, na formação do seu fenómeno entrelaçam-se tanto os fatores externos — influência dos planetas e dos eventos concretos que acontecem no mundo que a rodeia — como o reajuste de algum mecanismo dentro dela própria. Parece que a desgraça no verão de 1923 acelera cem vezes as tendências da sua infância. Após esse evento e graças ao ensino na

escola para crianças cegas em Zemun, começa a ver o mundo com o seu olhar interior.

E fica surpreendida com o quadro que se lhe revela. Talvez por isso entre em estados particulares de contemplação, veja os eventos de forma especial, comece a consciencializar que possui capacidades que os outros não têm. Atribui-o ao facto de ser cega e aceita-o novamente como algo natural. São os anos mais difíceis para a família, quando sobre os seus ombros cai o cuidado da casa. Por isso, não tem tempo suficiente para refletir, analisar o que lhe acontece. E isso não é fácil de explicar!

Às dificuldades que a atingem, Vanga reage da forma mais razoável possível. O terramoto destruiu a casa de tijolo, o pai constrói uma nova. Desde a antiguidade na Península Balcânica, existe a tradição de, quando as construções precisam de ser erguidas depressa, fazer as paredes de canas ou varas e rebocá-las. Geralmente, essas «casas», bem mantidas, duram até 100 anos. Exemplos assim ainda se encontravam aqui e ali pelas aldeias até meados dos anos sessenta.

Construíam-se diretamente no chão, cravando nos cantos postes de madeira grossos e robustos; para paredes, colocavam traves transversais e preenchiam o espaço vazio com canas ou varas entrelaçadas; as paredes prontas rebocavam-se por dentro e por fora. Formavam-se dois compartimentos — um grande quarto com a lareira, onde se cozinhava, comia e dormia. As janelinhas eram pequenas, com varas de madeira ou ferro entrelaçadas por dentro, e a porta de madeira maciça com tranca. Geralmente, perante este quarto havia um alpendre ou pequeno salão; dali, por uma escotilha, ia-se ao sótão, que em princípio não era muito alto e ali guardavam utensílios para o trabalho agrícola sazonal ou doméstico, secavam ervas, escondiam armas de fogo. Conforme as necessidades da família, com o tempo acrescentavam um ou dois quartos. Do mesmo modo procede o pai de Vanga — constrói um quarto e alpendre, mais tarde acrescenta uma kitchenette.

Vanga manifesta imediatamente um sentido apurado pelo belo — encontra lugar na nova casa para o baú colorido legado pela madrastra, estende uma esteira sobre o chão rebocado com barro. No canto, colocam a cama. Para ela, Vanga tece uma colcha de fios velhos. Apesar

da pobreza, o quartinho parecia arrumado e isso graças a ela. Foi ideia dela plantar flores no pequeno pátio. Assim, ela, que no sentido literal da palavra não tinha olhos para ver, mostrou que abria os olhos para o belo. Arruma a casa e o pátio ao seu gosto e, desde então até ao fim da vida, dita dessa forma também a relação dos que a rodeiam com a sua propriedade em Strumica, Petrich ou Rupite. No seu sentido apurado pelo belo não há nada de surpreendente. Apenas complementa maravilhosamente as restantes capacidades que desenvolve em si.

O dia dela é rigorosamente organizado. Levanta-se sempre ao amanhecer e acorda a pequena Lyubka com as palavras de que há muito trabalho a fazer. Tudo tinha de estar limpo, varrido, arrumado. Segunda-feira era dia de lavagem, terça-feira limpava-se todo o espaço à volta da casa e do pátio. Quarta-feira remendavam roupas. Quinta-feira amassavam pão. Sexta-feira cavavam terra vermelha e rebocavam a casinha por dentro, retocavam o rodapé vermelho por fora. Sábado iam buscar azeda, urtiga, azedinha, quenopódio, para haver o que cozinhar. Domingo era dia de igreja. À tarde, vinham as mulheres das aldeias vizinhas buscar as roupas que Vanga remendara. Havia meses certos em que tecia, e Lyubka ajudava-a.

As duas enfiavam as folhas de tabaco que os vizinhos colhiam ao amanhecer. Enfiavam até às 10 da manhã e, como pagamento, recebiam uma melancia. Muitas vezes no verão, isso era o pequeno-almoço. Depois passava o homem que vendia iogurte e por vezes Lyubka comprava, por um ovo, uma concha de leite. O mesmo com o halvadzha. Vanga, como a mais velha, distribuía o dinheiro. Dava aos irmãozinhos e à irmãzinha apenas ao domingo algum lev para cinema ou guloseima. O resto do dinheiro devolvia até ao último tostão.

Tarde da noite, Lyubka observava às escondidas como a irmã chorava o seu destino. Mas no dia seguinte acordava muito cedo e tudo recomeçava. Provavelmente há muito que Vanga não dormia como as pessoas comuns; mal fechava os olhos, começava a «sonhar» sem se dar conta de que eram sonhos proféticos. Sustentava-a apenas a rigidez e a vontade de cumprir tudo o que se propusera para o dia. Ninguém a ensinara a essa ordem; criara-a sozinha desde os primeiros dias após o regresso de Zemun.

Já dá passos também na sua capacidade de curar. Uma vez, andando pelo pátio, tropeça num grande caldeirão; aparece uma ferida na perna que não cicatriza. Manda Lyubka aos vizinhos buscar pedra-ume. Depois, manda-a moê-la em pó e polvilhar a ferida. As dores deviam ser grandes, mas Vanga pega nas agulhas e começa imediatamente a tricotar cada vez mais rápido. A ferida ferve. Ferve e corre pus do lugar doente, mas ela cerra os dentes e tricota. Depois, gradualmente tudo acalma e a ferida cicatriza muito depressa. Lyubka mal consegue explicar de onde a irmã sabia esse remédio. Tal como o que usou para curar o pai. Dos espancamentos sofridos nas prisões turcas, a pele dele estava gretada e, ao menor golpe, infetava e não cicatrizava. Então Vanga curou-o com estopa moída e banha de porco.

É tão sociável como na infância e gosta, ao domingo ou nos feriados, de se reunir no pátio com os vizinhos para conversar. Provavelmente são as mesmas crianças com quem brincava pequena aos «médicos» e a quem contava as suas histórias maravilhosas. Essa amizade continua nos seus anos de moça. Talvez graças a essa sociabilidade os outros descubram pela primeira vez as suas capacidades extraordinárias.

No pátio de Vanga, debaixo da grande roseira vermelha, havia uma grande jarra onde, todos os anos antes do Dia de São Jorge, as raparigas secretamente deitavam os seus «nishani» para saber qual seria a sua sorte. É um costume amplamente difundido em toda a Bulgária. Os nishani são objetos variados — anel, brinco, pulseira ou colar. No dia seguinte, por eles adivinha-se qual será a sorte das raparigas durante o ano e, sobretudo, qual se casará e que rapaz terá. Vanga era o seu «oráculo» e todos os anos adivinhava e dava resposta às perguntas das amigas. Estas ficavam surpreendidas por tudo o que lhes dizia se cumprir. O mesmo se repetia na véspera de «Santos Quarenta Mártires», quando na ribeira se fazia uma ponte de ramos. Aquele que as raparigas sonhavam passar pela ponte seria o seu futuro marido.

Vanga também nisso era infalível e contava-lhes quem sonhara com quem. Na minha terra natal, onde até há pouco se preservavam os velhos costumes, as raparigas adivinhavam não no Dia de São Jorge, mas no de Eniovden. Após a procissão ligada ao feriado, reuniam-se na casa da enya (menina com pais vivos, que carregam e levam pela

aldeia), enchiam um caldeirão de cobre com água, cobriam-no com a roupa vermelha de noiva que a enya vestia, e pela abertura do decote deitavam três maçãs petrovka e uma moeda de prata amarrada com fio vermelho. E, como em Strumica, também aqui cada rapariga deitava no caldeirão algum nishan. As raparigas cantavam e entoavam para cada uma versos jocosos que indicavam que rapaz a rapariga teria. A meninazinha metia a mão pela abertura da roupa de noiva e tirava o próximo nishan.

Com as suas capacidades, Vanga surpreende também o pai. Ele trabalhava como pastor e, uma vez, uma ovelha perdeu-se do rebanho. Pande regressou triste, pois teria de pagar a ovelha. Mas Vanga disse-lhe: «Não te zangues, a ovelha está com Atanas de Monospitovo!» O pai ficou admirado, pois era absurdo Vanga conhecer essa pessoa — ela não saía de Strumica. Vanga acalmou-o, dizendo que vira aquilo em sonho, mas pediu-lhe que fosse verificar. A ovelha estava realmente lá.

Noutra ocasião, no desejo de ajudar a família, Vanga partilhou com o pai que sabia onde havia um tesouro enterrado. Ele pensou que ela ouvira isso dos vizinhos, mas quando começou a explicar-lhe exatamente onde ficava o local e onde estavam escondidas as «antiguidades» — não acreditou. Depois lembrou-se de que realmente existia uma aldeia abandonada assim e, entre o rio e o bosquezinho, havia tal rocha. Decidiu ir a Rayantsi — assim se chamava a aldeia. Tudo correspondia à descrição. Só que Pande adiou para outra altura a escavação do tesouro, e a vida correu de tal forma que nunca mais houve oportunidade. Vanga movia-se com muita confiança no local, como se lá tivesse ido muitas vezes. E a resposta era sempre a mesma — sonhara com aquele lugar, conhecera-o do sonho. Anos depois, ali construíram uma barragem e é difícil verificar a veracidade da afirmação dela.

Assim passavam os dias de Vanga e Lyubka, pois os irmãos, desde pequenos, começaram a trabalhar como aprendizes para ganhar o sustento. Muitas privações, muita dor, muitas dificuldades. Mas parece que elas ajustam aquele mecanismo biológico que, apenas alguns anos depois, ajuda a nascer o fenómeno Vanga. As condições duras de vida, em vez de impedirem, aceleram alguns processos que ocorrem no organismo dela. Ela já consciencializa as suas capacidades, mas agora

não lhe sobra tempo para lhes prestar mais atenção, para escutá-las mais demoradamente.

A irmã Lyubka acordava muitas vezes a meio da noite e encontrava-a sentada na cama, pensativa. Continuava a sonhar sem parar e provavelmente, perante os seus olhos, passava muito do passado e do futuro do mundo, sem ela própria perceber se era realidade ou sonho. Fenómeno semelhante encontramos em Edgar Cayce, que cedo consciencializou essas possibilidades e, durante longos anos, ditava a uma estenógrafa o que via em sonho. Mas chega também o tempo de Vanga. O tempo em que o Cavaleiro Radiante virá e a vida dela fluirá noutra direção, ainda desconhecida para ela.

6. O cavaleiro radiante

Miséria, fome, escassez acompanham a família de Vanga até ao fim dos anos trinta. Após 1928, ela é o pilar de todos. Dá-lhes conselhos, a sua inventividade não tem limites, trabalha dia e noite e consegue ajudar o pai a fazer face às despesas. Essa pobreza crónica, os sonhos intermináveis à noite, o trabalho de sol a sol levam-na a um esgotamento total.

1939 é um ano memorável para os povos europeus. Começam a sentir nas costas o confronto entre génios malignos que se propuseram dominar o mundo. Nesse ano, Plutão entra no signo de Leão e os astrólogos preveem eventos turbulentos. Tudo isso, somado ao modo de vida exaustivo, parece afetar também a saúde de Vanga. O frio do inverno passado, a subnutrição constante, o trabalho físico esgotante quebram o seu organismo delicado e ela adoece de pleurisia. Não há dinheiro para medicamentos. Provavelmente tratou-se com ervas e com o que as vizinhas aconselharam. Adoeceu todo o verão, mais de 8 meses. Estava tão debilitada que Lyubka a colocava numa bacia e, nos dias quentes, levava-a ao sol. Do imobilismo, começaram a aparecer feridas no corpo. Veio uma médica da estação antimalária próxima, prescreveu pó e solução desinfetante para as feridas, mas considerou que Vanga era já «viajante». Chamaram um padre, que lhe deu a extrema-unção, os vizinhos começaram a reunir ajuda para o funeral. E então acontece novamente um milagre.

Lyubka foi buscar água e, ao regressar, encontrou Vanga a varrer o pátio e a apressá-la, dizendo que em breve viriam muitas pessoas. A irmã ficou tão surpreendida que deixou cair o cântaro com a água.

Vanga nunca partilha com ninguém como ocorreu a cura milagrosa. Talvez ainda esteja a processar o que os seus olhos cegos veem? Mas a partir desse momento, transforma-se, como se uma força interior a movesse. Assim, em 16 anos — do redemoinho de 1923 à sua cura milagrosa em 1939 —, Vanga forma-se como fenómeno, pessoa com capacidades extraordinárias, tal como a conhecem até ao fim da vida. Talvez nos minutos em que estava sozinha, tenha vindo pela primeira vez o Cavaleiro Radiante, com quem mais tarde conversa frequentemente? Talvez realmente se tenha dirigido ao mundo do além, mas tenha sido devolvida com alguma missão? Isso acontece muitas vezes com pessoas que chegam ao limite da vida. Ou talvez seja um dos saltos no seu estado de saúde, como se observam noutros e que por enquanto permanecem inexplicáveis?

Muito tempo depois, no início de 1988, este evento volta a ter lugar na sua vida. Após três dias em silêncio, sem dizer uma palavra, no quarto dia Vanga chama o sobrinho Mitko Gaygurov. Fala-lhe com voz desconhecida, que lhe arrepia a pele:

«Eu sou o espírito de Joana d’Arc e venho de muito longe. Dirijo-me à Anatólia, porque ali agora se derrama muito sangue e vou para que haja paz. Não acusem esta alma de nada, porque ela não é vossa, não é de ninguém. Há uma testemunha — é a tua mãe, que a carregava numa bacia quando estava no leito de morte. Então, num instante, a alma dela saiu e nela entrou outra e ela recuperou para continuar a vida terrena.»

Depois, a voz ordena que Vanga vá a Paris, a «Notre-Dame», e passe uma noite em vigília, para que lhe sejam revelados grandes segredos sobre o mundo e sobre ela própria.

O que exatamente aconteceu permanecerá um mistério, mas é claro que esta mensagem completa a nossa ideia sobre a missão futura de Vangelia Pandeva após a sua cura milagrosa. A partir desse dia, ela já é a profetisa Vanga. Não só porque lhe foi dada essa dádiva, mas porque finalmente também ela consciencializa a sua missão:

—Temos de varrer tudo, porque em breve começarão a vir aqui muitas pessoas!

A sua cura milagrosa traz também outra mensagem: mostrar aos que a rodeiam, vizinhos e familiares, que com Vanga acontece algo, que ela não é uma pessoa comum, que já tem uma missão entre eles que deve cumprir.

Na primavera de 1940, o Cavaleiro Radiante aparece-lhe perto da aldeia de Hamzali. As duas irmãs foram chamadas ali pelo pai, contratado numa fábrica de sapatos. Lyubka enche água na fonte quando Vanga o vê. Provavelmente já o sonhara várias vezes. Estava atrás de Lyubka, à espera da vez na fonte. Vanga pede-lhe que não se zangue com Lyubka, pois ela não o vê. E ele olha-a, conversam e, ao partir, diz:

—Vês esta ervinha com florzinhas brancas pequenas, que cresce à volta do poço? É «erva-estrela» e ajuda na cura de muitas doenças.

Lyubka encheu os recipientes e apressa a irmã:

—Enchi os vasos, vamos embora!

Vanga não se mexe, olha como em transe. Provavelmente disseram mais coisas nesse diálogo com o cavaleiro, pois o tempo é longo para uma única réplica. Mas Vanga nunca menciona o resto.

A irmã chora e começa a puxá-la. Então Vanga sai do transe e conta-lhe o encontro. Pela primeira vez, fala da sua visão como algo real. Lyubka olha à volta do poço e realmente vê a ervinha com florzinhas brancas pequenas, de que Vanga falara. Era mais um sinal de que o dito pela irmã era verdade. Lyubka assustou-se ainda mais, pois não vira nem cavaleiro nem sequer um pássaro a voar sobre o campo. À volta reinava um silêncio estranho para a vida rural daquela época...

Tal como o redemoinho, também este evento estranho acontece novamente junto a uma fonte, num lugar isolado no campo, escondido de «maus olhados»... Talvez então Vanga aprenda e se prepare para a grande perda que a espera no fim do ano...

A meio do verão, o pai cai e parte o braço; aparece uma ferida que não cicatriza. Lyubka esperava que ele melhorasse, mas a meio da noite acordava e via Vanga sentada na cama a chorar. Provavelmente já sabia da morte iminente da pessoa mais próxima. Ele realmente parte a 8 de

novembro de 1940 e deixa os filhos órfãos completos. Mas Vanga já tinha outro apoio na vida, que permanece com ela até ao fim dos seus dias.

O outono do mesmo ano é inquieto e as pessoas reúnem-se frequentemente no pátio de Vanga. Do mercado da cidade começam a desaparecer bens de primeira necessidade, todos pressentiam a tempestade que se erguia sobre o mundo. Vanga repetia todos os dias:

—Juntem dinheiro! É preciso oferecer um kurban na igreja «Santos Quinze Mártires», para preservar a cidade da destruição! Daqui a um ano haverá guerra!

Partilhava que sonhara tudo isso, mas os vizinhos aceitavam como normal, pois sabiam que ela sonhava muito. Sem pensar que a maioria dos sonhos que lhes contara se cumpriram.



Alto, loiro, divinamente belo, montado num cavalo fogoso com cauda branca, que escavava a terra com os cascos diante da casinha de Vanga...

Era o Cavaleiro Radiante! Desmontou do cavalo e entrou no quarto onde dormiam as duas irmãs. Era o mesmo cavaleiro da fonte, Vanga já o conhecia. No quarto ficou claro como dia.

«Em breve o mundo vai virar-se do avesso e muitos povos perder-se-ão — disse-lhe com voz profunda. — Aqui ficarás e profetizarás sobre mortos e vivos. Eu estarei contigo e direi o que transmitir!»

É o que conta a irmã Lyubka a Krasimira Stoyanova. Ela estava nessa noite ao lado dela. Acorda com o empurrão de Vanga e vê a irmã a tremer e a perguntar se também vê o cavaleiro. Até de manhã, nenhuma das duas consegue dormir.

«Não sei — disse Vanga —, talvez tenha sonhado, mas é um sonho muito terrível...»

Sobre este encontro menciona também o prof. D. Filipov no seu livro «Tia Vanga — santidade e sabedoria»:

«Ela própria indica a data de 6 de abril de 1941. Então, segundo ela, apareceu um antigo cavaleiro dourado, que lhe anunciou que, a partir

desse dia, começaria a profetizar e ajudar as pessoas, porque em breve começaria uma guerra, grande guerra. Recentemente, na consagração da igreja «Santa Petka», comunicou que esse cavaleiro dourado sem nome é São João Crisóstomo. Ele aparece-lhe também mais tarde, mas só quando entra em transe.»

Como apenas neste livro encontramos testemunho de que Vanga falou de São João Crisóstomo, abtemo-nos de comentar a menção do nome do grande santo.



Metade das imagens conhecidas que nos chegaram da época dos trácios são principalmente em pedra. São do cavaleiro-herói trácios. Encontram-se apenas nas terras habitadas pelos trácios. Esta divindade é anónima, em todo o lado as inscrições dizem:

«Ao senhor deus-herói».

Geralmente segura na mão uma phiale ou patera, para receber a libação feita. Aparece também como guerreiro atacando o inimigo, caçador perseguindo presa. A lança é o seu atributo, e a patera indica a sua natureza divina.

Existem mais de 3000 imagens do deus-cavaleiro. Por vezes, perante ele há um altar com fogo aceso. O altar está colocado debaixo de uma árvore e à volta da árvore enrola-se uma serpente. Trata-se, na verdade, da árvore da vida. Filóstrato, mencionando Resos, morto por Diomedes sob as muralhas de Troia, escreve:

«Este Resos... como se conta, habitava os Rodopes. E muitos dos seus milagres são cantados. Diz-se que criava cavalos, usava armas e caçava. Prova das ocupações do herói com a caça era que javalis e cervos, e qualquer animal da montanha, se dirigiam aos pares ou trios ao altar de Resos, ofereciam-se em sacrifício sem serem amarrados e submetiam-se voluntariamente à faca. Diz-se ainda que este Herói afastava a peste da montanha, e os Rodopes são densamente povoados e há muitas aldeias à volta do seu santuário.»

A aparição da serpente em muitos relevos deve ligar-se ao despertar primaveril da natureza. É atributo também dos deuses-curadores Asclepius e Hygieia. Somando a árvore da vida, chegamos à conclusão

de que este cavaleiro-herói é protetor da vida. E é natural que tenha o seu antípoda-divindade, que o liga ao mundo do além ou deus da morte. Em alguns relevos, acima da parte traseira do cavalo e atrás das costas do cavaleiro, há uma pequena figura de cavaleiro galopando em direção oposta. Não está armado, não segura phiale nem patera, foge e recua perante a força do bem e move-se sempre para a esquerda, diríamos para trás no tempo. Em lado nenhum este segundo cavaleiro trácios é representado sozinho. Como se fosse uma visão ou segunda essência espiritual do herói. Cavaleiro que o acompanha nos momentos mais difíceis. Tal como acontece com Vanga...

O radiante cavaleiro trácios Heros é deus da natureza selvagem e o seu altar é ao ar livre. É deus do despertar primaveril, mas também deus dos mortos, a julgar pelos elementos que o acompanham e sobretudo pela phiale que segura. Esta é símbolo de culto aos mortos, transformado pelos trácios em religião. Heródoto, ao mencionar a religião dos trácios, escreve:

«Dos deuses veneram apenas Ares, Dioniso e Ártemis (deuses do panteão grego). À parte do povo, os reis veneram Hermes mais que todos os deuses, juram apenas pelo seu nome e dizem descender dele.»

Inquestionavelmente, o mais popular nas nossas terras desde tempos antigos é Dioniso. As disputas sobre a sua origem continuam até hoje. Indícios sobre a sua origem não esclarecida encontramos já em Homero, onde se menciona um templo dedicado a Dioniso. Evidentemente, como divindade, é símbolo da vegetação da natureza e era celebrado num período que vai do atual dia de Trifon Zarezan até São Jorge. Provavelmente a onda de celebrações inundava a Península Balcânica nesse intervalo e partia do Mar Branco para chegar aos Cárpatos. Indícios fragmentários de procissão semelhante encontramos em documentos do século IV d.C., e são as últimas celebrações assim. Aristóteles indica que desses festas dedicadas a Dioniso e dos cantos fálicos e ditirambos nasce a tragédia e a comédia. Com a adoção do cristianismo, muitos elementos dessas festas entrelaçam-se no novo calendário cristão e preservam-se até aos nossos dias.

Mas parece que, no nosso caso, é apropriado mencionar a divindade cuja imagem personifica não só a cultura trácia, mas também a da população mais antiga dos Balcãs — o chamado «Herói Trácio». Em

mais de 7000 monumentos descobertos até agora, estão testemunhadas as suas imagens, sobretudo em placas votivas. É sempre representado a cavalo, virado para a direita, em andamento, pronto para o salto ou parado calmamente. Como em todas as divindades antigas, também em Heros cada atributo tem um significado profundo, codificado. O cavalo liga-se ao culto solar, o ceptro que segura nas mãos simboliza o poder real e, ao mesmo tempo, a árvore da vida. Além de deus da caça, da saúde e da natureza, é símbolo do mundo do além. Sempre ao lado dele é representado um animal com que o cavaleiro deve lutar. É a prova a que se submete o primeiro homem para se tornar rei-sacerdote.

O culto a Heros penetrou tão profundamente na vida dos habitantes da Península Balcânica que, numa pequena capela na aldeia de Zabernovo, região de Malko Tarnovo, até há uma dezena de anos acendiam velas perante uma placa votiva com a imagem de Heros, considerando-a uma antiga icona de São Jorge. Este é também o maior legado que nos resta dos trácios desde a mais profunda antiguidade, transformado mais tarde em veneração ao santo búlgaro mais reverenciado — São Jorge, o Vencedor do Dragão. O santo é cavaleiro e possui muitos dos atributos do antigo deus trácio — cavaleiro que talvez inicialmente fosse um herói anónimo. Na mitologia antiga, menciona-se sempre que o culto a Heros era muito difundido na Trácia durante a dominação romana. Santuários de Heros existem na antiga cidade de Petra, hoje perto de Petrich, no bairro de Daskalovo em Pernik.

O cristianismo chega ao ícone através dos dípticos consulares — obras em marfim que representam os governantes e o seu triunfo, e que são a base da iconografia surgida. É muito provável que as antigas placas votivas de Heros ou Hermes ou outros deuses-cavaleiros tenham servido, num período, como protótipo das imagens de São Jorge. Porque era a época em que ainda era difícil falar de imagens de Cristo e da Virgem Santíssima. Este processo ocorre nos Balcãs, longe do Império Romano Ocidental devastado por tribos bárbaras, perto do local de nascimento de Vanga. E o caso na aldeia de Zabernovo é apenas um eco distante desses processos.

«—O teu estado cresce, espalhaste-te muito, mas prepara-te para te recolheres novamente numa casca de noz!»

Enquanto para o resto da profecia é mais do que claro que se refere a Boris III. Aí ela é infalível. O czar morre um ano depois em circunstâncias misteriosas, exatamente nessa data. No programa televisivo «Nabliudatel» em 1994, Vanga contou sobre este encontro, mas não mencionou a segunda pessoa. Após a equipa de televisão partir, partilhou com Vitka, filha da sua cuidadora:

«Meu Deus, como era jovem e tola! Se visse algo assim agora, não o diria...»

Mais uma vez, desta vez representantes da família real vão ter com Vanga após a morte de Boris III. A esposa de Bogdan Filov e mais duas mulheres visitam-na e interessam-se pelo destino do herdeiro do trono, Simeão. Desta vez, Vanga é alegórica. Segundo as suas próprias palavras no programa «Nabliudatel», disse-lhes:

«Regressarão e envolverão a cama real com uma fita vermelho-escura.»

«Não pode ser essa fita branca ou rosa?» — perguntaram as mulheres.

A resposta da profetisa foi categórica:

«Não! Apenas vermelha!»

Se este diálogo tivesse sido conduzido por alguém iniciado nos conhecimentos ocultos, teria percebido procurar alguma alegoria na resposta e insistido em cumprir a ordem de Vanga. Estranho que não tenham procurado a mediação de Kosta Lulchev? E Vanga fora mais do que clara. A fita vermelha era símbolo do que viria, do que atingiria a família real após 9.09.1944. Ela avisa, até recomenda que medidas tomar, mas só pode compreendê-la «quem tem ouvidos para ouvir».

Como e porquê ocorre esta viragem na atitude de Vanga perante os visitantes que se informam sobre assuntos tão importantes para o estado? Perante o czar Boris III, é direta, não escolhe muito as palavras. Até anos depois se arrepende desse comportamento, talvez o considere um erro? Enquanto apenas um ano depois fala alegoricamente. Com ela ocorreu mais uma mudança, que finalmente molda a sua essência espiritual como profetisa e clarividente. Já está pronta para cumprir a missão com que, inconscientemente, as pessoas a dotaram, ao darem-lhe o nome Vangelia — Anunciadora de Boas Novas. E esta última transformação espiritual na direção do seu dom

profético ocorre sob a influência de uma das personalidades ocultas mais fortes do século XX, não só nos Balcãs, mas no mundo — o Mestre Petar Danov.

Nasceu na família do sacerdote Petar Danovski, na aldeia de Nikolaevka, região de Varna. Aluno exemplar, músico virtuoso e excelente estudante em Nova Jérsey e Boston. Regressa à Bulgária no início do século como um dos melhores alunos do círculo da Sociedade Teosófica. Funda na Bulgária a Fraternidade Branca e, durante anos, dá palestras, inicialmente em diferentes lugares do país, depois principalmente junto aos Sete Lagos de Rila ou no bairro «Izgrev» em Sofia. São a base do seu ensino — mais de 150 volumes de palestras publicadas e mais de 300 ainda não publicadas em livros separados. É uma filosofia integral e dialética de natureza superior, que se propõe o crescimento espiritual da humanidade, a sua aproximação à natureza e ao cosmos, à sua plena manifestação espiritual. Admiradores e discípulos apaixonados seus são Albert Einstein, Nikolai e Sviatoslav Roerich, o papa João XXIII e muitas outras personalidades notáveis. Após o golpe de 9.09.1944, segundo as palavras de Vanga, Danov permanece vivo apenas graças a Georgi Dimitrov. Mais tarde, graças a Vanga, que telefona a Lyudmila Zhivkova, fazem-se tentativas para preservar a sua casa no bairro «Izgrev», onde durante anos reunia os membros da Fraternidade Branca. Nos nossos tempos, em muitos lugares do mundo há seguidores do Mestre que estudam búlgaro para poderem ler as suas obras no original.

* * *

«—Alguns lamentam Cristo por ter passado por tantos sofrimentos. Não há razão para lamentar...»

O Mestre fala com benevolência e devagar. Não é sermão nem instrução. É uma conversa amigável que Vanga deseja que nunca acabe. Vê-o todo de branco, em roupa branca translúcida, com barba branca de sábio, sorridente e sereno como um pai.

«Pensem em Cristo como modelo de paciência... Da sua grandeza desceu à Terra. Sede também vós como Cristo, suportai os sofrimentos com paciência.

Dirão que assim foi determinado, que Cristo passasse por esses sofrimentos. E para vós é o mesmo — uma vez determinado, também vós carregareis o sofrimento...»

«Suportai os sofrimentos com paciência...»

«...uma vez determinado, também vós carregareis o sofrimento...»

Pela primeira vez, Vanga ouve estas palavras, mas são como bálsamo para a alma dela, dão resposta às milhares de perguntas que a corroem há vários anos após os encontros com o Cavaleiro Radiante. Tem consciência de que para ela está determinado! Carregar o sofrimento... Com paciência...

«Devemos libertar-nos de certos entraves que existem por herança nas nossas almas. Vou dar um exemplo e explicar uma grande lei que regula a vida. Vários marinheiros ingleses desembarcaram do vapor para visitar uma cidade marítima europeia. Andaram de um lado para o outro pela cidade, entraram em várias tabernas e embebedaram-se. Ao regressar, subiram aos botes, mas esqueceram-se de os desamarra dos postes a que estavam presos e começaram a remar; remaram, remaram toda a noite, pensando que se aproximavam do vapor; de manhã, porém, viram que ainda estavam na margem. Porquê não chegaram ao vapor? Esse pequeno cabo amarrado ao poste deteve-os. As pessoas não conseguem ressuscitar exatamente por essa razão — estão amarradas como o bote ao poste... As pessoas devem ter um ideal. Qual? Tal que as puxe para o céu.

“Vo ei, mas cáí, não sei porquê.”

“Estás amarrado! Tens dúvidas na mente, tens questões importantes que não resolviste — desamarra o teu bote, rema com os remos e vai para o objetivo...”»

A palestra de Danov continua por muito tempo. Vanga é convidada para um encontro com as pessoas mais próximas dele. Servem à mesa sopa de sêmola com uma fatia de limão, moussaka magra e compota de ameixas. Danov abençoa:

«Bem-vindos a esta mesa, louvor por tudo ao Senhor, que Deus assim nos veja sempre!»

Perto de Vanga sentam-se o Mestre, o irmão Vlayko, Zvezdin. Sente-se como numa grande família unida. A alma está leve, vê-os muito claramente, como se lesse os pensamentos deles, pela primeira vez está entre pessoas com quem pode comunicar sem palavras articuladas...

O encontro é por iniciativa de Petar Danov, que decide reunir o grupo principal da Fraternidade Branca convidando também ela. Vanga dificilmente ouvira falar da Fraternidade Branca. Surpreendente para o homem comum é como ela imediatamente aceitou ir a esse encontro. Provavelmente Danov e Vanga já se tinham encontrado nos sonhos da profetisa. É possível que o convite tenha sido enviado por esse caminho. O Mestre conseguiu entrar em contacto com ela e convencê-la de que devia estar presente nessa reunião. É importante tanto para ela como para ele. Esta é uma tática comum na comunicação de Danov com membros da Fraternidade Branca, mesmo após a sua morte física. Sobre tais casos escreve nas suas memórias Vlad Pashov.

É tempo de Vanga aprender mais sobre si mesma, conseguir dirigir a sua capacidade para ser ainda mais útil às pessoas, cumprir a missão para que foi enviada. Para o teósofo Danov, é uma oportunidade de encontrar o inexplicável para as pessoas comuns, ao que dedicou toda a vida — o espiritual, o elevado, porque muito raramente se encontra uma pessoa como Vanga, que sem qualquer preparação consegue contactos tanto no plano astral como mental. Para ele, ela é provavelmente herdeira dos seres humanos dos quais nasce a quarta raça, segundo «A Genealogia do Homem» de Annie Besant. Decide demonstrar essas capacidades dela perante os presentes:

«—Dirás a Vanga o que te diz o céu, irmão Vlayko?»

Ela estremece. Pela primeira vez, está perante uma pessoa com as suas capacidades. Pela primeira vez, compreende como se sentem as pessoas a quem ela «lê»...

O irmão Vlayko inicialmente cala-se. Não quer responder de imediato. Vê o futuro de Vanga. Esse silêncio perturba-a ainda mais. Sobretudo ao ouvir a resposta do irmão Vlayko:

«—Bem, o que lhe hei de dizer... Muito jovem enviuvará, a casa dela tornar-se-á clube, e à porta dela erguer-se-á um poste de ferro...»

A profecia é mais do que exata. O irmão Vlayko viu tudo com os maiores detalhes e por isso demorou na resposta, quis que fosse alegórica, mas não sabia se Vanga a compreenderia, por isso apenas marcou o futuro dela com alguns traços.

Vanga fica surpreendida, magoada; acabara de contrair casamento civil e mudara-se para Petrich. Não acredita nas palavras dele e, na raiva, vê como num filme a vida do irmão Vlayko. Só espera que o Mestre se volte para ela com a mesma pergunta.

E ele não tarda:

«—E tu, irmã Vanga, o que dirás ao irmão Vlayko?»

Apesar de esperar a pergunta, perturba-se:

«—Tudo o que o céu me diz?»

Danov encoraja-a; afinal, todos são irmãos e irmãs e entre eles não há segredos?

Vanga também procura alegoria na resposta. Por mais que lhe doa a profecia de Vlayko, sobressalta-se perante o que vê.

«—Daqui a um ano, o irmão Vlayko não venderá nem abóboras nem mel!»

Diz-lhe apenas o que acontecerá daqui a um ano. A 9.09.1944, tiram a terra ao irmão Vlayko e deportam-no, porque é clarividente e as pessoas iam frequentemente ter com ele, como com Vanga. Partilha com Boyka Tsvetkova que viu também o exílio dele em Belene, mas não lho disse, porque sabia que regressaria de lá vivo e saudável. Manteve ligação mental com ele todo o tempo enquanto esteve deportado. Gostava de contar como o irmão Vlayko predissera aos deportados que metade ficaria na ilha e a outra metade regressaria a casa. E assim aconteceu. O irmão Vlayko, ao sair em liberdade e quando pessoas do Sudoeste da Bulgária iam ter com ele, devolvia-as com as palavras: «Vocês aí, em Petrich, têm uma boa vidente, ide ter com ela!» Afirmava que como Vanga havia apenas mais uma mulher no mundo, e era americana.

Provavelmente ainda muitas coisas disseram Vanga e Danov nesse dia e após o jantar solene. Tudo lhe soava muito familiar e necessário. Finalmente encontra almas afins que a ajudam não só a consciencializar

plenamente a sua missão na Terra, mas também a dirigir as suas capacidades fenomenais para ser o mais útil possível às pessoas.

Na manhã seguinte, todos partem para os Lagos de Rila. Propõem-lhe que os acompanhe. Vanga recusa, mas está perto deles todo o tempo. Vê a fogueira da noite, à volta da qual se sentam Danov e o grupo principal da Fraternidade Branca. Danov está sentado numa pedra alta, ao lado dele Vlayko e Zvezdin. Zvezdin fala do seu amor pelos pinheiros, de como as árvores lhe falam. Os mesmos pinheiros de que encomenda o caixão quando sabe que morrerá. A conversa era novamente sobre o amor universal, sobre as forças positivas e negativas na natureza, sem as quais não podemos, sobre a necessidade do sofrimento, sobre os símbolos da cruz e sobre Cristo...

Ela assistia invisivelmente à conversa, maravilhava-se com a natureza majestosa, com os lagos límpidos como lágrimas. Apesar de não ter aceitado ir com eles, Vanga viu e ouviu tudo. Provavelmente também as pessoas da Fraternidade Branca mantiveram contacto com ela todo o tempo enquanto estavam em Rila.

Deste encontro com a Fraternidade Branca, Vanga compreende que toda a vida lhe será pesada, estará sozinha. Mas as palavras de Danov gravou-as para sempre: «Sede também vós como Cristo, suportai os sofrimentos com paciência... E para vós é o mesmo, uma vez determinado, também vós carregareis o sofrimento!»

8. Predito pela Virgem Maria

Este sofrimento de que Danov fala enche a vida de Vanga. Não só porque por ela passam as dores das pessoas e os seus destinos — são mais de 1 milhão de almas, se em 50 anos recebesse em média 50 por dia. O sofrimento é característico também da sua vida pessoal, porque apesar das capacidades fenomenais que possui, Vanga é uma pessoa cega, até os mais próximos nem sempre compreendem o dom divino com que foi agraciada. Mas há também clarões que alegram qualquer pessoa normal e se gravam para sempre no coração. São os momentos mais íntimos e ela raramente os partilha.

No mundo ortodoxo oriental, a veneração à Virgem Santíssima é grande. Pode dizer-se que os seus ícones nas igrejas e mosteiros não só igualam em número os de Jesus Cristo, como os superam. É honra para

as igrejas possuírem ícones milagrosos da Virgem. Geralmente datam da época do Império Otomano, quando era proibido construir igrejas. Desde então são os testemunhos sobre a sua descoberta no meio do campo, na floresta junto a uma fonte, alto nos ramos de alguma árvore. Tudo isso corresponde novamente à chamada cultura montanhosa, em que muito antes do surgimento do cristianismo se veneravam as fontes e as árvores. As lendas sobre essas descobertas estranhas preservam-se até hoje e exatamente esses ícones são milagrosos. A oração perante eles inspira o homem e dota-o de uma força desconhecida que ajuda a superar vários obstáculos da vida.

Vanga, desde pequena, é profundamente devota. Que mais resta a uma criança sem mãe, caída em profunda pobreza, senão a esperança no Senhor Deus? A proximidade da igreja «Santos Quinze Mártires» provavelmente influencia essa ligação dela. Certamente ali viu pela primeira vez o ícone com o rosto radiante da Virgem Santíssima. Entre as pessoas comuns, acredita-se que ela protege as crianças, as mulheres prestes a dar à luz, os doentes e os aleijados. Por essa razão, a ligação de Vanga à Sagrada Imagem é grande, após as mudanças que ocorrem com ela em 1923. Talvez influencie também algum gene que ficou no sangue dela dos trácios, que após o deus supremo davam grande importância à Grande Mãe Primordial.

Segundo as memórias de Lyubka, as duas iam à igreja todos os domingos. Seja influenciado pelos conselhos dos vizinhos ou pela devoção das filhas, Pande decide levar Vanga perante o ícone milagroso da Virgem no mosteiro de Rupite (perto de Petrich). Com Vanga vai também a irmã Lyubka. Do templo cuidava baba Velika. É um nome dado a menina com desejo de que possua capacidades excepcionais. Parece que baba Velika as tinha. Há muitos anos, ao cavarem os alicerces da igreja, encontrou uma pequena pedra branca em forma da Virgem com o Menino. Colocaram-na no meio do templo numa pequena caldeira de prata. Casos semelhantes há na história da humanidade. Por exemplo, a chuva milagrosa de pedras em Remiremont, pequena cidade em França a 80 km da fronteira com a Alemanha. A 26 de maio de 1907, por volta das 17:30, ali desabou uma tempestade e, juntamente com a chuva de granizo, começaram a cair pedrinhas com a imagem da Virgem impressa. Aqui não é o lugar para contar a causa desse fenómeno; para

nós é mais importante o facto de o caso ser próximo do descrito na igreja em Rupite.

Baba Velika ordenou a Vanga que passasse a noite na igreja, para receber a cura necessária. Para que não tivesse medo, deixaram também Lyubka com ela. Por volta da meia-noite, as duas acordaram com um ruído estranho. Sobre elas, durante cerca de meia hora, circulou um ponto de luz do tamanho de uma brasa. De manhã, baba Velika perguntou-lhes se tinham visto a luzinha. Era a Virgem Santíssima. «Viram? A Mãe de Deus visitou-vos esta noite! Devem estar muito alegres!»



Regressando novamente às crónicas da história para procurar casos semelhantes, não precisamos ir muito longe. Basta mencionar a grande «invasão de cruzes» nos EUA em 1971, da Califórnia à Florida. A imagem apareceu pela primeira vez a 27 de agosto numa janela da igreja da 80ª rua em Los Angeles. A cruz brilhante começava a aparecer todos os dias por volta das 16 horas, quando o raio solar incidia diretamente na janela. Depois choveram informações sobre casos semelhantes noutras

idades dos estados. Alguns investigadores de fenómenos semelhantes explicam-nos com fatores psíquicos e espirituais. Segundo eles, as congregações que testemunhavam a aparição das cruzes contribuíram para a sua formação. Cada comunidade, ao ouvir nos media sobre as aparições, projetava o chamado psi-campo em torno do lugar onde se esperava que aparecesse a cruz. Esses psi-campos forçavam os raios de luz a refratar-se de forma exatamente determinada.

Será que assim podemos explicar também os pontos de luz que Vanga e Lyubka observam na igreja em Pogolevo? Talvez, se soubéssemos como estava o tempo nessa noite. Se houvesse lua cheia, as explicações seriam lógicas e coincidiriam com as situações descritas. E se a noite fosse sem lua? Talvez o fenómeno que Vanga carrega já tivesse alto grau de manifestação, sem ela própria suspeitar? Os investigadores de fenómenos semelhantes estabeleceram que as crianças são maiores médiuns que os adultos e são mais sensíveis à presença no espaço espiritual. O psiquiatra britânico Dr. Arthur Guirdham afirma que as crianças têm imunidade natural às forças espirituais e sintonizam-se facilmente com elas. Outros investigadores notam que as crianças são médiuns naturais, mas perdem essas capacidades ao crescerem.

Em Pogolevo talvez tenha acontecido algo que ainda hoje não conseguimos explicar e de que falaremos mais adiante neste livro. Vanga continua a «ver» pontos de luz noutras situações até ao fim da vida, mas ela tem outra explicação para eles...

Alegaram-se as duas crianças, e com elas o pai, sem compreenderem que a Vanga foram dados olhos, mas não para o mundo terreno, mas para o espiritual, onde «há grande tempo, há tempo, há também tempos», segundo as suas palavras muitos anos depois. E após a grande tragédia que a atinge, esta é talvez o seu primeiro encontro com o mundo do extraordinário, do desconhecido para as pessoas comuns, para o qual deve preparar-se. Acredito que tudo daqui em diante é ditado por este encontro com a Virgem Santíssima, mais exatamente — predito e predeterminado pela grande santa.

Em primeiro lugar, colocaria o primeiro amor. Afinal, a Virgem protege as crianças, os jovens, dirige os seus atos nessa idade frágil! Para Vanga, esse grande sentimento chega num momento de calma, em que as ondas turbulentas da vida, que a atiram de um lado para o outro, se

acalmaram. Na escola em Zemun, está inebriada não só pelos conhecimentos sobre o mundo, pela música terna e os sons do piano, que rapidamente aprende a tocar. Talvez esse piano tenha aproximado Vangelia de Mitko de Gevgeljsko. Provavelmente conheceram-se no segundo ano do ensino no internato. Os primeiros meses são sempre tempo de conhecimento, as amizades formam-se com muita cautela. Além disso, tudo se complica pelo facto de os rapazes e raparigas serem cegos, e o programa ser carregado, o regime — rigoroso. Provavelmente também aqui Vanga manifesta os primórdios das suas capacidades fenomenais. Contava o que sonhara e o que significava. Depois, as colegas contavam-lhe os sonhos, ela interpretava-os e o predito cumpria-se. Embora tudo fosse como brincadeira, Vanga torna-se personalidade atraente para as raparigas do internato.

A natureza tem as suas leis e são mais do que categóricas. As raparigas nessa idade procuram apoio na fé na Virgem, simpatia e protecção não só dos educadores e professores, mas também dos pares.

Os rapazes desenvolvem sentido aguçado de ajudar, proteger as raparigas. São os primeiros passos dos quais nasce a amizade próxima e, depois, se Deus quiser, o amor.

Vanga destaca-se entre os colegas como boa e aplicada aluna, arrumada e bondosa. Rapidamente conquista as simpatias de todos à volta. E sobretudo de Mitko da aldeia de Gyoto, Gevgeljsko. Ela também não fica indiferente, pelo contrário — gosta dele. Pelo amor ao estudo e pela bondade. E porque, quando está ao lado dele, sente uma estranha tranquilidade. Assim nasce o primeiro amor. Seguem-se encontros — em segredo dos educadores, conversas no pouco tempo livre que tinham, planos para o futuro.

Tudo parecia tão real que se viam juntos para toda a vida. Os pais de Dimitar eram pessoas abastadas. Já sabiam do amor do filho e estavam prontos para aceitá-la e proteger os jovens tanto com meios financeiros como com amor maternal e paternal. Vanga não se atreveu imediatamente a escrever para Strumica. Provavelmente por pudor de rapariga. Ou ainda pensava se daria esse passo importante na vida. Mas por fim decide-se. Ainda não conseguia dirigir as suas capacidades fenomenais para o futuro, para ver o que a esperava. Acreditava fortemente na ajuda da Virgem Santíssima, a quem rezava todas as

noites. Sem saber que a Virgem realmente a ajudaria, mas numa direção ainda desconhecida para ela.

A carta ao pai Pande está cheia de muita alegria. Contava-lhe os sonhos para o futuro que construíam com Mitko. Pedia a bênção paterna para casar, pois já tinha dezoito anos.

Mas o homem dificilmente escapa ao seu destino. Sobretudo quando os golpes se seguem um após o outro, como num combate de boxe. E quando há outro predeterminação de vida. Tinka morre no segundo parto e Pande fica novamente sozinho com os filhos pequenos. Tem de fazer uma escolha fatídica para Vanga, mas o destino não lhe oferece saída. Só ela pode cuidar dos dois irmãozinhos pequenos e da irmãzinha, enquanto ele trabalha. Certamente doeu o coração paterno, mas outra escolha não tinha. A carta dele chega a Zemun com a decisão que corta as asas a um amor, a uma amizade. Vanga fica como queimada. Tem de regressar o mais depressa possível. Assim, o seu novo sofrimento começa em 1928. A falta de saída conquista novamente toda a família por mais de 10 anos.

Sobre os anos em Zemun, Vanga partilha muito pouco. Não os liga nem aos sonhos, nem ao Cavaleiro Radiante, nem a algo diferente da vida das pessoas comuns. Sobre os relatos dela desse período, Boyka Tsvetkova escreve no seu livro:

«Na forma como Vanga pronunciava as palavras, sentia-se tristeza, como se emergisse do passado distante, onde se aninhara profundamente escondida.»

Porque ali algures acaba também a esperança dela de viver como todas as pessoas comuns. Com a decisão de Pande, acabam as esperanças de libertação do pesado predeterminação do destino.

Em 1942, encontra novamente um Dimitar. Desta vez de Karandzhilitsa, Petrichko. O irmão dele, comerciante de porcos, fora morto numa das voltas perto da aldeia de Sklave. Dimitar veio com a sua dor e Vanga disse-lhe que não devia causar dor a outros e não devia vingar-se. Já compreendia o sentido da predeterminação kármica, que carrega o cruz mais pesado nas consequências da vingança humana sobre as gerações vindouras. Assim, nenhum crime fica impune, como nenhum ato cruel de vingança. Regressam não sobre o perpetrador, mas sobre a

descendência. Com eles, Vanga liga muitas das doenças que atingem as pessoas.

«Para doer mais!»

E acrescentou mais — o ícone da Virgem Santíssima sussurrou-lhe que o hóspede seria o homem da sua vida.

Dimitar Gushterov partiu sem dizer nada. Estava como atordado. Vanga nomeara o nome dele, contara o que lhe doía, dissera como proceder. Para chegar a 22 de abril com uma carruagem de noivado pintada e levá-la para casa em Petrich. A sogra, baba Magdalena, recebe-a com as palavras:

«Eh, filho, é este o teu destino?!»

Casam-se a 10 de maio e Dimitar parte para a frente. Num momento, Vanga entra em transe e fica três dias insensível. Talvez tenha encontrado novamente o Cavaleiro Radiante. Afinal, mudara de residência, e ele ordenara-lhe:

«Aqui ficarás e profetizarás sobre vivos e mortos!»

Talvez tenha visto a Virgem Santíssima. Para a Bulgária chegam anos de ateísmo e trevas espirituais e ela é mais necessária em Petrich do que em Strumica.

Após entrar em transe, aceita definitivamente a missão a que deve servir, e os sofrimentos que lhe resta viver.

Assim a encontra Dimitar, que regressa de licença. Ouve novamente os reproches da sogra:

«Com quem te casaste? Casaste com um cadáver!»

Vanga engole silenciosamente a ofensa. Está habituada a pior. Após o transe, transforma-se novamente, como após a cura milagrosa em Strumica. Procede do mesmo modo. Imediatamente pega com Lyubka em arrumar a casinha, varrer o pátio, expulsar as pessoas que todos os dias de mercado se aglomeravam nele, arrumar tudo ao seu gosto. E novamente divide cada hora do dia e da noite. De manhã e à noite cuida da família e da doente baba Magdalena, e durante o dia recebe as pessoas que vinham pedir ajuda, apesar da relutância de Dimitar. Na verdade, ele esperava ver nela uma mulher que cuidasse da casa,

embora soubesse previamente da capacidade de Vanga. Ela valorizava-o muito, mas não queria abandonar a vocação que lhe fora dada. Assim viveram juntos 20 anos. No funeral de Dimitar, Vanga «dorme». Depois partilha que o acompanhara até ao «lugar»...

Evidentemente, assim era a vontade da Virgem Santíssima, que une e separa as pessoas. E pelo facto de os dois homens mais próximos do seu coração se chamarem Dimitar, ainda se pode refletir.

* * *

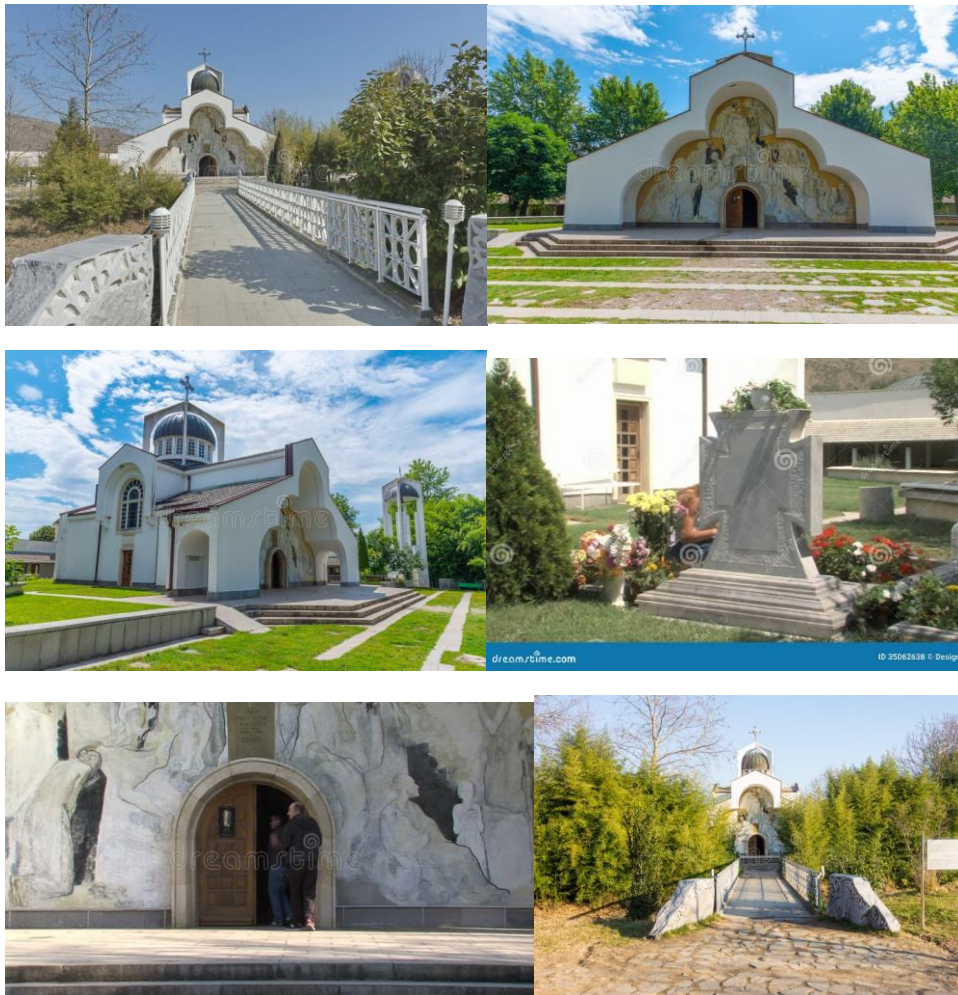
De tudo isso resta-lhe para sempre o grande amor pela família e pelas crianças. Vanga afasta aqueles que vêm ter com ela com perguntas sobre se devem divorciar-se e se a esposa ou o marido traem. A reação dela é imediata:

«E tu és mercadoria? Os olhos sempre no alheio! E nas crianças pensaste?»

No fim do século XX, quando vive Vanga, já se impõem tendências que rejeitam a família como instituição desnecessária, que tira a liberdade de ação ao homem, afirma-se que as crianças impedem o desenvolvimento da mulher em plano profissional e pessoal. Vanga protege as tradições patriarcais, a família é a coisa mais sagrada e não deve ser destruída. As dificuldades, os infortúnios não são motivo para privar as crianças dos pais, o dinheiro é algo temporário, «são demónios». Tudo isso está em plena conformidade com a moral cristã. A família é algo obrigatório, que se inscreve no destino do homem e não deve ser negligenciada. Assim, o predito pela Virgem Santíssima constrói nela a moral de pessoa santa, com que todos devem contar. Porque ela avisa também das consequências que se abateriam como resultado dos erros cometidos, da predeterminação kármica que também ela carrega...

«Sabes que homem era Dimitar? — partilha ela com Boyka Tsvetkova — Tudo podia. Eh, só pensar numa coisa... Nada lhe resistia. Fazia-a e de forma que te alegrava... Sabia quanto amo as crianças e por isso adotámos uma menina — Veneta. E depois em casa veio mais um Dimitar — o terceiro Dimitar...»

Na casa dela há uma sala especial, onde o lugar central ocupa o ícone da Virgem Santíssima. Para Vanga, é milagroso, trazido do Santo Sepulcro e influencia todos os que entram na sala.



É companheiro inseparável do Cavaleiro Radiante. É símbolo do antepassado mítico, mensageiro e mediador. Ou, como amigo do homem, o cão sempre foi mediador entre os mortos e os deuses do mundo subterrâneo. Assim, podemos interpretar a queda da segunda pedra como profecia de que Vanga, mesmo após a morte, continuará a ajudar as pessoas nas suas desgraças, a ser mediadora entre o terreno e o divino. Ou talvez renasça novamente, pois o cão é também símbolo da reencarnação com o objetivo de curar.

A serpente simboliza a vida e a reencarnação, acompanha em todo o lado a Grande Mãe dos deuses e é personificação do invisível, que misteriosamente aparece e desaparece. Tem ligação com o mundo subterrâneo, ou mais exatamente com o além. Nos antigos gregos, a serpente simboliza as capacidades médicas e, novamente como o cão, é

símbolo de Esculápio. Nos africanos, é emblema real e traz imortalidade. No cristianismo, a serpente simboliza Cristo como sabedoria, erguido em sacrifício na árvore da vida. Tertuliano afirma que os cristãos chamavam a Cristo «a Boa Serpente». Nos alquimistas gregos, a serpente que morde a própria cauda simboliza a unidade do cosmos e chama-se «ouroboros». A serpente como símbolo é conhecida também na mitologia egípcia e pode simbolizar o yin e yang no taoismo chinês.

Assim, a visão transforma-se numa mensagem direta à própria Vanga sobre o que acontecerá com ela até ao fim da vida e depois. Será construída uma igreja que guiará as pessoas e será armadilha para os maus nos tempos lupinos, e ela, mesmo após a morte física, continuará a ajudar as pessoas que dela precisam e a sua missão prosseguirá. Renascirá novamente como curadora e profetisa, ajudando as pessoas. Tudo isso podemos aceitar que foi predito novamente pela Virgem Santíssima, a mulher de blusa branca, saia azul e colete, ou por uma sua mensageira.

No mundo católico, uma das aparições mais maravilhosas da Virgem Santíssima é a ocorrida a 12 de dezembro de 1531 em Guadalupe, onde ela encontra um índio local convertido ao cristianismo e indica-lhe onde construir uma igreja. Como prova, deixa a sua imagem no manto dele, que até hoje se conserva fresco, juntamente com a imagem, embora tecido de fibra de cato. Na última viagem do papa João Paulo II, quando visitou também o México, esse índio foi canonizado santo. A literatura cristã está repleta de muitos relatos de aparições da Virgem Santíssima em momentos especiais para um povo determinado, uma cidade determinada, para os proteger ou repreender pelo modo de vida que levam. Caso semelhante ao de Vanga ocorre a 18 de julho de 1836 no metochio «Filhas da Caridade» em Paris, quando a Virgem Santíssima aparece à jovem noviça Zoe Catherine Labouré e transmite-lhe uma série de mensagens, algumas das quais se cumpriram muito em breve.

Em 1846, a Virgem Maria aparece a duas crianças que apascentavam vacas no sopé da montanha Garga, perto da aldeia de La Salette. A figura dela era tão brilhante que as crianças não conseguiam olhar para ela, mas conseguiram notar que calçava sapatos brancos, estava rodeada de rosas e usava um manto branco. No peito, tinha um

medalhão com o crucifixo. Também aqui aparece para avisar as pessoas das desgraças que as aguardam.

Os primeiros testemunhos nas crônicas russas de aparição da Virgem Santíssima datam de 1155, quando o príncipe Andrei Bogolyubski, filho do grão-príncipe Yuri Dolgorukov, decidiu mudar-se da região de Kiev para a de Suzdal, onde nascera. Decidiu levar também o ícone da Virgem Santíssima trazido de Constantinopla. Mas a dez verstas da cidade de Vladimir, os cavalos que puxavam a carroça onde estava o ícone pararam. Arelaram outros, mas também estes não se mexeram. Durante a oração noturna de 18 de julho, a Virgem apareceu ao príncipe Andrei e disse-lhe que o ícone devia ficar na cidade de Vladimir.

Em 1170, Novgorod foi atacada pelos suzdalianos e aliados. O arcebispo João orava fervorosamente dia e noite pela salvação da cidade. Então ouviu uma voz: «Vai, toma o ícone da Virgem, leva-o à muralha da fortaleza da cidade e verás como ela vos salvará!» Enviou o arquidiácono para tomar o ícone, mas este não se mexeu do lugar. Então foi ele próprio, fez uma liturgia e, chorando, caiu de joelhos perante o ícone: «Tu, puríssima mãe, esperança nossa! Nós, pecadores, suplicamos-te com lágrimas nos olhos, não nos entregues ao inimigo!» Com essas palavras, estendeu a mão ao ícone e este, como se por si só, passou para as suas mãos. Os leigos maravilhados exclamaram e entoaram «Senhor, tem piedade!». O ícone foi levado à muralha da cidade. Milhares de flechas voaram contra os novgorodianos em oração. Uma delas atingiu o ícone e este virou-se sozinho para a cidade e das suas olhos correram lágrimas. Era a sua oração perante o Filho e Deus. Ao verem isso, os suzdalianos foram tomados de pânico e começaram a matar-se uns aos outros. Então os novgorodianos saíram ao ataque e venceram-os. Muitos sinais semelhantes e aparições milagrosas da Virgem Santíssima há também na história búlgara, contam-se em quase todos os lugares habitados, mas não é o lugar neste livro para mencioná-los.

Não sabemos se Vanga interpretou os três símbolos. Talvez para ela não fosse necessário. O mais importante é que os partilhou com Krasimira Stoyanova, para que permaneçam também após a sua morte física como prova de que as suas ações foram ditadas por Deus, de que a sua missão na Terra continuará após um novo renascimento dela.

9. “Pesado é para mim este fardo”

A vida de Vanga, para quem a conheceu de perto, é uma provação que dura mais de 80 anos. Desde o primeiro dia após o casamento com Dimitar, começam as dificuldades, o destino dela permanece incerto e com muitas interrogações. O enxoval de noiva é apenas um xaile vermelho tricotado, um pequeno caldeirão de cobre e uma panela de cobre. É a recordação da casa paterna. Inseparável ao lado dela está Lyubka — o seu primeiro apoio até ao fim da vida. Embora em 1947 se case e depois se mude para Sandanski, as duas irmãs continuam a manter relações muito próximas.

A casa na rua «Opalchenska» n.º 10 é um antigo armazém adaptado para habitação. À frente, o grande pátio desarrumado que reunia os comerciantes nos dias de mercado. Um corredor escuro, de ambos os lados — um quartinho cada. Atrás, acrescentaram outro quartinho — cozinha, quarto de baba Magdalena e dos filhos do irmão de Dimitar. A sogra claramente era contra esse casamento. Mas era idosa e doente.

Na cidade e nas aldeias vizinhas, espalha-se que Vanga já vive em Petrich. Após a visita do czar, a sua fama cresce rapidamente. Começam a vir vizinhos pedir ajuda. Mulheres cujos maridos estão mobilizados ou nos destacamentos partidários visitam-na para saber se os maridos ainda vivem. Vanga trata-as com simpatia, pois os dois irmãos e a irmã partilham o destino dos que se opõem ao regime, apesar dos seus avisos. Familiares de desaparecidos sem rasto consultam-na.

Esta situação não agrada a Dimitar. Mas ele é mobilizado em breve. Ao partir, promete que, se regressar vivo e saudável, construirá uma casa nova para Vanga e fará com que não sinta o pesado fardo que o destino lhe impõe com a cegueira. Parece que pensava que Vanga recebia essas pessoas para ajudar a família e, ao construir nova casa, não haveria mais necessidade disso. Ela agradece-lhe a promessa e o cuidado e, por sua vez, avisa-o:

«Cuidado com a água!»

O regimento de Dimitar é enviado para a Trácia do Mar Branco, onde grassa a malária e a maioria dos soldados adoece de várias doenças hepáticas. Dimitar regressa na primavera de 1944 «meio homem», com

fígado aumentado, tremia de frio a meio do verão. Apesar do aviso de Vanga, não escutou as palavras dela.

Os meses em torno do golpe de 9.09.1944 são tempo de ansiedades e incertezas, de derramamento de sangue e dor. Em 1942, quando ainda era conhecida como a vidente de Strumica, vem ter com ela a noiva de Anton Ivanov, carregando toda a dor do sucedido. Numa carta de R. B. a Vanga, citada por Krasimira Stoyanova, encontramos pela primeira vez prova de plena manifestação das capacidades fenomenais de Vanga e isso provavelmente ocorre após o encontro com Danov e as pessoas da Fraternidade Branca. Vanga reproduz todo o processo de 1942 contra os colaboradores do CC do PCB. Não só se encarna nos papéis do acusador e do presidente do tribunal, da defesa e dos acusados, mas fala com as vozes deles. Isso faz raramente, só nos casos em que fica muito impressionada com o «visto». Mas agora já dirige intencionalmente a capacidade e encarna-se, pois R. B. em lado nenhum menciona que Vanga entrou em transe. Isso só pode fazer uma pessoa que não só tem capacidades fenomenais, mas domina perfeitamente a comunicação com o mundo astral e mental. Vanga fica tão abalada que diz a R. B. que recordará o visto (o fuzilamento) mais tempo do que ela. Consegue contactar com Anton Ivanov, com Petar Bogdanov, com os restantes condenados, transmitir a R. B. as palavras deles. No fim, diz-lhe que casará com um homem que escreve e se tornará escritor conhecido.

A provação para Vanga vem uma vez do que a vida lhe oferece, segunda vez da dor que vê no passado e futuro daqueles a quem lê. Porque daqui em diante vê tudo como gravado em fita cinematográfica — passado, presente e futuro, ouve as vozes dos próximos do interlocutor já falecidos, eles fazem perguntas, dão conselhos... Antes do golpe, são mães e esposas de partidários e soldados mobilizados, e após o golpe, familiares de condenados pelo Tribunal Popular. Fica abalada. As respostas caem uma após outra. Tão impressionada com o visto que não consegue escondê-lo.

«Túmulo! Vejo túmulo!»

Ou alegra-se juntamente com os próximos:

«Vai para casa, ele receber-te-á!»

«Vai para casa, regressará depois de ti!»

A par dessas pessoas, vêm pais angustiados que perderam filhos, desesperados pela doença de um próximo. A todos ajuda, até no desenredo de casos criminais complicados. Vê também a morte do irmão Vasil, avisa-o antes de se tornar partidário:

«Não vás! Matar-te-ão aos 23 anos!»

Procuram-na por todo o tipo de motivos — animais perdidos, objetos roubados. Não devolve ninguém, mas prioriza os casos mais graves, ligados a morte, destino cruel, doenças. Sabe previamente porquê cada um veio. Na maioria dos casos, contacta com os mortos próximos do visitante, transmite as suas ordens. Mas sempre, até ao fim da vida, quando vê túmulo fresco, as pernas fraquejam-lhe, para alguns minutos e só depois continua.

As provações espreitam Vanga também na vida familiar. Embora não se tenha curado completamente, Dimitar começa a construir casa. Ela levanta-se ainda mais escuro para preparar comida para os construtores, cozer pão, arrumar a casa, varrer fora. Durante o dia, entrega-se às pessoas que se aglomeram à porta da casa dela nesses anos tão confusos e tenta ajudar cada um com boa palavra, conselho, remédios milagrosos que só ela conhece. A casa ficou pronta, mas Dimitar adoece novamente. Evidentemente, o fígado aumentado levou a outras doenças...

As dores de estômago intensificam-se, sente-se debilitado. Vanga certamente lhe preparava ervas que só ela conhece, mas ele preferia o «conselho amigo» de beber um pouco de rakia, que temporariamente acalmava as dores.

Viciou-se no álcool. Parece que o atormentava também o pensamento de que Vanga não o escutara e não abandonara a clarividência. Construíra a casa para ela, para que não sentisse necessidade de nada e vivesse tranquilamente, do trabalho também podia ganhar dinheiro suficiente para sustentar a família. Não é de excluir que nesses tempos complicados tenha sido secretamente aconselhado a influenciar a mulher para não se ocupar mais de «vidência».

Mas Vanga há muito se consagrara às pessoas, propusera-se ajudar com as suas capacidades fenomenais e nada podia desviá-la do caminho. Dimitar fechava-se o dia todo, bebia e calava-se. Isso carregava ainda

mais a psique dela, mas já estava habituada a superar a própria dor, era pessoa forte. Sabia que Dimitar partiria muito jovem e não podia ajudá-lo. Ele não lhe dizia uma palavra — nem sobre a clarividência, nem sobre não terem filhos. Calava-se. E ela andava pela casa como sombra, chorava noites inteiras e rezava à Virgem Santíssima. Sabia que para o marido não havia salvação, mas mesmo assim rezava e esperava um milagre. Nenhum dos que vinham ter com ela sequer suspeitava da sua grande dor, da tragédia que permanecia escondida dos olhos dos outros. Por fim, o marido entra no hospital — desenvolveu novamente cirrose, o fígado começou a encher-se de água. Uma semana inteira Vanga sentou-se numa cadeira ao lado da cama do doente. Quando o médico quis dizer-lhe algo a sós, respondeu-lhe que não era necessário, sabia que chegava o fim de Dimitar. Enquanto seis meses adoeceu, Vanga esteve inseparável ao lado do marido, mas não conseguiu ajudá-lo. Partiu aos 42 anos e ela «acompanhou-o ao outro mundo». Logo no dia seguinte, começou a receber visitantes.

«Todos eles precisam de mim!» — diz à irmã Lyubka e pergunta-lhe porquê afasta as pessoas.

Vanga suporta a cruz da vida de viúva. A sua sorte torna-se mais pesada, as pessoas mais próximas estão ao lado dela, mas o apoio, o ombro masculino falta. Num momento, decide que seria melhor ir para um mosteiro. Vai primeiro a Samokov, depois a Vrachesh e Bansko. Em todo o lado não a aceitam, não porque não seja digna da vida monástica. Dizem-lhe que é mais necessária às pessoas. Então decide ir viver em Rupite.

Todos os dias vêm ter com ela pessoas diferentes com as suas dores, com boas e más intenções.

«Pesado é para mim este fardo, por isso limpo e assim me alivio.»

Com essas palavras, Vanga explica a limpeza ideal que reina em todo o lado. Levanta-se às 5 da manhã, hábito que lhe resta dos anos de infância em Strumica. Veste-se com roupas limpas, arrumadas, mas escuras. Uma única vez decidiu pôr uma blusa vermelha, oferecida por uma americana, mas uma voz disse-lhe:

«Não seduzas com as tuas roupas!»

O dia dela começa na sala de oração. Nela estão os ícones, o grande quadro da Última Ceia, sob o qual fica a cama, sempre coberta de branco. Nela expirou o marido Mitko. À esquerda está o ícone de Jesus Cristo, e à direita a Virgem. Exatamente ali ela ajoelha todos os dias, perante o candeeiro que arde dia e noite, e dirige as suas orações. Àquela ícone milagroso trazido de Jerusalém, que Vanga adora. É cristã devota e exige igual reverência à religião dos próximos. Conhece todas as igrejas e mosteiros em torno de Petrich, sabe de cor as liturgias e os ofícios divinos, conhece excelentemente a Bíblia, apesar de ser cega desde os doze anos. Gosta que Lyubka lhe leia as revelações dos profetas. Todos os dias, as orações de Vanga são a Deus, para que lhe dê forças para ajudar todos os sofredores. Tão forte e fervorosa é a sua oração que, por vezes, a sobrinha a viu orar e chorar:

«Qual é o meu destino, Senhor? A quem sirvo?»

Porque está firmemente convencida de que o seu dom é ditado por Deus, a quem rezava fervorosamente nos dias após o redemoinho, quando ficou cega para sempre. E o Senhor deu-lhe outros olhos...

Junto a esta sala fica o jardim de inverno com as flores, com as quais Vanga gosta de conversar. Levanta-se ao primeiro amanhecer para percorrer a casa e falar com cada objeto, com cada flor.

Após o jardim de inverno, vem o quarto, onde gosta de reunir-se com as vizinhas, com as mulheres que vêm ajudá-la... E em todo o lado há vasos com flores. Muitas flores, às quais está tão apegada...

Vanga ama o trabalho doméstico. Todas as manhãs, levantando-se antes de todos, acende a lenha no fogão e prepara o pequeno-almoço — ora biscoitos, ora banitsa de leite, e depois cozinha o almoço.

Após terminar a cozinha, por volta das nove da manhã, está na sala destinada aos hóspedes e começa a receber os primeiros visitantes, que há muito esperam à porta da casa dela. Regressa para o almoço muito exausta e descansa uma ou duas horas, e depois recebe novamente as pessoas que vieram. Aos domingos, vão todos juntos em excursão aos mosteiros vizinhos e a diferentes locais; Vanga senta-se de lado e isola-se. Muitas vezes vão em família a Rupite, onde após a Transfiguração do Senhor têm o hábito de ir todos os de Petrich. Cavavam buracos até sair água mineral, cercavam-na com canas e faziam banhos minerais. Isso

acontece no fim de agosto, início de setembro. Ali reúnem-se muitas famílias de Petrich que precisam de tratamento — uns de reumatismo, outros de outra doença. Esperam com interesse as noites, quando se reúnem à volta de Vanga e ela começa a contar histórias cativantes ou entoa alguma canção.

O apego dela a Rupite intensifica-se a meio dos anos cinquenta e está firmemente convencida de que aqui é o lugar mais adequado para ela. Talvez porque acredita que exatamente aqui curou uma doença que lhe restava desde a infância. Uma ou duas vezes por mês, o rosto dela avermelhava-se, cobria-se de escamas. Tratavam-no com sangria, que ajudava um pouco, mas só por algum tempo. Quando se muda para Petrich, a doença desaparece graças à água mineral.

Vanga quase não dorme. Quando à noite fecha os olhos, todas as tragédias humanas com que se deparou durante o dia passam novamente perante ela.

«Há muita dor no mundo! — diz à sobrinha. — No silêncio, especialmente à noite, ouço todos os sons celestiais. Ouço os sinos celestiais tocar a cada hora e como tudo o vivo responde a esse ritmo...»

Anos depois, conta a conhecidos que realmente à noite, em casa dela, se ouvem sons, batidas.

«Regressamos à noite com Vitka, ela adormece, e eu continuo a ouvir... Ouço... Como as dores das pessoas de dia...»

Nos primeiros anos em Petrich, perdia-se por longo tempo, ausentava-se do mundo. Depois partilhava com Lyubka que estivera em povoações desconhecidas, prisões, campos de concentração, assistira a desastres naturais.

Vanga descansa tricotando e com o trabalho doméstico. Não tem medo de nada. À noite, anda livremente pela casa, pelo pátio. Antes de deitar, todos os dias mergulha os pés numa bacia com água trazida de Rupite.

Uma vez, entra uma serpente em casa dela. Enrolou-se no tapete felpudo. Vanga pisou-a, mas a serpente não a mordeu, saiu calmamente para fora. Não a conseguiram encontrar.

Tanto antes como após o golpe, o poder vê Vanga como vidente, charlatã. Quando o marido está mobilizado na frente, da câmara municipal enviam-lhe mensagem para dar 15 dias de trabalho por mês. Sabem que ela não pode cumprir essa ordem e por isso querem dinheiro. Mais tarde, impõem-lhe um imposto impossível. Nos primeiros dias após 9.09.1944, chega um miliciano e quer levá-la ao conselho para esclarecimentos. Ela pede-lhe que espere até Dimitar regressar do mercado, mas ele é categórico:

«Ouvirás o ruído dos meus passos e seguirás atrás de mim!»

Os órgãos da ordem observam quantas pessoas por dia a visitam e quantas ficam para o dia seguinte. Atormentam-na com várias denúncias contra ela, gozam dela. Muitas vezes proíbem a sua atividade, depois permitem-na tacitamente.

O tempo após 1957, quando Plutão entra no signo de Virgem, até meados dos anos sessenta, é marcado pelo esforço do poder em limitar a sua atividade. Os ataques vêm sobretudo de alguns médicos «conhecidos», cumprindo ordem política. O conservadorismo extremo e o ateísmo vulgar esforçam-se a todo o custo por desmascarar a «vidente de Petrich», como então a chamam. À volta dela cria-se atmosfera mística, fala-se de charlatanismo, de que tira informações sobre as pessoas a quem lê de vários informadores. Isso fere profundamente a profetisa, mas está habituada há muito a tal tratamento, esperava-o, vira-o nos seus sonhos proféticos.

Finalmente, após insistência de personalidades influentes próximas de Vanga, recebe reconhecimento oficial do estado. Cuida dela uma guarda, as visitas passam a ser após marcação prévia. Assim se cumpre também a profecia do irmão Vlayko:

«Perante a tua casa haverá um poste de ferro, e a tua casa tornar-se-á clube!»

10. Eles já estão entre nós

Quando na imprensa começam a aparecer cada vez mais informações sobre extraterrestres, Vanga confia aos próximos que eles param à sua porta. Na verdade, sobre os hóspedes celestiais menciona pela primeira vez em 1979, quando partilha que a visitam há um ano. Via-os como figuras transparentes, como imagens refletidas na água. As roupas

deles brilhavam como escamas de peixe. Havia entre eles alguns com cabelos de algas, macios como penugem de pato, que Vanga supõe serem mulheres, que usavam nas costas algo como asas. Na sociedade deles havia alguma hierarquia, pois os que estavam mais alto vinham ter com ela só quando tinham de anunciar eventos excepcionais ou cataclismos. Exatamente então entrava em transe e falava com voz desconhecida para os próximos. Esta «ressoava» nela própria.

Para Vanga, são «forças», «pontos de luz», «grande espírito». Procura forma de explicar como os vê e sente, mas nem sempre encontra as palavras adequadas. Não pisam a terra, porque esta é impura. Vanga partilha com os próximos que no momento no cosmos há grande movimento de máquinas voadoras, nelas voam dois ou três seres, avisam-na para se preparar para um grande evento.

«Na Terra existiram civilizações muito mais antigas que a nossa — diz Vanga a Krasimira Stoyanova —, e no Cosmos existe paralelamente à nossa um intelecto muito mais desenvolvido. A civilização humana está no nível da idade infantil do intelecto.»

Os próximos ouvem-na muitas vezes dizer que à noite, ao regressar de Rupite, na sala dela em Petrich esperam-na os extraterrestres. Conversam longamente com ela. Ainda ao aproximar-se da casa, ouvia sons lentos e prolongados, como se um coro cantasse alguma canção. As vozes deles pareciam coaxar de rãs, mas eram melódicas, acompanhadas de sons de harpa.

Mas ao entrar na sala, paravam as canções e encontrava-os animadamente a conversar. Muitas vezes fazia-lhes perguntas. Respondiam-lhe que vêm do planeta Vamfim e é o terceiro a partir da Terra, mas não esclarecem mais. (No seu livro «Uma voz fala comigo», Teodora Stefanova também menciona o planeta Vamfim, de onde vêm os extraterrestres com quem contacta.) Um contactado da aldeia de Klyuch, a uma dezena de quilómetros de Rupite, também afirma contactar com extraterrestres de Vamfim.

Interessante é o relato de Vanga sobre a visita dela a esse planeta. Todo ele estava semeado de estrelas. Os extraterrestres moviam-se muito rápido, aos saltos. Olhava à volta, mas em lado nenhum via casas.

Quando lhe falam, as vozes ressoam como eco.

«—Os extraterrestres são muito rigorosos. Lá, no planeta deles, tudo é muito organizado e trabalha-se muito. Esses seres dizem-me que sou a ligação mais direta deles com a Terra. Comunicam com poucas pessoas do nosso planeta, controlam-nos. Não me permitem falar sobre o que ouço e vejo na terra deles. Dizem que ainda não chegou o tempo de vos contar tudo o que partilham comigo.»

Segundo o relato dela, os extraterrestres são como os nossos mais altos, mas cobertos de penugem como pintos e calçados com chinelos. Na cabeça usam chapéus como de praia e nas mãos — grandes livros como os de bacharéis. Alguns seguram ceptro. Dizem-lhe que vêm à Terra para ajudar, que são médicos e podem curar muitas doenças.

Uma noite, Lyubka encontra Vanga no meio da sala. Ao entrar, a porta exterior bateu forte, e Vanga reage:

«—Não fales alto nem faças barulho, porque na casa há muitas pessoas!»

Depois contou-lhe que se sentaram em círculo à volta dela e disseram-lhe para ouvir atentamente o que lhe contariam sobre o futuro. Avisaram-na para não temer nada, pois à porta dela há um poste de ferro que a protege. (Lembram-se da profecia do irmão Vlayko?)

Muitas vezes, quando o rádio interrompe a emissão, Vanga é categórica: Eles vieram novamente e pararam exatamente sobre a casa dela. Noutra conversa, afirma que muitas vezes vêm ter com ela golfinhos e queixam-se de que debaixo deles a água fica muito quente...

Tudo isso, para uma pessoa comum, pode soar a invenção ou conto de fadas. Mas Vanga não é pessoa que goste de fantasiar. Geralmente retransmite com as suas palavras o que vê. Mas nem sempre. Por vezes cala muitas coisas, especialmente se julgar que não é adequado dizê-las ao interlocutor. Mas sobre os extraterrestres fala livremente, sem reservas, como se na sua aparição não houvesse nada de extraordinário.

Em agosto de 1991, numa conversa com o prof. Dimitar Filipov, Vanga pergunta de repente:

«—Porquê tantos extraterrestres circulam à nossa volta? Há mais de 40 anos que observo, mas tal maravilha nunca houve. Agora, de repente, apareceram tantos!»

É a época em que cada vez mais pessoas visitadas por extraterrestres vêm ter com Vanga. Ela não entra em contacto com esses hóspedes cósmicos, mas descreve-os. Sobre um diz que o nome dele é Iza e é da tripulação de uma nave extraterrestre. Há milhares de anos fizeram tentativa infrutífera de contactar com a civilização terrestre e visitam-nos novamente. Descreve também a aparência do então famoso Kiki. Parecia um pintainho no ovo, com cabeça de pássaro, mas olhos humanos. Pelo corpo tinha escamas como penugem de galinha, tinha 30 anos, magro. Vinha do planeta Izyun, da constelação Capricórnio. Disse-lhe que ela é a única no mundo...

À pergunta de Boyka Tsvetkova se há pessoas que conseguem contactar com extraterrestres — vê-los e falar com eles, dizer o que é um OVNI —, Vanga é categórica:

«—Como não há... São poucos, mas com o tempo serão cada vez mais...»

Mesmo que aceitemos que tudo dito até aqui seja inventado pelos próximos dela para buscar alguma sensação, há um facto da vida de Vanga que não podemos ignorar. Trata-se dos voos espaciais dos cosmonautas americanos à Lua. Partilha que observava cada passo deles, via o que eles viam e ficou abalada:

«Eles não contaram nem quanto um grão de mostarda do que viram lá!»

Muitos anos após Vanga proferir estas palavras, na sociedade tornaram-se conhecidos alguns factos que as confirmam. Ficou claro que durante os voos das naves «Apollo» e «Gemini», os cosmonautas viram coisas que não tinham direito de mencionar a ninguém. Os voos dessas naves foram seguidos de perto e de longe por objetos voadores de origem extraterrestre. O código com que se comunicava sobre eles à Terra era «Pai Natal».

«—Acabámos de nos convencer de que o “Pai Natal” existe — relata o comandante do “Apollo 8” James Lovell, sobrevoando o lado escuro da Lua.»

Em 1975, a revista «Modern People» publica muitas fotos de OVNI's feitas por cosmonautas, que não é o lugar aqui para enumerar por anos e voos espaciais. Apenas mencionaremos que uma delas foi tirada por Edwin Aldrin na véspera do pouso na Lua.

No seu livro «Os nossos antepassados vieram do cosmos», o antigo funcionário da NASA Maurice Chatelain escreve:

«Foi expressa a suposição de que o “Apollo 13”, que, como se sabe, não conseguiu pousar no nosso satélite, levava a bordo uma carga atômica. A bomba atômica devia ser detonada na Lua... Dizem que a misteriosa explosão que destruiu um dos reservatórios foi provocada por um “disco” que seguia a nave espacial.»

Interessante é a conversa entre os primeiros cosmonautas que pousaram na Lua — Armstrong e Aldrin — e a torre de controlo na Terra.

«—À volta vejo grande quantidade de pequenas crateras — diz Armstrong e cala-se por um instante. Pouco depois acrescenta:

—Com tamanho de 6 a 15 metros... E... a distância de cerca de meia milha de nós veem-se rastros que parecem deixados pela lagarta de um tanque...»

O segundo cosmonauta — Aldrin — começa a usar no relatório o código:

«—Há pouco “cor”, mas alguns blocos de pedra podem contê-lo...»

E Armstrong continua:

«—Que a base cósmica esteja pronta para qualquer eventualidade...»

Os dois cosmonautas saem da nave apenas após 10 horas de tempo de controlo.

Durante o voo da «Apollo 12», os jornais escrevem que a bordo reina uma certa nervosidade e que os cosmonautas falam de «inimigo cósmico» e «objetos voadores misteriosos». Durante o voo da «Apollo 14», o cosmonauta Young teve de puxar uma alavanca para que a cabina «Orion», já desnecessária, caísse e se despenhasse na Lua. Young «esqueceu-se» de fazer isso...

Durante a transmissão em direto do voo da «Apollo 11» e da visita dos dois cosmonautas à Lua, ouviu-se um som semelhante ao de um apito de locomotiva e, depois, ao de uma serra elétrica. Esse som, tal como a voz do porta-voz da NASA, foi ouvido por milhões de espetadores: «Têm a certeza de que não comunicaram com eles?», perguntavam da torre de controlo.

As observações de Armstrong e as suas palavras foram transmitidas já numa outra frequência, que foi intercetada por radioamadores: «O que é isto?», ouve-se a voz de Armstrong. «O que raio está a acontecer aqui? Gostaria mesmo de saber o que se passa aqui!» E, ao fim de um ou dois minutos: «Aqui há objetos enormes, senhor! Enormes! Meu Deus! Estão posicionados do outro lado da cratera! Estão na Lua!»

Aqui poderiam ser mencionados muitos mais factos relacionados com o programa espacial norte-americano de conquista da Lua e de investigação de OVNIs. E todos eles confirmam novamente as palavras de Vanga sobre extraterrestres e sobre o que os cosmonautas viram na Lua. Se ela realmente, como afirma, esteve juntamente com os cosmonautas e viu o que eles conseguiram ver, é muito provável que tenha ficado com as mesmas impressões, espantada com o que viu.

Vanga fala com grande amor de Lúri Gagárin, conhece as pessoas que contactaram com ele. Quando o ator Viatcheslav Tikhonov se encontra com ela, Vanga pergunta-lhe pelo primeiro cosmonauta e, entre outras coisas, faz-lhe esta pergunta: «Por que não cumpriste o desejo do teu melhor amigo Lúri Gagárin? Quando partia para o seu último voo de teste, ele veio a tua casa e disse-te: “Não tenho tempo para comprar, por isso peço-te muito que compres um despertador, como se fosse eu a comprá-lo, e que o guardes na tua secretária. Que esse relógio seja uma recordação minha!”»

Tikhonov desmaia no primeiro instante. Ele realmente prometera comprar o relógio, mas não conseguira mostrá-lo ao amigo, porque chegara a hora trágica para o cosmonauta. Mas Vanga é categórica ao afirmar que Gagárin não morreu durante um voo de teste, mas foi levado por extraterrestres. E Valentin Sidorov afirma que Vanga disse na sua presença: «Gagárin sofreu uma morte de fogo e tornou-se iniciado. Agora está no seu corpo celestial. A sua alma está viva e brilha como uma estrela.»

Outro caso bastante estranho é descrito por Krassimira Stoyanova, quanto ao qual hesito se o devo relacionar com encontros com extraterrestres ou com as invulgares excursões de Vanga ao passado. Trata-se do homem com a carta misteriosa, que deixa à sobrinha de Vanga um papel com uns «rabiscos». Ela esquece-se de lho mostrar à tia, mas Vanga é perentória. Quer ver o papel e declara: «Sim, mas não é uma tolice!»

Verifica-se que se trata de uma escrita desconhecida no mundo, de algo de há milhares de anos – um caixão de pedra, escondido bem fundo na terra. Nele está registada a história do mundo – dois mil anos para trás e dois mil anos para a frente no nosso dimensionamento humano do tempo. Foi colocado na terra por pessoas que chegaram do Egito. Mas ainda não chegou o momento de ser descoberto e de a escrita ser decifrada.

Vanga descreve detalhadamente o local e diz a Krassimira Stoyanova que deve ir lá no dia 5 de maio, devido à posição dos corpos celestes – o nascer do Sol e o nascer da Lua. A sobrinha vai realmente com um grupo de amigos ao local no dia marcado. Um raio de sol brinca nas rochas e desenha um grande triângulo com o vértice apontado para a terra. E à noite, sobre as rochas, como num ecrã, destacam-se duas figuras enormes – um homem idoso com uma túnica até ao chão e cabelo até aos ombros, que segura na mão direita uma espécie de bola ou aparelho. Atrás dele vê-se um homem jovem, que a autora supõe ser um faraó, sentado num trono. Na cabeça traz um chapéu alto e das orelhas saem protuberâncias como antenas.

Será isto uma ilusão ou apenas um facto de outro mundo espiritual que aparece na Terra com um campo material único? As observações dos cosmonautas americanos Armstrong e Aldrin na Lua provam irrefutavelmente a realidade das palavras proferidas por Vanga. Para os habituados às realidades materiais, isto soa a ficção artística. Mas ao que foi dito por Vanga, que é infalível tanto no diagnóstico como na cura e nos contactos com pessoas há muito trasladadas para outro mundo, com as suas maravilhosas excursões para a frente e para trás no tempo, não se pode deixar de acreditar. E também à sua surpresa perante conhecidos e desconhecidos: «Por que se admiram? Eles já andam entre nós!»

Nem sempre Vanga é tão completamente franca com os seus visitantes que a procuram para contar os seus contactos com extraterrestres. Alguns deles foram alvo de violência, outros obtêm conhecimento dos recém-chegados. Ela compreende-os, mas fica confusa. Depois dá-lhes o conselho mais sábio: recomenda-lhes que jejuem, que se confessem e que comunhem. Está certa de que, se for um dom de Satanás, depois da comunhão essa capacidade desaparecerá, e se for de Deus, fortalecer-se-á, mas duvida de muitos visitantes que afirmam ser objeto de particular reverência divina. Porque Deus não concede tal dom sem que a pessoa tenha feito um esforço. Só Satanás concede dessa maneira. Mas depois o preço a pagar é muito alto.

Terão os santos, cuja vida foi cheia de jejum, oração e dedicação, sido recompensados por Deus em vida? Que dizer então das pessoas comuns?

A história da humanidade desde a antiguidade até aos nossos dias está cheia de casos em que extraterrestres apareceram perante as pessoas, no céu viam-se diferentes máquinas voadoras e rastos de fogo... Em defesa destas afirmações foram escritas muitas páginas, tantas outras foram escritas para as negar. E quer chamemos a isto aparição de extraterrestres ou fenómenos naturais inexplicáveis, manifestações inexplicáveis das possibilidades do cérebro humano, da psique humana, o certo é que os factos existem. Mais recentemente ganharam popularidade os «objetos voadores não identificados» – OVNI's, ou as chamadas «discos voadores».

A primeira comunicação é de Kenneth Arnold, piloto americano, que em 1947 observou corpos semelhantes a discos ou pratos. No mesmo ano chegam mais 156 relatos de tais objetos, e nos anos seguintes milhares mais. Alguns cientistas explicam isto com psicose coletiva, histeria coletiva e, daí, sugestão coletiva, admitindo-se a probabilidade de naves espaciais de civilizações alienígenas que visitam a Terra em diferentes intervalos de tempo. Sobre eles escreve mais pormenorizadamente o hoteleiro suíço e autor de bestsellers Erich von Däniken. Nos seus livros e em muitos artigos desde 1960, coloca mais de 200 questões e apresenta muitos factos que ajudariam a sustentar que já na antiguidade a Terra foi visitada por naves espaciais alienígenas e que os deuses das mitologias dos diferentes povos foram os antigos

astronautas. Nesta direção trabalha também o escritor americano Charles Berlitz, que desenvolve o tema da Atlântida submersa, de lugares misteriosos como o Triângulo das Bermudas, o Triângulo do Dragão, etc. Sobre o Triângulo das Bermudas, Berlitz supõe que lá, no fundo do mar, se encontra aparelho de protoastronautas que outrora visitaram esse lugar. Como prova apresenta também os restos de muralhas descobertos no fundo do mar na ilha de Bimini (ilhas Bahamas). A causa dos frequentes desastres nessa zona, segundo Berlitz e Edgar Cayce, são os geradores de cristal ainda em funcionamento, restantes da civilização atlante. Outras hipóteses chegam à conclusão de que ali se encontra uma entrada para outra dimensão no tempo e no espaço.

«Depois de 200 anos», partilha Vanga, «o homem estabelecerá contactos com irmãos em razão de outros mundos. Um aparelho húngaro captará primeiro sinais do Cosmos.»

«O mundo sofrerá muitas mudanças. Subirá e descera... O equilíbrio surgirá quando seres não terrestres começarem a falar com os humanos.»

É difícil afirmar que o futuro do nosso mundo grosseiramente material provará a veracidade das palavras proferidas por Vanga. Mas vive a esperança hipotética de que o nosso mundo espiritual alcance maior perfeição daqui a dezenas de anos e que finalmente compreendamos quantas coisas estranhas na nossa vida a profetisa acertou. Segundo ela, isso talvez só aconteça daqui a 200 anos.

11. O teste continua

No final dos anos sessenta, o tempo de prova parece ir-se embora. Por mais que o poder procure limitar a sua popularidade e travar o fluxo de pessoas, é difícil impedir que alguém em apuros ou doente com uma doença sem cura procure encontrar-se com a profetisa. Ao mesmo tempo, visitam-na secretamente pessoas dos círculos altos da vida política, perante as quais há algum problema a resolver, e a milícia recorre a ela para deslindar casos criminais. Provavelmente sob influência dos próximos dos poderosos, que receberam ajuda de Vanga, e graças aos esforços do dr. Georgi Lozanov, o poder adota outra tática.

A 3 de outubro de 1967, ela é nomeada com salário como colaboradora do Instituto de Sugestologia.

Dela já se fala abertamente como de um fenómeno, em alguns jornais centrais infiltra-se informação sobre as suas incríveis capacidades. Visita-a o prof. Yankov e, após longa conversa com Vanga, sai para junto dos que esperam à porta da casa dela e diz-lhes que Vanga é um fenómeno maravilhoso, que a natureza dotou de reverência esta casa simples. Para ele, trata-se de um dom só do alto e aponta com o dedo para o céu. Nessa altura ele é uma grande autoridade e causa forte impressão tanto nos presentes como nos poderosos.

Devido a uma série de circunstâncias, nos anos setenta e até ao final dos oitenta, Vanga obtém possibilidade de se manifestar. Não só ajudando as pessoas. Ela avisa sobre os acontecimentos na Checoslováquia, sobre o terramoto em Skopje, sobre a guerra no Afeganistão, sobre os acontecimentos no Líbano. Vê as mudanças que ocorrerão na URSS e no mundo, indicando o ano exato – 1985 («daqui a seis anos», diz ela em 1979). Se juntarmos as suas profecias sobre o destino de Indira Gandhi e do seu filho, de Jacqueline Kennedy e de Jimmy Carter e de muitas outras personalidades notáveis, podemos compreender por que razão ela ganha fama de fenómeno mundial.

A primeira tentativa de trazer a público o dom de Vanga faz-se em 1966 num artigo de Emil Hristov no jornal «Pogled», onde há também uma entrevista com o dr. Georgi Lozanov. Trata-se, na verdade, da primeira tentativa séria de abordar o tema relacionado com o fenómeno Vanga. Noutros países, especialmente na então URSS e nos EUA, também manifestam interesse por ela. Em 1970, ela é incluída num livro publicado nos EUA sobre capacidades paranormais de pessoas dos países socialistas. Aí Vanga é apresentada com o apelido Dimitrova. Anos mais tarde é rodado um filme sobre ela, que, segundo muitos especialistas, é falhado...

Inicialmente é destacado para Vanga um miliciano reformado, que a protege e sempre a acompanha quando sai de casa. Um ano depois é nomeado um motorista, dão-lhe um carro, é contratada uma mulher para cuidar da casa em Rupite. Chega uma equipa de especialistas – médicos, psicólogos, neurologistas com diversos aparelhos, gravadores. Fazem-se exames completos, monitoriza-se o campo eletromagnético

em torno de Vanga quando realiza as suas sessões, inquirem-se as pessoas que a visitam.

O salário dela é de 200 levs e durante anos ela poupa esse dinheiro com o objetivo de construir uma casa para crianças, mas a ideia fica por realizar. As recomendações do dr. Georgi Lozanov são de que receba 5-6 pessoas por dia, para se preservar. Mas junto do secretário da câmara municipal inscrevem-se 100 pessoas por dia e assim a «vidente de Petrich», conscientemente ou não, transforma-se numa máquina de fazer dinheiro, que vai para o tesouro dos governantes. O dr. Lozanov é afastado do cargo de diretor do Instituto de Sugestologia e proibido de se ocupar de Vanga. A taxa estatal por cada visitante é de 10 levs para búlgaros, 20 levs para sérvios e 50 levs para estrangeiros.

Não faltam, de vez em quando, manifestações de negativismo por parte do poder. Um dia fazem uma busca completa à casa dela em Petrich, confiscam tudo, depois devolvem algumas coisas, outras os próprios milicianos ficam com elas. Esta cena sinistra abala Vanga e ela adoece. Trata-se talvez de uma reação do poder devido a uma profecia dela proferida em 1967, quando Vanga entra em transe: «Lembrem-se de Praga! Grandes forças pairam sobre a cidade e gritam: “Guerra! Guerra! Praga transformar-se-á num viveiro de peixes, onde pescarão peixe!”»

Na verdade, o teste continua. Todos os dias, todas as horas, todos os minutos. O afluxo de pessoas não lhe pesa. Há casos em que o responsável pelas inscrições se cansa de registar os que passaram durante o dia, e Vanga pergunta se ainda há mais. Ela claramente não consegue interiorizar os avisos do dr. Lozanov. Compreende-os muito mais tarde, quando o quotidiano extenuante começa a afetar as suas capacidades e a sua saúde.

Em 1971, Plutão entra no signo de Balança. Chega o tempo da guerra silenciosa, da aspiração ao esgotamento económico do adversário e, ao mesmo tempo, da penetração no cosmos. Cada vez mais frequentemente começam a aparecer diversos fenómenos misteriosos, o mundo volta novamente às velhas enigmas como o Triângulo das Bermudas e começa a relacioná-los com OVNI e os segredos do universo.

Desde o início deste período datam também as estreitas relações de Vanga com Lyudmila Zhivkova. Esta amizade espiritual delas contribui muito para proteger Vanga de situações como a da busca policial. Elas veem-se frequentemente, falam ao telefone. Há algo muito próximo entre as duas. Vanga viveu o tornado que a elevou alto nos céus, e Lyudmila uma violenta acidente de viação. Logo após o desastre, vão ter com Vanga e levam-lhe a mala de Lyudmila.

«Meu Deus, o que aconteceu? Que pressa foi esta?», reage ela no primeiro momento. E depois é categórica ao afirmar que Lyudmila Zhivkova não morrerá.

Após o acidente, Lyudmila fecha-se no quarto, não quer ver ninguém. Deste estado tira-a uma amiga próxima, que a introduz na filosofia oriental, no ensino dos iogues. Assim, gradualmente, ela entra numa esfera espiritual próxima da de Vanga e a sua aproximação é algo natural. Lyudmila Zhivkova conhece Svyatoslav Roerich, mergulha nas profundezas da história, apoia investigações relacionadas com os trácios, aprofunda as ligações culturais da Bulgária com os descendentes de civilizações antigas e com estados de história milenar...

Nascida sob o signo de Leão, está convicta de que o fogo é o seu elemento. Conhece e valoriza os trabalhos da Sociedade Teosófica, de Dunov e da Fraternidade Branca, que nos anos setenta do século XX são tabu para o búlgaro comum. Pode dizer-se que no último período da sua vida ela é uma convicta seguidora de Dunov. E até hoje pairam algumas enigmas em torno da sua morte.

Vanga sente que tem ao seu lado uma pessoa espiritualmente próxima, vê-a como uma filha; as duas fecham-se durante horas, quer na villa de Lyudmila em Sófia, quer no mosteiro de Rila, e conversam. Vanga orienta-a antes das viagens dela à Índia e ao México. Cria-se uma ligação espiritual sem igual. Porque ambas trabalham para o crescimento espiritual da Bulgária, cada uma à sua maneira específica, mas complementam-se. Talvez por isso a profetisa fique surpreendida com a morte de Lyudmila Zhivkova: «O céu não me disse!»

Até hoje persiste a opinião de que Lyudmila Zhivkova não morreu de morte natural, mas foi vítima da sua aspiração a que a Bulgária seguisse

uma política cultural independente. Fala-se de uma discussão dela com membros de uma delegação militar da URSS ou do Pacto de Varsóvia, que nessa altura estavam em Varna, de onde Lyudmila Zhivkova regressou urgentemente a Sófia no seu último dia terreno. Vanga, por seu lado, supõe que Lyudmila se desesperou e acrescenta que para o desespero não há remédio. Será que a profetisa viu o causador da morte de Lyudmila sem compreender quem fora o instigador?

No final dos anos sessenta, muito próximos dela estão Venko Markovski e Ivan Arzhentinski. Após uma publicação crítica num jornal da capital, eles arranjam-lhe imediatamente uma reunião com Todor Zhivkov. Ele promete apoiá-la. Durante a conversa, ela pensa continuamente em Rupite. Após uma das suas excursões até lá, na noite seguinte aparece-lhe Santa Petka. Diz-lhe que deve instalar-se junto às fontes termais.

«Quero que venhas viver aqui! Constrói aqui a mesma igreja que a anterior e chama-a Santa Petka Búlgara! E, com a ajuda de Deus, encontrar-se-ão pessoas para ajudar e serão restaurados os restantes monumentos e templos...»

Ela vai novamente, observa o local e declara categoricamente: «Aqui será!»

Depois, partilha frequentemente que o lugar é extraordinário, especialmente uma clareira redonda, cercada por montanhas, plana, abrigada, escondida de olhos maus. Há um facto estranho da vida do grande revolucionário macedónio Boris Sarafov, irmão do ator Krastyo Sarafov. O revolucionário, disposto a derramar o seu sangue cem vezes pela liberdade da sua pátria querida e que não acredita nem em Deus nem no diabo, num dado momento, ao preparar a Revolta de Ilinden, é categórico ao afirmar que a montanha Kozhuh deve ser o centro da revolta, a base onde se devem organizar, que a montanha os protegerá e que o exército turco não lá chegará. Não lhe deram crédito, mas ele continuou a afirmar isso até à sua morte, sem ele próprio conseguir explicar porquê.

Vanga, essa sim, é categórica ao dizer que o vale de Rupite está cheio de uma grande força, que pode ser transmitida àqueles que o visitam. Muitos anos depois, em 1991, reúnem-se as pessoas mais próximas dela, escrevem os seus nomes num papel, envolvem nele uma certa quantia

de dinheiro e enterram-no na terra com o desejo de que aqui se construa um templo de Deus. Vanga ainda vive numa casinha construída à pressa por voluntários, que vai ampliando gradualmente. Mas a ideia de uma igreja em nome de Santa Petka continua a preocupá-la até se tornar realidade.

Após o encontro com Todor Zhivkov no final dos anos sessenta, ela obtém autorização para receber pessoas. As listas já se fazem com meses de antecedência. Pela segunda vez, volta a encontrar-se com Todor Zhivkov para pedir a sua ajuda na construção de uma casa para crianças em Petrich. Alguns anos depois, vem ter com ela Leonid Brezhnev, em busca de cura para as suas doenças e para ouvir o futuro que espera a URSS. A história repete-se com Konstantin Chernenko, Kirsan Ilyumzhinov, com intelectuais mundialmente conhecidos como John Cheever, William Saroyan, John Colombo, Sergei Mikhalkov, Leonid Leonov, Rasul Gamzatov. Assim, Vanga já é uma autoridade incontestada. Os seus amigos são todo o elite intelectual da Bulgária, o círculo de Lyudmila Zhivkova. Vanga encontra-se em Sófia com Indira Gandhi, mas não há pormenores sobre esse encontro, ao qual assistiu apenas o tradutor. Partilha apenas que Indira Gandhi é uma grande mulher. Mais tarde, avisa-a sobre os acontecimentos que lhe sucederão.

Com os anos, Rupite torna-se um centro de atração para muitas pessoas. O desejo dela de ver a antiga cidade de pedra branca novamente cheia de gente realiza-se. Segundo ela, aqui havia igrejas maravilhosas e monumentos de arte. Depois, um vulcão entrou em erupção e sepultou tudo.

O quotidiano de Vanga é monótono. Na verdade, continua o regime de Petrich. Recebe pessoas até o sol atingir o zénite. Depois, senta-se para almoçar com familiares e amigos. A sua ajudante mais próxima é Atidzhe. Com ela fala em turco (Vanga cresceu numa atmosfera em que rapidamente aprendeu a língua do vizinho). Está rodeada de flores, tal como sonhara na juventude. Rega-as, fala com elas. Em cada dia das almas, gosta de receber uma nova flor. Trata-as como seres vivos. Na verdade, todos os sábados comunica com os mortos e com as flores.

Recentemente, foi confirmado cientificamente que as flores e as plantas possuem rudimentos de inteligência. As longas investigações do académico Tony Trewavas, da Universidade de Edimburgo, levaram à

conclusão de que as plantas são capazes de pensar quase da mesma forma que os animais. Preveem possíveis cataclismos, têm memória do passado. O académico supõe que as flores absorvem informação e a processam, como acontece no cérebro dos animais ou do homem. Daí a sua conclusão de que as flores e as plantas têm alguma forma de inteligência.

Não se trata de um instinto desenvolvido no decurso da evolução. Elas representam 99 por cento da biomassa terrestre e isso prova que são as que melhor conseguem entender-se com a natureza. Segundo o académico, inteligência possuem apenas as plantas que vivem na natureza selvagem, mas como explicar então a expressão de Vanga «As minhas flores falam comigo»? Não prova isso que as afirmações do académico Trewavas se aplicam a todas as plantas da terra?

Não se pode dizer que os seus próximos não cuidem dela. Até que, num momento, discutem com Dimitar. O filho insiste em reparar o quarto onde ela recebe os visitantes, porque é húmido e sombrio. Vanga reage violentamente, recusa inicialmente, é preciso chamar outros próximos para a convencerem. Por fim, aceita, mas a cada hora pergunta se o quarto já está pronto.

Aqui há sempre hóspedes. Para eles, ao fim da tarde, Vanga prepara o jantar ou indica à mulher que ajuda em casa o que cozinhar. À mesa travam-se conversas interessantes. Ela conhece a genealogia de cada um daquela região, pergunta às mulheres como limpam a casa, o que cozinham, o que tricotam. Aos hóspedes de longe faz perguntas relacionadas com o seu quotidiano – cuidam bem da casa, olham para homens ou mulheres alheios, bebem, fumam. E a todos aconselha a lerem mais frequentemente a Bíblia.

Como se as dificuldades que a visitam todos os dias não lhe fizessem impressão, o seu organismo é inesgotável. Não se cansa de aconselhar, de ensinar o bem, de avisar. Com os hóspedes e com aqueles que vêm como quem procura ajuda, comporta-se livremente, diz imediatamente o que vê e pensa, desde que não esteja relacionado com morte ou consequências trágicas. Como se compreendesse que as pessoas modernas precisam de algum corretivo moral e ela sabe dar-lho. Aconteceu roubarem algo da casa dela, mas ela é categórica: «Ele próprio mo devolverá.» Ou recorda que para tudo neste mundo há

retribuição. E essa, de facto, não se faz esperar. Durante a busca, um dos milicianos roubou da casa dela um transistor «Sokol». Ela é categórica: «Ele próprio o trará.»

E, de facto, quinze anos depois, o miliciano vem, já gravemente doente, e confessa que roubara o transistor. Noutra ocasião, crianças roubaram do guarda-roupa dela um vestido muito bonito de veludo. Ela diz: «Elas próprias o trarão.» E quando elas realmente vêm, pergunta-lhes: «Então, rapazes, o que ganharam com isso? Compreenderam que nada fica escondido?... Ide-vos embora e nunca mais repitais isto!»

Dos feriados, Vanga honra primeiro o seu dia onomástico – a Anunciação. Não passa ao lado da Domingo de Ramos, do São Jorge, do Domingo do Perdão. Os grandes feriados são, para ela, ocasião para recordar aos mais próximos como é o ritual cristão e que devem cumpri-lo rigorosamente. Assim é no Natal, na Páscoa, na Epifania, no Dia da Exaltação da Cruz. Nos anos setenta, durante a Quaresma pascal, tricota um grande e belo xaile em azul elétrico. Depois, chama um padre e diz-lhe que o tricou durante 40 dias e 40 noites e que em cada malha pronunciou uma oração por todas as pessoas da terra. Pede que o xaile seja benzido no dia de Páscoa e fique na igreja. Para que com ele cubram os doentes de insónias e dores de cabeça. No dia de Santa Petka prepara kurban para todos os que a visitam e isso repete-se todos os anos. Ao ir à igreja, irrita-se com as mulheres que, em vez de escutarem a oração, conversam entre si: «Por que não ficam em casa, em vez de atrapalharem aquelas que querem ouvir a palavra de Deus?»

A sua relação com a religião é tão pura e genuína que surpreende todos os que testemunharam como ela celebra estes santos dias. Nas panikhidas pela alma do marido, distribui um pratinho com trigo cozido, algumas azeitonas e um copo de vinho. Indigna-se com o grande desperdício durante um funeral ou uma comemoração: «Para o morto, o importante é a honra dos vivos para com ele, não a comida!»

Um dia, ao entrar em transe, Vanga vê a mãe, vestida como uma faraó egípcia. Esta pede-lhe que vá a Paris, à catedral de Notre-Dame, para se encontrarem e indica o local do encontro. Não lhe permitem sair da Bulgária. Só após 15 anos consegue pedir a pessoas próximas que vão à catedral. Durante todo o tempo, ela está com aquele a quem

encarregou da visita. Quando ele regressa, não o deixa contar-lhe, mas começa a descrever-lhe pormenorizadamente o que aconteceu.

«Por que não se confessaram? Talvez a vós fosse destinado tocar aquilo a que eu, daqui, não pude?»

Essa é, na verdade, a última encontro de Vanga com a mãe. Mas reforça nela a decisão de, a todo o custo, construir um templo em nome de Santa Paraskeva ou Petka Búlgara, e assim honrar também a memória da mãe, que também se chamava Paraskeva.

Mais uma vez, a 30 de maio de 1988, Vanga encontra-se com a Santíssima Virgem ou com Santa Petka – ela não consegue precisar. Estava vestida com uma brilhante roupa prateada e encontrava-se diante das pessoas que aguardavam a sua vez. Quando os primeiros visitantes entraram, a mulher elevou-se a dois metros do chão. Trata-se talvez de um dos seus últimos encontros com o mundo que a protege e por cuja causa ela suporta todas as dores terrenas. O mundo do Cavaleiro Radiante, o mundo da Santíssima Virgem.

12. «Por que me deste esta dádiva, Senhor?»

Vanga faz frequentemente esta pergunta a si mesma. Sabe que se trata de uma prova divina, mas hesita continuamente – se é tentação ou prova para afirmar a sua fé. E o problema do supersensorial, das pessoas com capacidades paranormais, inquieta cada vez mais a civilização contemporânea. É inegável que Vanga possui capacidades extrassensoriais. Mas, como ela, há outros no mundo e ela sabe deles. Tal como outrora Peter Dunov sabia dela e conseguiu convidá-la para um encontro com os mais próximos do Irmandade Branca de uma forma invulgar. Assim procede também Vanga com alguns dos mais conhecidos extrassensoriais. Quando compreende que, entre os que esperam diante da sua casa por conselho e cura, está a mãe de Teodora Stefanova, enlouquecida pela angústia de que a filha há dias não sai do coma em que caiu, chama-a e diz:

— Teodora acordará daqui a onze dias, extraterrestres cuidam dela. Ser-lhe-á dada uma dádiva na vida, mas ela deve mudar muito. Deve dedicar-se a ajudar os outros...

Ao sair do hospital, Teodora vai encontrar-se com Vanga. A profetisa percebe imediatamente que ela está entre os que esperam e chama-a.

«Quando entrei na ponta dos pés, sem fazer barulho – escreve Teodora Stefanova –, ela sorriu-me. O sorriso desta mulher idosa de cabelos grisalhos e rosto solar iluminou toda a sala e aqueceu-me o coração. De repente, senti-me bem, em paz e em lugar seguro.

— Foste escolhida, Teodora, a tua vida foi-te dada de novo. Não te deixaram morrer, porque assim estava escrito: tu deves viver... Vais percorrer o mundo, todos saberão de ti, as pessoas amar-te-ão porque lhes trarás o bem. Terás sucesso e ajudarás muitas pessoas... »

Estas palavras são dirigidas a Teodora Stefanova, uma das extrassensoriais mais populares não só em Itália, mas na Europa, nos dias em que sai do hospital e ainda não sabe qual será o seu destino. Tudo o que Vanga disse já se cumpriu.

Quando vê duas esferas amarelo-fogo em março de 1991, as mãos da varnense Dimitrina Staykova tremem e ela começa a desenhar coisas que não compreende. Decide ir ter com Vanga e, a 18 de março, espera pacientemente à porta dela juntamente com a mãe. A mãe já lá estivera uma vez e Vanga dissera-lhe que Dimitrina nascera com sorte e que curaria. A profetisa chama-a, acalma-a, diz que tudo correrá bem, que a filha terá a capacidade excecional de ver o que os outros não veem, que será vidente. As suas palavras cumprem-se rapidamente e Dimitrina Staykova torna-se uma das conhecidas extrassensoriais em Varna.

Vanga mantém contactos próximos com Vera Kochovska, interessa-se pelo que acontece com ela, como correu a estadia no Japão. Trata com respeito Stela Dimitrova, mas sobre muitos outros fala com cepticismo e critica duramente o facto de cobrarem dinheiro a doentes e infelizes. Ela própria recusa que a chamem extrassensorial. Ao «homem-raios X» Grigory Grabovoy declara categoricamente:

— Quem te disse que tens uma dádiva? És fraco, fraco... Abre a Bíblia para veres o que lá está escrito. Fazes tudo, mas só reza a Deus para que não venha o rei Herodes...

— Onde está o teu pai? Morreu. O quê? Queres ressuscitá-lo?... Meu Deus, vocês todos são loucos...

Não é o destino semelhante, mas o acaso que leva Lyudmila Kim até Vanga. Em 1983, lê nos jornais sobre Vanga e decide que só a profetisa búlgara pode ajudar o seu filho doente. Passa por muitos obstáculos até

que, finalmente, graças a Olga Garvanska, consegue chegar a Petrich, a Rupite.

— Ah, eis que agora chega a coreana — recebe-a Vanga. — Chama-se Lyudmila Kim e tem 44 anos. Cura as pessoas como Djuna. Vamos ver qual delas é mais forte!

Imediatamente se revelam o humanismo e a ética que sempre guiam Vanga nos seus encontros. Ela não começa com perguntas sobre a criança doente. Lyudmila Kim expressa a sua dor:

— Pode o Alick ser curado?

Vanga é categórica ao afirmar que a criança será curada. Por sua vez, também ela se dirige com um pedido a Lyudmila Kim:

— Não me sinto bem, tenta ajudar-me...

Após a sessão de Lyudmila Kim, durante alguns minutos, sente-se melhor...

— Agora és como da família para mim — conclui Vanga o seu primeiro encontro com a «coreana». — Vem ter comigo quando quiseres. Em setembro, lembraste? Trar-me-ás as roupas do teu filho, unhas e cabelos e um frasco com água de Moscovo...

No encontro seguinte, Vanga pergunta-lhe:

— A tua mãe está viva?

Após Lyudmila Kim responder afirmativamente, volta a dirigir-se a ela com uma pergunta:

— Então quem veio contigo? — e descreve pormenorizadamente a mulher que vê estar ao ombro direito de Kim.

— É a minha avó!

Segue-se a reação correspondente de Lyudmila Kim, ao afirmar que Vanga é protegida por São Jorge, o Vencedor. Vanga não demora a responder:

— Viste-o? E a ti, nesta vida, ajudam-te São Nicolau, o Taumaturgo, e a mesma mulher...

— Sabes — partilha Vanga com Lyudmila Kim —, só tu e mais alguns próximos se lembram de me perguntar não pelo vosso, mas pela minha saúde. Eu já estou a esgotar-me. Pedi a Deus que me permitisse descansar, mas ainda não chegou o meu tempo.

Conversam também sobre temas profissionais. Kim pergunta a Vanga se as pessoas devem ser curadas à maneira de Alan Chumak. Vanga é categórica: em sessões coletivas é fácil causar dano, as pessoas estão excitadas, é fácil contrair a doença de algum dos presentes. A cura deve ser apenas com contacto pessoal.

A conversa passa para Djuna. Sobre ela, Vanga diz que o talento lhe vem de Deus. Falam de ervas e de doenças. Vanga é categórica ao afirmar que se aproxima o dia em que a humanidade se livrará do cancro. O medicamento deve conter ferro, porque esse elemento diminuiu no organismo humano. E outro medicamento para as terríveis doenças do homem será descoberto. Será preparado a partir de hormonas de cavalo, cão e tartaruga — o cavalo é forte, o cão resistente, a tartaruga vive muito tempo.

Para Vanga, cada organismo é individual e necessita de tratamento específico; ela valoriza muito o orvalho matinal, porque só de manhã as plantas libertam em abundância substâncias medicinais. Recomenda, para que a pessoa esteja saudável, não comer em excesso — e, de qualquer modo, a comida está estragada pelos adubos químicos. Recomenda pão de centeio e comer alimentos brancos, beber chá de ervas, reduzir as gorduras e a carne, uma vez por semana comer milho cozido e beber a sua água. Apesar de Lyudmila Kim conhecer muitos dos segredos da medicina tibetana, as lições de Vanga permanecem para ela das mais valiosas da sua vida.

Vanga conhece à distância a maior extrassensorial da Rússia, Djuna Davitashvili. Ninguém lhe falara dela, mas quando a irmã Lyubka parte para Moscovo, encarrega-a: «Cumprimenta-a da minha parte e diz-lhe que se lembre sempre dos seus 13, 16, 19 e 21 anos.» Transmitiram os cumprimentos a Djuna e ela ficou surpreendida. Porque esses são realmente os anos mais críticos da sua vida.

Encontra-se pessoalmente com o dr. Anatoly Kashpirovsky. Inicialmente, os dois ficam a sós, e depois admitem também as pessoas que acompanham Kashpirovsky. Elas ouvem-no dizer a Vanga:

— As mãos dos búlgaros são muito secas. Isso é bom. E a sua mão é seca como um violino de Stradivarius. Viverá muito tempo...

Ela diz-lhe que os olhos dele veem quadriplicado, que cura com os olhos. Prediz que ainda por muito tempo andará pelo mundo, que viverá em Toronto, no Canadá. Mas antes disso irá aos EUA e ao Japão. Após interrogá-lo sobre como cura, coloca convincentemente a sua avaliação:

— Tu matas a dor!

Chega a vez de Kashpirovsky responder da mesma forma:

— A sua dádiva está em que os seus olhos estão voltados para dentro.

Vanga pergunta-lhe como curar a sua vesícula.

Kashpirovsky responde:

— Com água comum. Na minha prática, curei muitas pessoas de areia na vesícula. Mas influenciei-as através do coração e da cabeça.

Ao despedir-se, Vanga encarrega-o:

— Telefona-me para eu dar-te forças!

Muito interessante é a conversa entre Vanga e Svyatoslav Roerich. O pai dele — o grande pintor e pensador russo Nikolai Roerich — viveu muito tempo no Tibete, chegou a muitos segredos guardados nessa região do mundo. Ele estava convencido de que a vida existe não só no mundo vegetal e animal, mas também na matéria morta dos cristais.

— O teu pai — diz ela a Svyatoslav Roerich — não foi só pintor, mas também um profeta inspirado. Todos os seus quadros são intuições e predições. São mensagens codificadas, mas só um coração atento e sensível pode sugerir ao observador o sentido do quadro. Tu tens o dever de continuar com todas as forças a obra do teu pai. Assim está escrito.

Nesta conversa com o filho do grande pintor russo, Vanga partilha ainda algo muito importante: «O mundo começou a curar-se com ervas, com

ervas e acabar. Mas as ervas que crescem num dado país curam apenas as pessoas que lá vivem. Assim está predeterminado!»

Segundo ela, as ervas devem ser absorvidas pela pele, como infusões e banhos.

— Vejo o Tibete e os Himalaias — diz-lhe Vanga. — Lá, nesses lugares, encontra-se a história mais antiga da humanidade... O teu pai era um ser não terreno...

Na aurora do século XXI, pode falar-se tranquilamente de bioenergoterapeutas, sem que a sua atividade cause alguma sensação. Muitos deles combinam as suas capacidades com a medicina oriental, com complexos de exercícios, com regime alimentar e de vida. Em Vanga, a cura é muito mais simples. Porque a sua dádiva abrange todas as capacidades. Mas por que nos avisa tão frequentemente para não acreditarmos em extrassensoriais casuais? A força misteriosa e terrível chamada biocampo pode causar danos irreparáveis, em vez de curar, se for usada por pessoas com fins lucrativos ou por principiantes incapazes de direcionar corretamente as suas capacidades. Vanga reage sempre negativamente quando lhe perguntam se tem discípulos. À pergunta de Lyudmila Kim se poderá aprender a linguagem das flores, responde:

— Pede a Deus, e esse segredo revelar-se-á a ti.

Está convencida de que, se uma dádiva não for dada do alto, ninguém na Terra te pode ensinar. E tem uma regra de ferro:

«Não tenho direito de julgar ninguém, porque só Deus vê quem está errado e quem está certo!»

13. O templo sem o qual não podemos

A ideia de construir um templo em Rupite torna-se o maior objetivo na vida de Vanga. E a sua maior dor. Já uma vez ficara desiludida por não se realizar o desejo de construir, com os seus meios, uma casa para crianças. Agora, parece que a história se repete. As fundações são lançadas onde está agora o parque, mesmo junto ao canal, a 17 de setembro de 1991, na presença de mais de 500 pessoas da Bulgária e da Jugoslávia. O local é escolhido por Vanga e é benzido por Pimen — então ainda metropolita de Nevrokop. O projeto é do arquiteto Georgi

Apostolov, de Petrich. É sacrificado um cordeiro e a terra recebe a oração pela construção de um templo nesse lugar.

Assim, Vanga dá início à construção de templos de Deus numa era mais recente. Mas imediatamente começam divergências entre os clérigos e os responsáveis espirituais. Correm rumores de que o templo de Deus será construído por turcos e isso inquieta os habitantes da região. Sussurram a Vanga que a igreja não parecerá um templo ortodoxo, mas uma sinagoga judaica. Ela fica muito perturbada. O objetivo do arquiteto é construir uma igreja semelhante ao templo de três naves «São Clemente de Ohrid» em Ohrid.

Por outro lado, afirma-se que o local é instável e arenoso. Indica-se outro lugar, nas encostas de Kozhuh, mas aí fica longe da casinha de Vanga. Só em 1992 a iniciativa é assumida pelo pintor Svetlin Roussev, que traz alguns dos melhores arquitetos búlgaros — Bogdan Tomalevski e Lozan Lozanov. Pode dizer-se que estes três próximos de Vanga conseguem ajudar na realização do sonho dela. E não só isso — eles são confirmados como projetistas, e o grande pintor búlgaro como autor e executante dos frescos. Mas novamente surgem disputas — entre a Igreja Ortodoxa, os projetistas e o pintor.

O local da construção é mudado, mas sobre as fundações já preparadas, aí onde pela primeira vez foi indicado o lugar para a igreja, as pessoas com trabalho voluntário constroem um pequeno alpendre, colocam um ícone de papel de Santa Petka. Todos os dias aqui vêm dezenas de pessoas e deixam donativos. Isso alegra Vanga e dá-lhe esperança de que a igreja se tornará como ela quer e «vê» — branca e bela, lugar onde serão trasladadas da Roménia e guardadas as relíquias de Santa Petka Búlgara.

Vanga gosta frequentemente de contar que na cidade de Petra, que existiu nesse lugar há muitos séculos, havia três igrejas. Após a erupção do vulcão, a primeira a arder foi a igreja «Santa Petka». Por isso vê a construção do templo como continuação da antiga tradição. A igreja é, na verdade, a memória dela.

Santa Petka de Epivates ou Búlgara, também chamada Paraskeva, é uma das santas mais veneradas não só na Bulgária, mas na atual Grécia, Macedónia, Sérvia, Roménia e Rússia. Viveu no século X, nasceu numa

família búlgara em Epivates, na costa do Mar de Mármara. Este facto pode fazer duvidar o leitor da veracidade do relato de Vanga. Os maiores cataclismos, principalmente terremotos, na Península Balcânica são registados entre os séculos VIII e X d.C., e na sua parte sudeste, longe de Rupite. Mas não devemos esquecer que se trata de uma visão e é possível que Vanga designe assim os três templos, mas que eles tenham existido muito antes do Nascimento de Cristo, quando esses santos cristãos ainda não haviam realizado os seus feitos espirituais. Nesse caso, ela equipara São Jorge e Santa Petka a outras divindades ligadas à religião dos trácios ou de povos que viveram nessas terras antes deles.

Sobre Santa Petka foram escritos muitos vitae, mas um dos mais conhecidos é o de Patriarca Eftimiy. Foi imediatamente traduzido para sérvio e russo, há muitas cópias nos mosteiros na atual Roménia e Moldávia. Um grande papel nisso tiveram Grigory Tsamblak e Kipriyan, figuras importantes na vida política e espiritual de Kiev Rus e da Moldávia. Por isso, com os anos, ela torna-se uma das santas búlgaras mais conhecidas. Tal como por outra razão muito importante — as suas relíquias milagrosas. Elas trazem proteção e cura à cidade onde se encontram.

Santa Petka foi uma cristã fervorosa, entregou a alma a Deus na sua cidade natal como estrangeira, esquecida por todos. Enterraram-na fora das muralhas de Epivates, como era costume para o enterro de pessoas sem familiares ou próximos, de fé desconhecida. Quando, mais tarde, abriram a sepultura para aí colocar o corpo de um marinheiro desconhecido — o corpo dela estava incorrupto. Nessa noite, ela apareceu em sonho a um dos cidadãos de Epivates — Georgi, toda em luz, vestida com traje real e rodeada de soldados. Um deles ordenou: «Retirai o corpo da venerável Petka da sepultura fétida e colocai-o num caixão! Deus quer glorificá-la na Terra!» Enterraram o corpo na igreja «Santos Apóstolos». Ele ajudava os cegos, os coxos andavam, os doentes de graves doenças curavam-se. Em 1238, as relíquias foram trasladadas solenemente para Tarnovo, no coração da sua pátria. Após a cidade ser tomada pelos turcos, foram levadas para Vidin, depois para a Sérvia. Em 1531, após a tomada de Belgrado, Suleiman, o Magnífico, ordenou que as relíquias de Santa Petka fossem trasladadas para o Patriarcado em Constantinopla. Em 1641, o Patriarcado de

Constantinopla entregou-as solenemente ao voivoda valáquio Ion Vasile. Assim, até 1993, as relíquias de Santa Petka repousavam na cidade romena de Iași. Até que, por pedido e insistência de Vanga, uma parte delas devesse ser trasladada para o templo em construção em Rupite.

A construção avança ora lentamente, ora acelera os prazos. No verão de 1993, enquanto está sentada a conversar com próximos, Vanga de repente começa a gritar:

— Corre, diz-lhes para largarem a cúpula, que o guindaste inclinou-se e vai cair!

Só ela, a pessoa sem visão, consegue ver o grande perigo. Noutra ocasião, chama um dos mestres e diz-lhe:

— Olha para a cruz! Não se inclinou para um lado?

De facto, assim é.

Voltam a começar as disputas sobre a canonização da igreja. Na véspera da Transfiguração do Senhor, Vanga convida dois padres da igreja «São Jorge» em Sandanski para darem a sua opinião sobre o templo de Deus. Muitos dos visitantes admiram-se: «Parece uma igreja esta construção?»

Pela primeira vez, Vanga consulta outras pessoas sobre algo que ela própria pode «ver». Talvez estejam presentes os primeiros sintomas dos quais o dr. Georgi Lozanov avisara anos antes. Corre também o rumor de que se abusa do dinheiro para o templo. E isso Vanga não consegue «ver».

Os padres são categóricos: o edifício não corresponde aos cânones da arquitetura ortodoxa oriental — a sala é pequena, não há lugar para o trono real, lugar para velas, lugar para batistério. A cúpula da igreja é tal que não permite pintar nela os quatro evangelistas, como é pelos cânones eclesiásticos.

Já no dia seguinte são chamados os arquitetos e projetistas e começa uma violenta discussão com ataques aos padres. Não se chega a entendimento. O projeto foi realmente aprovado pelo Instituto dos Monumentos da Cultura, mas não se sabe se foi oficialmente aprovado pelo Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa Búlgara. Aí o cisma já ocorrera e,

mesmo que houvesse permissão da parte dela para o projeto arquitetónico, teria sido do «cismático» metropolitano Pimen.

Há algum desfasamento entre a ideia de um templo ortodoxo e a sua realização. Isso alimenta o conservadorismo tanto de alguns dos próximos de Vanga como do clero. As imagens pintadas por Svetlin Roussev suscitam perplexidade. Será esta a representação de Vanga ou talvez a visão do comité de iniciativa que decidiu apoiar a construção da igreja? Está a ser construído um templo ortodoxo oriental ou um templo universal? Vanga provavelmente não consegue ver como o edifício da igreja realmente parece. Forma-se um novo conselho de administração. São dadas recomendações para que o projeto arquitetónico seja alterado de modo a assemelhar-se a um templo ortodoxo oriental. Mais tarde, regista-se também a fundação «Vanga»...

Na verdade, de que cânones ortodoxos orientais se trata?

Para os cristãos, o templo é a morada de Deus e, por isso, deve distinguir-se dos outros edifícios pela sua arquitetura, e o seu arranjo interior deve predispor à oração.

Os templos ortodoxos orientais são construídos segundo o modelo do tabernáculo do Antigo Testamento e do Templo de Jerusalém. Compõem-se de três partes principais: o nártex (ártica, narthex, pórtico), a nave (parte central) e o altar sagrado — o santo trono. Os templos estão orientados para leste. Na antiguidade, no nártex havia também batistérios (pias batismais). Aqui ficavam também aqueles que se arrependiam dos seus pecados. A parte central é para os cristãos — os fiéis, aí há lugar para os cantores, grandes e pequenos candelabros, suportes para ícones que os fiéis beijam, tronos para os mais idosos, lustres. O iconóstase separa a parte central do altar sagrado. Nele estão colocados os ícones, arrumados em várias filas, virados para oeste, para os fiéis. No meio do iconóstase estão as portas reais.

O primeiro edifício com finalidade cultural ligado ao cristianismo difere bastante deste cânone. Foi construído na colina Esquilino, perto de Roma, no início do século III. Esta sala em forma de quadrado com lados de cerca de 15–17 m, decorada com frescos romanos, é a primeira igreja cristã e não se assemelha em nada às catedrais e igrejas construídas séculos depois. Do exterior, a fachada deste primeiro templo não se

distinguia em nada das outras casas. Mais frequentemente, em espaços litúrgicos semelhantes, aparecia o peixe como símbolo de Cristo, a rosa e as estações do ano. Antes disso, haviam sido construídas e pintadas catacumbas — cemitérios comuns subterrâneos, nos quais havia salas chamadas tituli, para reunião dos fiéis e para capelas. Na verdade, só podemos falar de arquitetura cristã após o imperador Constantino, o Grande. No seu tempo, começam a ser construídas as primeiras igrejas em Roma e Constantinopla.

Estabelecem-se como forma de construção as basílicas — igreja quadrada, alongada, com teto plano ou abobadado. Constrói-se como um retângulo, e à frente dela há um átrio — pátio cercado por colunata. O espaço interior é dividido por colunas e assemelha-se de certo modo às catedrais contemporâneas. Mais tarde, formam-se diferentes estilos — românico, bizantino, gótico inicial e tardio com torres pontiagudas, renascentista — com inclinação para as formas clássicas gregas antigas, barroco — carregado de frutos e figuras humanas, rococó com predominância da concha como ornamento decorativo, antigo búlgaro — com forma basílica simplificada, janelas estreitas e cúpula em forma de tambor, russo com telhado em forma de cebola e cruz de oito pontas...

Os templos ortodoxos orientais são construídos como uma nave — símbolo da arca em que Noé se salvou do dilúvio, como cruz — símbolo da cruz de Cristo, circulares — símbolo da perfeição de Deus. Enquanto nas catedrais católicas se dá expressão às formas perfeitas do corpo humano e à expressão externa, material, dos santos, às formas anatómicas corretas e à decoração externa, nos ortodoxos orientais prefere-se o aspeto espiritual, os santos são pensativos, concentrados, magros, com cor de pele escura, com olhar dirigido para o céu. Não se trata de um retrato, mas de uma imagem convencional. Nos séculos XIX–XX, na iconografia nota-se também uma tendência para dar às imagens dos ícones um aspeto mais real, humano.

Como deve ter sido complicado para Vanga tomar uma decisão quanto ao aspeto exterior e interior do futuro templo?! Como pessoa para quem o tempo e a distância não existem, ela vê tanto as antigas catacumbas e basílicas como os antigos templos judaicos, as igrejas contemporâneas pelo mundo, onde a diversidade é muito grande, os

cânones há muito quebrados. Mas como cristã que vive na Bulgária, estava obrigada a ter em conta também o estado de espírito das pessoas, se aceitariam o que se está a construir e a pintar.

Porque a pessoa comum não se interessa pela história da arquitetura eclesiástica, mas pelo que vê realmente — se lhe agradará ou não. Se a arquitetura e a iconografia no templo serão um passo em frente ou uma fantasia de pessoas altamente inteligentes? Essa dualidade atormenta-a durante meses e é por isso que frequentemente está tão pensativa. Se o que ela criou permanecerá mesmo depois de ela partir deste mundo? Porque o seu objetivo é construir aquele templo sem o qual não podemos viver. A igreja «Santa Petka» deve ser símbolo da aspiração eterna a Deus, ao espiritual, àquilo a que Vanga chama toda a vida...

Assim, no dia de Santa Petka de 1993, Vanga e a igreja em construção «Santa Petka» recebem em Rupite milhares de visitantes. Vêm de carro ligeiro, em carroças de cavalos e burros, a pé, de autocarro. As clareiras em volta da casinha de Vanga estão negras de gente. A maioria vem aqui para celebrar com Vanga o dia de Santa Petka. Durante anos, ela oferece kurban pela sua saúde e pela festa de Santa Petka. Todos observam com interesse a construção da igreja, tiram fotografias para recordação, deixam dinheiro e oferendas nas cavidades e nas paredes inacabadas. Pouco antes do meio-dia, Vanga chega de Petrich e senta-se no seu lugar habitual diante do portão do pátio.

Trata-se de um antigo costume nos Balcãs — num feriado ou ao entardecer, vizinhos e próximos reúnem-se para conversar diante da porta de entrada que leva ao pátio do dono da casa. Todos querem vê-la, falar com ela, expressar o seu respeito. Trazem-lhe oferendas, pratos, doces, pão. Trata-se de outro costume nestas terras, especialmente nos feriados, quando se reúnem mais pessoas. Cada dona de casa traz algo que preparou ela própria e distribui pelos presentes para provarem a sua especialidade.

Chega o momento em que o povo se afasta e liberta a clareira diante da casa de Vanga. Cinco padres celebram a bênção da água e a unção com óleo, leem-se capítulos do Evangelho. Embora a igreja ainda não esteja construída, muitos dos presentes têm velas acesas na mão. Consagra-se o cordeiro destinado ao kurban e o seu sangue é absorvido pela terra. Depois, são sacrificados os restantes cordeiros — oferta dos presentes.

Preparam-se dois grandes caldeirões de kurban — carne de cordeiro com couve fresca.

A festa continua, aproxima os presentes, a personalidade de Vanga aproxima-os. Nesse tempo, ela torna-se madrinha de várias crianças, casa dois casais de noivos. Estendem-se toalhas, aparecem mesas carregadas das mais diversas comidas, vinho, chega a vez da orquestra. Vanga ordena: toquem só música búlgara. Na clareira forma-se um longo horo, ao qual se juntam mais de cem pessoas, algo que há muito não acontecia nestas terras. Ao entardecer, começa também um programa improvisado. Diante do público saem uma atriz do teatro de Strumica, uma orquestra de Skopje, intérpretes de Petrich...

Esta celebração certamente será recordada por muito tempo. Está longe das comemorações oficiais, nela há algo popular, algo dos antigos feriados, uma alegria que liberta a alma da pessoa. Vanga está pensativa ou talvez cansada. Às vezes acontece que a pessoa, nos momentos culminantes da sua vida, se cansa rapidamente, como se o coração não suportasse tanta beleza reunida num só lugar. Talvez se tenha lembrado do passado até agora, talvez tenha sentido saudades dos mais próximos que já não estão ao seu lado há muito. Talvez tenha olhado mais uma vez para o futuro e visto o fim próximo... Apesar de tudo, encontra forças, quando a festa termina, para dizer algumas palavras aos jornalistas mais pacientes, que a esperam há muito.

— Não se apressem, o céu sabe como e quando arranjar os acontecimentos, lá as leis são outras e as causas são outras, mas pouco a pouco a Bulgária começará a recuperar-se. Guerra não haverá, e a da Bósnia não se expandirá.

Trata-se talvez de uma das últimas grandes profecias de Vanga. E, à distância dos anos, vemos que também agora ela foi muito precisa. Mas o sobrecarregamento psíquico e espiritual, que dura anos, já começa a dar os seus frutos. E ela está em idade avançada.

Exatamente um ano depois, a igreja é solenemente consagrada, mas falta a vitalidade do dia de Santa Petka de 1993. Dias antes do evento, as disputas sobre até que ponto o templo corresponde aos cânones reacendem-se. Vanga menciona várias vezes que confiou em pessoas inteligentes e cultas. O metropolita Pimen está do seu lado e aceita a

igreja recém-construída. No fim das contas, na Macedónia de Pirin, trata-se do primeiro templo de Deus construído após 1944. Svetlin Roussev trabalha toda a noite, até ao amanhecer. Vanga também não consegue dormir. Está emocionada. Finalmente, o seu voto, aquilo a que se consagrara, realiza-se.

A consagração é transmitida em direto pela televisão. São convidados muitos oficiais, o evento já é secular, e não popular, como era o desejo de Vanga, e apesar disso acontece muita gente, as preferências políticas são esquecidas. Na verdade, o templo reúne talvez pela primeira vez após 1990, num só lugar, tantos políticos, intelectuais, pessoas comuns. Os candelabros são levados para diante da igreja, ao redor está negro de gente. Vanga senta-se novamente no banco diante do portão da casa, mas o seu estado de espírito é diferente do do ano anterior. No reportage em direto da televisão, no qual ela também é incluída, ouve-se a sua réplica: «Agora é que a Yana vai chorar!»

Ela gosta de inserir de vez em quando na conversa expressões assim, que os interlocutores, dependendo de quanto a conhecem, sabem o que quis dizer. Evidentemente, a réplica refere-se à igreja, porque tal é também a pergunta feita. Certamente já pressentia as consequências que a sua construção traria, as provas que se avizinhavam.

Apesar da solene consagração, a igreja não é reconhecida como templo ortodoxo, nela só têm direito a officiar padres reformados. Não há candeieiros, o sino não toca segundo os cânones eclesiais, não há serviços religiosos regulares. Enquanto vive, Vanga pergunta sempre: «Há muita gente? Gostaram da igreja?»

A sua dualidade continua até à última hora. Se acompanharmos as publicações dos últimos anos, ficar-nos-á claro que a fundação «Vanga» provavelmente se direccionou para a criação de um complexo monástico em volta da igreja «Santa Petka». Trata-se também de uma solução que cumpre um dos desejos da profetisa. Neste templo, independentemente de ser aceite pela Igreja Ortodoxa Búlgara ou não, estão depositadas parte das relíquias milagrosas (segundo afirmações de próximos de Vanga) de uma das santas mais búlgaras e as pessoas deveriam ter acesso a elas, especialmente agora, quando Vanga já não está entre os vivos.

Na história mundial do cristianismo, há muitos estilos arquitetónicos e desvios deles, há outros exemplos de violação do cânone na construção e pintura de templos de Deus. Basta mencionar Michelangelo Buonarroti para nos ficar claro que também aqui pode haver quebra de dogmas, por mais difícil que seja. No caso da igreja «Santa Petka» em Rupite, há um precedente semelhante. Provavelmente, era em tudo isso que Vanga pensava no dia da consagração. E no facto de as forças já a abandonarem e de o fim se aproximar.

14. O aviso começa a cumprir-se

A primavera de 1989 é uma das mais difíceis na vida política e social na Bulgária. O conflito interétnico é inflamado artificialmente, surgem organizações dissidentes, alguns dos defensores dos direitos humanos sofrem as consequências do seu livre-pensamento nas prisões de investigação. Estes eventos Vanga predissera aos seus próximos há vinte anos, e mais uma vez a conhecidos em 1981. Apesar de tudo, continua a ser um apoio para muitos búlgaros, o fluxo de pessoas até ela não para. Agora, entre eles há também muitos turcos étnicos, visitam-na alguns dos opositores ao poder. Recebe todos, esforça-se por ajudar, as «forças» sussurram-lhe: «Prepara-te para um grande evento!» Na vida política, ele está presente.

Mas, ao mesmo tempo, algo acontece com ela.

«Estou cansada e depois aquele que me fala retira-se de repente e eu não consigo transmitir. Enquanto falo, falo... de repente retira-se. Tudo o que digo não mudou. O dito não se cancela, embora proferido há 20 anos...»

Isso partilha ela com Krassimira Stoyanova em maio de 1989. De facto, o dito não se cancela. Tal como o aviso feito pelo dr. Georgi Lozanov. Desde então, passaram realmente vinte anos. Oitenta anos estão nas suas costas, ela ainda é resistente, mas o cansaço começa a fazer-se sentir. Nos últimos anos, inseparável ao seu lado está Vitka Petrevska, que a ajuda em tudo. Vanga precisa de uma pessoa tão dedicada e prestativa ao seu lado. E de Vitka aprende o que as pessoas pensam da igreja, o que acontece em Petrich e nas aldeias vizinhas. Ela, juntamente com Atidzhe, é a sua ligação com o mundo das pessoas comuns. Às vezes, Vitka traz-lhe pessoas desesperadas pela desgraça que as

acometeu ou traz-lhe os torrões de açúcar com que elas passaram a noite. Vanga tem nela total confiança.

Em 1992, a casinha em Rupite transforma-se. Provavelmente, para estar mais perto da construção, Vanga decide arranjar tudo de modo a poder ficar ali quando necessário. São colocados móveis modernos, construída uma lareira. Até o jardimzinho diante da casinha é arranjado ao seu gosto. Evidentemente, procura a tranquilidade de Rupite e sente a casinha como a sua segunda casa.

Sustenta-a a ideia da construção da igreja «Santa Petka» e ela dá para a sua realização as últimas forças que lhe restam. As mudanças no país trazem até ela muitos dos políticos, alguns deles são velhos conhecidos. A cada um quer ajudar, mas sente que cada um deseja atraí-la para a sua causa, usá-la no seu jogo político. As suas primeiras reuniões amigáveis começam muito cedo — ainda às sete horas, antes das nove — o horário definido para a primeira receção. Continua a cumprir o regime imposto desde jovem. Recebe até cerca da 1–1,30 hora. A sesta da tarde é obrigatória e, a partir das 6 horas da tarde, recebe novamente visitantes, encontra-se com velhos conhecidos, com os seus numerosos afilhados.

Por volta da meia-noite, regressa a Petrich. Ao domingo, vêm visitá-la as pessoas mais próximas; ela não recebe visitantes comuns. Apesar disso, pergunta se há alguém à espera lá fora. Normalmente, são 15 a 20 pessoas. Ordena que os deixem entrar. Sabe que a desgraça que os atingiu os levou a vir num domingo. Dimitar Filipov conta que, num dia de semana, registou 300 visitantes. Nessa altura, ela recebia até às 11 da noite.

Vanga raramente faz declarações; para ela, isso também representa um grande esforço. As consultas duram cerca de meia hora e terminam sempre com um: «Vai! Volta outra vez!»

Nos diálogos, é concisa, talvez porque procura ser alegórica; nem tudo o que vê é para ser dito. Apesar disso, gosta de ter interlocutores e não compreende por que razão os que vêm ter com ela ficam tão nervosos.

Evita caracterizações e qualificações políticas. Por isso, soam artificiais as «recordações» de pessoas próximas que, após a sua morte, divulgaram supostas avaliações dela sobre esta ou aquela figura

política. É possível que essas pessoas tenham expressado perante ela a sua opinião sobre tais figuras e que Vanga não tenha reagido negativamente, levando-as a interpretar o silêncio como concordância. Mas, ao longo de toda a vida, Vanga nunca deu avaliações categóricas sobre políticos, porque, para ela, a política era sempre como «uma mulher leviana», como gostava de dizer às pessoas mais íntimas.

Os média liberados após 10 de novembro de 1989 estão prontos a agarrar-se a uma palavra, a um rumor, para o apresentar como realidade e atingir o objetivo que se propuseram num determinado artigo. Vanga apercebe-se de que se trata de detalhes insignificantes e pouco importantes da vida, mas, à medida que avança a construção da igreja, esses detalhes acabam por cair também sobre os seus ombros. Em 1993, um dos jornais publica a informação de que Vanga pessoalmente ordenara a instalação de um aparelho de escuta na sua casa. Como responderia o autor dessa absurridade à pergunta: «Para que precisaria Vanga de tal aparelho?» Não sabe ela antecipadamente quem vem e porquê, não lhe deu Deus sentidos que os outros não têm? Talvez na casa dela tivesse realmente sido instalado secretamente um aparelho de escuta, mas isso teria sido obra do poder. Provavelmente, ficou lá desde os tempos das suas relações próximas com Lyudmila Zhivkova e, mais tarde, a escuta não foi «retirada do registo». Porque, no final dos anos oitenta, alguns dos então dissidentes visitavam-na, e para o poder era necessário saber o que se dizia no quarto de Vanga.

Em 1993, tenta-se filtrar quem pode entrar junto de Vanga e a quem não se permite uma audiência. O pretexto é o estado de saúde dela, mas Vanga percebe imediatamente e reage com veemência. Um ano depois, a propósito de questões relacionadas com o futuro da Bulgária, responde:

«Esperem que a água turva escoe!»

Dois anos mais tarde, é categórica ao afirmar que a água turva corre e arrasta sujidade.

No ano seguinte, já afirma que virá um homem com mão firme, que por enquanto apenas trabalha e cala. Terá cerca de sessenta anos, virá do estrangeiro. Não especifica quando. Gosta de repetir as palavras que ele dirá:

«Basta de brincarmos à democracia, já é tempo de haver ordem!»

Meses antes do assassinio de Andrey Lukanov, numa manhã, entra Atije no quarto dela, e Vanga ordena:

«Sinto-me mal! Sinto-me mal! Um homem muito inteligente vai morrer em breve. Vão disparar contra ele, vão matá-lo. Um grande homem!...»

Ainda antes de a igreja estar concluída, num dia de 1993, Vanga compreende que está incuravelmente doente. Há longos anos que apalpa debaixo da pele um caroço que cresce. Até que, num momento, percebe que se trata de cancro. Durante algum tempo, não diz nada a ninguém, torna-se silenciosa e pensativa, esconde dos próximos a doença. Desta vez, não sabe como ajudar-se. Por isso, chama as pessoas mais próximas.

—Há muito que apalpo qualquer coisa, mas agora só os médicos me podem ajudar — diz ela a Boyka Tsvetkova.

É examinada por alguns dos melhores médicos — o prof. Kirov e o dr. Tasovski. Prescrevem tratamento. O quimioterapeuta Toncho Tonchev visita-a regularmente. Os médicos cuidam dela, o estado melhora, mas ela já sabe antecipadamente tudo o que vai acontecer.

A partir de fevereiro de 1995, deixa de viajar à noite para Petrich e passa a dormir em Rupite. Doem-lhe as pernas, não consegue apoiar-se. As dores são tratadas, mas ela já se queixa:

«Dói-me o corpo todo!»

É categórica: não quer que ninguém saiba da sua doença. Não quer ensombrar a festa da consagração da igreja, não quer que se faça alarido à volta dela. Talvez por isso deixe uma impressão tão pensativa e triste na solene consagração no dia de Petkovden de 1994.

O prof. Dimitar Filipov afirma no seu livro sobre Vanga que ela sofrera um leve AVC na Páscoa de 1994, mas esse facto não aparece nas recordações de outros autores. Segundo ele, ela sentiu o AVC no carro, a caminho de Rupite. Pararam um pouco, depois continuaram e, nesse dia, ela voltou a ajudar muitas pessoas com os seus conselhos. Um ano depois, a 3 de outubro, convida os amigos e familiares mais próximos. Tudo decorre alegremente, como sempre, mas, entre outras coisas,

pronuncia algumas palavras que impressionam os presentes. Quer tirar uma fotografia com Atije, «porque pode ser a última».

Não presente, sabe, vê que o fim se aproxima.

Em 1995, surgem novamente divergências — desta vez entre os seus próximos. São provocadas tanto pela construção da igreja, que uma parte deles considera não corresponder ao desejo de Vanga, como pelo facto de Vanga ser deixada a deitar-se em Rupite e não na sua casa. Ela é novamente usada como pretexto para acender paixões humanas e emoções negativas. Alguns dos seus próximos opinam que foi deliberadamente afastada deles, que nada do que ela desejara se realizou, que está só e incompreendida. Pode realmente ter sido assim, mas é difícil perceber a verdade de fora, até porque ela própria não quer que as relações familiares venham a público.

A Páscoa de 1996 parece ser a sua última festa entre pessoas próximas. Está de muito bom humor, os médicos também notam melhoria no seu estado. Mas este deteriora-se bruscamente após uma desidratação do organismo. Vanga recusa novamente internamento hospitalar, a crise passa. No final de julho, a hospitalização torna-se imperiosa. É levada para Sófia. Para exames... Por uns dez dias. Ela sabe que é a sua última viagem.

Na cama do hospital, Vanga mantém a consciência clara, continua a conversar com as pessoas mais próximas.

«Lembra-te — muitos virão reclamar este lugar, o meu lugar.»

De vez em quando, menciona que deseja tranquilidade e sossego em Rupite. Por vezes, parece comunicar com alguém que está longe da cama do hospital, quer dizer algo, mas não profere uma palavra. Como se as visões, os sonhos continuassem. Os médicos insistem que não se canse, que descanse, mas ela é assim: não tem um minuto de repouso até à última hora.

Uma vez, conta que vê um deserto, uma casa branca, os anjos já se reúnem para decidir quando a levar, e em Rupite há muitos visitantes que a esperam... Ordena como a devem vestir, como deve ser sepultada à direita da igreja, como devem ser dispostas as flores. Num momento, começa a falar como se acariciasse a cabeça de alguém, está muito emocionada, as mãos tremem...

A 11 de agosto, às dez horas e dez minutos da manhã, Vanga já não está entre os vivos.

Uma vida cheia de provações, doenças graves, incompreensão. Um preço muito alto pelo dom fenomenal que Deus lhe deu. Quando alguns a chamam «santa viva», ela indigna-se:

«Então, haverá santas vivas?»

Porque nunca ambicionou, nunca desejou o destino que lhe coube. Não se preparou como Nostradamus, não estudou as ciências contemporâneas, não procurou penetrar nos mistérios ocultos para se tornar o que foi.

Tudo nela é questão de destino e, portanto, de intervenção divina. Por isso sabe que deve carregar com honra essa cruz de Deus até ao fim da vida, com a clara consciência de que, apesar dos sofrimentos que suporta a cada instante, é útil às pessoas.

«Não me invejem por nada, antes chorai pela minha vida, porque o meu fardo é insuportável!»

15. Na Terra regressam os bons

—Ele era muito pequeno. E além de inveja e maldade, aqui intervêm também outras forças. Há muitos anos, quando os holandeses conquistavam a Indonésia, um parente longínquo do teu marido participou em batalhas sangrentas. A mãe de uma das suas vítimas amaldiçoou-o. A karma persegue-o e ele paga por pecados alheios. Mas eu já te disse — ele vai curar-se. Esta é a revelação do alto.

Estas palavras Vanga dirige a Lyudmila Kim e referem-se ao filho doente dela, Alik. Raramente fala de karma e de reencarnação. Como se alguém lhe tivesse imposto um tabu e só de vez em quando lhe permitisse quebrá-lo. Nessas ocasiões, afirma que a alma não morre e que apenas os espíritos dos maus ficam na Terra, não recolhidos «lá em cima» e sem se reencarnarem. Por isso, na Terra regressam os melhores. Vanga não responde quando o interlocutor lhe pergunta se teve vida anterior. Nesses casos, é categórica:

«Quem te disse que tiveste uma vida anterior?»

«Quem te diz que terás uma vida seguinte?»

«É melhor pensares na presente, em como ser melhor!»

Desde o alvorecer da civilização humana, as pessoas pensam incessantemente na reencarnação, querem explicá-la. Pitágoras chama ao número 6 «psicogenético», porque elevado à terceira potência dá os anos entre duas reencarnações — 216. Segundo outros ocultistas, o homem regressa à terra centenas de vezes — 7 vezes 777.

—No budismo, aceitamos o conceito de vida passada e futura — diz Bokar Rinpoche a Paco Raban. — Dentro desse conceito, as coisas não acontecem ao acaso. Cada indivíduo tem a sua karma. Para os budistas, a karma é a grande lei da ação. Resulta de uma espécie de balanço dos atos positivos e negativos das nossas vidas anteriores. Consoante a balança penda para um lado ou para o outro, reencarnaremos num corpo mais ou menos favorável. A karma é, portanto, a causa primeira daquilo a que chamais «destino», mas essa karma atualizar-se-á conforme as circunstâncias externas. A combinação entre o potencial kármico e as condições externas dará a vida de um indivíduo.

Vanga não tinha onde ler estas linhas. E, apesar disso, com todas as suas ações e palavras, procura mostrar aos interlocutores exatamente essa atitude face à vida — façam o bem, porque o mal regressa não a vós, mas às vossas gerações. E muitas das doenças e catástrofes da vida explica-as com pecados passados, cometidos por avós e bisavós. Por vezes, nós próprios pagamos, e logo, pelos nossos pecados.

Uma vez, chega junto de Vanga um homem desesperado e conta que, se o quarto filho também for surdo-mudo, regressará e matá-lo-á, porque já tem três filhos surdos-mudos e três filhas que ouvem mas não falam. E ela encontra imediatamente resposta para a sua grande dor:

—Para os teus filhos serem assim, também tu tens grande culpa, porque causaste grande ofensa a uma pessoa inocente que vos amava!

Descreve-lhe pormenorizadamente como, para o seu casamento, ele convidara como madrinha uma mulher muito boa e depois decidira que ela não era adequada.

Chega junto dela um homem idoso e começa a queixar-se do destino — os filhos são epiléticos, ladrões, assassinos, atormentam-no também a ele. E Vanga responde-lhe de imediato:

—E lembras-te de como eras na juventude? Quantos crimes cometeste? E pensas que tudo fica impune? Vês como os teus pecados regressam aos teus filhos!

Krasimira Stoyanova, no seu livro «A Verdade sobre Vanga», descreve ainda um caso impressionante. Chegam junto dela duas mulheres tecedeiras para perguntar por que razão uma tal tragédia atingira o irmão — atirara-se para debaixo do comboio. Vanga pergunta-lhes:

—Quem é essa figura sagrada que está ao vosso lado?

Era o pai delas, que abandonara o hábito monástico ao ver como a mãe era bela e casara com ela. Primeiro, a mulher ficara paralisada e passara mais de 30 anos acamada. Depois de ela morrer, o pai voltara ao mosteiro e deixara os filhos ao abandono. O filho embriagara-se e atirara-se para debaixo do comboio, uma das filhas enlouquecera, a outra tivera vários casamentos mas ficava sempre viúva...

Tudo isto pode soar ao leitor preconceituoso como um conto com mau final, mas para Vanga nada é aleatório neste mundo.

«Nem no ar, nem no meio do oceano, nem nas profundezas das montanhas, nem em nenhum canto do mundo existe lugar onde possamos fugir às consequências dos nossos atos!»

É uma citação de Buda que, no contexto do que foi dito até aqui, soa muito atual. O nosso comportamento — bom ou mau — impõe inevitavelmente consequências. Isso não significa que não tenhamos livre escolha. Tudo depende dos nossos atos no presente.

Vanga não explica apenas os sofrimentos com erros passados. A uma mulher fria e arrogante, prediz que ficará sozinha como um cogumelo no prado. A um homem idoso, mas belo e de aparência jovem, arrogante, prevê que em breve partirá deste mundo. Perante uma mulher que vem perguntar o que aconteceu ao seu colar nupcial de vinte e quatro moedas de ouro, Vanga recua no tempo. O colar desaparecera depois de o neto o ter levado para a mulher se enfeitar com ele. Há muitos anos, o sogro dessa mulher roubara o colar. Agora, regressava ao linhagem a que pertencia — à mulher do seu neto.

«Essas moedas de ouro não te pertencem, foram adquiridas de forma desonesta!» — diz-lhe Vanga.

Segundo a profetisa, para cada pessoa chega também um período de dificuldades, mesmo para os mais ricos, os mais poderosos. Mas as pessoas devem ser humildes para não morrerem nos braços do mal...

«Segundo a tia Vanga — escreve no seu livro o prof. Dimitar Filipov —, a mãe dela fora, numa vida anterior, faraó. Pergunta o que isso significa. Reencarnou novamente na Terra e viveu longos anos na catedral de Notre-Dame, em Paris. Há vinte anos, chamou a tia Vanga para ir a Paris, para se verem. As autoridades, porém, não a deixaram sair, com receio de que se tornasse espiã. Na altura, pedira a Venelin Kotsev que intercedesse. Agora poderia ir, mas a sua mãe reencarnada está algures longe, a sul.»

Disse-lhe para não ter medo, porque estaria sempre ao lado dela e a protegeria. Isto é algo completamente diferente das explicações dadas até agora pelos média sobre o interesse da tia Vanga por Paris.»

Perante o escritor Lyuben Georgiev, partilha que sonhara com a Santíssima Virgem Maria. Isso acontecera em 1978. Ela chamava-a para ir a Paris no dia 2 de maio, à catedral de Notre-Dame, onde uma faraó queria falar com a alma de Vanga.

A profetisa aponta a reencarnação como causa dos sofrimentos não só de muitas pessoas e linhagens, mas também de países inteiros. É interessante que, desta forma, Edgar Cayce também veja o mundo nas suas profecias. Em transe, ele vê toda a sequência de reencarnações por que a sua alma passou e chega à conclusão de que a vida deve ser merecida. Tanto como Vanga, também ele afirma que a alma ou evolui ou sofre regressão. Cayce associa o desvio do caminho da evolução ao afastamento de Deus. À Terra regressam apenas as almas que cresceram espiritualmente.

«Cada pessoa, cada nação, cada povo cria, graças ao desenvolvimento espiritual das pessoas, uma determinada posição no tecido, nos acontecimentos não só da Terra, mas também do universo.»

E Vanga ensina:

«Se escutardes Deus, sereis bons. Se fordes contra Ele, sofrereis e padecereis.»

E sobre uma divergência muito cruel, Vanga partilha:

«As mães dão à luz filhos, mas não têm leite para os amamentar. Dizem que é porque estão nervosas. Não é isso! Simplesmente, as crianças não têm nada a ver com as suas mães, apenas vieram ao mundo através delas!»

Será que, desta maneira, a profetisa não quer sugerir-nos que o nosso mundo segue há longos anos numa direção errada e que aqueles que chegam são enviados para o mudar para melhor? Cayce também menciona uma tal reencarnação em massa de almas de tempos passados. Segundo ele, as reencarnações no mundo ocorrem em ondas, a reencarnação regula a natalidade, reencarnam-se os bons e os melhores. Caso contrário, a Terra ficaria superpoblada.

«Em cada pessoa há bem e mal. Assim é feito o homem, assim é feito o mundo. É preciso paciência. A Terra quer um dom pelo facto de termos vindo e vivermos nela. Na Terra pagamos impostos como pagamos rendas pelas casas... Todos, até ao último, pagamos... A vida do homem é estritamente determinada e ninguém a pode mudar...»

Segundo Bokar Rinpoche, nem todo o sofrimento provém da nossa karma e é consequência de reencarnações passadas.

«Se o mau tempo for a causa de contrairdes gripe, a vossa karma certamente não tem nada a ver com isso!»

Simplesmente, os pontos de contacto da karma de outras pessoas com a nossa karma são numerosos. Por isso, as circunstâncias externas têm grande importância. São muito mais do que a nossa predeterminação kármica. É difícil distinguir as causas, mas, nesse aspeto, Vanga é infalível — tanto para doenças como para desgraças que atingem a pessoa individual.

«Após a morte, morre apenas o corpo do homem. A alma — não! Aquilo que não apodrece no homem desenvolve-se para atingir um estado superior. Acontece assim: primeiro morres simples, depois morres aluno, depois licenciado, depois tornas-te sábio e ocupas um grande cargo... Esse é o caminho da alma...»

As experiências do académico Kaznacheev provam que as células podem transmitir informação a nível celular, estabelecer entre si ligações eletromagnéticas. Segundo ele, as células trocam informação mesmo através de paredes de quartzo, pelas quais penetram raios

ultravioleta. Todos os seres vivos são constituídos por células. Mais ainda — os genes transmitem informação também à descendência. Segundo a religião cristã, são proibidos casamentos até ao sétimo grau. Porquê? Talvez porque até aí se preserve a informação mais valiosa, relacionada com o desenvolvimento sexual ou algo muito importante para o futuro do indivíduo? Ou será preciso passarem «sete gerações» para que o gene se liberte das doenças hereditárias, da sua predeterminação kármica? A ciência contemporânea aproxima-se cada vez mais daquele momento em que descobrirá provas científicas para aquilo que a humanidade descobrira ainda na sua infância. Trata-se de provas a que estamos habituados a chamar «científicas». Tal como se chegou à conclusão de que o éter não é espaço vazio, mas está cheio de enorme energia, na qual surgem espontaneamente e se desintegram micro-objetos espaciais-campo. Ainda Vernadsky afirmava que à volta da Terra há uma «noosfera». Tsiolkovsky reconhecia como realidade a sensibilidade de todo o universo. Na sua monografia «Teoria do Biocampo», Gurevich estuda a radiação dos núcleos nas células vivas. Mais tarde, outros cientistas descobriram sete tipos de campos físicos e radiações no organismo humano — tantos quantas as chakras.

Vanga fala da reencarnação apenas quando é necessário um corretivo moral, vital. Para que as pessoas recordem que o mal nunca fica impune. Vão ter com ela casais idosos e perguntam pela causa das doenças que os afligem. E a profetisa recorda ao velho como, há muitos anos, ele espancara cruelmente com uma corda uma criança que roubara uma das melancias que levava ao mercado para vender.

«Porquê que, onde quer que vás, arrastas sempre uma corda atrás de ti?» — pergunta ela ao velho e conta-lhe que transgressão cometera.

Com os seus olhos que tudo veem, Vanga reconhece rapidamente quem é hipócrita, canalha, mentiroso ou ladrão. Segundo ela, cada habitante da cidade traz uma placa ao pescoço, na qual está escrito o que ele é.

«Mas o homem está carregado com uma faísca divina, que lhe permite muitas vezes ultrapassar a sua estatura, procurar, arriscar, fazer descobertas!»

Segundo Peter Dunov, cada um tem a sua missão na Terra, por mais pequena que seja. A tarefa de cada pessoa é saber o seu lugar no todo.

Para Vanga, violar a ordem no Universo, o ritmo e a ordem cósmicos, leva a grandes erros, por vezes fatais, pelos quais se paga caro. E aconselha a não perturbar a harmonia, a sermos bons.

Voltemos novamente a Bokar Rinpoche:

«Não devemos pensar que as causas de uma consequência são simples e facilmente distinguíveis. Na realidade, são complexas e interdependentes e, portanto, por definição, não suscetíveis de análise.»

E dá o exemplo do caroço de damasco. Dele nunca brotará um abeto. Mas, mesmo quando plantado, são necessários os condições meteorológicas e o solo adequados para germinar, tornar-se muda, precisa de luz solar, deve ser regado. No seu crescimento como árvore de fruto entrelaça-se também a karma pessoal de alguém que pode passar, parti-la ou pisá-la ainda quando germina...

Em Vanga, o tema da reencarnação entrelaça-se com o da lado visível e invisível da vida, do material e do espiritual. Com toda a sua vida, prova que o «mundo dos mortos» existe. Para a predeterminação kármica de muitos dos seus interlocutores, sugerem-lhos os seus entes queridos já falecidos, que vieram com eles até Vanga. Gritam alto, tão alto que a empurram com os gritos na cabeça:

«Diz-lhe! Diz-lhe! Diz-lhe!»

E a sua receita para uma vida melhor, para uma karma mais leve e para as futuras gerações é mais do que clara e ela gosta de a repetir frequentemente:

«Devemos amar-nos e ser bons, para nos salvarmos. Se não o compreendermos com a razão, os inexoráveis leis do cosmos no-lo imporão, mas então será tarde e custar-nos-á muito caro... »

Será que, através de Vanga, com estas palavras, os nossos irmãos em razão não querem prevenir-nos do maior mal que nos pode acontecer — a perecimento da civilização humana? Ou será isto uma revelação divina que ela nos deve transmitir, para não atrairmos a ira de Deus?...

SEGUNDA PARTE

O NONO VALE DO ALÉM

«Estamos tão longe de conhecer todas as forças da natureza e os seus diferentes modos de ação que seria indigno de um filósofo negar fenómenos apenas porque são inexplicáveis no estado atual dos nossos conhecimentos. Somos apenas obrigados a examinar os fenómenos com tanto mais cuidado quanto mais difícil for admitir a sua existência.»

Pierre Simon Laplace

1. O enigma do fenómeno

Uns chamam-lhes enviados de Shambhala, outros herdeiros de Atlântida. Declaram-nos pessoas santas, a igreja canoniza-os ou anatematiza-os. Uns temem-nos, injuriam-nos pelas suas palavras exatas e sentenças, pela sua intransigência moral. Outros exaltam-nos e bendizem-nos.

Medo do inexplicável, veneração perante o milagroso?

Desde que o mundo é mundo, desde que a humanidade guarda memória dos seus dias passados, eles permanecem com essa característica imutável, dividindo as pessoas comuns em dois campos — para uns são ungidos por Deus, eleitos por Deus, chamam-lhes profetas, sacerdotes, enviados de Deus, das Grandes forças celestiais. Para outros, são enviados do Diabo, das forças das trevas, pelo seu dom de regressar ao passado, penetrar no futuro, conversar com os mortos e, sobretudo, lembrar os pilares morais sobre os quais se ergue este mundo, por mais conservadores que pareçam a alguém e por mais intransigentes que sejam com todos. As suas palavras são como uma sentença, mais forte do que qualquer ato legislativo.

«Fui colocada aqui! Aqueles que vêm ter comigo estão muito confusos e eu devo guiá-los — uns encontram depois a direção certa, outros nunca lá chegam.

Sou uma representante! Estendo a mão aos perdidos e desesperados e oriento-os para onde devem ir.»

Estas palavras pertencem a Vanga, a profetisa do século XX, a profetisa búlgara, balcânica, e são talvez a explicação mais exata e compreensível das qualidades fenomenais que possuem certos representantes do género humano desde o primeiro instante da sua existência na Terra.

«Estou presente nos pontos mais quentes do planeta, vejo derramamento de sangue, cataclismos naturais e desastres. À noite, vós dormis, e eu folheio páginas da existência humana e vivo a tragédia de todas as pessoas.»

Assim nos diriam provavelmente também Edgar Cayce, Nostradamus, os profetas bíblicos, o oráculo de Delfos, os reis-sacerdotes dos tempos mais antigos... As palavras pertencem novamente a Vanga e este é um dos seus raros desabafos, uma tentativa de explicar as suas capacidades fenomenais e o que acontece com ela própria. Porque nós chamamo-la fenómeno, mas parece que ela é um grande enigma para si mesma pelo facto de ver acontecimentos do passado que a história já esqueceu e corrige os historiadores ou tem informação sobre momentos da vida humana antes de surgir a sua causa — recordai a predição sobre o submarino «Kursk», feita em 1980, quando a embarcação ainda não nascera nas cabeças dos especialistas militares nem nas mesas de desenho dos construtores.

Na história da humanidade, fenómenos como Vanga repetem-se a cada centenas de anos. Além disso, tratando-se de personalidades humanas, cada fenómeno é estritamente individual, influencia-se por diferentes fatores relacionados com o meio em que cresce, as circunstâncias históricas que geraram diferentes fenómenos morais e psíquicos, moldando as relações entre as pessoas numa dada época. O que os une é que estes fenómenos são muito raros, acompanham-se de outros fenómenos que não possuem a gama completa de habilidades com que são dotadas pessoas como Vanga. É também verdadeiro o conclusão de que os fenómenos não se repetem, pois os portadores de fenómenos extraordinários são personalidades humanas.

Desde tempos antigos, estes fenómenos fenomenais, em que o seu portador percebe objetos distantes no espaço e invisíveis, inacessíveis ao observador normal, chamam-se clarividência. Quando tais capacidades se podem manifestar sem cair em transe ou sono hipnótico, considera-se que se trata de um fenómeno muito raro, como é o caso de Vanga.

Como se perante os nossos sentidos comuns estivesse colocada alguma barreira para aquilo que pessoas como Vanga veem, ouvem, sentem.

Como se a informação sobre os acontecimentos e processos no passado, presente e futuro estivesse reunida num só lugar e alguma energia de tipo desconhecido ajudasse Vanga a extrair dali informação.

A ciência contemporânea chama a tudo isto «percepção extrassensorial». Inclui a premonição, a clarividência, a telepatia e os sonhos, ou processos e fenómenos que estão além da nossa capacidade de ver. Do ponto de vista da parapsicologia, o estudo aprofundado da clarividência é feito por Ryan. Segundo ele, na premonição trata-se de experiências armazenadas no subconsciente, que não estão sob controlo da consciência. Alguns explicam este fenómeno com a influência das almas de pessoas vivas ou mortas. Outra parte da percepção extrassensorial é a precognição — a capacidade de prever, a premonição de acontecimentos futuros que não se esperam com base no que está a acontecer atualmente no mundo. E quando isso se refere a grupos maiores da humanidade, então já se trata de profecias.

Sobre a clarividência já se falou — visão clara de objetos distantes no espaço e invisíveis, mas também de conteúdos inacessíveis à percepção sensorial normal. O clarividente mais conhecido do século XX de grandeza europeia é o holandês Croiset (1910 – 1980). Ele foi muito útil com o seu dom de clarividência às forças policiais de toda a Europa, chamavam-lhe «o homem com olhos de raio-X». Também ele, como Vanga, estabelece ligação entre pessoas e objetos sem cair em transe. E, por último, nesta sequência de pensamentos, mencionaríamos a telepatia — a possibilidade de processos psíquicos em outras pessoas poderem ser percebidos sem a mediação dos sentidos.

Estas capacidades incluem muitas habilidades adicionais — conhecimento prévio dos pensamentos com que o interlocutor chega, o manuscrito que ele deixou na sua secretária, o que está escrito num documento desconhecido para o clarividente, descoberta dos corpos de assassinados, perdidos, resolução de enigmas criminais, leitura de pensamentos independentemente da língua em que o interlocutor fala, memórias de outra vida, descoberta de ouro e de valores arqueológicos debaixo da terra, contacto não só entre organismos vivos do mesmo tipo, mas também entre tipos diferentes: a habilidade de Vanga de conversar com as flores, com os animais, a sua habilidade de contacto não só com a natureza viva, mas também com a inanimada...

Ainda muitas são as capacidades da profetisa do século XX, que dificilmente caberão numa classificação científica qualquer. Quando uma equipa científica decide estudar as suas capacidades, ela é categórica:

—Para que vieram estudar-me, fazer experiências, analisar-me com técnicas, com aparelhos... Querem explicá-lo. Como o explicarão, se isto é obra de Deus?

Para as pessoas com capacidades fenomenais como as de Vanga, a humanidade, desde tempos antigos, chegou à conclusão de que estas se devem a um dos cinco elementos básicos do Universo — a akasha. Em sânscrito, a palavra significa «espaço» e traduz-se também como «éter». Segundo a filosofia hindu, este elemento encontra-se no estado mais sutil. Mais tarde, a esotérica ocidental designa-o como espírito ou luz astral. No início do século XX, Rudolf Steiner introduz também o termo «registos akáshicos». Trata-se de uma memória mundial, cósmica, na qual estão registados todos os acontecimentos passados, presentes e futuros. É exatamente com eles que se relacionam as predições do futuro, o regresso a eventos passados, a resolução de casos criminais complicados, o contacto com entes queridos do interlocutor que já passaram para o além.

Cada personalidade possui o seu próprio livro, contendo todas as suas reencarnações. Afirmam-se que as almas, após a morte, regressam a esse lugar, onde se guardam os registos akáshicos, para lerem e analisarem a sua vida passada, para verem onde erraram, de modo a poderem reencarnar novamente. Elas estão cientes também das dificuldades que lhes aguardam, para corrigirem os erros passados. O acesso a esta informação é privilégio de muito poucas pessoas; a maioria delas, como Cayce, tem de cair em sono hipnótico ou, com a ajuda de vários opiáceos, transportar-se para lá. No caso de Vanga, como já escrevemos, isso acontece de forma natural. Ela cai inconscientemente no fluxo eterno da consciência, onde não há limitações relacionadas com o nascimento e a morte. Essa é, na verdade, a porta para a passagem de uma vida para outra. O fluxo contínuo da consciência contém não só as formações causais das condições da existência individual que surgem na sua superfície, mas também todas as outras

possibilidades da consciência; aí está reunida a experiência de um «passado» sem início, que é idêntico ao futuro ilimitado.

«Quando uma pessoa se coloca diante de mim, sinto que na minha cabeça se abre uma janela, através da qual observo imagens e a vida da pessoa passa diante dos meus olhos como num filme, e acima de mim ouço uma voz que me diz o que devo transmitir.»

Ao sair de um estado semelhante, quando contactou com os registos akáshicos, ela não consegue repetir o que disse, por vezes nem se lembra disso. Menciona apenas que as «forças» lho disseram assim.

«Eu não leio pensamentos. Uma voz fala-me, dita-me, fica a 18 centímetros acima da minha cabeça. Fala-me de forma doce, cortês e, se ela me enganar, também eu enganarei.»

Segundo Vanga, trata-se de São João Crisóstomo; outras vezes, de «uma mulher vestida de branco», a Santíssima Virgem Maria... Para ela, o importante é o facto de essa voz lhe falar sem que ela a tenha chamado.

«Quando uma pessoa entra junto de mim, vem com o seu nome divino. Ou o escreve na neve à sua frente, ou está escrito no seu peito... »

Recentemente, surgiu na internet informação sobre o cronovisor do monge italiano Alfredo Ernetti. Estudando durante décadas o exorcismo, ele faz esta sua descoberta, talvez única, e tem 12 discípulos, um dos quais é o conhecido génio dos foguetes do Terceiro Reich, o prof. Wernher von Braun. O monge afirmava que a sua descoberta podia ser usada para extrair informação de qualquer etapa da história humana. Estudando a teoria de Pitágoras, segundo a qual os sons emitidos por diferentes instrumentos musicais se transformam em partículas semelhantes a átomos, que se preservam em determinados campos energéticos, ele procura uma forma de extrair essas partículas do espaço Akasha e tenta reconstituir a estreia da antiga ópera «Tieste», representada em 169 a.C. em Roma. Afirma que, ao entrar no campo da Akasha, dele se pode extrair uma imagem áudio-visual. O cientista americano Beard Spalding, que conhecia de perto o padre Ernetti, escreve que o monge italiano conseguia, através da oração, reconstruir sons e imagens do passado. Assistiu a várias sessões dessas, numa das quais viu a ópera «Tieste». Noutra, os espectadores

conseguiram ver o próprio Jesus Cristo a ler sermões aos seus discípulos. O monge não demonstrou mais a sua descoberta a partir de 1992, quando o Vaticano classificou como secreto o seu arquivo. Começou uma acesa discussão teológica, após a qual o padre Ernetti morreu subitamente na sua cela.

Toda esta informação provém da Internet e pode haver muitas dúvidas quanto à sua veracidade. Mas muitos dos detalhes mostram que o resultado da atividade de Vanga e do padre Ernetti é o mesmo, independentemente de um usar as possibilidades do seu cérebro, como no caso de Vanga, e o outro uma técnica desconhecida da humanidade.

Desde tempos antigos até aos nossos dias, procura-se uma explicação para a clarividência e o cronovisor do padre Ernetti é mais um passo para desvendar o seu mecanismo. Mas, nos fenómenos, esta está sempre acompanhada de revelações que o fenómeno recebe em determinados momentos da sua vida. Vanga encontra-se duas vezes com um Cavaleiro Radiante, sonha várias vezes com a Santíssima Virgem Maria, menciona uma mulher vestida toda de branco — senta-se ao lado dela e diz-lhe o que deve dizer ao seu interlocutor. Tal como Nostradamus, também ela chega à conclusão de que isso «vem diretamente de Deus», que ela é apenas o seu porta-voz, através dela Ele comunica os seus planos futuros e também se esforça por corrigir as pessoas quando se trata das suas relações morais ou da sua atitude para com a natureza que as rodeia...

O início da clarividência, da capacidade de profetizar, perde-se algures nos milénios. As lendas, os mitos, o folclore e as tradições guardam a memória do tempo em que os antigos conheciam muito melhor do que nós essas capacidades. A religião e as crenças baseiam-se nas capacidades extrassensoriais da humanidade, que provavelmente se perderam no tempo, no seu impulso para o material. Como explicar de outra forma as capacidades fenomenais dos antigos profetas, descritas nos livros sagrados do judaísmo, do cristianismo, do zoroastrismo, do hermetismo, dos mistérios da Índia, do Egito, da Babilónia? Como chegaram os antigos à conclusão de que os fenómenos paranormais são algo natural, dados por Deus, e procuraram formas de os dominar, usaram livremente a hipnose, a sugestão, as substâncias químicas...

Será que isso não é herança de civilizações perdidas, altamente desenvolvidas, como a dos atlantes?

Muitos conhecimentos dos povos antigos são paradoxais, conhecendo nós o seu nível de conhecimento sobre o mundo que os rodeava. Por que razão, ao longo dos séculos, esses conhecimentos se perderam? Deliberadamente, para proteger a humanidade de novos erros? Ou alguém os esconde intencionalmente de nós, para beneficiar uma pequena parte da humanidade que guarda e usa esses conhecimentos e capacidades? Ou estarão eles codificados nos mitos e lendas, no folclore, de alguma outra forma — através dos números, do alfabeto... Será esta a razão das dificuldades em explicar muitos momentos da franco-maçonaria, da teosofia, do ocultismo, da antroposofia...

Eis o que escreve num dos antigos livros budistas:

«No passado, fomos criados pelo espírito, éramos seres constituídos de espírito, alimentávamo-nos de êxtase, vibrávamos no ar, brilhando com uma beleza imperecível.» Mais adiante, conta-se a conhecida parábola dos povos antigos sobre a terra saborosa. É ela que atrai os seres espirituais para o material, para chegar ao homem contemporâneo, que com muito suor na testa alcança os frutos da «terra saborosa». Os maus costumes, a dissolução, tornam-se a causa dessa transformação, dessa descida do espírito pela escada abaixo. Assim, na luta pelos frutos da terra saborosa, chega-se à divisão dela em campos, à consciência do EU e do MEU e à completa vinculação ao material. E, apesar disso, desde esses tempos permanece a nossa ligação subconsciente com o Cosmos, com o fluxo eterno da consciência. E os fenómenos como Vanga são provavelmente os raros representantes do género humano que dão expressão inconsciente a essas capacidades.

Immanuel Kant tenta, pela primeira vez na história mais recente da humanidade, definir a clarividência e a profecia de um ponto de vista diferente. Em «A Disputa da Faculdade Filosófica com a Jurídica», logo no início, escreve:

«Anseiamos por um pedaço da história humana, mas não do passado, mas do futuro, portanto por uma predição que, se não se realizar segundo as conhecidas leis da natureza (como os eclipses solares), se chama clarividência; evidentemente, a predição não pode realizar-se de

outra forma senão através de uma comunicação sobrenatural e ampliação do horizonte na direção do futuro e chama-se profecia.»

A meio do século XX, a Sociedade Teosófica estimula muitos cientistas e escritores a prestar atenção às capacidades fenomenais de certas personalidades. Em tradução, «teosofia» significa sabedoria divina. Trata-se da capacidade suprassensorial de conhecimento — a iluminação, a revelação, a visão interior, bem como as diferentes formas de expansão da consciência através da meditação, do ascetismo, da ioga. A fundadora da Sociedade Teosófica, Helena Blavatsky, afirma basear-se em tradições e ensinamentos primordiais, revelados por mestres secretos — mahatmas. De facto, nas principais obras da Sociedade Teosófica entrelaçam-se muitas sabedorias orientais, inspiradas no hinduísmo e no budismo.

Mas capacidades sobrenaturais tiveram também os profetas bíblicos Moisés, Esdras, Daniel, Baruc, especialmente João, bem como os apóstolos Pedro e Paulo. Toda a vida de Buda e de Cristo está cheia de revelações e visões que os guiam para cumprirem a sua missão na Terra. Na sua «História dos Francos», Gregório de Tours escreve sobre São Hospício, que avisa os habitantes de Nice que os lombardos invadirão a Gália:

«Virão à Gália os lombardos e destruirão sete cidades, porque se tornaram muitos os malefícios das pessoas perante a face do Senhor Deus, porque ninguém quer compreendê-lo e fazer o bem para abrandar a ira de Deus. Porque todo este povo é de infiéis e perjuros, ladrões, propensos a assassinios e neles não amadurecerá o fruto da justiça. Não dão esmola, não alimentam os pobres, não vestem os desnudos, não oferecem hospitalidade ao estrangeiro nem lhe dão comida suficiente para se saciar. Por isso, cairá sobre eles esta desgraça. E agora vos digo: levai todos os vossos bens e levai-os para trás das muralhas da cidade, para que os lombardos não os saqueiem, e escondei-vos nos lugares mais fortificados!» As mesmas palavras diz ele aos monges, que ficam muito surpreendidos... Evidentemente, São Hospício tivera visões, uma das quais é esta descrita por Gregório de Tours. Por essas suas capacidades milagrosas, é declarado santo e até um pitoresco promontório na Gália recebe o seu nome. Semelhante é o

destino de muitos outros santos canonizados pela igreja cristã. A clarividência é o principal sinal distintivo da sua santidade.

Os clarividentes recebem muito mais do que aquilo que nós conhecemos através dos nossos cinco sentidos, porque têm a glândula pineal fortemente desenvolvida. Uns chamam-lhe «terceiro olho», porque se situa entre as sobrancelhas. Ou talvez porque o seu desenvolvimento é estimulado em pessoas que perderam a visão, como no caso de Vanga. É um órgão fisiológico no corpo humano, mas enquanto no homem comum o seu tamanho é como o de uma lentilha, nos clarividentes e profetas é como o de um feijão e afirma-se que isso é prova de que se reencarnaram muitas vezes e passaram pelas lições do tempo.

Após 1927 e o apelo do professor McDougall aos cientistas de todo o mundo para colaborarem no desenvolvimento da parapsicologia, começam também as investigações científicas das capacidades fenomenais de certos representantes da humanidade e, mais tarde, chega o reconhecimento internacional da psicotrónica. Quanto mais profundamente os investigadores científicos penetram no problema, mais enigmas surgem diante deles... Como se o aviso de Vanga para não nos intrometermos nas coisas divinas se tornasse cada dia mais atual. Mas na natureza humana está inerente a curiosidade, a busca de resposta à pergunta de onde partimos e para onde vamos, terão uma maior parte das pessoas na Terra as capacidades fenomenais de contactar entre si não só com os meios de comunicação já conhecidos, mas também com outros, esquecidos algures no passado?

E respostas a essas perguntas talvez as deem não tanto as investigações científicas aprofundadas, mas os próprios fenómenos, quando seguirmos mais detalhadamente o seu modo de vida...

2. Tudo é movimento,

apenas as direções são diferentes

Todos os que visitaram Vanga por um ou outro problema ficam surpreendidos com a estranha forma como ela conduz o diálogo. De modo algum se trata de uma conversa normal. Ela faz as perguntas, quando decidem perguntar-lhe algo, antecipa-se ao interlocutor com a resposta, como se soubesse antecipadamente qual é a sua pergunta. Se

confiarmos nos experimentos científicos que o prof. Velichko Dobriyanov realizou, 70–80 % das respostas são «mensagens telepáticas verdadeiras».

Observando de fora o diálogo, a pessoa fica com a impressão de que ela adivinha a sua resposta, mas parece que se trata de alguma «técnica» de vidência, estabelecida ao longo dos séculos, porque da mesma forma procede também uma vulgar vidente de rua, embora esta raramente atinja sequer 30 % de acertos.

As primeiras perguntas de Vanga são sempre sobre a família ou sobre a personalidade do interlocutor: o que faz, qual é a sua situação familiar, de que se queixa. Pergunta a Lyudmila Kim quem é a mulher que está ao lado do seu ombro direito, cai em transe quando o interlocutor está de luto, porque com ele chega também o recentemente falecido, grita: «Agora vou arrancar-vos os olhos!» Mas Vanga responde ela própria às perguntas que faz, o interlocutor apenas a «ajuda», recorda-lha com algumas palavras, porque ela interrompe-o:

«Espera, eu digo-te.»

As suas perguntas são surpreendentes, nelas contém-se a resposta correta e assim chocam o interlocutor:

«Por que és viúva?»

«Por que deixaram a mãe sozinha?»

«De que morreu o teu pai?»

Após as perguntas relacionadas com os entes queridos do interlocutor que já partiram deste mundo, ela vê-os imediatamente ao seu lado. Portanto, faz essas perguntas apenas para introduzir o interlocutor no tema, para afinar os seus sentidos para a conversa com o morto. Este, logo ao aparecer, começa a escrever letras — primeiro as do seu nome, depois as daqueles sobre os quais perguntam como estão, aos quais quer transmitir alguma mensagem.

«Quando uma pessoa entra junto de mim, vem com o seu nome divino. Ou o escreve na neve à sua frente, ou está escrito no seu peito. Com letras manuscritas, ele próprio o escreveu. Nem sempre entendo a sua caligrafia, mas a primeira letra, a principal, está sempre claramente colocada...»

O diálogo que Vanga mantém com o visitante é formal; ele cobre outro diálogo, do qual o interlocutor não pode ser testemunha. Se ela revelasse perante ele tudo o que vê, isso seria um choque maior.

Como a própria partilha, logo ao entrar o visitante na sala, com ele chegam os seus entes queridos falecidos, começam a fazer perguntas, a pedir-lhe que transmita alguma mensagem. Como chamar a esses «diálogos»? Sessão telepática, ligação parapsíquica, algum contacto especial, inexplicável, com o além? Será que ele é facilitado pelo torrão de açúcar ou por um objeto que pertence ao interlocutor — anel, pulseira ou outra coisa qualquer? Como consegue ela perceber imediatamente que, entre os que esperam à porta, há alguém com grande aflição ou com um grande problema vital — criança doente, doença incurável, familiar desaparecido sem deixar rasto — e nomeá-lo, chamá-lo?

Há algo muito mais complexo, ainda inexplicável para as possibilidades da nossa razão humana. O século XX conheceu muitos fenómenos. Mas em Vanga tudo é de alguma forma diferente. Enquanto cada um deles tem a sua área reservada, em que é muito forte, o fenomenal em Vanga é que nela não há área problemática. Edgar Cayce tem de cair em algo semelhante a um sono hipnótico para predizer e conduzir os seus diálogos fenomenais. Vanga, pelo contrário — nunca dorme, está constantemente desperta, mas diante dos seus olhos passam dia e noite milhares de destinos, imagens do presente, do passado, do futuro. Isso é uma espécie de sono hipnótico eterno. Kashpirovsky cura como psicólogo, a sua força está nos olhos. Vanga é cega, não vê, mas sabe ler os destinos humanos. Como o próprio Kashpirovsky lhe diz, «os olhos dela estão virados para dentro». Ela não vê como Vera Kochovska todo o organismo do interlocutor, mas com esses seus «olhos» diagnostica infalivelmente, recomenda ervas ou médicos a quem o doente deve recorrer. Não vê televisão, raramente ouve rádio, não se deixa levar pela política, mas faz diagnósticos infalíveis para países e acontecimentos que ocorrem ou que estão por vir em diferentes nações do mundo ou que aguardam diferentes líderes políticos e as suas famílias.

«Tenho um tempo determinado para estar aqui!» — diz ela, quando lhe perguntam por que razão escolheu exatamente esse lugar.

O mundo contemporâneo aceita pessoas com capacidades fenomenais como as de Vanga como algo sobrenatural, místico, porque predomina a desconfiança perante o inexplicável. Mas a história prova-nos que, desde que existe o homem civilizado, fenómenos semelhantes sempre o acompanharam. Mesmo no alvorecer da civilização, eles são muito mais numerosos, guiam as principais atividades humanas, enquanto, à medida que nos aproximamos dos nossos tempos, a sua influência na sociedade diminui e eles se envolvem cada vez mais numa aura de mistério místico. A razão não está apenas no facto de, durante longos anos, terem reinado o ateísmo e o materialismo grosseiro. Por mais que nos custe admitir, na nossa sociedade humana predomina a atitude de obter tudo o que desejamos, de consumir sem esforço especial, de seguir os caminhos fáceis e acessíveis. Sem nos darmos conta de que isso limita sobretudo a nossa atividade mental; em vez de trabalharmos com uma percentagem maior das nossas capacidades intelectuais, reduzimo-las ao mínimo admissível. À primeira vista, estas conclusões soam irreais, pessimistas. Mas se compararmos as nossas possibilidades com as de Vanga, com o seu laborioso empenho, com a sua atitude para com as flores, a natureza, todos os seres vivos, veremos quão pálidas imitações de vida racional somos nós.

«Fui colocada aqui. Aqueles que vêm ter comigo estão muito confusos e devo guiá-los — uns encontram depois a direção certa, outros nunca lá chegam. Sou uma representante! — estendo a mão aos perdidos e desesperados e oriento-os para onde devem ir!»

Vanga é um sistema universal de ligação não só com as pessoas, mas com tudo o que nos rodeia. Talvez porque é filha de outro tempo, a sua vida está imersa no reino das plantas, dos animais, da matéria viva e morta, que nós não conhecemos. As flores e as ervas acompanham-na desde a mais tenra infância até aos seus últimos dias. Desde o tempo daquela brincadeira infantil no quintal da casa paterna, quando cobria os seus «pacientes» com erva e assim os «curava». Até ao Cavaleiro Radiante da fonte, que lhe mostra uma «erva estrelada», que cura muitas doenças. Debaixo do banco na igreja de Sandanski, indica a Lyubka a erva que ali crescera e pede-lhe que a arranque, porque com ela curará as suas pernas. Para ela, tudo o que cresce, tudo o que existe na Terra, tem uma missão determinada.

Desde o amanhecer, conversa com as flores; elas estão por toda a parte na sua casa, no quintal. Alegra-se com elas, sabe qual foi regada quando, ajuda-as.

«Eh, se soubesses o que me disse agora mesmo o manjerição — partilha um dia com Krasimira Stoyanova. — Sou remédio para os nervos, recomenda-me!»

Perante Lyudmila Kim, diz que as flores recordam, amam e alegram-se com as pessoas. São sensíveis à sua atenção, não aceitam a grosseria. Afirma que delas aprende muitas coisas interessantes. Uma vez, preocupada, pede aos próximos que desenterrem uma das flores, porque lhe dissera que nas suas raízes havia um ninho de cobras e que as cobras a atormentavam. Desenterram o local e descobrem que era mesmo assim. E as ervas são a base de todos os seus remédios. Com elas começou e com elas acabará o mundo, como gosta de dizer. Mas combina-as de uma forma estranha, impopular, desconhecida dos herbalistas comuns. É estranho como conhece cada flor, sabe como floresce, diz aos que a rodeiam o que ela lhe conta. Para ela, tudo é erva...

Para muitas pessoas, é estranho esta comunicação de Vanga com o mundo que a rodeia. Muitas são as mulheres ou homens que gostam de comunicar com as flores. Há pessoas que, qualquer arvorezinha ou flor que plantem, pega e alegram-se com um autoridade especial entre familiares e conhecidos pelo seu dom extraordinário. Vanga é uma pessoa assim, mas nela há ainda algo mais. O seu diálogo com o mundo vegetal não é monólogo, mas diálogo; as flores e as ervas falam-lhe, partilham, alegram-se e entristecem. Tudo isto poderia chamar-se fruto de uma rica fantasia, se não fossem casos como o do ninho de cobras. Como o da florista de Sófia, que esperava na fila à porta. A flor da janela disse-lhe imediatamente que lá fora aguardava o encontro com ela uma tal mulher e Vanga levanta-se e chama-a.

E o desejo de lhe trazerem apenas flores em vaso?

«Não arranqueis as flores! — avisa Vanga. — Cada flor é como um sol e como um banho... Quando as arrancaís, não notais como elas choram... Plantai nos vossos jardins flores e acaríciai-as frequentemente e cuidai delas... Quando vos tocais na flor, ela dá-vos

do conhecimento e da vida que possui... As plantas falam-me, mas são muitas e eu consigo recordar pouco...»

São poucos os factos sobre a atitude de Vanga para com o mundo animal, mas um deles é bastante revelador. Uma noite, ao regressar de carro de Rupite, nota que à frente do automóvel corre o cão que guarda a sua casinha, como se quisesse pará-la. De início, não lhe liga, mas depois pede ao motorista que voltem atrás. Acontece que esquecera as chaves da sua casa em Petrich. Os seus companheiros chegam à conclusão de que foi precisamente o cão que sugeriu a Vanga que regressasse. Provavelmente, há outros casos semelhantes, que nos levam a pensar que a ligação do homem com o mundo que o rodeia pode ser muito mais complexa e próxima, bastando que desenvolvamos as nossas capacidades mentais e psíquicas até ao nível em que estão em Vanga.

Se voltarmos aos contos e lendas, aí a troca mútua de «imagens», de palavras e figuras entre animais, plantas e pessoas é algo normal. Na verdade, trata-se de uma ligação telepática. Segundo os cientistas, este canal físico de ligação são as ondas eletromagnéticas. Uma das hipóteses afirma que são exatamente elas que tornam possível a telepatia, a cura à distância e outros fenómenos que não conseguimos explicar. Assim, além dos cinco canais através dos quais percebemos o mundo, temos ainda um — bioinformacional.

Quando, para assuntos importantes de Estado, vão consultar o Oráculo de Delfos, especialmente a Pítia, ela coloca sempre primeiro a pergunta de que linhagem são, quem são; o diálogo começa com a predeterminação kármica dos interlocutores e da linhagem real. A partir daí, começa a explicar uma série de acontecimentos que ocorrem num determinado reino e chega ela própria à resposta da pergunta que se preparam para lhe fazer.

Comparando tudo isto com o fenómeno Vanga, é impossível não descobrir a semelhança na condução do diálogo. Tal como a Pítia, também Vanga cai em transe em determinadas situações, quando se avizinham importantes cataclismos políticos ou naturais. E tal como ela, fala com outra voz — seja a de Apolo, do Cavaleiro Radiante ou do próprio Deus — para nós não é importante. Não se trata de um estado doentio, porque, quando está em transe, Vanga profere mensagens,

prediz acontecimentos, é infalível nas respostas, se lhe fazem perguntas, nomeia as coisas pelos seus nomes exatos e diz a verdade, por mais cruel que seja.

Para as pessoas comuns, permanece um mistério como Vanga contacta com o mundo. Se procurarmos explicação na radiação do biocampo ou nos cristalinhos de açúcar, para as dimensões de Vanga isso é apenas um meio auxiliar. Ela não recebe pensamentos e imagens prontos, mas como se o seu cérebro processasse todo o fluxo de pensamentos e processos subconscientes que ocorrem no interlocutor. Isso é algo muito mais do que contacto telepático, uma capacidade sobrenatural, mas tal que o género humano possui e que se perdeu ao longo dos séculos. Como se Vanga soubesse ligar-se a algum banco de informação terrestre ou cósmico, a alguns fluxos energéticos vindos de uma razão divina ou cósmica ainda desconhecida para nós, dos quais as pessoas com capacidades como as de Vanga podem extrair informação.

Segundo o prof. Velichko Dobriyanov, prova das nossas suposições só teremos se conseguirmos criar algum recetor psi artificial, capaz de decifrar a informação contida nos chamados por ele «fluxos psi».

Segundo o prof. Dimitar Filipov, Vanga entra em contacto com um cérebro ou consciência cósmica. Perante ele, partilha que se trata de «anjos superiores», «Santos».

«Chamazinhas, chamaz vermelhas, como velinhas.»

«O céu diz-me!»

«Parece que cada objeto, fenómeno ou processo — escreve o prof. D. Filipov —, cada forma de energia, cada ação na natureza e na sociedade emite informação. É possível que as forças físicas, tal como são entendidas pela física, sejam também forças informacionais... Evidentemente, a informação é um companheiro ou participante inseparável em cada interação física.»

E mais uma citação, desta vez do astrónomo, matemático e físico francês Pierre Simon Laplace:

«Estamos tão longe de conhecer todas as forças da natureza e os seus diferentes modos de ação que seria indigno de um filósofo negar fenómenos apenas porque são inexplicáveis no estado atual dos nossos

conhecimentos. Somos apenas obrigados a examinar os fenômenos com tanto mais cuidado quanto mais difícil for admitir a sua existência.»

Como explicar as palavras de Vanga:

«Uma voz fala-me, dita-me, fica a 18 centímetros acima da minha cabeça. Fala-me de forma doce, cortês e, se ela me enganar, também eu enganarei...»

Ou então:

«Vós não vedes, mas todas as manhãs, ao meu lado, coloca-se uma mulher — como de serviço, vestida de branco e azul em todos os tons. O que chega provoca na minha consciência diferentes imagens da sua existência, e esta ao meu lado diz-me o que devo falar e eu transmito.»

Poderá a ciência contemporânea responder às muitas perguntas que o fenómeno Vanga coloca, quais são os fatores espirituais e físicos que condicionam o aparecimento de pessoas com tais capacidades excepcionais?

Como podemos nós também aprender a penetrar na sua dimensão, onde o tempo parece ter parado e estão reunidos passado, presente e futuro?

«Não há diferença entre passado, presente e futuro! — diz ela. — Vejo a imagem — doença, morte, catástrofe, casamento, filhos. Tudo é movimento, apenas as direções são diferentes...»

Qual é o caminho que devemos seguir para nos dirigirmos a essas direções? Talvez seja primeiro necessário aprender a conversar com o mundo que nos rodeia, a decifrar os pensamentos e atos da pessoa ao nosso lado, para lhe ajudar se precisar da nossa ajuda?

Quais são as leis divinas da reencarnação, em que Vanga acredita firmemente? Se as compreendermos, não nos tornaremos mais perfeitos e bons, esforçando-nos por corrigir os erros que cometemos em reencarnações passadas?

A que devemos aspirar, qual deve ser o nosso objetivo e até onde nos é permitido chegar nos conhecimentos sobre o mundo que nos rodeia e em que vivemos?

Muitas são as perguntas que ficam após nos familiarizarmos com fenómenos como Vanga, muito é o inexplicável nas suas capacidades e possibilidades. O mais importante é que eles nos colocam objetivos e tarefas nobres e, se apenas as cumprirmos, partiremos deste mundo satisfeitos por termos deixado memórias de pessoas que amam tudo e todos à sua volta. E isso de modo algum é pouco.

Vanga repete frequentemente que a natureza é indivisível e tem a sua própria linguagem, e orienta:

«Não a irriteis! Tentai tocar-lhe, ela dar-vos-á muito!»

É categórica ao afirmar que existe uma razão cósmica e muitas outras civilizações que nós não compreendemos.

Parece que chega o tempo de renovarmos a nossa ideia sobre a telepatia, a clarividência, a bilocação, a parapsicologia... E de encontrarmos outras medidas para os conceitos de «Tempo», «Espaço», «Espírito», «Matéria»... Quando isso acontecerá, quando finalmente chegaremos à resolução dos enigmas que eles colocam, o futuro o dirá.

3. As grades

em que este mundo está preso

A maioria das pessoas que visitaram Vanga procura resposta para uma estranha pergunta: por que razão ela pede a cada um que durma com um torrão de açúcar e o leve no dia seguinte? O que têm em comum os cristalinhos de que o açúcar é feito com as suas capacidades de ver no passado e no futuro?

Nos primeiros anos, quando surgem as suas capacidades fenomenais, ela «lê» e, se lhe levarem qualquer objeto, mas muito rapidamente decide que o torrão de açúcar facilita mais depressa o contacto com o interlocutor. Segura-o algum tempo na mão e inicia a conversa com o visitante, sem fazer qualquer pergunta...

«... Mal entrámos e entregámos o açúcar, Vanga pediu o outro torrão, sem que eu tivesse dito que trazia tal coisa. Enquanto lho entregava, começou a gritar: “Ó, mãe desgraçada! A ninguém desejo usar luto!”»

Todas as noites, na mesa diante de Vanga, acumulam-se centenas de torrões de açúcar.

«Ela pega no açúcar das mãos do visitante — escreve Lyudmila Kim —, apalpa-o cuidadosamente e começa a falar do que foi e do que será.» O açúcar, como todos os cristais, pode armazenar informação sobre a pessoa. Os antigos magos, sacerdotes e videntes conheciam esta propriedade dos cristais e utilizavam-na. Todo o mago ou feiticeiro que se prezasse tinha o seu próprio cristal mágico. Aceita-se que a vidência num cristal é uma forma de auto-hipnose através de espelho, água, pedras lapidadas. Sobre a vidência com ajuda de cristal escrevem também Agripa von Nettesheim e Paracelso. Na verdade, no século XIX chega-se à conclusão de que se trata de uma forma de acesso ao subconsciente. O médium colocava-se num círculo mágico, traçado com velas, o local era incensado com incenso e, no centro, havia um espelho, no qual o vidente invocava os espíritos.

A água, como já mencionámos, também tem memória e pode, como afirmam hoje alguns cientistas, armazenar informação até meio ano. Vanga cura as pessoas com água carregada muito antes dos amplamente publicitários sessões televisivas de massas de «milagres e curas». Nas canções populares, mitos e lendas, menciona-se frequentemente a «água calada»; na prática dos antigos herbalistas e curandeiros, entrava também a cura com água de poço ou fonte, próxima do habitat da pessoa.

Refletindo sobre o torrão de açúcar e os cristais de que é composto, perguntamo-nos o que são, na verdade, os cristais. Corpos sólidos com a forma de poliedro. Esse poliedro resulta da disposição sequencial de átomos, formando um espaço tridimensional periódico, chamado rede cristalina. Podem ter formas diferentes — pirâmide, trapezoedro, octaedro, calamite, calcita, cuprite... Involuntariamente, associando o número de ângulos à numerologia e à característica que ela dá aos diferentes números, o que nos vem primeiro à mente são as pedras preciosas e a sua rede cristalina e forma. Desde a antiguidade, afirma-se que elas conferem ao seu possuidor qualidades e capacidades adicionais, especialmente quando próximas das chamadas chakras. No arsenal dos curadores tibetanos, há 114 minerais que ajudam na recuperação de diferentes partes do corpo, na cura de diferentes órgãos.

As antigas pirâmides egípcias ainda hoje ocultam enigmas que a humanidade não consegue desvendar. Há muito que nos habituámos à ideia de que foram construídas por escravos que arrastavam enormes blocos de pedra, embora esta afirmação tenha sido provada apenas indiretamente. Restam ainda muitas coisas estranhas para o homem contemporâneo.

Em primeiro lugar, mencionaríamos o chamado embalsamamento. Todas as teorias sobre as formas de embalsamar o corpo, de modo a mumificá-lo, não resistiram à prova do tempo. Em Moscovo, durante longos anos, uma unidade científica especializada cuidava da múmia de Lenine, mas nunca se descobriu uma forma de o corpo mumificado se preservar por mais tempo, sem necessitar de manutenção.

Nos nossos tempos, impõe-se já a conclusão de que o corpo do faraó falecido era colocado no sarcófago num local exatamente determinado e se mumificava apenas graças às paredes da pirâmide, que direcionavam a energia cósmica, que ainda nos é difícil explicar cientificamente. Depois, era untado com óleos aromáticos e envolto em bandagens. Esta afirmação é do radiestesista francês Antoine Bovis, que, nos anos trinta do século XX, descobriu que os animais na famosa pirâmide de Quéops não se decompuseram, mas mumificaram-se. Num local húmido, numa caixa de lixo na Câmara do Rei, encontrou os corpos de gatos e ratos que ali haviam morrido. Estavam completamente preservados e mumificados. Bovis afirma que, com um pêndulo, descobriu na pirâmide uma energia desconhecida, que provavelmente mumificara os animais.

Decide construir uma réplica de pirâmide em França. Colocou lá o cadáver de um gato e este também se mumificou. Assim, os investigadores das pirâmides chegam à conclusão de que elas são uma espécie de acumuladores de energia cósmica e geradores de corrente elétrica. Há outros factos interessantes relacionados com as pirâmides egípcias, mas não são objeto deste livro. Mencionamo-los apenas em ligação com o seu aspeto exterior, e com tal forma existem tanto cristais como redes cristalinas, de que são compostas algumas substâncias. Se aceitarmos as afirmações de Bovis como verdadeiras, chegamos à conclusão de que todas as formações — até aos mais

pequenos recantos da matéria — também acumulam energia e emitem tal energia.

Quase na mesma época em que Bovis faz a sua descoberta sobre a pirâmide de Quéops, outro cientista — Wilhelm Reich —, em 1936, constrói um aparelho, acumulador de energia cósmica, com a ajuda do qual ela pode ser amplificada. Os cientistas contemporâneos afirmam que este papel pode ser desempenhado com grande sucesso pelas pirâmides. Assim, pode melhorar-se o sistema imunitário humano, superar a tendência para o enrugamento.

Eis como, através da magia dos números, em que os antigos acreditavam muito, podemos comentar o número de ângulos nesses poliedros que constroem as redes cristalinas.

O número três está sempre associado ao triângulo. Para ele, os antigos acreditavam que reinava em todo o universo. Segundo Pitágoras, no síntese dos três mundos reside o segredo do Cosmos. Nos vértices deste triângulo colocavam o passado, o presente e o futuro, bem como a karma, a vontade humana e a providência.

O número quatro é do quadrado e da pirâmide. Corresponde aos principais pontos astronômicos do nosso dia. O nascer e o pôr do sol — leste e oeste. O calor e o frio — norte e sul. É o número das forças cósmicas, das quatro estações do ano, dos quatro temperamentos humanos. Como informação, traz o equilíbrio das forças, os processos vitais; é o esquema do espaço ordenado. Está na base do quadrilátero, do quadrado, da pirâmide e da cruz.

O número cinco e o pentagrama, com que se representa, simboliza o espírito que dominou as quatro forças e é uma tentativa de sair da prisão do quadrilátero; é o símbolo do homem encarnado na terra, cujo espírito quer libertar-se.

Seis é o número da criação e o seu código informacional significa criatividade, trabalho, labor. Cornelius Agrippa escreve sobre o número 6:

«É tão excelente em si mesmo...»

Pitágoras, como já mencionámos, chama-lhe «número psicogenético», que, elevado à terceira potência, dá 216 — os anos entre duas

reencarnações da alma humana. O seis representa-se também como dois triângulos inscritos um no outro, como a estrela judaica, como o princípio masculino e feminino...

Apresentamos apenas uma pequena parte do que a numerologia escreve sobre o destino humano. Em princípio, ela liga todos os números a figuras, e estas estão na base das redes cristalinas de que o mundo é construído.

Os triângulos e losangos existem na cultura dos povos antigos, representam-se em vasos, joias e tecidos. Sobre a entrada da tesouraria de Atreu, em Micenas, está esculpido um triângulo. E a pirâmide de Quéops é a quintessência do triângulo na arquitetura. É justo perguntarmo-nos sobre a forma das antigas tumbas, semelhante à qual é também o caixão em que sepultamos os mortos. E, regressando ainda mais no tempo, mencionemos a «arca de Noé». Estranhamente, Vanga afirma várias vezes que ela está exatamente onde se encontra um dos quartos da sua casa. Será que nesse lugar se entrelaçam algumas linhas de força, formando uma figura semelhante à arca de Noé? E esse facto ajuda-a a contactar mais facilmente com as pessoas e o Cosmos?

A própria cristalização significa a formação de cristais a partir de vapor, soluções, ligas, substâncias em estado sólido no processo de eletrólise ou em alguma reação química. Como assim se formam os minerais, todo o processo tem grande importância para os fenómenos atmosféricos e do solo na Terra. Na verdade, a cristalização é a transição de uma substância do seu estado latente de equilíbrio no meio material para um composto cristalino. É exatamente o excesso de energia neste processo que faz os cristais libertarem calor. Assim, crescem ou formam-se novos germes, dependendo da temperatura, que é diferente para os diferentes corpos.

Voltemos ao torrão de açúcar. Os cristais de açúcar são influenciados por uma temperatura próxima da do corpo humano. Após se aquecerem minimamente, começam a crescer de forma invisível. Os cristais têm a forma de diferentes figuras geométricas. Ao germinar os átomos e moléculas da substância que cristaliza, unem-se em agregados cristalinos. Significa isso que Bovis tem realmente razão ao afirmar que as figuras geométricas e especialmente as pirâmides são uma espécie de acumuladores de energia cósmica? Nesse caso, os cristais poderiam,

num determinado momento, registar também aquilo que aquele que dorme com um torrão de açúcar debaixo da almofada traz na cabeça ou os seus campos torsionais. Porque não devemos limitar-nos apenas aos seus sonhos e relações reais no mundo em que vive. O cérebro humano ainda é um campo branco e estamos longe de pensar que o conhecemos perfeitamente. E sabemos o que acontece às células que morrem e nascem aos milhares num só dia, mas preservam a sua informação genética?

O torrão de açúcar regista, como numa disquete de computador, a informação que a pessoa possui, até aos mais pequenos recantos da memória, onde provavelmente está escondida também a predeterminação fatal de cada indivíduo. Não será o cérebro humano um pequeno computador? Ou uma pequena partícula de uma holograma mundial, que contém tudo o que existe no computador mundial, de forma mais difusa? Talvez por isso, ao pegar no torrão de açúcar nas mãos, Vanga partilhe que diante dela, como numa fita cinematográfica, passa tudo do passado e do futuro da pessoa a quem «lê».

Se chamarmos em ajuda a mecânica quântica, tornar-se-nos-á claro que nas nossas representações do microcosmo há muitos campos brancos e, quanto mais fundo vamos, mais eles se aprofundam. Por enquanto, não sabemos o que acontece a um nível inferior aos eletrões, neutrões, quarks; quem puxa os fios invisíveis que dirigem o seu movimento nessas redes espaciais microscópicas? Participam essas partículas tão pequenas, organizadas numa alguma forma de matéria, nas ondas que o cérebro humano emite, como acontece isso e qual é o seu alcance? Ou também nelas atua o princípio do holograma e elas trazem informação sobre o todo que construíram? Serão também elas influenciadas pelas estruturas geométricas neste mundo ou possuem também tal forma? Porque já é claro que centros cerebrais desconhecidos existem latentemente e a desgraça estimula o seu despertar. Parece que são eles que nos ajudam a realizar contactos invulgares com o meio terrestre e cósmico. Quando uma entrada para informação é interrompida, surge imediatamente outra no cérebro. Com a estrutura cristalina do microcosmo estão ligadas as ligações informacionais distantes, a interação distante das culturas celulares. Caso contrário, não conseguimos explicar as radiações laser que todas as biossistemas

possuem, as radiações superfracas no próprio organismo do tipo das interações fracas no núcleo físico.

Neste livro já se falou do dodecaedro de Platão e da teoria contemporânea da estrutura icosaedro-dodecaédrica da terra. Atrás dessa rede está preso não só o nosso mundo terrestre, mas parece que nela se apoia todo o universo. Quando o cientista russo N. F. Goncharov decide ligar os focos das conhecidas civilizações antigas, descobre uma interessante regularidade.

A distância entre o centro da civilização do antigo Egito e Mohenjo-Daro é duas vezes menor do que a distância entre Mohenjo-Daro e o centro da civilização do antigo Japão. A distância de Mohenjo-Daro ao polo norte é duas vezes maior do que a do Egito. Assim, chega à conclusão de um sistema geométrico de distribuição dos focos das civilizações antigas na Terra, baseado no triângulo. No meio da base de um dos gigantescos triângulos está a pirâmide de Giza. Os autores desta teoria afirmam que os antigos também tinham ideia da estrutura geométrica da terra.

Segundo as antigas religiões, há uma sequência no nascimento da Terra. Estas visões são resumidas pelos autores da Sociedade Teosófica. Em primeiro lugar, colocam o chamado reino mineral. É o primeiro após o círculo de fogo e as formas como membranas.

«A montanha Meru, o eixo da nossa terra — escreve Annie Besant em “A Genealogia do Homem” —, embora tenha emergido no polo, tem as raízes nos Himalaias — “o cinto do mundo”. Gradualmente, esta terra emerge à superfície das águas agitadas que cobrem o planeta ainda não arrefecido e, semelhante a um lótus de sete folhas em torno da montanha Meru, como seu centro, mostram-se os sete grandes promontórios, que com a sua parte central constituem a Terra Eterna.»

Estes são, na verdade, os centros das civilizações mais antigas. Mas até ao seu surgimento, há ainda milhares de anos, encerrados nas redes cristalinas das rochas e minerais. Já então preservaram informação cósmica, encerraram-na para sempre em si. Por isso, desde que o mundo é mundo, a humanidade tem os seus lugares «kármicos» com uma radiação especial, que influencia o organismo humano, carregando-o de energia, como é o caso de Rupite.

Nas estruturas cristalinas cabem também as células e a matéria ligada à genética. Será que aí está codificada alguma parte extraterrestre ou, pelo caminho da auto-perfeição, acumulou tanta informação, que se transmite centenas de gerações adiante, independentemente das condições de vida e do meio em que existimos? Será exatamente esta informação genética que se regista no torrão de açúcar, uma vez que Vanga viaja frequentemente muito para trás no tempo, vai bastante para a frente nos anos e vê sobretudo os acontecimentos que influenciarão o indivíduo? Parece que, por enquanto, nos está destinado apenas comentar os factos, sem podermos, em breve, dar-lhes alguma explicação aceitável para o desenvolvimento da nossa civilização. E sempre as palavras de Vanga nos perseguirão com as perguntas que colocam:

«Se dissesse às pessoas tudo o que vejo e sei, elas imediatamente queriam partir deste mundo. Ó, se soubésseis o que me vai na cabeça! Felizes vós, que nada vedes nem ouvis!»

4. O nono vale do milagre energético

Na primeira parte do livro «Ouço os sinos celestiais», foi acompanhada e analisada a vida da profetisa do século XX, sem pretender ser exaustivo. Difícil seria dizer que apenas o redemoinho em que cai e que a cega desempenhou um papel decisivo na sua vida — reconfigurou-a, redirecionou-a. Os factos desde o seu nascimento até à sua morte arrumam-se num puzzle peculiar, no qual, se faltasse mesmo um único elo, Vanga não seria o fenómeno que conhecemos; talvez nem fosse um fenómeno.

* Nasce prematura, de sete meses. Com a fontanela não fechada. O local continua mole e a pulsar até ao fim dos seus dias terrestres.

* Nasce perto da igreja «Santos Quinze Mártires», onde se guardam parte das relíquias de alguns dos primeiros habitantes batizados dos Balcãs e esses restos incorruptos têm poder curativo.

* Fica órfã cedo e, até se casar, vive em extrema penúria.

* Brinca a jogos infantis estranhos, de «procurar algo», pressente inconscientemente respostas a perguntas que os que a rodeiam se fazem, procurando algo que perderam.

- * Inventa outros jogos infantis estranhos, como «curar» os companheirinhos, fazendo-os deitar e cobrindo-os com ervas que ela própria colhe.
- * Entra em choque após ser erguida pelo redemoinho, mas, apesar de os olhos estarem cheios de terra, como se distinguisse quem lhe fala, orienta-se rapidamente na situação.
- * Apesar de cega, adapta-se rapidamente ao ambiente da escola em Zemun, toca piano, é perspicaz, como se tudo o que lhe ensinam já o tivesse feito.
- * Na noite em que ela e Lyubka estão na igreja em Pogolevo, juntamente com a irmã, vê pontos luminosos que se «movem» pela cúpula e pelas paredes do templo de Deus. Na manhã seguinte, a velhinha que cuida do templo diz-lhes que era a Santíssima Virgem Maria. A igreja foi construída num local onde foi desenterrada uma pedrinha com a imagem da Santa Virgem com o Menino.
- * Por duas vezes, em extrema pobreza, adoece e fica na fronteira entre a vida e a morte. Nas duas vezes, ocorre nela uma mudança extraordinária, como se alguém lhe influenciasse e ela recebesse um influxo invulgar de energia vital.
- * Enquanto está com a irmã no campo, junto à fonte, «vê» um Cavaleiro Radiante, com quem conversa. E há prova concreta dessa conversa (a erva à volta da fonte).
- * Tem novamente visões relacionadas com o Cavaleiro Radiante, desta vez ligadas a certas predições sobre acontecimentos futuros e à ordem: «Ficarás aqui e predirás!»
- * Indica ao pai o local onde está enterrado um tesouro.
- * A cada ano, a sua clarividência manifesta-se cada vez mais fortemente — primeiro perante as suas amigas durante as laduvane, depois perante as vizinhas, a seguir perante os conterrâneos e as pessoas das aldeias vizinhas.
- * Prediz a Segunda Guerra Mundial e o seu desfecho.
- * Prediz a morte de Boris III e o fim de Hitler.

✱ Fatal para ela é o encontro com Peter Dunov, onde mostra aos membros da Irmandade Branca as suas capacidades e isso é o ponto final da sua «preparação».

Esse é o seu universitário. A partir daí, após casar e mudar-se para Petrich, torna-se a vidente de Petrich, tal como é conhecida até ao fim dos seus dias terrestres por todos os habitantes do planeta. Apenas por um curto período, logo após 9 de setembro de 1944, por razões de segurança, esconde-se várias vezes junto de familiares em Strumica.

Na história do povo búlgaro, há outra personalidade com a popularidade de Vanga, que viveu no século IX. Trata-se de Hodja Bulgari, muito conhecido no Afeganistão e de quem o jornalista Veselin Seykov mencionou há anos no seu livro sobre esse país. Os afegãos celebram-no a 21 de março, o início do seu Ano Novo, juntamente com outros profetas profundamente respeitados ali. As fontes históricas provam que ele veio do país Rum, como então chamavam Bizâncio e os povos ortodoxos orientais. Presume-se que era de uma linhagem boiarda búlgara, que adotara o bogomilismo e fora expulso do seu país. Hodja Bulgari é aqui venerado como o Avicena afegão; o seu mausoléu-túmulo encontra-se perto da cidade de Ghazni, onde estava o império Ghaznavida. Hodja Bulgari, além de conhecido curador, tinha um alto cargo religioso, era um filósofo respeitado, curava através de uma misteriosa energia sobre-humana, ervas, música, sugestões, habilidades de curandeiro. É um profeta universal, patrono dos curadores. E algo muito importante — com a sua filosofia de vida, une há séculos os sunitas e xiitas, eternamente inimigos entre si. Com muitas das suas qualidades e habilidades pessoais, aproxima-se muito da profetisa Vanga.

Aqui impõe-se ainda outra comparação com um fenómeno que viveu 500 anos antes de Vanga — Nostradamus. Porque dele temos material para alguma comparação e porque, pela sua potência mental fenomenal, se aproxima da profetisa.

Ao contrário de Vanga, Nostradamus, nascido a 14 de dezembro de 1503 (ao meio-dia ou à meia-noite), provém do meio de pequenos comerciantes judeus que, sob pressão do rei, adotaram a fé católica e batizaram o filho com o nome do Arcanjo Miguel. Ele é uma figura santa tanto na religião judaica como na cristã e o nome é, de certo modo, um

compromisso secreto. Mas não será também o nome de Vanga um compromisso entre a igreja ortodoxa grega e a búlgara, que durante séculos rivalizam por esse pequeno pedaço dos Balcãs chamado Macedónia?

O avô de Nostradamus, pela linha materna, é um conhecido médico, herbalista, astrólogo e provavelmente conhecia também a Sagrada Cabala, que em tradução literal significa «de boca a ouvido» e está ligada à tradição oral. Aqui não mencionamos por acaso a cabala, que era tão difundida nessa época em França e que mais tarde se torna uma das bases da teosofia e do esoterismo, que conquistaram as mentes dos séculos XIX e XX. A palavra poderíamos traduzi-la também como «tradição». Nos nossos tempos, é conhecida aquela forma de cabala que se tornou especialmente popular no século XIII, na base da qual estão todos os textos e comentários relacionados com o Pentateuco. É uma das fases do misticismo judaico e o seu início podemos procurá-lo no século I d.C. É o tempo em que se comentava especialmente intensamente, por vários ensinamentos secretos, o primeiro capítulo da Bíblia — a Criação — e o livro de Ezequiel. A crença de que quem conhece as etapas da origem do mundo e do homem possui também o conhecimento para atingir a fonte de todo o ser — Deus — inspira muitas mentes e as suas buscas. Essa é, na verdade, a base do livro Yetzirá. O segundo ensino cabalístico secreto é sobre a Carruagem de Deus — Maase Merkava; tem um papel importante no surgimento da cabala contemporânea. É exatamente aí que podemos encontrar qual é o caminho através dos sete palácios — Ekhalot. Um misticismo judaico semelhante podemos encontrar no livro Bahir, onde se contém o ensino mais antigo sobre as sefirot. Na verdade, a base da cabala é o livro Zohar (Livro do Esplendor). Aí, em 2400 páginas, sob a forma de midrash (discursos, diálogos e monólogos aos cinco livros de Moisés, o Cântico dos Cânticos e o livro de Rute), são transmitidos sob forma de parábolas vários ensinamentos e reflexões relacionadas com a Bíblia.

O avô de Michel de Nostredame ensina-o, além de matemática, grego, latim, hebraico e ciências humanas, também astrologia, colheita de ervas, preparação de pomadas e também a Sagrada Cabala, que provavelmente conhecia bem. Nostradamus estuda na universidade de Avignon e depois em Montpellier, passando brilhantemente nos exames para médico. Assim, assistimos a uma preparação metódica,

sequencial de Nostradamus para a missão que lhe aguardava, mas com os meios das ciências terrestres, dos conhecimentos existentes até então.

Em Vanga, isso acontece por via esotérica. Já noutra parte assinalámos que a maioria dos profetas da humanidade são geralmente cegos, sem visão, mas veem muito mais do que veem as pessoas comuns. E, uma vez que se falou já da sagrada Cabala, aqui é o lugar para citar um dos livros cabalísticos mais fortes — o «Zohar». Aí, em Zohar — Hadash 95.a–95.c, conta-se sobre o ancião rabi Shimon ben Yochai, que, juntamente com o filho, se retira para uma caverna escura, onde com eles acontece um milagre — diante dos seus olhos cresce uma árvore — maçã do paraíso — e começa a jorrar uma fontezinha. Toda a narrativa está cheia de símbolos — a caverna é o lugar de isolamento; só aí se podem obter os conhecimentos Divinos, para os quais se dirigiu o rabi Shimon. Mas não simbolizará a caverna também que o homem deve ser cego para o mundo terreno visível, se quiser estar mais próximo do espiritual? Recordai a descida de Orfeu ao inferno, o rei dos dácios que vários anos esteve «debaixo da terra», depois voltou a sair perante o seu povo para se tornar divino e ser venerado como deus, a alternância de Apolo e Dionísio no santuário de Delfos, em que se revezam a descer ao reino subterrâneo. A maioria dos conhecidos videntes da antiguidade são cegos para a luz diurna, mas com olhos abertos para o mundo celestial. Qual é o caminho por que recebem conhecimentos sobre o passado e o futuro, talvez «de boca a ouvido»? Talvez, se essa boca for divina?

A preparação e o crescimento de uma personalidade é um processo estritamente individual, quanto mais quando se trata de uma personalidade como Vanga. Se há algo que a aproxima de Nostradamus, não são os anos da sua juventude, mas os momentos em que começam a profetizar e a curar. Tal como Nostradamus saúda a donzela que vai para a floresta com «Bom dia, donzela!», e quando regressa de lá com «Bom dia, senhora», também Vanga, na sua juventude, adivinha infalivelmente com quem cada uma das suas amigas se casará. E para ambos isso é talvez o primeiro sinal de que sabem algo que as outras pessoas não sabem. Ou quando ambos mostram as suas primeiras habilidades na cura — Vanga em relação ao pai, e Nostradamus durante a peste.

Assim, apesar de terem crescido em condições e circunstâncias muito diferentes, tanto Nostradamus como Vanga possuem a raríssima percepção paranormal do mundo circundante, visão interior para objetos e situações vitais distantes no tempo e no espaço, inacessíveis ao homem normal.

Admitimos que Nostradamus atinge isso com base nos conhecimentos por ele assimilados, através de várias técnicas. Em Vanga, tudo é espontâneo, imediato, sem que ela própria suspeite do que se passa com ela. Sem que ela própria se aperceba, de alguma forma intui a infinitude, a unidade abrangente de todo o ser, de toda a consciência, de todo o ser vivo.

Nós, as pessoas comuns, observamos a natureza, alegremo-nos com ela e sentimos-nos como partícula dela ou como um ser individual, diferente dos restantes. Os fenómenos também observam a natureza, mas veem a profundidade, a imensidão do céu e a vastidão do mar, apercebendo-se da infinidade do espaço ou do vazio chamado Universo, que são uma partícula microscópica, pequena dela. Neles, o ponto de vista é alterado — do múltiplo para o Uno, do limitado para o Ilimitado, do intelectual para o Intuitivo, do individual para o Universal, dos objetos com fim para a infinitude. Mas, apesar disso, não perdem a ligação entre o quotidiano e o eterno, entre o pessoal e o todo.

Já tivemos oportunidade, na primeira parte, de mencionar a nossa visão sobre o aparecimento de fenómenos semelhantes e a nossa suposição de que eles se encontram mais frequentemente nas bacias do Mediterrâneo e do Mar Negro. Vanga e Nostradamus não são exceção, mas uma das provas dessa nossa afirmação. Provas são também os santuários dos trácios, o santuário em Delfos e muitos outros lugares semelhantes, com que a Península Balcânica é tão rica.

Logo após a Libertação da Bulgária, especialmente no início do século XX, no nosso país publicava-se e propagandeava-se ativamente a literatura ocultista, relacionada não só com a Sociedade Teosófica, mas também com a ioga, a antroposofia... Fruto dessa acumulação de conhecimentos é a Irmandade Branca criada por Peter Dunov (Beinsa Duno). Nasce em 1864 em Hadarcha (atual Nikolaevka), na região de Varna, na família de um sacerdote ortodoxo. O pai, Konstantin Dunovski, no ano seguinte torna-se o primeiro sacerdote na recém-

construída igreja ortodoxa búlgara em Varna de «São Jorge». Dunov conclui teologia nos Estados Unidos e provavelmente mantém contactos próximos com o círculo de Helena Blavatsky. Quando regressa à Bulgária, oferecem-lhe um lugar na igreja católica em Varna, mas recusa. Embora seja um cristão fervoroso, é um homem de mente aberta e começa a proferir palestras, nas quais usa conhecimentos e leis da área da psicotrónica, dos antigos ensinamentos, colocando-os ao serviço dos seus altos ideais humanísticos, cósmicos. Simultaneamente, Peter Dunov procura pessoas com dom de clarividência, atraindo-as para a Irmandade Branca. A esse seu interesse se deve o encontro de Vanga e Vlaycho Zhelev de Radnevo, onde demonstram as suas habilidades predizendo um ao outro os seus destinos, descrito na primeira parte deste livro.

Durante longos anos, devido a uma série de proibições que foram impostas sobre a atividade de pessoas com capacidades clarividentes, apenas Vanga permanecera como uma representante brilhante desse tipo de indivíduos. Mais do que isso – ela tornara-se uma esperança para o sofrimento e as doenças de milhares de habitantes, não só da Bulgária e dos Balcãs.

Pode dizer-se que o gelo se quebrou durante os anos oitenta e especialmente após 1990. Depois da criação, nos anos sessenta, do Instituto de Investigação Científica em Sugestologia e Parapsicologia, seguiu-se a fundação da Associação dos Radiestesistas em Varna, do clube «Homem, Terra, Cosmos», e, por volta de 1990, das Associações de Psicotrónica, de Laboratórios de Bioenergoterapia, até que, por fim, foi instituída a Associação Búlgara de Psicotrónica.

Nestas estruturas trabalham tanto pessoas com possibilidades extrassensoriais como cientistas e intelectuais conhecidos, realizando-se investigações científicas sérias. Muitos extrassensoriais, como Vera Kochovska, Liana Antonova, Stela Dimitrova, Momera Pencheva e muitos outros, alcançaram grande popularidade, mas Vanga continuou a ser a maior autoridade e capacidade. E o único clarividente que reunia em si a gama completa de possibilidades, o que a torna a profetisa do século XX.

Quase todos os extrassensoriais conhecidos foram submetidos a diversos experimentos, para que, para as necessidades da ciência, se

pudessem registar de alguma forma as suas habilidades. Com Vanga trabalharam apenas o prof. Georgi Lozanov e o prof. Velichko Dobriyanov. O objetivo deles era dar uma imagem mais completa das capacidades da profetisa, mas ambos chegaram à mesma conclusão – as suas possibilidades são inesgotáveis e, o que é ainda mais importante, ela deve ser protegida, realizar menos sessões, para se preservar por mais tempo.

Mas Vanga era uma pessoa que nunca seguiria um conselho desse tipo. Não só pelo seu coração humanitário, mas também porque talvez outro dirigisse a sua vida e lhe ditasse o que fazer. Porque a sua missão é exatamente determinada e clara, e ela deve cumpri-la até ao fim. Até à total entrega de si mesma.

«Há dias em que não punha um bocado de pão na boca. Passava apenas com uma maçã... Do mau – o pior passou pela cabeça dela...»

De onde vinham esses conhecimentos únicos que a profetisa do século XX demonstrava por vezes perante os seus interlocutores? Não se trata apenas de eventos ocorridos no passado, mas também de conhecimentos relacionados com a ciência, a medicina. Como conseguia reconhecer imediatamente de que doença sofria alguém e, além disso, encaminhá-lo para o médico que o curaria?

Trata-se, talvez, daqueles conhecimentos incríveis que ela, ao contrário dos outros extrassensoriais, possuía sobre tudo e todos, sobre o mundo, sobre o universo. Única é a sua capacidade de ajudar os solitários a formar família, as mulheres sem filhos, quando a medicina já é impotente, de estar, durante 86 anos, dia e noite, tanto no nosso mundo material como no «astral», de manter contacto ininterrupto, a cada minuto, com os registos akáshicos e de nos surpreender com o seu:

«They don't know who they're dealing with!»

Isto é algo muito mais do que clarividência e profecia. É uma dádiva extraordinária, fenomenal, uma missão com a qual são enviados à Terra os eleitos por Deus, e isso apenas uma vez a cada mil anos.

Provavelmente, cada povo, cada etnia tem direito a um tal profeta como Vanga. Para lhe dar esperança no futuro e entreabrir o seu véu, para corrigir os seus fundamentos espirituais e morais.

Para muitas pessoas, uma série de factos da vida de Vanga são mais do que estranhos. Elas nem sequer poderiam imaginá-los antes de os terem encontrado. Mas é sempre assim quando o ser humano se confronta com fenómenos psicotrónicos.

Vanga parece vir de outro tempo, de outro espaço; possui sentidos diferentes dos nossos; não há distâncias para os seus canais de informação; o tempo não existe nas dimensões que nos são familiares; trata-se de alguma realidade fora do tempo. Para ela não há barreiras temporais; ela traz um mundo paradoxal, incompreensível para as pessoas comuns, no qual é possível contactar não só com seres humanos, mas também com animais, plantas, minerais, natureza viva e não viva.

Com ela não existe «não posso»; há uma estranha entrelaçamento de informação e energia. E, dado que Vanga reúne todos esses conhecimentos, habilidades, práticas e possibilidades num só lugar, ela é como se fosse a nona onda desse mar energético, mental e Deus sabe mais o quê, que nos atira de um lado para o outro porque não sabemos nadar nele.

5. Do passado ao futuro – regulador moral

A cada indivíduo humano a natureza deu um determinado período de tempo. Quando se fala dele, associa-se sempre ao mundo material, respetivamente – ao corpo humano. Nascemos, passamos pela infância e adolescência, somos educados por diversas situações e sob a influência de fatores externos (os nossos pais, o meio que nos rodeia), acumulamos tanto experiência positiva como negativa.

Quanto mais anos carregamos às costas, mais significativo se torna o nosso experiência. As recordações, os sonhos, os impulsos espontâneos de sentimentos há muito esquecidos movem o nosso dia a dia no mundo material, e o nosso sistema de normas morais e éticas serve como filtro, mostrando a nossa imagem perante os restantes membros da sociedade numa luz positiva ou negativa.

Vivemos com a convicção de que este mundo nos é dolorosamente familiar. Mas esquecemos que cada partícula dele possui qualidades e propriedades, campos e emanações, regularidades nas inter-relações, sobre as quais nada sabemos, ou esses conhecimentos estão

predestinados a um tipo especial de seres humanos que, em maior ou menor grau, vislumbraram esse lado além do ser, o além.

Talvez isso venha do facto de tudo neste mundo possuir memória e se lembrar. Parece que os clarividentes e os extrassensoriais penetram, em maior ou menor grau, exatamente nessa «memória», que vai do mais ao menos infinito. Mas para quê e a quem é necessária?

«Todo o ser vivo, toda a Terra e todo o Universo obedecem a um ritmo e ordem cósmicos estritamente determinados. A violação dessa ordem leva a erros pelos quais, depois, todos pagamos muito caro.»

Portanto, como nos ensina Vanga, os nossos erros perturbam essa ordem, especialmente quando se situam na esfera do espiritual, da ética e da moral. Então as consequências são duradouras, para gerações futuras.

«O teu pai está descontente. Pergunta por que vendeste a casa construída num terreno que lhe foi oferecido por Alexander Stamboliyski?» Na verdade, fiquei petrificado, porque há muito esquecera esse facto e não considerava que ainda fosse assim tão importante. Arrependi-me de ter magoado tanto o meu pai...

Eis como o extrassensorial, com a capacidade de contactar com o que chamaríamos uma «infinidade divina», assume o papel de corretivo. Essas excursões ao passado e ao futuro que Vanga realiza cem vezes por dia não acontecem por sua vontade. Há alguém que lhe fala.

Os parentes falecidos chegam com os seus traços distintivos, não lhe dão um minuto de tranquilidade, insistem que ela diga tudo o que querem partilhar com os seus entes mais queridos, como se tivessem pressa para algum lugar, e Vanga é apenas uma estação intermédia, uma encruzilhada entre os mortos e os vivos.

Mas essas mensagens estão sempre ligadas à ética e à moral, recordam-se episódios e eventos trágicos que levaram ao estado em que se encontra atualmente o interlocutor de Vanga, avisam-se de problemas iminentes e consequências de atos irrefletidos. Como se se tratasse de algum fluxo subconsciente do ser.

Aí estão armazenadas todas as experiências desde o tempo sem início, todos os conteúdos da consciência, para entrarem na consciência

desperta e ativa do homem, se as antigas condições e associações o exigirem. Nos extrassensoriais tal obstáculo não existe. Eles mantêm sempre ligação com esse «armazém» e podem dele retirar.

Aqui não se trata de uma simples coordenação dos sentidos, que é tarefa da autoconsciência mental, mas de um fluxo eterno da consciência.

Se refletirmos que toda a pessoa sonha e sonha com tudo o que há, dificilmente consideraríamos, à primeira vista, fenomenal essa capacidade dos extrassensoriais de contactar com pessoas que partiram deste mundo. Tanto mais que esses nossos sonhos também estão emocionalmente ligados às pessoas mais próximas de nós; trata-se de algum «sonho de felicidade» do qual saímos com o coração pesado de dor.

Apenas nesses sonhos, no momento em que falamos de alguém ou contamos a alguém algum episódio, vemos imediatamente essa pessoa diante de nós como num filme, chegando mesmo a tornar-nos participantes na história que contamos durante o sono. E isso aproxima-nos de fenómenos como o de Vanga.

Na literatura estão descritos milhares de casos em que parentes próximos já falecidos aparecem em sonho para avisar de uma desgraça iminente ou de um momento feliz na vida. Recordem os sonhos proféticos dos heróis da Ilíada e de outras obras geniais do épico antigo.

Se aceitarmos a compreensão simplista de que os deuses na mais profunda antiguidade eram simples pessoas terrenas que depois, por uma ou outra razão, foram divinizados, chegaremos à conclusão de que os antigos heróis sonhavam com os seus antepassados, que os guiavam. Recordem o encontro de Hamlet com o espírito do pai. A literatura mundial está cheia de exemplos semelhantes.

Mas há ainda outro momento essencial e importante. Está ligado aos sonhos proféticos dos grandes.

No início do livro de Hermes Trismegisto «Poimandres», ficamos a saber do sonho de Hermes, que surge depois de ele ter refletido longamente sobre a essência das coisas. O seu corpo está entorpecido, mas o seu espírito eleva-se no espaço. Algum ser chama o seu nome. É Osíris.

Pergunta-lhe o que deseja, e Hermes responde: «Contemplar a fonte dos seres e conhecer Deus!».

Envolve-o uma luz agradável, diante dele passam as imagens cativantes de todos os seres, depois cai num fumo e num rugido monstruoso, mas a voz da luz chama-o e salva-o. Está novamente no espaço, e o abismo engole o caos. Osíris pergunta-lhe se compreendeu o que viu e, ao receber resposta negativa, revela-lhe que aquilo era a eternidade.

Hermes partilha que se sente estranho e que já vê com os olhos espirituais, e não com os corporais...

Não é aqui o lugar para contar todo o sonho de Hermes tal como está descrito no seu livro e como o recria Édouard Schuré em «Os Grandes Iniciados». Para nós era importante o estado em que ele cai, independentemente de o aceitarmos nos nossos dias como personalidade real ou como divindade.

Descrições semelhantes podemos encontrar não só para muitos dos antigos videntes, mas também de pessoas que passaram por morte clínica e depois reviveram. Isso significa que a capacidade de Vanga não é única. A diferença é que ela conversa com os parentes falecidos do seu interlocutor não só em sonho, mas a qualquer momento.

Por vezes fala até com a voz, com as expressões conhecidas do morto, o que provoca choque nos seus familiares. Se realmente os interlocutores de Vanga vêm acompanhados dos seus entes queridos, isso significa que eles competem para ver quem chega primeiro ao parente em apuros.

E por vezes, nessa competição, alguns conseguem falar pela voz de Vanga. Isso acontece geralmente quando não passou muito tempo desde a morte daquele que se manifesta ou quando os sentimentos são muito fortes de ambos os lados.

Se há algo que nos dê a chave para esse lado da clarividência de Vanga, é esse estado em que ela cai muito frequentemente e que é próximo do nosso sono. Provavelmente existe algum mecanismo, algum caminho pelo qual, se nos aperfeiçoarmos, nós, pessoas comuns, sem sonhar, possamos cair em tal estado que nos permita conversar com os nossos parentes mortos e receber deles conselhos e ensinamentos valiosos.

Mas isso significa que teríamos de nos tornar uma porta para eles. Provavelmente é esse o estado a que os iogues chegam através de diversas técnicas de aperfeiçoamento do espírito. Neles isso chama-se siddhi – poder, alto êxito. Trata-se dos poderes e do êxito alcançados na prática da samyama iógica.

Chega-se a um estado tão fenomenal que é possível penetrar no passado e no futuro, decifrar os sons de outros seres, ver impressões e seres peculiares, percepções auditivas superfinas e possibilidades, como descreve esse estado no seu livro «Yoga – termos básicos» um dos melhores conhecedores búlgaros de ioga, Kancho Kanchev.

Trata-se de uma concentração real, e não falsa, da mente ou da atenção. Esses fenómenos não são um fim em si mesmos; alcançam-se diretamente e são resultado de um aperfeiçoamento multifacetado e de um esforço para um desenvolvimento harmonioso. São oficialmente confirmados por métodos ou meios experimentais contemporâneos.

Tudo o que foi escrito até aqui não nega também a existência do arquétipo – imagem primordial, por outras palavras, símbolo primordial, que aparece nos sonhos das pessoas de todas as épocas e tempos. Aí está contida a experiência coletiva da humanidade e é como uma ordem para um comportamento imediato.

Afirma-se que se trata de campos de força e centros de força hereditários transformados em imagens – a imagem da mãe, do pai, do sol, da lua, da serpente e outros. Com base nisso interpretam-se os diversos sonhos. Esses arquétipos desempenham um grande papel na vida do homem, especialmente quando ele se encontra num ponto de viragem do seu destino. São também os seus corretivos morais e de vida.

Segundo Édouard Schuré, muitos factos irrefutáveis testemunham que o estado de clarividência se diferencia tanto do sonhar como do estado de vigília. As capacidades mentais do clarividente aumentam fortemente, a sua imaginação torna-se mais viva, a sua mente mais desperta.

Nele revive um novo sentimento anímico. Lê os pensamentos dos presentes, penetra a quilómetros de distância em lugares onde nunca esteve, na vida íntima de pessoas que nunca conheceu. Os seus olhos

estão fechados, mas o seu espírito vê mais longe e melhor do que os olhos corporais e viaja livremente pelo espaço, mas não por um fim em si mesmo, antes com um objetivo elevado ligado à moralidade, à elevação espiritual.

Mas a clarividência e o sonho, além do seu corretivo moral, assemelham-se também em algo muito essencial, chamado barreira amnésica. Provavelmente a natureza criou-a para que não misturemos a informação real da vida que recebemos em estado de vigília com a fantástica que o cérebro combina de forma estranha e abre na nossa cabeça uma janela para o eterno.

Afirma-se que a recordação dos sonhos faz parte do domínio do caminho da psique. Recordem Don Juan de «Viagem a Ixtlan» de Castaneda, que aconselha o seu discípulo a dominar completamente os seus sonhos.

É possível que, além do sonho, também a hipnose reforce a dependência pessoal do sonho e assim se remova a barreira amnésica. Com Vanga acontece frequentemente que, quando lhe pedem para repetir o que já disse, ela responde categoricamente que não pode.

Portanto, também nela provavelmente existe essa barreira amnésica, essa medida de proteção que a natureza e Deus nos impõem.

A maioria dos fenómenos descritos até agora na literatura, relacionados com a clarividência e as profecias, ocorrem em estado de semissono ou de sono. Não esqueçamos os sonhos dos grandes, nos quais eles recebem predições sobre as suas descobertas, sobre as suas vitórias ou derrotas militares.

O caso do sonho de Dmitri Mendeleev e da intuição que lhe foi dada para o ordenamento da famosa tabela dos elementos químicos não é alguma exceção fenomenal, mas apenas um grão do colar mundial, ordenado por casos semelhantes.

Talvez aqui seja o lugar para mencionar a estranha história do general alemão von Moltke, um comandante genial, que no momento em que está no auge do seu génio militar, de repente se transforma e, em circunstâncias estranhas, parte deste mundo.

Estranha é a história que ele mais tarde conta à sua esposa Elsa, a partir de outra dimensão do tempo e do espaço, ela que num certo momento desperta em si capacidades extraordinárias, ao mesmo tempo que insiste que não há nada de mediúnico na sua ligação com o marido.

Através dela, ele conta ao seu círculo de amigos aquilo que pode ver no registo cósmico, na imagem eterna do destino mundial, onde o passado e o futuro estão indissociavelmente ligados.

Na verdade, trata-se de visões proféticas do general Moltke, proferidas pela boca da sua esposa, para o período de 1916 a 2000.

Ele descreve como a Alemanha perderá a guerra, prediz as condições que serão impostas pelo Tratado de Versalhes e como a classe operária despertará para a verdade.

Prediz a queda dos Romanov e dos Hohenzollern e das outras dinastias reais, como elas serão varridas pelas novas ideologias – o fascismo e o comunismo.

Prediz como Lenine criará um regime comunista na Rússia e como o fascismo nascerá na Alemanha, mencionando até o nome de Adolf Hitler como futuro führer do Terceiro Reich, embora ele na altura ainda fosse um simples soldado raso.

E sublinha que isso é uma transformação kármica dos fenómenos históricos ocorridos um milénio antes.

Em «A Lança do Destino», Trevor Ravenscroft afirma que os misteriosos últimos meses da vida do general estão ligados precisamente a essa transformação kármica e, mais concretamente, à sua reencarnação e à reencarnação de muitas outras figuras reais atuantes na vida política da Alemanha da época.

Nestes seus assertions, ele vai talvez demasiado longe, mas facto real são as predições, independentemente de quem as proferiu e pela boca de quem.

Muitas delas realmente se cumpriram.

Por enquanto, para a ciência, o sono é um acaso, no qual se combinam diversos elementos da vida psíquica do sonhador.

Mas há casos como o de Edgar Cayce, que faz predições e viaja ao passado em estado de sono hipnótico.

Alguns fenómenos semelhantes nem sequer dormem e não sentem necessidade de sono.

Dorme Vanga ou encontra-se continuamente em algum estado de semissono?

«À noite vocês dormem, e eu folheio páginas do ser humano e vivo as tragédias de todas as pessoas!»

Lendo estas palavras proferidas por Vanga, recordo-me do voto do bodhisattva:

«Assumo sobre mim o fardo de todos os sofrimentos. Estou decidido a suportá-los. Não voltarei atrás. Não fugirei, nem tremerei. Não recuarei, nem hesitarei. Trabalho não só pela minha própria libertação. Devo ajudar na libertação de todos os seres...»

Pela libertação da indiferença moral ou, mais simplesmente dito – do pecado.

Mas não foi exatamente para isso que Vanga viveu 86 anos?

Pesado fardo, não ter nunca tranquilidade, como se estivesse ligada a algum computador mundial.

E novamente coloca em primeiro lugar o regulador moral – «vivo as tragédias de todas as pessoas».

O ser humano terreno comum não poderia, sem ajuda externa, nem ver nem ouvir aquilo que ela vê e ouve, nem suportar esse fardo.

Ela como que nos observa ao microscópio, lê na nossa alma e a sua primeira tarefa é guiar-nos, corrigir-nos a qualquer preço, mesmo ao custo da sua própria tranquilidade, da sua própria vida.

É exatamente essa a janela que se abre na sua cabeça quando uma pessoa se coloca diante dela e ela observa imagens da vida dessa pessoa, e uma voz, que provavelmente analisa tudo, lhe dita o que transmitir.

«Eu sei que os monges devem viver só para Deus! – é categórica perante o monge. – Porque com o voto deles morreram para o mundo!»

E mais tarde, depois de conversar sobre a sua complicada história de vida, na qual há muita dor e muito amor, independentemente de tudo, declara novamente de forma categórica: «Não, ela não tem direito de abandonar os filhos e tocar nas portas da igreja!»

Mas há também algo mais:

«... Uma voz muito severa avisa-me continuamente para não tentar explicar o que quer que seja, porque as pessoas merecem a vida que levam. Como ajudar estas pessoas que:

- Cada vez mais não respeitam ninguém;
- Competem para adquirir dinheiro e bens.

Como se o objetivo do homem fosse pisar tudo o que é luminoso e sagrado, ao qual chegou ao preço de tantos sacrifícios caros.»

Ela sabe que as pessoas estão cegas pela loucura e pela ganância, cobiçam tudo, até que se chegue ao momento em que será destruído o que é vitalmente necessário através da atividade industrial, da urbanização, da louca aspiração ao sucesso a qualquer preço...

Ela sabe que aqueles que vão ter com ela estão muito confusos e que deve indicar-lhes a direção certa, embora esteja convencida de que nem todos acreditam nela, sabe previamente quem cumprirá os seus conselhos e quem os ignorará, mas tem o dever de cumprir o seu dever – estender a mão aos perdidos e desesperados e indicar-lhes para onde ir.

Porque os obstáculos que o físico, o material, colocam perante o espiritual não são motivo para rejeitar o material, pois as nossas maiores obstáculos são também as nossas maiores oportunidades favoráveis para superar os erros que cometemos na vida.

O objetivo de Vanga é ajudar-nos a transformar o nosso corpo num servo consciente, num instrumento radioso e numa forma viva do espírito.

De quem é representante Vanga? Talvez daquele grande olho no céu, do qual ela menciona frequentemente que ninguém se pode esconder dele.

Ela teve um tempo determinado e cumpriu dignamente, acima de tudo, o seu dever moral.

Talvez essa tenha sido a sua missão mais importante como fenómeno.

Teremos compreendido as suas mensagens morais? Deciframos as suas parábolas, as indicações que nos deu, as suas intuições sobre o futuro, as suas predições, ou aceitamo-las literalmente sem refletir sobre o seu sentido oculto, muito mais profundo.

Nessa medida, ela como que reuniu todas as criações populares nascidas nos Balcãs e salpicava o seu discurso com elas, novamente com a única esperança de que finalmente a compreendêssemos.

Quem tem ouvidos – que ouça...

6. Filhos de Deus ou casulos cósmicos?

Refletindo sobre tudo o que foi escrito até agora sobre o fenómeno Vanga e reunido no livro «Ouço os sinos celestiais», apetece-me ligar uma das conclusões à hipótese de que o sentido da nossa vida terrena está no desenvolvimento, no aperfeiçoamento das nossas capacidades mentais e lógicas.

Para esse aperfeiçoamento tenderam milhares de gerações de representantes do género humano e nesse esforço não há nada de estranho nem de excecional ou inacessível, acima da nossa natureza.

Todas as civilizações humanas desenvolveram-se precisamente graças a esse esforço de aperfeiçoamento do pensamento, das nossas possibilidades espirituais, matemáticas e lógicas.

Consciente ou não, esse é o nosso eterno esforço e nunca podemos fugir dele.

Ele persegue-nos até nos sonhos com as suas propostas incríveis, com as suas ideias fantásticas, que só o intelecto pode gerar, libertado pelo sono.

Mas depois de tudo isso vem o inusitado, talvez inaceitável para muitos de nós.

Esse aperfeiçoamento provavelmente é necessário para o próximo estágio superior do crescimento do espírito humano.

Essa hipótese é sugerida por todas as religiões existentes, que sempre lutaram pelo aperfeiçoamento do espírito e é justo perguntarmo-nos «Porquê?».

A quem é necessário esse aperfeiçoamento contínuo do espírito enquanto o homem está vivo, se após a morte há apenas o nada?

E se fosse assim, para quê precisaríamos do corretivo moral e anímico ao qual nos levam fenómenos como Vanga?

Por que ela realiza os seus «milagres» – conversa com os mortos, viaja para diante e para trás no tempo, como vê e compreende tudo isso, sendo cega desde os doze anos?

Serão os conhecimentos que ela partilha com as pessoas fruto da sua experiência de vida, daquilo que ouviu, daquilo que lhe leram?

Se conhecem o fenómeno Vanga, será claro que a resposta a essa pergunta é bastante complexa.

Esses conhecimentos e capacidades talvez pertençam a outro intelecto superior que não conhecemos.

Será isso alguma tentativa de contacto connosco, sem que possamos reagir de forma correspondente, porque estamos num nível de desenvolvimento inferior?

Apesar disso, essa ligação provavelmente é-lhes necessária e eles continuam, através de fenómenos como Vanga, a mantê-la.

A própria Vanga é muito precisa numa das suas conversas com Krasimira Stoyanova:

«Como descrever o invisível,
como abarcar o universal,
como explicar o ilógico,
como acreditar no imaterial?»

Ela sabe quem é aquele que está 18 cm acima da sua cabeça e lhe dita.

Sabe que é sua representante e diz-no-lo muitas vezes, embora compreenda que não o podemos entender.

Por isso, quando tenta descrevê-lo, serve-se das palavras «invisível, ilógico, imaterial, universal».

Trata-se, na verdade, daquelas «pequenas e grandes forças».

Provavelmente são elas que a ajudam e a salvam várias vezes das garras da morte, quando ela está a um fio dela, dão-lhe «olhos» para as marcas nos corpos de pessoas há muito falecidas, «ouvidos» para ouvir as suas perguntas e colocá-las aos vivos...

Há muitos livros escritos sobre o tema «Estiveram eles na Terra e ainda estão entre nós».

O tema já se tornou especulativo e é uma boa roleta para dinheiro.

Mas as buscas profundas continuam, embora não lhes seja dada publicidade.

Porque precisamente fenómenos como Vanga têm acertos muito precisos.

Ela é tão categórica e convincente que não podemos deixar de acreditar nela.

«Forças», «pontos luminosos», «grande espírito» – é assim que ela chama aqueles que não pisam a terra, porque ela para eles é impura(?).

Para ela, no momento, há grande movimento de máquinas voadoras no cosmos e nelas eles voam aos pares ou aos três.

Na Terra existiram civilizações muito mais antigas que a nossa, e no Cosmos existia paralelamente à nossa e muito mais desenvolvida uma inteligência.

Nós ainda estávamos na idade infantil do intelecto.

Ela descreve os extraterrestres como muito severos, neles tudo é organizado, trabalha-se muito e eles declaram-lhe que ELA É A SUA LIGAÇÃO MAIS DIRETA COM A TERRA.

«Eles comunicam com unidades de pessoas do nosso planeta, controlam-nos. Não me permitem falar sobre aquilo que ouço e vejo na terra deles. Dizem que ainda não chegou o tempo de vos contar tudo o que partilham comigo.»

Como explicar estas suas palavras? Fruto de uma fantasia desenvolvida ou trata-se realmente de um contacto com uma inteligência que não conhecemos?

Noutra ocasião diz aos seus próximos para não fazerem barulho, porque na casa havia muitas pessoas.

Conta que eles a avisaram para não ter medo de nada, porque à porta dela havia um poste de ferro que a protegia.

Interessante é que o mesmo diz na sua predição sobre a vida dela o irmão Vlayko.

Após os voos do «Apollo 11» e «Apollo 12» à Lua, ela é categórica ao afirmar que os cosmonautas não disseram nem o equivalente a um grão de mostarda da verdade sobre o que viram lá.

Só vários anos depois a revista «Modern People» publicou fotos de OVNI's feitas na Lua, e o antigo funcionário da NASA Maurice Chatelain publicou no seu livro «Os Nossos Antepassados Vieram do Cosmos» um registo da conversa dos cosmonautas que desceram à Lua com a nave-mãe, na qual há muitas réplicas estranhas...

Mas tudo isso aconteceu depois de Vanga ter proferido as suas palavras proféticas, nas quais muito poucas pessoas acreditaram.

Estranho é que para grandes eventos na história da humanidade ela sempre tentou avisar.

Recordem a sua predição sobre a Segunda Guerra Mundial, a morte de Boris III, a chegada dos comunistas ao poder, os eventos em Praga, a queda do Muro de Berlim, o afundamento do submarino «Kursk»...

Fica a convicção de que através dela alguém quer avisar-nos sobre os eventos importantes na nossa vida, que ela é uma intermediária entre ele e nós.

O tema dos paleocontactos com civilizações extraterrestres, de que elas agora estão entre nós, observam-nos, guiam-nos, corrigem-nos ou nos impedem, existe há mais de meio século.

Tem os seus defensores e os seus negadores.

Facto é que existem muitas provas deixadas por visitas de inteligência extraterrestre ao nosso planeta – desde os livros mais antigos até às inexplicáveis descobertas arqueológicas espalhadas por toda a terra.

Muitos livros sobre esse tema foram traduzidos para búlgaro e não é aqui o lugar para mencionar novamente tudo o que até agora foi escrito e comentado.

Contentar-nos-emos apenas em comentar algumas das suposições dos defensores da tese da presença de inteligência extraterrestre.

Gostaríamos de começar com Konstantin Tsiolkovsky:

«Estamos convencidos de que os seres maduros no universo têm meios para se transferir de planeta em planeta, interferir na vida de planetas atrasados e ligar-se a seres igualmente maduros como eles.»

«Podemos esperar que essa poderosa organização (sociedade altamente desenvolvida) possa penetrar em qualquer planeta, por exemplo, na Terra. Tanto mais que uma tal organização é capaz de encontrar milhares de possibilidades para realizar os seus desejos razoáveis.»

O processo de reprodução de semelhantes só é possível na presença de certas condições – meio nutritivo externo, regime de temperatura necessário.

Nenhuma espécie de animais ou plantas pode crescer indefinidamente em termos quantitativos.

Mas a transformação da matéria inanimada em viva e pensante, a expansão da vida para novas e novas regiões do espaço cósmico é um dos princípios básicos no desenvolvimento da natureza.

O homem não pode ficar à margem desse desenvolvimento.

A matéria viva continuará a conquistar a inerte não viva.

Mas o que é natureza não viva – aquilo que entendemos nós, os habitantes terrestres, ou ela tem outras dimensões que não conhecemos?

Os cientistas que se ocupam do problema são categóricos – no Cosmos deve haver ou muitas civilizações, ou nenhuma.

H. Evert expressa a ideia de um universo múltiplo – o mundo em que vivemos não é único, existe em um número infinito de cópias equivalentes.

Nós observamos apenas uma delas.

Em cada transição quântica realizam-se simultaneamente todas essas cópias possíveis do Universo.

O papel da consciência nesse processo resume-se à livre escolha de uma dessas possibilidades.

O observador pode contemplar o movimento na ordem dos eventos que se desenrolam ao lado da sua posição imóvel ou ele próprio ocupar uma posição nos diferentes ramos do universo múltiplo. (segundo B. Palyushev)

Outros cientistas, como prova, citam a fórmula de Drake, na qual estão incluídos como elementos separados o número de civilizações na Galáxia capazes de estabelecer contacto com outras sociedades, a velocidade com que se formaram estrelas na nossa Galáxia na época do surgimento do Sistema Solar, a percentagem de estrelas com famílias de planetas, a percentagem de planetas de um sistema solar com condições para vida, a fração de planetas nos quais surge vida, a fração de planetas com vida inteligente em relação aos outros planetas com diferentes formas de vida, a percentagem de mundos inteligentes que atingiram um nível de possuírem meios técnicos e desejo de contacto com outras civilizações, o tempo de existência das civilizações técnicas que aspiram ao contacto com outras estrelas.

É evidente que a fórmula tem muitas incógnitas e talvez esteja prevista para um futuro indeterminado.

Mas a interpenetração mútua das civilizações e a influência de uma civilização sobre outra não são eventos aleatórios e são ditados pelas leis objetivas irrevogáveis do ser.

O nosso planeta foi visitado repetidas vezes por representantes de outras civilizações e os vestígios delas podemos encontrá-los na cultura material e espiritual da humanidade, nos fenómenos físicos inexplicáveis e enigmáticos, nos conhecimentos herdados, nos factos da história do planeta.

No «Apócrifo do justo Enoque», por exemplo, escreve-se:

«Naqueles dias (nos dias de Jared, pai de Enoque, cujo nome em tradução literal significa “descida”) anjos, filhos do céu, desceram a Ardis, que é o cume do monte Hermon... eram 200, dos quais 10 eram anciãos...»

Refletindo sobre o modo de surgimento da vida no planeta e sobre a sua evolução, podemos colocar a questão: não será a célula viva um biocomputador que guarda ciosamente a informação, pois só aí ela pode ser preservada por milénios e transmitida de geração em geração?

Aqui é o momento de citar uma das respostas de Vanga, quando lhe perguntam se o caminho da vida depende da força do indivíduo e se pode ser alterado; ela é categórica:

«Cada um segue um caminho estritamente determinado!»

Eis mais uma prova, proferida pela boca da profetisa, de que o homem é provavelmente um complexo sistema biocomputacional, onde cada ação está previamente programada.

Daqui em diante há apenas um passo até à ideia de que somos produto de uma inteligência superior e fomos criados com um propósito estritamente determinado – o surgimento e o desenvolvimento de seres inteligentes, a nova geração da inteligência superior.

O prazo de cada um está previamente determinado, mas isso não significa que ele viverá até esse prazo (recordem Ludmila Zhivkova e a réplica de Vanga «As forças não me disseram!»).

Provavelmente trata-se de algum limite superior até ao qual o homem pode viver, se nada de imprevisível lhe acontecer.

Ou talvez a inteligência superior tenha uma necessidade urgente do nosso espírito e o recolha prematuramente.

Mas, uma vez atingida uma certa idade, o que quer que façamos, não há salvação.

O espírito deve abandonar o corpo terreno e trasladar-se para outro lugar, onde realizará o trabalho para o qual foi criado.

Por mais ousada, fantástica e inaceitável que esta hipótese possa soar, ela tem os seus defensores.

Segundo eles, com o surgimento do nosso corpo nele instala-se também o nosso espírito, que não é nada mais do que um embrião da inteligência superior.

Isso acontece talvez com a ajuda dos seus representantes, que estão constantemente entre nós e essa é uma das suas principais tarefas.

Porque o nosso planeta é provavelmente um lugar onde se desenvolvem nos nossos corpos seres inteligentes que, ao atingirem um certo estágio, se tornam necessários à inteligência superior.

Nós somos algo como casulos cósmicos e por isso nascemos com a participação ativa dessa inteligência e temos um tempo exatamente determinado durante o qual devemos estar na Terra.

Em todo o lado se sublinha que o homem é criado de espírito e carne, mas em primeiro lugar está a palavra espírito.

O espírito é o essencial, e a carne é necessária para assegurar o seu desenvolvimento.

Algo como o fruto de uma planta ou, mais precisamente, a noz e a sua casca, quando ainda está verde.

Provavelmente as nossas almas devem ser moldadas como intelecto nos nossos corpos terrenos até atingirem outro grau de desenvolvimento, necessário à inteligência extraterrestre.

Provavelmente o cultivo e o desenvolvimento de seres inteligentes neles exige bastante tempo; eles utilizam a Terra como incubadora.

Assim chegaram também à criação de um biocomputador que cultiva o espírito, que o ajuda a desenvolver-se e a aperfeiçoar-se.

Será por acaso que a nossa carne contém 97% dos elementos da tabela de Mendeleev e principalmente oxigénio, hidrogénio, carbono, azoto?

Esse sistema pode reproduzir-se a si mesmo e existir milhões de anos.

Mas o que tem tudo isso a ver com Vanga?

Recordem os seres de que ela fala, que estão continuamente ao seu redor, como são transparentes e como, no planeta deles, para onde a levaram, viu como trabalham muito e tudo está muito bem organizado.

Ela é também prova de que o ser inteligente que nasceu e se desenvolveu no nosso corpo terreno não esquece a Terra e lá recorda tudo – os eventos, as pessoas com as quais esteve ligado aqui.

Mas, como eles não podem contactar diretamente connosco, utilizam Vanga como intermediária.

Rudolf Steiner, por exemplo, tem uma visão espiritual e afirma que Cristo nasceu aos 30 anos no batismo no rio Jordão.

A essência azótica de Jesus abandonou o corpo e este foi ocupado pela essência divina.

Quando lhe perguntam se tem a sensação de que a sua atividade clarividente e a sua dádiva estão programadas por forças superiores, ela responde categoricamente «Sim!», porque compreende que essas capacidades que demonstra não são pessoalmente suas.

Presume-se que, quando a inteligência superior decide ajudar algum ser humano terrestre com saúde prejudicada, recolhe junto de si o seu espírito e no seu lugar coloca outro, especialmente preparado para uma missão diferente na Terra.

Assim receberam as suas capacidades muitos não só clarividentes e curadores, mas também homens da ciência e do espírito.

Com Vanga isso acontece duas vezes, para ser salva – quando o redemoinho a levanta e quando está no leito de morte.

Com o que podemos explicar essas mudanças instantâneas nela senão com a intervenção das forças superiores.

Vanga afirma que eles são do planeta Vamfim; talvez se trate daquele mesmo satélite artificial chamado «Príncipe Negro», que, contrariando todas as nossas leis físicas, se move na direção oposta à rotação do nosso planeta e supera os obstáculos incríveis provocados pela força de atração da Terra e pelo seu movimento rotativo?

Ou de algum outro planeta ainda desconhecido para nós?

O enigma ainda nos atormentará por muito tempo, tal como o próprio fenómeno chamado Vanga.

Neste ordem de ideias, podemos adicionar também o caso do sobrinho dela, Mitko Gaygurov, descrito na primeira parte deste livro, quando através de Vanga fala outra voz, chama-se Joana d’Arc e é categórica:

«Em nada acusem esta alma, porque ela não é de vós, não é de ninguém. Há uma testemunha – é a tua mãe, que a carregou num cesto quando estava no leito de morte. Então, num instante, a alma dela saiu e nela instalou-se outra e ela recuperou para continuar a sua vida terrena...»

Esta foi apenas uma das hipóteses, mas ela é confirmada por um facto concreto da vida de Vanga.

Não é obrigatório que o leitor acredite nela.

O nosso objetivo é apresentar-lhe diferentes opiniões.

Porque nesta direção ainda há muito a procurar.

Com a fé e a convicção de que, se não formos bons, se não desenvolvermos as nossas qualidades espirituais, pereceremos tanto como personalidades como como civilização.

Isso já aconteceu na história da humanidade.

O material prevaleceu e levou à ruína muitas civilizações.

Mas agora talvez se trate de algo muito mais sério, sobre o qual Vanga nos avisa ao longo de toda a sua vida.

Talvez desta vez para a humanidade não haja exame de recuperação e, se perecer, será para sempre.

Vanga é categórica ao afirmar que isso não acontecerá, embora nas suas predições haja muitos avisos sobre mudanças negativas no ambiente e na vida das pessoas.

Provavelmente elas serão superadas graças a Deus ou àqueles de quem fomos criados, dos quais somos casulos cósmicos.

Segundo ela, daqui a mais 200 anos finalmente nos encontraremos com irmãos em inteligência.

Não será esse o tempo durante o qual os nossos pais cósmicos finalmente conseguirão encontrar uma forma de se materializarem na atmosfera terrestre?

Ela afirma que primeiro um aparelho húngaro captará sinais do cosmos.

E talvez se trate exatamente de um tal contacto, e não de um contacto puramente material e visual.

Porque «o equilíbrio surgirá então, quando seres não terrestres começarem a falar com as pessoas».

Até lá o mundo mudará, subirá e descera e novamente subirá...

7. A clarividência à luz de uma nova teoria

Na verdade, trata-se de algo antigo como o mundo, mas esquecido ou, devido a uma série de dogmas, rejeitado como algo ligado à religião e não à ciência, embora ainda hoje seja muito difícil explicar onde passa essa fina fronteira e o que é anticientífico na religião, uma vez que ela nos traz informação sobre conhecimentos que a humanidade possuía há dezenas de milhares de anos.

O erudito budista Swami Vivekananda expressa um pensamento bastante preciso, que se pode dizer que dá explicação não só para aquilo a que chamamos fenómenos psi, mas também para as nossas conceções relacionadas com a física do mundo que nos rodeia.

«O espaço, o tempo e a causalidade – escreve ele – são como o vidro através do qual se pode ver o Absoluto... No absoluto não há nem tempo, nem espaço, nem causalidade.»

A ideia de que o sistema de coordenadas espaço-temporais tem significado objetivo para unidades separadas foi abandonada no início do século XX com o aparecimento da teoria da relatividade de Einstein, que revolucionou a física contemporânea.

No lugar dessa ideia, a teoria da relatividade colocou o espaço-tempo apenas como elemento da linguagem usada pelo observador para descrever o seu ambiente.

Ela dá-nos uma explicação muito precisa também sobre onde está a diferença entre Vanga e os seus visitantes.

A linguagem dela inclui o espaço e o tempo, mas com eles descreve o seu ambiente, que é diferente do nosso por várias razões; ela tem outros olhos não só para o nosso, mas também para outro mundo, do qual fala frequentemente.

«Esqueçamos o curso do tempo – escreve o sábio taoista Zhuangzi –, esqueçamos o conflito das opiniões. Voltemo-nos para a infinidade e tomemos aí as nossas decisões.»

Para essa infinidade voltou-se a física contemporânea no início do século XX.

Ainda nos anos vinte do século passado, o cientista Élie Cartan deu os primeiros passos para a construção de uma teoria unificada das interações físicas, baseada na representação do papel da torção do espaço.

Nos anos cinquenta, essa ideia esteve na base da teoria da gravitação.

Chegou-se à suposição da possibilidade de ligar as torções espaço-temporais ao momento próprio do impulso.

«A confirmação experimental dos dados da teoria – escreve B. Palyushev –, construída sobre a ideia de torção das estruturas espaço-temporais, chamadas também campos de torção, podem ser aceites como facto real, pois há uma série de efeitos que testemunham a manifestação microscópica desses campos. Esses factos são indicativos do papel fundamental dos campos de torção em todas as realidades.»

Assim se chegou também à conclusão de que a nova teoria pode desempenhar um papel decisivo no esclarecimento dos fenómenos parapsicológicos.

No seu livro «Física de Deus III», Bozhidar Palyushev escreve:

«O novo conhecimento que nos dá a FB (Física de Deus) refuta de forma convincente a afirmação dos ocultistas contemporâneos de que a Terra representa um enorme laboratório cósmico para representantes de civilizações extraterrestres, onde eles realizam experiências de engenharia genética. Não há provas convincentes de que os habitantes de outros sistemas estelares na nossa galáxia utilizem engenharia genética para alterar o nosso ADN, interferindo no desenvolvimento evolutivo da espécie Homo sapiens.»

Segundo o autor, o homem é programado por Deus.

E o verdadeiro programa para as espécies biológicas está na matriz de torção, cujo campo está concentrado no vácuo físico.

Deus é quem colocou uma barreira entre nós e a esfera que determina as leis da vida; ela é apenas o seu perímetro de ação.

Talvez por isso Vanga coloque categoricamente a questão:

«Como descrever o divino?»

E aqui é o lugar para perguntar se fenómenos como Vanga e tudo o que está ligado à parapsicologia podem mudar radicalmente as nossas representações sobre a imagem física do mundo.

Vanga é um caso impressionante que não pode ser explicado nem mesmo com os avanços contemporâneos da mecânica quântica.

Segundo B. Palyushev, em casos semelhantes trata-se de um mecanismo particular de fornecimento de informação, da qual o sensitivo retira para prever com precisão surpreendente eventos futuros.

No âmbito das representações relativistas e quânticas do mundo, o futuro é algo que não surgiu como situação.

Segundo uma teoria contemporânea, a realidade física não existe como tal e o mundo torna-se real apenas quando atrai para si a atenção do observador, se este possuir consciência (Wigner, d'Espagnat, de Beauregard).

Mas nem isso explica todas as surpresas que a experiência nos oferece.

Para explicar fenómenos como os antigos profetas, Nostradamus e Vanga, é necessário chegar à conclusão de que isso acontece com a intervenção de Deus ou de que a consciência humana é autónoma apenas em certa medida, como afirma a filosofia antigo-indiana.

Caso contrário, ela é parte de algum campo universal de consciência (recordem os registos akáshicos).

E os nossos avanços em cada área do conhecimento e do espírito são resultado de movimentos específicos gerados pelo campo universal de

consciência, no qual há espaço de fase para as possibilidades que surgem em diferentes formas de manifestação, diferentes mundos.

As investigações contemporâneas dos fenómenos psi demonstram que a teoria quântica é inadequada para a sua explicação, pois no seu carácter está inerente o subjetivismo das coisas, ligado à intervenção da consciência.

«Isso já é uma base – segundo Bozhidar Palyushev – para procurar uma nova paradigma para a explicação desses fenómenos.»

«Estamos perante duas alternativas no desenvolvimento da nova física: ou permanecermos sobre a base da velha teoria quântica tradicional, na qual a mecânica quântica é vista como um complexo de metáforas (Jahn e Dunne), com a ajuda das quais se expande constantemente o sentido dos conceitos usados nessa ciência, para explicar os fenómenos complexos da consciência, ou procurar a ajuda de ideias radicalmente novas, agrupadas em torno de alguma nova paradigma na ciência física.»

E essas ideias radicalmente novas sobre os campos de torção são sugeridas precisamente pelo mesmo Bozhidar Palyushev nos livros «Física de Deus».

Aí ele nota que o campo de torção primário nasce do Absoluto «Nada».

Nesse processo, na física surge um novo tipo de leis – a lei da conservação da quantidade total de informação que está inerente no mundo físico material-energético.

Esse facto é descrito com diferentes denominações – campo de torção primário, campo informacional, campo informacional-energético, campo energético das forças físicas e da consciência.

Palyushev aceita a denominação «campo mundial da consciência».

Em segundo lugar, no seu livro, ele indica que existe uma interação ativa entre o cérebro humano e o Campo Mundial da Consciência.

O campo transporta informação sobre toda a realidade, mas não predetermina de forma absoluta o curso dos eventos no mundo físico.

O Campo Mundial da Consciência influencia a consciência humana e assim surge a verbalização (a expressão mental e linguística) do conhecimento científico e religioso.

Penso que já se apercebem de onde está o lugar de fenómenos como Vanga nessa ordenação do mundo.

Nas capítulos anteriores já se falou várias vezes sobre os registos akáshicos.

Muito rapidamente nos aperceberíamos de os comparar com esse campo mundial da consciência.

Os fenómenos da parapsicologia não podem encontrar uma explicação satisfatória através da consideração das partículas elementares como estado excitado da geometria do espaço, tal como as ideias de Riemann e Einstein as explicavam.

Eles pertencem já às representações tradicionais da física e a consideração proposta por elas do Universo como algo inteiro e interligado depara-se com dificuldades substanciais.

Porque o tempo de interação entre as partes mais distantes do Universo é comparável com a sua idade.

Mas a teoria dos campos de torção admite a existência de uma velocidade maior do que a da luz – propagação quase instantânea do sinal de torção ($V=10^9 c$).

Assim tudo volta ao seu lugar e no campo de torção global e na estrutura de torção da consciência há lugar para fenómenos como Vanga e são eles que podem explicar mais precisamente os fenómenos psi inexplicáveis na história da humanidade.

Segundo o bioquímico inglês Rupert Sheldrake, na base de cada forma, de cada comportamento, está um campo morfogenético.

Essa é a memória que garante que o mesmo processo volte a decorrer.

Embora, segundo ele, esses campos sejam livres de matéria e energia, eles podem atuar através do espaço e do tempo.

Se um membro de uma determinada espécie alterar o seu campo morfogênético e preservar essa alteração por um período mais longo, ele altera toda a espécie.

As experiências limítrofes, através das quais inconscientemente ultrapassamos o mundo espaço-temporal graças às percepções extrassensoriais, expandem a nossa consciência para além dos limites padrão admissíveis.

As velhas representações vacilam, o homem renuncia aos velhos padrões de pensamento, começam a ser perçecionadas e assimiladas novas experiências.

Subitamente desperta um novo sentido – o cósmico.

O homem experimenta uma iluminação espiritual que o eleva a um novo nível de existência.

Assim a nossa consciência muda.

Os estágios iniciais da consciência continuam a viver, mas já como algo oculto.

Jean Gebser chama a isso estágio mágico da consciência, início da tomada de consciência.

O homem sente o mundo como uma força estranha e procura uma abordagem ao oposto.

Segundo ele, no nível de consciência mental o homem não faz distinção entre estado de vigília e sono, entre o mundo mítico da alma e a realidade.

Não notamos isso também em Vanga?

Gebser indica também, como estágio superior ao mental, o estágio integral, holístico da consciência, quando o homem tem uma visão holística do mundo, sente a quarta dimensão.

O mundo é uma grande holograma e a personalidade é uma partícula dela, que contém a memória do todo.

Em 1969, o neurologista americano Karl Pribram explicou com a holograma as funções cerebrais, onde cada célula contém a memória, mas de forma não clara.

E David Bohm chegou à conclusão de que o universo físico é uma gigantesca holograma, na qual cada parte está contida no todo, e o todo está contido em cada uma das suas partes.

E o homem é parte desse todo.

Assim o universo torna-se um tecido dinâmico ou campo de processos interligados e é resultado das qualidades de outras partes.

É necessária uma concordância abrangente das ligações entre as estruturas individuais do todo.

E ela só pode ser obtida com um mecanismo infalível de origem extraterrestre ou Divina.

Ainda Stanislaw Lem admite que a consciência humana como meio do cérebro pode ter origem artificial, tal como todo o Universo, que talvez seja uma máquina computacional de tipo linear.

Mas nos campos de torção e no tipo de computadores de torção, sobre os quais escreve Bozhidar Palyushev, trata-se de algo diferente – a ligação entre a consciência humana individual e o campo informacional universal (entenda-se cósmico) não é de tipo linear.

O autor chama a essa ligação informacional-energética.

O campo de torção não transporta força, energia ou impulsos, mas informação.

Nesta situação, cada nível superior na organização do Universo real deve ter um contacto mais amplo – abrangente com o campo informacional universal.

Eis como, através da teoria dos campos de torção, começam a esclarecer-se os campos brancos no nosso conhecimento sobre o fenómeno da clarividência.

Nas nossas reflexões, iríamos ainda mais longe.

O organismo humano é construído por células, que são um mecanismo muito complexo, do qual nasce continuamente nova vida, matéria viva, mas também elas têm campos de torção, que transmitem informação.

Elas constroem também o campo de torção do corpo humano com todos os seus traços característicos, que por sua vez tem ligação com o campo de torção mundial.

Mas o corpo tem maior densidade, é menos móvel, mais lenta é a sua frequência de vibração, mais lentamente se adapta.

Ele encontra-se em certos limites, dependentes das leis da estrutura da matéria terrestre.

Enquanto o campo de torção, construído pelas células e manifestando-se de forma unitária no organismo humano, tem outras características.

Segundo Mikhail Hinev, ao estudar cerca de mil extrassensoriais, verifica-se que eles emitem um campo eletromagnético com frequência de onda média no intervalo de 12 a 38 gigahertz, enquanto no homem comum essa emissão está na ordem dos 0,1 a 10 gigahertz.

E após dois minutos de respiração diafragmática podem ser detetados sinais modulados por impulsos com frequência ultrabaixa.

Eles excitam o sistema nervoso central e modulam impulsionalmente e em frequência-amplitude a sua energia eletromagnética.

A reação mais forte a esse campo impulsivo fugidio foi notada no cérebro principal, e não no sistema nervoso periférico.

São dados obtidos de investigações laboratoriais, descritos no livro de Mikhail Hinev «Será extrassensorial e tem ele terreno entre nós?», publicado pela Editora Universitária de Plovdiv «Paisiy Hilendarski».

Mais adiante, o autor chega à conclusão de que todos os extrassensoriais sofreram traumas no sistema nervoso central, cranioencefálicos ou psicotraumas, acompanhados de perda de consciência.

Já se falou que exatamente um tal trauma sofreu Vanga, sofreram-no também outros extrassensoriais e uma das hipóteses é que receberam ajuda de extraterrestres ou que no seu corpo se instalou um ser espiritual que deve ser ligação de outro mundo extraterrestre com o nosso.

Mikhail Hinev nega essa ligação, mas segundo ele, após o trauma, no sistema nervoso central aparece um foco excitado.

A circulação cerebral perturbada gera um campo eletromagnético com frequência de onda média de 10 a 100 gigahertz.

À luz da hipótese de Bozhidar Palyushev, sobre a qual já se falou, podemos notar que provavelmente tudo isso se deve aos campos de torção surgidos nas células nervosas com carácter diferente do das pessoas comuns.

Por que razão, afinal, essa anomalia não provoca uma perturbação catastrófica da atividade do cérebro?

Segundo M. Hinev, há algumas particularidades estruturais do tecido nervoso, onde cada célula tem a sua atividade eletromagnética (acrescentaríamos «e campo de torção»).

Esses campos estão em estado não sincronizado – ruído branco.

Por isso surge também um campo eletromagnético do campo eletromagnético perturbado das células nervosas e nos extrassensoriais esse campo tem frequência de onda média de 10 a 40 gigahertz.

É interessante adicionar que a formação mais eletromagnética no corpo humano é o sistema nervoso central.

Em princípio, o corpo humano, como qualquer corpo material com temperatura acima de zero graus, emite energia eletromagnética e sonora.

Mas com os seus campos eletromagnéticos o sistema nervoso central pode interferir na atividade cerebral do homem.

O próprio sistema nervoso emite a energia acumulada através de campos eletromagnéticos na área dos megahertz e gigahertz.

Esses campos eletromagnéticos têm carácter vorticoso.

Há muito que é conhecido pela ciência que o cérebro humano emite ondas alfa, beta, delta e theta e com elas muitos cientistas tentam explicar a telepatia.

As ondas alfa são registadas no relaxamento e na alteração do estado da consciência e são a base de todos os seus estados superiores.

No estado de meditação aparecem as ondas theta, e as ondas delta são sinal de iluminação e estado superior da consciência.

Todas elas estão no intervalo de 1/2 a 30 hertz.

Não se tratará novamente de uma curvatura do espaço, que ocorre nos campos de torção?

Porque a transmissão do sinal pela cadeia do sistema nervoso é, em princípio, uma atividade informacional.

Ela foi notada ainda em 1933 por Leontiev, que, ao considerar a semelhança na estrutura da célula nervosa e a sua semelhança com o contorno de Thompson, supôs que o campo eletrónico de um neurónio é percecionado por outro neurónio e assim se conduz a informação.

Voltando novamente à teoria dos campos de torção e às investigações de Mikhail Hinev na área das particularidades no sistema nervoso e dos campos eletromagnéticos emitidos pelos extrassensoriais, podemos chegar à conclusão de que nos esperam ainda muitas descobertas nessa área, que enriquecerão os nossos conhecimentos sobre os fenómenos e as suas possibilidades.

Já se falou que no Universo há muitas civilizações e algumas delas estão num nível superior de ordenação ou podemos admitir que o Divino tem a forma mais elevada de organização, conseqüentemente tem um contacto mais amplo, diríamos abrangente, com o campo informacional mundial.

Não é por acaso que Vanga menciona frequentemente que a sua dádiva vem de Deus.

Porque lhe é permitido aceder a esse campo informacional mundial por várias razões – o campo de torção do seu corpo, o campo de torção do lugar onde vive, e muitas outras condições.

«Este lugar aqui é muito especial, serve-me como acumulador e dele retiro energia e força.»

Quando Lama Govinda escreve sobre a meditação budista, ele nota:

«E quando falamos de experiência do espaço na meditação, aqui devemos trabalhar com uma dimensão completamente diferente, na qual o nosso conhecido “terceira dimensão” serve apenas como ponto de partida e na qual a sucessividade no tempo se transforma em paralelismo, o paralelismo no espaço – em existência um no outro, a

existência um no outro – num contínuo vivo, além do espaço e do tempo, naquele último, incomensurável “unidade pontual”.»

Quando Vanga fala dos seres que estão ao seu redor, compara-os a «pontos luminosos».

Não serão esses campos de torção além das nossas compreensões de espaço e tempo?

Ou como escreve Louis de Broglie:

«No espaço-tempo tudo o que para cada um de nós representa passado, presente e futuro, é dado “em bloco”... Com a passagem pelo tempo (aquilo que Vanga faz) cada observador descobre novas fatias do espaço-tempo, que lhe parecem aspectos sucessivos do mundo material, apesar de na realidade o conjunto de eventos que constituem o espaço-tempo existir antes do seu conhecimento deles.»

Quando perguntam a Vanga se as pessoas podem ser aceites como uma comunidade de inteligência situada num determinado estágio evolutivo, se há outra inteligência paralela, superior, ela responde afirmativamente.

À pergunta de onde vem essa inteligência, ela é categórica:

«Do Cosmos!»

Segundo ela, a civilização humana está na idade infantil da inteligência.

«Do Cosmos».

Do campo informacional mundial, do campo de torção mundial, uma pequena partícula do qual somos também nós.

Provavelmente o futuro mostrará até que ponto a teoria dos campos de torção é verdadeira, mas o facto de ela explicar fenómenos como a clarividência, a profecia, os fenómenos inexplicáveis para nós, ligados ao nosso aperfeiçoamento espiritual, provavelmente oferecer-nos-á ainda muitos segredos.

8. A barreira

Sobre ela ninguém em lado nenhum menciona.

Começamos a senti-la apenas quando contactamos com pessoas com capacidades fenomenais.

Refletimos sobre ela apenas quando diante de nós se interpõe o inexplicável.

Tentamos superá-la apenas quando sentimos que somos impotentes para lidar com o insuperável.

Na verdade, existe ela e onde se encontra?

Além ou na nossa consciência, nos nossos sonhos?

As palavras, o verbo, são o primeiro passo do nosso espírito no oceano da matéria.

Servimo-nos delas não só para nos ajudarmos no caminho da comunicação com os outros seres humanos, mas também para realizar o processo inverso – libertarmo-nos delas no caminho da penetração na manifestação pura e silenciosa da nossa essência.

E aqui é colocada a primeira barreira com a qual nos deparamos.

Servindo-se das palavras, o fenómeno contacta com um mundo incompreensível para nós, fala em parábolas, por vezes nem ele próprio consegue repetir o que disse.

As parábolas proferidas por ele nem todos as conseguem compreender.

Porque estamos dos dois lados da barreira, que para o fenómeno na verdade não existe.

Vanga «ouve» e compreende o seu interlocutor mesmo que ele não seja búlgaro.

E como primeira forma de contacto do nosso espírito com a matéria, a linguagem e o verbo são também a primeira e mais importante barreira – recordem mais uma vez a parábola da Torre de Babel, a capacidade dos discípulos de Cristo de falar em diferentes línguas.

E depois vem a barreira da distância.

Ela nada tem a ver com os conceitos da física.

Podemos dizer que no mundo dos fenómenos ela não existe ou existe, mas não na ordem das nossas compreensões.

Quão rapidamente nos deslocamos em sonho de lugar em lugar, basta apenas pensar em algo ou em alguém e já lá estamos.

Semelhante é a situação com fenómenos como Vanga.

Ela vê onde no Danúbio se afogou a criança do romeno, ouviu o que o seu amigo Yuri Gagarin disse a Vyacheslav Tikhonov, viu como o espanhol perdeu o anel que a mãe lhe oferecera.

E apesar de conversar com os estrangeiros com a ajuda de um tradutor, ela lê os seus pensamentos, transporta-se para o seu passado e futuro, para o ambiente linguístico em que vivem, e compreende tudo.

A distância não lhe impede de entrar em ligação telepática e indicar ao doente exatamente a que médico deve ir, de ver o encontro dos dunovistas junto aos lagos de Rila, quando não pode ir com eles até lá...

O tempo é outra barreira que a nossa física nos impõe e que para Vanga não existe.

Segundo a teoria da organização em níveis da matéria, o tempo nos níveis inferiores corre mais rápido e antecipa os eventos dos níveis superiores, sem haver alguma predeterminação fatal dos eventos.

Vanga aceita sem problemas informação do passado, do presente e do futuro; aí não há fronteiras nem «fundo» nem «teto».

Como se o oceano se tivesse vertido na gota, o universo toma consciência no fenómeno, chega-se a uma totalidade na qual não se pode distinguir nem o universo nem o indivíduo.

O passado, o presente e o futuro são um todo que não pode ser dividido.

A estrutura espaço-temporal é provavelmente uma barreira para nós, os seres humanos comuns e terrenos, e as causas certamente são complexas.

Elas começam pela imperfeição da organização da nossa sociedade humana e chegam à imperfeição da nossa consciência, que com prazer aceita o sono letárgico em que caiu, o estado de amnésia que não lhe permite transpor a barreira espaço-temporal.

Há também outras barreiras que se erguem diante de nós, mas para elas provavelmente é necessário um nível mais elevado de preparação.

Elas estão ligadas ao macro e ao microcosmos, nos quais penetram os fenómenos.

O planeta Vamfim, os seres que nele vivem, aqueles que estão ao redor de Vanga e lhe ditam o que falar – tudo isso está ligado ao macrocosmos e para nós soa como um conto de fadas.

Mas ela está ligada também a realidades das quais não podemos fugir.

Vanga «observa» o que acontece na Lua com os astronautas da tripulação do «Apollo 11» e «Apollo 12» e imediatamente diz qual é a verdade que a NASA esconde das pessoas comuns e que só se torna conhecida anos depois.

Que prova mais convincente de que o fenómeno do século XX ultrapassou a barreira do macrocosmos?

Quanto à outra extremidade – o microcosmos –, basta mencionar os diagnósticos exatos que ela faz.

Ou aquele miliciano que a insultou, e ela lhe diz onde está o seu ponto doloroso – falta-lhe um testículo.

Soa grosseiro e elementar, mas também nós estamos nesse estágio – dificilmente conseguimos compreender o mundo complexo de Vanga.

Dificilmente compreenderíamos essa barreira se não incluirmos tudo o que organiza a matéria abaixo do nível dos átomos, até chegarmos ao suporte material da psique e da consciência.

Ele talvez se chame campo de torção ou biocampo.

Mais importante é que existe.

Aí estão complexamente entrelaçados os processos físicos com os emocionais, mentais, éticos e morais.

Quanto mais fundo se vai, mais a situação se complica, e a barreira torna-se cada vez mais difícil de superar.

Mas para a profetisa não existe sequer uma barreira biológica.

Ela contacta com todos os organismos vivos, até com as flores e as plantas.

Recordem o cão que lhe «recorda» que esqueceu as chaves, a flor que lhe comunica que na sua raiz se enroscou uma serpente, a serpente que se encontra com Vanga num dos quartos da sua casa, mas não a morde nem a ataca, e muitos outros factos semelhantes com os quais a sua vida está repleta.

No mundo de Vanga as nossas leis naturais são inválidas.

Ela viola-as sem que isso lhe cause impressão, porque não vê a barreira que elas erguem diante de nós.

Ou talvez esteja nessa barreira e nos avise?

Porque a natureza do espírito não pertence a ninguém – nem à vida, nem à morte.

Ela é indeterminada.

Para o fenómeno não existe barreira, porque ela não reprime o sensorial, mas tem uma nova atitude diferente da nossa em relação a ele.

Ela remove as diferenças arbitrárias, os apegos e as avaliações, as forças kármicas que nos prendem ao mundo.

Vanga, até com todo o seu comportamento, impulsiona-nos a superar essa repressão do sensorial, essa nossa ancoragem aos dogmas do material, pelo qual estamos dispostos a lutar até violando as leis morais e éticas.

Ela quer que compreendamos que não somos apenas parte de um todo, mas que devemos apoiar-nos nesse todo espiritual, tornar-nos a sua expressão consciente.

Com o tempo, as condições histórico-sociais mudam.

As mudanças provavelmente exigem a superação de barreiras, e para isso são necessários novos sentidos.

No momento, as nossas primeira e segunda sistemas de sinalização – a sensorial e a sonoro-semântica – são barreiras apenas para pessoas com alguns desvios.

Mas a próxima, a terceira sistema de sinalização, ligada às capacidades psicotrónicas do homem, capacidades como as que Vanga possuía, já coloca a fasquia muito alta.

Chega o seu tempo, o tempo da linguagem simbólico-imagética.

A superação dessa barreira provavelmente levará a um salto qualitativo novo no desenvolvimento da consciência.

Assim o homem estará mais estreitamente ligado ao mundo e ao Cosmos.

A evolução biológica continua e Vanga é representante desse novo tipo de seres humanos, os homens do futuro.

Eles talvez finalmente organizem a sua vida de forma a serem dignos da mensagem do grande poeta alemão Rainer Maria Rilke:

«Num ser profundo o passado irrompe em todo o lado.

A natureza, os nossos contactos, as coisas de que nos servimos, são temporárias e instáveis. Mas enquanto aqui estamos, são a nossa posse, são nossos amigos, participantes na necessidade e na alegria.

Precisamente porque tudo o que é terreno é temporário, não deve ser desvalorizado, mas deve ser aceite com a nossa razão mais penetrante e transformado.

A nossa tarefa é imprimir em nós esta Terra temporária e instável tão profundamente, com tanta dor e paixão, que a sua essência volte a surgir em nós de forma invisível.

Apenas em nós pode realizar-se essa transformação íntima e secreta do visível em invisível, já independente da visibilidade e da sensorialidade.»

9. O terceiro olho

O incrível e difícil de explicar em Vanga é que ela sabe ler o «guião cósmico», sem ter contactado com iniciados, sem ter qualquer ligação com os grandes mestres do antigo Tibete.

Há uma única exceção – o encontro com Peter Dunov e provavelmente não foi o único, mas houve muitos outros contactos no plano mental.

O seu terceiro olho parece estar aberto desde o nascimento para os registos akáshicos e ela é uma testemunha viva da evolução do mundo.

Viaja para trás no tempo, segue o destino mutável da humanidade.

Por isso corrige tão frequentemente os seus interlocutores eruditos, como se tivesse conhecimentos em todas as áreas da vida – desde a história até à medicina e mesmo à cosmonáutica.

Ao longo do enorme período de tempo desde a existência da Atlântida até aos nossos dias, a consciência humana evoluiu e nós somos os mais pobres no mundo sensorial, especialmente durante o dia.

Enquanto o homem antigo tem uma consciência forte durante o dia e especialmente à noite, quando está mais fortemente ligado ao macrocosmos.

Vanga é fenomenal porque a falta de visão aproxima-a das pessoas da era da Atlântida.

As excursões diárias e noturnas da sua consciência ao passado cansam-na, mas ainda mais pesadas são as impressões daquilo que vê no futuro.

Ela fala muito raramente dele, embora frequentemente tente proteger os seus interlocutores daquilo que os espera.

Embora se tenha convencido pela sua experiência de vida de que isso é impossível.

Uma única vez tenta com as suas capacidades clarividentes ajudar o pai, contando-lhe onde está enterrado um tesouro, mas ele nunca consegue ir lá e desenterrá-lo.

Tenta salvar o seu interlocutor motorista do perigo que o ameaça, mas ele, apesar disso, no dia de que foi avisado, sai para ajudar um amigo.

Na sua predição sobre a vida do irmão Vlayko é muito precisa, mas não consegue ajudá-lo a evitar aquilo que lhe está predestinado.

Toda a sua vida é uma sucessão de esforços para ajudar as pessoas, para as proteger do mal que as assola, embora saiba que isso é impossível.

Como aconteceu em 1980, quando na televisão soviética foram transmitidas as palavras de Vanga:

«Kursk ficará debaixo de água, o mundo inteiro chorará por ele!»

Ela indica também o mês – agosto – e o ano – o fim do século.

Na véspera do novo ano 2000, a televisão russa volta a transmitir essa curta entrevista com Vanga, reunindo as profecias de diferentes clarividentes para o último ano do século.

Provavelmente ainda seremos testemunhas de como as palavras de Vanga sobre outros eventos futuros se cumprirão no tempo, mesmo quando a nossa geração já não existir.

Recordem apenas a predição sobre o futuro do pequeno rapaz Filip Kirkorov e quantos anos depois ela se cumpre com precisão espantosa.

Isso mostra mais uma vez que capacidades fenomenais tinha a profetisa e o que perdemos depois de ela ter partido deste mundo.

Quantas vezes lhe perguntam como vê os eventos futuros, ela dá apenas uma resposta:

«Como numa fita de filme.»

Isso significa que essa sua capacidade fenomenal de espreitar o futuro move o seu pensamento a uma velocidade superior à da luz e ela vê tudo, concentrando-se numa determinada região, mas como numa fita de filme.

É indicativo que, quando voltam novamente para lhe perguntar sobre o que já disse, ela não consiga repeti-lo.

Segundo as descobertas mais recentes na física contemporânea, isso não é impossível – em 2000 foi feito um anúncio científico de que foi descoberta uma partícula que se move a uma velocidade superior à da luz.

Se aceitarmos que a matéria é portadora de informação, a afirmação dos autores da teoria dos campos de torção, de que a velocidade do sinal transmitido pode ser infinita, confirma-se.

A ligação de Vanga com o Campo Mundial da Consciência está inerente no seu organismo desde o nascimento.

Dali retira a informação de que necessita.

As suas capacidades não são o limite das suas possibilidades.

Embora contacte mentalmente com pessoas que falam diferentes línguas, ela não fala nem inglês, nem francês, alemão ou espanhol.

Mas isso outros com as suas capacidades conseguem fazer.

Talvez pensasse que não era necessário.

Porque para ela era mais importante desatar o nó da tragédia que aconteceu ou que está para acontecer.

Ela vê – «Kursk afundar-se-á!»

Sabe que se trata da morte de 120 pessoas.

Não dá detalhes, porque os fotogramas da fita já passaram, para dar lugar a novos e novos.

Mas o seu aviso é suficientemente categórico, e «quem tem ouvidos – que ouça!»

Tal como nas outras predições de Vanga, também nesta a reação na Rússia é a mesma.

«Recordo que quando vi o programa – diz Roman Starostin, da cidade de Kursk –, ri-me. Que parvoíces são essas, como poderá uma cidade ficar debaixo de água, estando a nove dias de camelo da costa marítima?»

«Depois do programa, todo o fábrica se agitou – afirma Lidiya Imanova –, pensámos que a central nuclear de Kurchatov explodiria.»

E até hoje muitas pessoas não conseguem explicar como Vanga pôde ver a morte do submarino, que só foi construído em 1994.

Para muitos deles isso é ou um enigma ou charlatanice dos media e demonstração das incríveis possibilidades da técnica mediática.

Trágico é que, apesar da confiança de muitas pessoas nas profecias de Vanga, ninguém se lembrou de que se tratava do submarino «Kursk».

Como já mencionámos, as profecias para tempos futuros na história mundial não começam com Vanga.

Mas enquanto em Nostradamus elas são alegóricas e para um longo período de tempo, em Vanga são mais concretas.

Fenómenos semelhantes houve também entre as maiores mentes da humanidade, como Goethe e Newton, por exemplo.

No mês de agosto de 2000, em Kursk instala-se um grande pânico.

Porque há pessoas que afinal acreditam que a profetisa búlgara tem razão.

Houve também quem saísse para tendas, abandonasse temporariamente a cidade.

Outros apressaram-se a vender as casas e a mudar-se para outro local.

Até compreenderem que as suas preocupações tinham sido em vão.

Chega a notícia aterradora, ligada novamente ao nome da cidade, mas a um evento ocorrido a milhares de quilómetros dela – no mar de Barents.

O submarino atómico não foi batizado por acaso com o nome da cidade de Kursk.

Nele servem submarinistas nascidos nesse local, os habitantes mantêm uma ligação estreita com a tripulação do submarino.

A Rússia é um tema favorito de Vanga e ela observa com interesse tudo o que acontece e acontecerá nesse país.

«A Rússia estenderá as asas, elevar-se-á – diz ela a um dos seus interlocutores, vindo do estado russo.

Ela nunca viu o brasão russo, no qual está representada uma águia, mas é categórica ao afirmar que «estenderá as asas».

«Ainda vai passar bastante tempo, vai ser muito difícil, mas a Rússia é a Rússia. E digam ao vosso Boris... ao Eltsin, que a Vanga lhe envia saudações e lhe deseja saúde. Talvez um dia nos encontremos com ele. Tenho algo para lhe dizer, para o avisar, para ter cuidado... não vejo nada de grave para o povo russo...»

«Meu Deus, por que razão se vai desfazer a União Soviética? Vão derrubá-lo (fala-se de Todor Jivkov). Quanto sangue vai correr, nos lugares onde se vão dividir, quanto fome vai haver, que miséria...»

Cada palavra dela é mais do que exata.

No verão de 1992, Vanga é categórica ao afirmar que Eltsin se manterá no poder pelo menos mais três anos. Não está satisfeita por ele beber tanto e avisa que a vodca o vai destruir e alerta que, se não parar de beber, ficará paralisado da cintura para baixo. Quando lhe perguntam quem será o próximo depois dele, responde de forma evasiva que haverá um segundo e um terceiro e provavelmente o quarto será aquele sob o qual a Rússia se fortalecerá.

«As mulheres na Rússia vão dar à luz muitas crianças muito bonitas – afirma o jornalista ucraniano Anatoliy Lubchenko que Vanga lhe disse. – Depois vai acontecer um milagre, vão chegar tempos maravilhosos. A ciência dirá o que nas antigas escrituras é verdade e o que não é, no cosmos vão descobrir vida e vão compreender de onde viemos para a Terra. Na terra vão escavar uma grande cidade. Do céu vão chegar pessoas novas e vão ocorrer grandes milagres. Mas é preciso esperar, não provocar os acontecimentos.»

A profetisa búlgara não se interessa pela situação política, mas pelo facto de que vai correr sangue, de que haverá mortos, fome e miséria (a guerra na Chechénia). Com a mesma dor pronuncia o seu «Kursk vai afundar-se!», vislumbrando a tragédia dos submarinistas que ficaram debaixo de água, mas talvez também algo mais, inexplicável até para ela própria, já que não conta em pormenor a cruel tragédia.

Novamente segundo as afirmações do jornalista Lubchenko, Vanga disse-lhe que a Rússia vai empobrecer e voltará a ocupar o seu lugar, as suas riquezas estarão no exterior, e a experiência no interior. E acrescenta:

«A Europa não conseguirá rejuvenescer. A América aceitará um homem barbudo e compreenderá que o medo é pior do que o amor.»

Mais uma vez somos testemunhas de uma das incríveis visões da profetisa búlgara, porque é mais do que evidente que se trata do líder dos talibãs, Osama bin Laden.

«A Síria cairá aos pés do vencedor, mas o vencedor não será conhecido. Os recém-chegados do cosmos não quererão partilhar os seus conhecimentos com o vencedor. Os Estados femininos recuarão perante os masculinos, mas manterão os seus planos. Um homem pequeno governar-vos-á toda a vida.»

Para nós fica a questão de por que razão só agora – em junho de 2001 – Anatoliy Lubchenko publica o «testamento» de Vanga na revista semanal russa «Megapolis». Muito do que lá está escrito está no estilo da profetisa búlgara, mas há também algumas réplicas perturbadoras que nos levam a duvidar que tenham sido acrescentadas frases pelo autor da entrevista com Vanga, realizada em 1994. Por outro lado, a profetisa búlgara é muito cautelosa quando profere as suas previsões, como se tomasse cuidado para não dizer algo a mais, mas por vezes, de forma inesperada, partilha coisas que noutra situação nunca diria. Por isso, é muito provável que as palavras na entrevista com Lubchenko sejam realmente dela. E isso mostra-nos que ela teve muitas visões do futuro que muito raramente partilhou.

«Daqui a nove anos (depois de 2003) chegará o fim do mundo. A Terra virar-se-á contra o Sol, onde era quente haverá gelo e muitos animais morrerão. As pessoas começarão a guerrear por energia, mas terão juízo suficiente para parar. E depois o tempo voltará atrás.»

Uma imagem demasiado apocalíptica, mas isso ainda não é, segundo Vanga, o tempo do dilúvio.

«Haverá um dilúvio daqui a 30–40 anos. Um grande corpo voará até à Terra e chocará contra a água. As ondas engolirão muitos países e o Sol apagar-se-á durante três anos.»

Depois desta catástrofe, segundo Vanga, só os bons sobreviverão, enquanto os maus, que se consideram inteligentes, perecerão. Depois disso, segundo ela, começará uma vida maravilhosa e chegará a imortalidade. Ela profetiza que está muito próximo o tempo em que as pessoas nem semearão nem ceifarão, apenas colherão a colheita. Os animais reproduzir-se-ão como plantas, e as plantas como animais. Daqui a 21 anos já não se viajará pela terra, os comboios voarão em fios de raios solares, o petróleo será proibido, e a Terra apenas produzirá e descansará. Daqui a 40 anos desaparecerão as doenças que conhecemos, mas aparecerão novas, ligadas ao cérebro, porque todos beberão água do mar. Depois, no Cosmos, será encontrada água boa para beber. Ela prevê que na Índia nascerão mais pessoas do que na China.

Vanga descobre no passado e no presente o embrião do futuro. Ela quer sempre avisar o seu interlocutor para que ajuste o seu comportamento àquilo que o espera. O ser humano tem potencialidades e, sozinho, com base na experiência passada dos acontecimentos que viveu, com base nos erros que cometeu, utilizando inconscientemente canais sensoriais e extrassensoriais, pode prever alguns dos acontecimentos que o aguardam. A ciência também tem os seus métodos de previsão, que em muitas áreas se revelam eficazes. Mas em Vanga a previsão do futuro ocorre num plano espaço-temporal diferente. Através do seu «terceiro olho» recebe informação dos níveis inferiores da matéria, onde se preparam os acontecimentos dos níveis superiores. Se partirmos da terminologia imposta no século XX, podemos afirmar categoricamente que se trata de uma ligação com os chamados Registos Akáshicos. Os cientistas já chegaram à conclusão de que uma das funções do cérebro é prever o futuro, para que o indivíduo se prepare para ele e sobreviva, continuando a desenvolver-se.

As profecias de Vanga não estão ligadas apenas ao instinto de sobrevivência do seu organismo, mas a um nível superior, relacionado com a humanidade. Refletindo sobre tudo o que ela previu ao longo da vida, vemos quão exata foi para um período de 40–50 anos. Neste sentido, mencionaríamos as suas previsões sobre a vida do irmão Vlayko, que não são exceção, mas algo inerente ao seu génio.

No início dos anos setenta, ela é categórica ao afirmar que na vida das pessoas ocorrerão grandes mudanças. No início dos anos oitenta, precisou que isso aconteceria em 1990. Previu um difícil 1991, predisse terremotos, catástrofes naturais, avisou que proliferariam ladrões, alcoólicos, prostitutas, chegariam novos líderes, mulheres chegariam ao poder...

Numa perspetiva de 10–15 anos, delineou com grande exatidão aquilo que nos esperava. Quando lhe perguntavam se esse tempo chegaria em breve, repetiu várias vezes a mesma resposta: «A Síria ainda não caiu!», mas acrescentou: «Esperem mudanças para melhor!»

Ainda antes destas previsões de mudanças globais no mundo, anos antes dos acontecimentos em Praga, ela avisou:

«Lembrem-se de Praga! Praga transformar-se-á num viveiro de peixes, onde pescarão peixe!»

Mais atrás no tempo, previu a Segunda Guerra Mundial, a morte do czar Boris III e a chegada do comunismo.

Quando lhe faziam perguntas concretas, previu também muitos acontecimentos locais – a vitória eleitoral de Indira Gandhi e a sua morte próxima, os distúrbios no Líbano, a guerra na Nicarágua.

Aqui é o lugar para mencionar ainda outra previsão dela, que na altura foi muito comentada por conjuntura política, negada, adivinhada para quem era dirigida. Agora as coisas já se tornaram concretas e claras.

«Vai passar bastante tempo, aparecerá um homem alto, um estrangeiro, e ele será bom alfaiate e bom costureiro...»

E noutro lugar:

«Um homem alto do estrangeiro aparecerá e ele arranjará a Bulgária... E será bom alfaiate e bom costureiro.»

Após as últimas palavras dela, o prof. Dimitar Filipov, que está bastante versado em política, pôs na boca dela as palavras «não é Simeon». E, na verdade, trata-se exatamente de Simeon e agora isso é-nos mais do que claro. Porque em previsões anteriores Vanga foi novamente exata:

«O czar virá e quererá ajudar a Bulgária!»

Estas palavras dela estão ligadas a uma previsão ainda mais antiga, de 1978, na qual prediz que serão inventadas novas leis, que se tecerá nova roupa para vestir e aquecer as pessoas, mas prevê que ainda passará bastante tempo até que se teça um tecido resistente, do qual as pessoas sintam calor e segurança.

Nas suas previsões, Vanga é muitas vezes alegórica. Para ela, o novo tempo passará por três períodos, dos quais já falámos – o dos lobos, o dos cães e o das serpentes. É difícil concretizar esta previsão dela associando-a a acontecimentos da vida política, mas noutro lugar ela é categórica ao afirmar que os líderes dos Estados balcânicos darão as mãos, que a Rússia, a China e a Índia se aproximarão, e que a Rússia voltará a ser uma das grandes potências do mundo. E a sua afirmação categórica de que, embora lentamente, a Bulgária se arranjará e as

peças do futuro viverão num mundo maravilhoso. Noutro lugar já mencionámos os seus conselhos e previsões relacionados com a saúde moral, psíquica e física das pessoas. Aqui apenas acrescentaríamos, como resumo de tudo o que foi escrito, um dos seus conselhos:

«Acreditem em Deus, fortaleçam a vossa fé, sejam bons uns com os outros, porque sem essas coisas não há progresso em nada!»

Estas palavras dela não são ditadas apenas pela intuição e pelas suas capacidades sensitivas ou pelo chamado «terceiro olho», com o qual vê mais do que nós. O objetivo é que das suas palavras se aprendam tanto os políticos como as pessoas comuns. E que isso seja o seu lema orientador por séculos adiante, embora ela já não esteja entre nós há muito tempo.

10. As coordenadas da eternidade

Desde que o mundo é mundo, um dos símbolos eternos da humanidade continua a ser a cruz sagrada. O símbolo é a imagem daquilo que de modo nenhum pode ser materializado. E a cruz aponta sempre para além do nosso conhecimento, ela põe ordem em tudo na vida – os pensamentos, as ideias, o nosso futuro. Por isso, talvez, esteja amplamente representada como símbolo religioso no Antigo Egipto, na Babilónia, na Assíria, na Índia, na Grécia, em Roma. Será por acaso? Será por acaso que não de outra forma, mas exatamente na cruz crucificavam os escravos e as pessoas de origem baixa? Este símbolo da morte vergonhosa transforma-se de repente em símbolo do sofrimento que redime os pecados da humanidade – sinal de salvação e de vida eterna. E novamente perguntaríamos: será por acaso?

O cristianismo introduz este símbolo apenas no século IV. Antes disso não aparece. Símbolos de Cristo eram o peixe, o pão, o cordeiro. O imperador Constantino tem uma visão antes da sua grande vitória – no céu aparece uma grande cruz. A mãe do imperador encontra a cruz sagrada na qual Cristo foi crucificado. Mesmo que tudo isto seja uma lenda, ela indica-nos claramente a necessidade da cruz como símbolo sagrado. Mas de quê? Podemos supor que, ao ver no céu a cruz sagrada, o imperador Constantino abriu por um instante o véu da eternidade?

Aqueles que conhecem bem a geometria e as ciências matemáticas facilmente perceberiam que a cruz é, na verdade, um sistema de coordenadas, os seus dois eixos. Sistema de coordenadas do mundo. Se colocarmos os mais e os menos onde lhes compete, na vertical e na horizontal, vemos o mundo dividido em duas partes iguais – espiritual e material, vida e morte.

Se aceitarmos que o horizontal reflete a nossa existência, tal como a entendemos, então o zero divide-o em lado direito, onde está a vida, e lado esquerdo, onde está a morte. A vertical, por sua vez, divide a nossa vida em material e espiritual novamente com esse zero. Assim, no quadrante inferior direito colocaríamos o material na nossa vida, no quadrante superior direito – o espiritual, no quadrante inferior esquerdo – o inferno, a escuridão, a queda após a morte, a cegueira espiritual eterna e talvez o mundo animal e mineral. E no quadrante superior esquerdo – a elevação espiritual após a morte. A humanidade oscila continuamente entre o quadrante superior e inferior direito, mas provavelmente, em certos momentos, pode penetrar também nos outros quadrantes, do lado esquerdo do eixo de coordenadas, como acontece com os profetas, com os santos, com Vanga. Quando ela conversa com entes queridos dos seus interlocutores que já partiram deste mundo, penetra sem problemas no lado esquerdo e nos seus dois quadrantes. Está presente sem problemas também no mundo material, embora privada da visão. Isso significa que tem recetores que lhe permitem ver todo o sistema de coordenadas no qual o mundo está dividido do menos ao mais e do mais ao menos infinito. Ela vê a morte de Boris III, o destino do irmão Vlayko, a morte do irmão, a morte do motorista que quer proteger do destino que o espera, a perda do submarino «Kursk»...

Quando este livro já estava pronto para impressão, o tempo deu mais uma vez um sinal claro de quão exata era nas suas visões Vanga. No início dos anos noventa, juntamente com o escritor Aleksandar Chakarov, visitámos o académico Nikolay Haytov. Ele, a rir, contou-nos como, quando era muito jovem, foi ter com Vanga por um problema muito complicado e ela o resolveu rapidamente. Em brincadeira, disse-lhe que ela só não sabia quando o interlocutor ia morrer. A resposta foi que sabia e que isso aconteceria antes de completar 82 anos, mas que ela já não estaria entre os vivos. Na altura, 82 anos pareceram-lhe

muitos ao grande escritor búlgaro e foi-se embora satisfeito, acreditando que nunca chegaria a essa «velhice». Em meados de junho de 2002, numa conversa telefónica com ele, este foi categórico ao afirmar que estava bem, que os jornais apenas inventavam sensações, que não tinha leucemia e que ainda estaria por aí muito tempo. Partiu no final de junho. Antes de completar 82 anos.

Depois dos profetas, as pessoas da arte são aquelas que unicamente podem, consciente ou inconscientemente, ter uma visão mais ampla de todo o sistema de coordenadas. E isso é novamente herança da antiguidade. A época em que ainda se entrelaçam mito e realidade, e a literatura está naquele embrião em que estão reunidos todos os conhecimentos da humanidade, guardados pelos antigos sacerdotes, transmitidos através de práticas rituais, contados por aedos, profetas, patriarcas. Um grão dessas habilidades, que combinavam em si todos os conhecimentos da humanidade, permaneceu nas pessoas da arte...

A passagem de uma para a outra quadrante ocorre durante o sono ou um momento de iluminação, na hipnose, de algum modo que abala as bases da nossa psique e reordena o mundo.

A humanidade conhece outros fenómenos como Vanga e já se falou disso.

Em comparação connosco, tanto ela como eles são como estudantes que se aventuraram nas profundezas da matemática superior, enquanto nós somos como alunos do quinto ano que agora se familiarizam com o sistema de coordenadas.

Eles têm uma visão mais abrangente sobre os eixos coordenados, dominam tanto a metade esquerda como a direita.

Não esqueçamos que nesse processo participam ativamente os dois hemisférios do seu cérebro – o esquerdo e o direito – algo de que nós não nos podemos gabar, ao contrário dos povos antigos.

O cientista russo Vladimir Shcherbakov chama «levitadores» àqueles cujo coeficiente de inteligência ultrapassa as 300 unidades padrão (pelo sistema dos testes).

A palavra vem de «levitação» e deveria significar «pessoas que têm voo livre do pensamento».

Mas os testes padrão preveem a verificação do pensamento lógico e não refletem o trabalho do hemisfério cerebral direito.

E levitadores são os profetas, os antigos atlantes.

Segundo ele, eles não são contactáveis nem comunicativos.

Quando o hemisfério direito trabalha ativamente, a intuição toma a dianteira sobre tudo, o curso dos pensamentos torna-se imprevisível, as pessoas podem entender-se sem palavras.

Pelos testes padrão pode-se chegar a 150 unidades, mas isso não levará a novas soluções.

Elas surgem quando entram em ação os algoritmos do hemisfério direito despertado e carregado.

Como gostava de dizer Einstein, milhares de cientistas querem abrir caminho através da rocha e não conseguem, mas o génio segue o seu próprio trilho, contorna a rocha e chega rapidamente ao território procurado.

Mas essa atividade intensa do hemisfério direito é prejudicial para o organismo humano e por isso a natureza nos privou da levitação do pensamento, ao contrário dos nossos distantes antepassados – os atlantes.

E não há dúvida de que profetas como Vanga são «levitadores».

Regressando ao nosso sistema de coordenadas, já sabemos que estas pessoas são únicas pela capacidade de carregarem os dois hemisférios cerebrais simultaneamente e por isso para elas não há pontos inatingíveis nem na esquerda nem na direita do sistema de coordenadas do universo.

A velocidade do pensamento depende de diferentes microelementos.

E dessa velocidade, segundo os investigadores contemporâneos, depende também a duração da vida (Vanga viveu 86 anos!).

Se aceitarmos que os cromanhões são continuadores dos atlantes, tornar-se-á claro porque tinham um intelecto tão desenvolvido e uma tal longevidade.

Eles estavam rodeados por uma biosfera muito diferente da nossa e isso também influencia o seu desenvolvimento.

O mundo do dilúvio universal, ocorrido há mais de 10 000 anos, era outro e então também existia uma civilização altamente desenvolvida.

Vanga é uma partícula desse mundo antigo, dotada das capacidades que os nossos distantes antepassados possuíam, independentemente de a sua biosfera ser outra.

E, ainda assim, não foi por acaso que procurou instalar-se não em qualquer lugar, mas em Rupite, junto das fontes minerais, onde «o lugar é especial».

A incrível longevidade dos deuses-atlantes, que, como supomos, foram habitantes da Atlântida, a grande longevidade dos cromanhões, que são descendentes dos atlantes, dá-nos fundamento para afirmar que no ambiente natural que outrora os rodeava havia algo que tornava a sua vida quase eterna.

Trata-se talvez da mesma ambrosia de que se fala tantas vezes nos mitos antigos e que provavelmente era preparada a partir das antigas algas do oceano Atlântico.

E ainda agora nas suas águas se podem encontrar elementos químicos raros que não estão presentes na água de outros corpos de água.

Há publicações científicas sobre experiências com pequenos microrganismos marinhos que se alimentam de «ambrosia» do oceano Atlântico e a duração da sua vida aumenta dez vezes.

Se se tratar do ser humano, ele provavelmente viveria não 80, mas 800 anos.

Tal como os profetas bíblicos, por exemplo!

Porque as capacidades dos antigos atlantes foram herdadas pelos sacerdotes da antiguidade, pelos profetas da velha e da nova história da humanidade.

Já se falou da capacidade de carregarem os dois hemisférios cerebrais sem afetar as restantes funções do organismo, de olharem para todo o sistema de coordenadas.

O voo livre do seu pensamento leva-os tanto para trás como para a frente no tempo.

Eles não são comunicativos porque a sua intuição está altamente desenvolvida, o seu pensamento flui muito rapidamente, tão rapidamente que a palavra é impotente para expressar tudo o que veem nessa «fita cinematográfica».

Na culturologia os termos «modelo do mundo» e «imagem do mundo» são frequentemente usados como sinónimos, mas entre eles há uma diferença notável.

O modelo do mundo é o nosso sistema de coordenadas.

Através dele as pessoas percecionam a realidade e constroem a sua imagem do mundo, existente na sua consciência.

Em cada cultura humana ele é um conjunto de conceitos universais interligados (tempo, espaço, causa, destino, relação com o sobrenatural e o supra-sensível, relação da parte com o todo).

Nesta ligação há uma grande diferença entre a imagem do mundo construída pelo homem da antiguidade e pelo homem contemporâneo.

Porque cada sistema cultural etno-social se caracteriza pelo seu modo de percepção do mundo.

O sistema de coordenadas do homem antigo aproxima-se do eterno, do Logos e Vanga é herdeira exatamente dessa visão.

As categorias conceptuais e sensoriais podem ser universais para todas as épocas, para todas as gerações, para todas as sociedades, mas no seu conteúdo são variáveis.

Com o aprofundamento no concreto, no material, o homem contemporâneo perde a visão do eterno, do universal para todo o sistema, do cosmos primordial e eterno, do Logos.

Por isso também a imagem do mundo que ele realiza através do seu modelo é muito diferente da imagem do mundo do homem do mundo antigo.

Porque o seu modelo tem muitas dimensões do infinito ao infinito pelo sistema de coordenadas, enquanto o modelo do mundo do homem contemporâneo é bi ou tridimensional.

O homem contemporâneo habituou-se a lidar com descrições dadas de fora por observadores externos, enquanto o antigo lidava com autodescrições.

As descrições prontas são apenas complementares em relação a elas.

Vanga menciona frequentemente que não pode dizer nem uma pequena parte de tudo o que «vê», porque simplesmente as palavras não chegam.

Essa carga dos dois hemisférios cerebrais, essas excursões no tempo dão outra representação da morte e do sono.

Novamente dos antigos atlantes nos foi legado o atrativo pela morte e pelo sono.

Porque são os únicos contactos com o mundo espiritual eterno, é um atrativo para a fusão com o primordial, o eterno, com o chamado Logos.

Lá onde está o conhecimento eterno.

«Existe – escreve Sigmund Freud – um instinto indestrutível para a morte – nem a ciência biológica, nem a nossa fé, nem o nosso inconsciente podem satisfazê-lo.»

Alguma mortalidade essencial, necessária e internamente aceite, que segundo Martin Heidegger é sono-primordialidade.

Uma ligação inquebrável sonho – Logos.

Por isso também como escreve Derrida «o policentrismo da representação onírica é incompatível com o desenvolvimento aparentemente linear, unidirecional das puras representações verbais».

Por meio do sonho, através da atividade cerebral de pessoas como Vanga e com a ajuda das suas capacidades, a humanidade olha como através de um microscópio para o sistema de coordenadas da eternidade.

Por isso os profetas sempre lhe foram necessários.

Daí talvez venham algumas particularidades dos mitos antigos, para os quais hoje não conseguimos encontrar explicação lógica.

Lá o mundo animal fala, mas também o cão que avisa Vanga que esqueceu as chaves «fala», as flores também lhe «falam».

Porque Vanga tem um ponto de vista sobre o universo muito diferente do nosso, ela apreende-o como uma unidade única.

Assim olhavam para o mundo os antigos e por isso os mitos que criam são um sistema cultural integral e lá pode-se sempre começar tanto pela morte e pelo enterro, que se associam ao plantio do grão na terra, como pelo germinar.

Lá cada episódio repete os restantes, mas a um nível mais novo e assim repete-se um e o mesmo núcleo profundo, complexo, que traz a informação mais valiosa.

Eis a fita cinematográfica de que fala Vanga – 24 frames por segundo, que parecem repetir-se, mas cada um traz alguma nova informação.

Os acontecimentos repetem-se no ciclo da vida mundial.

Neles participam os deuses, os progenitores.

Eles permanecem na memória das pessoas não através dos meios da narração verbal, mas através dos gestos, das demonstrações, dos rituais, que podem ser contados, mas também representados.

Porque são destinados a pessoas com intuição altamente desenvolvida.

Por vezes não conseguimos entender Vanga ou ela própria partilha connosco que não consegue dizer tudo o que vê – o seu modo de comunicação conta também com a intuição, que muito poucos de nós desenvolveram.

Por isso por vezes não consegue repetir o que nos disse e as nossas perguntas sobre coisas já ditas irritam-na.

Segundo Platão os atlantes tentaram impor o seu domínio sobre todo o mundo.

Assim podemos falar de duas Atlântidas – uma na grande ilha defronte das colunas de Hércules, e outra que inclui as antigas cidades ao longo da costa da Ásia Menor, do Mediterrâneo e do Ponto Euxino.

Uma hipótese curiosa constrói Vladimir Shcherbakov, que de certo modo se enquadra também nas nossas suposições sobre as coordenadas da eternidade.

Ele aceita os trácios e os pelesgos como herdeiros dos antigos atlantes ou como ramo dos cromanhões.

Imediatamente como prova citaríamos as mais antigas descobertas arqueológicas de ouro na Europa e o seu trabalho joalheiro.

A sua hipótese baseia-se no facto de que há 10 000 anos, quando existia a Atlântida, ela barrava o caminho da corrente quente do Golfo e a Europa estava coberta de gelo.

Mas pelo Mediterrâneo e pelo Ponto Euxino havia condições maravilhosas para todas as espécies animais, porque eram terras em torno das quais circulava essa corrente quente.

Isso coincide também com a afirmação dos cientistas americanos Ryan e Pitman, de que já se falou na primeira parte deste livro – que nas margens do Mar Negro nasceu a primeira civilização altamente desenvolvida da Terra antes do dilúvio, e talvez também depois dele e os vestígios dessa civilização são muitos.

Shcherbakov leva-nos também à ideia de que termos como Porta de Trajano, Caminho de Trajano nada têm a ver com o imperador Trajano, mas remetem-nos muito mais atrás no tempo – para Troia.

Não são os troianos parentes dos trácios?

E os trácios são parentes de todas as tribos e povos europeus e como descendentes dos atlantes preservaram e transmitiram às gerações seguintes a sua cultura espiritual.

«No século V a.C. – escreve Shcherbakov – já existia um Estado dos trácios e o seu primeiro rei-sacerdote era Teres... Eles defenderam a sua independência em batalhas com os citas, os gregos, os romanos. No século I d.C. tornam-se a enésima província do Império Romano. Então parte deles emigra para a margem do Dniepre. Assim surgiu a cultura de Chernyakhov. Estudei mais de 10 000 nomes eslavos pré-cristãos e cerca de 1000 nomes de lápides de legionários – trácios, mobilizados à força nas colónias romanas. Tornou-se claro que centenas de nomes cristãos eslavos são trácios. Todos os deuses dos eslavos orientais, incluindo os

de Kiev Rus, são trácios. O Perkun trácio – é o Perun, Stribog é o deus Satr da tribo trácia dos satros, Dazhbog – é o trácio Tozd, Dazh, Tadzena... Kupala vem da trácia Cibele. Os carelios – são os corali – «os corali louros», de que fala Ovídio no século I d.C. Os polacos Iyaqui – são a tribo trácia Iai. Os bessi são os vesti, os odrisos são os russi. Odrisos é o seu nome grego, eles próprios chamavam-se «russi». Russ – é leopardo, palavra antiga, lida por mim nas pedras e estelas da Ásia Menor. A crença no leopardo é característica também dos rosenes – os etruscos (etrusco é o seu nome latino) e eles também provêm da Trácia, da região Troiano-Frígia. «Caminho de Troia», «Terra de Troia», «Séculos de Troia» em «O Canto da Campanha de Igor» não vem do nome do imperador romano Trajano, que é desconhecido do autor: é um caminho de Troia, de Troada. Um caminho levava a ocidente, escolhido pelos rosenes – etruscos, o outro a norte, escolhido pelos russi...»

«...O Estado dos odrisos unia dezenas de tribos trácias conhecidas desde o segundo milénio a.C. Eles deram origem aos bálticos, aos polacos-Iyaqui, aos eslovenos. Daqui partiu a comunidade dos eslavos e bálticos...»

A ciência histórica búlgara tem desenvolvimentos profundos sobre este tema desde os anos trinta do século XX, mas a escolástica e o conservadorismo dos últimos 50 anos condenaram-nos ao esquecimento.

Na verdade eis o lugar das coordenadas da eternidade, o seu ponto zero é a Península Balcânica, encruzilhada, início e fim do caminho para o espiritual, para a eternidade.

Será necessário voltar novamente à primeira parte deste livro, ao capítulo «Omphalos ou o umbigo do mundo» e perguntar porque ele se encontra exatamente no santuário de Delfos, e não noutro ponto do globo terrestre.

Não estará lá o zero do nosso sistema de coordenadas, e como mencionámos, Delfos fica apenas a cerca de cem quilómetros de Strumica e é natural que exatamente aqui nasça um fenómeno como Vanga, que tem visão sobre todo o sistema de coordenadas, sobre todo o mundo, sobre a eternidade.

Se nós, como búlgaros, como habitantes dos Balcãs, ainda não conseguimos compreender que missão espiritual a humanidade nos destinou, os outros povos já o compreendem e daqui em diante tornar-se-lhes-á claro em que território cármico vivem os povos balcânicos.

Por isso também como a própria Vanga nos sugere, o futuro é nosso e de nós depende o futuro do mundo.

Que o compreendamos o mais rapidamente possível e graças a fenómenos como ela consigamos cumprir a nossa missão.

11. Terra dos deuses

Desde tempos imemoriais as pessoas procuram o segredo das antigas profecias.

Por mais pequeno que nos pareça o mundo da Hélade e do Império Romano, a Península Balcânica foi durante séculos o seu centro espiritual e isso ninguém pode negar levemente.

Já mencionámos neste livro o Omphalos, o umbigo do mundo, e o santuário de Delfos, os santuários dos trácios – Perperikon, Belintash.

Lá iam consultar os então profetas ou pítias tanto camponeses simples como nobres e reis de diferentes partes do mundo de então.

Mencionámos também o facto de o santuário de Delfos se encontrar apenas a cerca de cem quilómetros de Rupite e Strumica.

De acordo com fontes da Grécia antiga, os profetas primeiro lavavam-se na fonte do antigo santuário de Delfos, mas não vivia também Vanga em Rupite, um lugar com muitas nascentes minerais? No relato do presbítero João sobre Shambala também se menciona um elixir da verdade, que purifica a alma, e uma fonte da qual bastava beber três goles para que a pessoa obtivesse uma segunda vida e voltasse a ter 30 anos. Factos semelhantes existem também para os reis-sacerdotes trácios, antepassados de várias tribos. Nas ruínas de povoados trácios descobertas até agora nos Ródopes, as escavações estão em todo o lado associadas a um poço profundo, cuja água se desconhece. Vanga sonhava com um centro de balneoterapia em Rupite e não foi por acaso que ali construiu a igreja «Santa Petka».

Ligamos todos estes factos e perguntamo-nos por que razão exactamente no monte Olimpo vivem os deuses do panteão da Grécia antiga, que também poderíamos chamar antigo balcânico. Porque num todo se entrelaçam os deuses dos helenos e dos trácios, sendo estes últimos considerados mais antigos...

De acordo com investigações de cientistas publicadas recentemente, ao lavarem-se na fonte do santuário de Delfos os profetas inalavam também uma dose de etileno. O seu efeito no organismo humano é há muito conhecido dos médicos anesthesiologistas. Não prejudica o coração e o único motivo pelo qual é pouco utilizado é o facto de ser explosivo. Será possível que noutros lugares, onde existiam santuários dos trácios e dos helenos, houvesse etileno que os profetas inalavam e entravam em euforia? Será semelhante a fonte mencionada pelo presbítero João, existente no mítico país de Shambala? E, por fim, onde se localiza este, uma vez que se indicam vários lugares onde foi construída uma cidade cercada por nove montanhas nevadas? Vanga conta com espantosa precisão a Sviatoslav Roerich como era o pai dele, chamando-lhe «homem santo». E, entre os grandes espíritos do século XX, apenas Nikolai Roerich fala de forma mais do que convincente sobre Shambala. De onde vem esta ligação entre Roerich e Vanga? De onde sabe ela sobre Shambala e por que razão Roerich estava tão ligado à Bulgária, a ponto de encontrar tempo para a visitar nos anos trinta do século XX?

O europeu comum toma conhecimento de Shambala pelo livro que ganhou popularidade no século XIII «O Caminho para Shambala», escrito pelo Panchen Lama tibetano. Ele descreve-a como um país situado numa região montanhosa, cercado por todos os lados por picos nevados. Ali ninguém pode entrar sem o convite dos mestres de Shambala. Parece tratar-se do mundo do além, no qual só penetram pessoas como Vanga, que também parece ter sido convidada lá. Os ousados que decidem partir em longa viagem para a procurar deparam com muitos obstáculos – abismos, abóbadas de grutas que desabam, avalanches que se soltam de repente pelas encostas íngremes e bloqueiam os vales de tal modo que ninguém pode passar por eles. Os que são iniciados são recebidos na fronteira do país. Trata-se de uma terra de magos brancos, de mestres do mundo. Mongóis e tibetanos afirmam ter visto nas encostas nevadas pessoas brancas bastante altas.

Nas montanhas do Karakorum havia grutas onde frequentemente entravam cavaleiros desconhecidos que desapareciam lá dentro. Segundo Nikolai Roerich, um dos ламas tibetanos afirmava que as pessoas de Shambala aparecem por vezes entre os homens, dando um sinal determinado, oferecendo diversos objetos, convidando para visitas a Shambala. No final do século XIX, num mosteiro da Mongólia Oriental apareceu o próprio chefe de Shambala, Rigden Jyepo, e pelo seu rosto radiante logo reconheceram quem era. Todas as velas do templo se acenderam sozinhas. Trinta anos depois, o investigador polaco Ossendowski, fugindo da Rússia, visitou o mesmo templo e conversou com o lama. «Sei que te preocupas com os teus entes queridos – disse-lhe ele. – Quero orar por eles. Olha para o espaço escuro atrás da estátua de Buda e verás os teus entes queridos.» Assim, no fumo das velas acesas, viu a mulher e dois parentes nas ruas de uma cidade distante.

No Tibete é popular o cavalo celestial e a pedra mágica. Uma partícula dessa pedra foi entregue a um dos reis de Atlântida, Tlavatli. Tudo isto provavelmente é lenda, mas no Tibete acreditam que do céu caíram um bastão mágico e outros objetos. O bastão mágico é de ouro e em cada extremidade tem uma flor de lótus. Durante procissões solenes, dele saem raios de luz.

Procurando novamente paralelos com a Península Balcânica, não podemos passar ao lado nem da pedra mágica do santuário de Delfos, de que já falámos, nem do cavaleiro trácio, que para os trácios é na verdade o seu deus sem nome.

Nas cartas medievais pode encontrar-se o reino do presbítero João, ou Shambala. Está marcado algures na Ásia Central, o próprio presbítero falava de um mar de areias perto do seu domínio. Em 1938, o alpinista inglês Smith foi testemunha de um caso espantoso no Everest. A 9000 metros de altitude moviam-se dois silhuetas escuras. Uma tinha grandes asas, a outra algo como um bico. Smith conhecia bem os picos e glaciares ao redor e tinha a certeza de que não se tratava de alucinação ou ilusão ótica. Objetos voadores semelhantes viu também Roerich e ambos eram da opinião de que voavam de Shambala. Recentemente, na imprensa mundial voltaram a aparecer provas da existência de

Shambala, indicando desta vez como possível localização o deserto de Gobi.

Escrevo tudo isto porque procuro incessantemente algum paralelo com a Península Balcânica, e sobretudo com os Ródopes – com picos nevados semelhantes aos que rodeiam Shambala. Talvez o que os aproxima seja a forte zona geoativa? Então, trata-se de um território concreto da Terra ou de lugares com forte influência do lado da Razão Divina? O candidato às ciências biológicas Sergei Chulga, do Fundo Báltico de Biolocalização e Energoinformática, afirma que Delfos se situa numa clássica zona geoativa poderosa. Zonas semelhantes aceleram o desenvolvimento de algumas doenças, mas também estimulam o aparecimento de capacidades ocultas no homem. Nelas, o homem forte, inteligente e voluntarioso fortalece-se ainda mais na vida e alcança sucessos rápidos. Tanto o Tibete como o Pamir e a Península Balcânica são zonas geoativas ou geopatogénicas. Aqui, nesta península, nascem duas alfabetos reconhecidos como divinos, com as suas letras pode escrever-se a palavra de Deus – o grego e o antigo búlgaro. Isto não é por acaso. A Península Balcânica dá a cultura, os mitos da Europa, daqui passam ou partem muitas das tribos que depois na Europa Central e Ocidental formam os seus Estados. Daqui levam também a faísca divina do conhecimento do passado do mundo, codificado em diversos mitos e lendas, que depois desenvolvem no seu meio. A Península Balcânica dá ao mundo Orfeu, Homero, Pitágoras, profetas, videntes, pessoas que vivem na fronteira entre o nosso «mundo real» e o mundo da eternidade – Shambala, a terra dos deuses.

Vanga é representante dessa terra e desse mundo, uma combinação espantosa sobre a qual ainda durante séculos se falará, para nos lembrar que além do material existe também o espiritual, que além do corpo de carne e sangue temos outra essência espiritual, imperecível, que devemos preservar, desenvolver e aperfeiçoar.

12. Espírito e matéria

Jesus diz:

«O Reino dos Céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou em três medidas de farinha, até que tudo levedou...»

Há séculos vivemos com a ideia de que a vida e a razão são inerentes apenas ao corpo, à matéria. Mas a matéria por si só não possui sensações nem vida. A experiência vital da humanidade não é apenas a parte material da sua existência. Os sofrimentos são inerentes apenas à razão mortal, enquanto a Divina não conhece o sofrimento.

Muitos são os que não concordariam com tais pensamentos, mas para eles nos levam fenómenos como Vanga – as questões que colocam sobre a fronteira entre o espírito e a matéria. Eles realmente se sentam na barreira dessa fina fronteira e dominam a arte de estar presentes em ambos os mundos – o material e o espiritual. As provas mais recentes que viram a luz do dia, de que a consciência continua a existir quando o cérebro deixa de funcionar, levam-nos mais uma vez a reflexões sobre aquilo a que chamamos Logos, Razão Divina, Razão Cósmica, Registos Akáshicos. Na revista «The Lancet» foram publicados os resultados de longos anos de investigações nesta direção por um grupo de cientistas liderado por Pim van Lommel. Durante muito tempo estudaram as funções do cérebro em situações extremas de morte clínica, inquirindo muitos dos pacientes. Trata-se das visões e sensações «do outro lado da barreira», quando o paciente «consegue regressar», quando a reanimação é bem-sucedida. Dos 344 pacientes de Van Lommel que passaram por 509 reanimações, apenas 18% relataram memórias daquilo que viram do outro lado. Ou seja, 62 pessoas. A maioria desses pacientes foi dominada por emoções positivas. O coração rejubilava ao entrar nas «territórios divinos». Metade deles tinha a certeza de ter atravessado a fronteira da morte. 31% entraram no túnel da morte, 29% foram testemunhas de imagens de carácter cósmico, 24% observaram de fora o próprio corpo, 23% viram uma luz ofuscante e 13% – imagens da sua vida passada.

Isto parece ser mais uma prova científica de que o verdadeiro ser, a eternidade, estão na Razão Divina, na Razão Cósmica, no Logos, que na verdade deveria significar o mesmo. Assim, a Vida, a Verdade e o Amor tornam-se obrigatórios para o espiritual e tudo o que lhes é oposto chama-se pecado, doença, morte.

Durante oitenta e seis anos Vanga quis ensinar os seus interlocutores a dizer a verdade, a amarem-se, a serem honestos uns com os outros e sempre denunciava a mentira, sob qualquer forma que aparecesse.

Todos somos filhos da Razão Eterna, mas alguns são os eleitos de Deus, que com a sua vida, pensamentos e ações podem prová-lo. O que mais, senão expressão da Razão Divina, do espiritual, é a capacidade de Vanga curar de modo desconhecido para outros curadores, enviar exatamente ao médico necessário, sem sequer o conhecer, e sobretudo ajudar os sem filhos que durante longos anos vivem com o sonho de ter um descendente? Quem mais, senão a Razão Divina, dá assim a vida? E ela poderia dizer como Jesus:

«O meu ensino não é meu, mas d'Aquele que Me enviou;

Se alguém quiser fazer a vontade d'Ele, compreenderá se o meu ensino é de Deus ou se falo por Mim mesmo.

Quem fala por si mesmo busca a sua própria glória; mas quem busca a glória d'Aquele que o enviou, Esse é verdadeiro e n'Ele não há injustiça.»

Evangelho segundo João, 7:16,17,18

Vanga possuía a capacidade de curar a razão mortal e o corpo e essa foi a tarefa principal da sua existência terrena. Porque trazia em si o espiritual, que lhe permitia olhar calmamente para o eterno, para o universo além da morte clínica. Lá onde acaba o material. O coração para, para a respiração, instala-se hipoxia (fome de oxigênio) e apenas 10 segundos depois o cérebro desliga-se. A equipa de Van Lommel interessava-se pelo que acontece depois desse momento, enquanto o paciente está em reanimação. Na literatura científica isto é designado por NDE – experiência de quase-morte. Nestes casos a linha do encefalograma é reta. E apesar disso o paciente regressa «do outro mundo» com memórias concretas. Consequentemente, o espírito, a consciência existem independentemente do funcionamento do cérebro, são capazes de existir autonomamente. Porque as visões NDE ocorrem quando para o trabalho do cérebro. As mulheres e as pessoas com experiência de vida sentem sensações mais fortes e guardam memórias mais profundas. E algo muito importante – as impressões visuais dos pacientes cegos praticamente não se distinguem das dos videntes! Eis mais uma prova de que Vanga vive em dois mundos – o espiritual e o material. Por isso fala com tanta convicção sobre a imortalidade da alma, sobre as consequências kármicas do mal praticado.

Nós vemos os nossos parentes falecidos apenas em momentos especiais, em sonhos. Vanga conseguia fazê-lo a qualquer momento. Embora psicólogos, biólogos e físicos há muito afirmem que, destruída a essência energoinformacional do homem, a alma desaparece irremediavelmente juntamente com o corpo. Mas será mesmo assim? As investigações provam que após a morte a alma abandona o corpo humano por etapas, ao longo de um determinado período de tempo. As experiências nesta direção estão sobretudo ligadas ao efeito Kirlian. Este cientista russo, juntamente com a mulher, descobriu a fotografia de alta frequência, que permite ver a aura. Após a revelação da chapa fotográfica nota-se uma espécie de brilho que segue os contornos dos objetos fotografados. Usando método semelhante, investigadores britânicos colocaram nos túmulos recetores que registaram picos energéticos no nono e no quadragésimo dia após a morte da pessoa. Segundo os cientistas, no nono dia a essência energoinformacional sai do corpo físico e até ao quadragésimo dia fica perto de nós, depois voa para o mundo do além. Mas a ligação com a carne que jaz no túmulo continua. Assim, segundo os cientistas, os entes queridos podem contactar com os falecidos para receber apoio quando se encontram em situações críticas.

Ainda não é claro por que razão aqueles que partiram antes do tempo não conseguem passar para o além e vagueiam perto do local da sua morte. Este atrai-os como um íman. Assim como as pessoas que amaram intensamente. Vanga sabe, vê tudo isto e aceita-o como algo natural. Ela vê os guerreiros cegados de Samuel e corrige o número que está registado na história. Não terá sido isso mais um desfile de mortos, de que se fala em muitos lugares do mundo? Vários investigadores afirmam que existe uma fonte desconhecida de energia ligada aos túmulos e outros locais onde se travaram grandes batalhas, como é o caso dos guerreiros cegados de Samuel.

Desde tempos antigos muitos representantes da humanidade afirmam que após a morte a alma abandona o corpo. Resumindo tudo o que foi escrito neste livro, chegamos à conclusão de que se trata de um campo informacional que faz parte de um portador informacional comum e que nunca se perde. É natural que esses campos, portadores de informação de grande importância para a Terra e que não pôde ser realizada, fiquem connosco e continuem a procurar caminho para essa

informação independentemente do tipo de carga que tragam – positiva ou negativa.

Lembra-vos das profecias de von Moltke. O sistema informacional comum, que inclui tudo no nosso mundo, no Universo, na Galáxia, no Sistema Solar, na Terra, possui tanta informação que nunca poderíamos obtê-la. Não nos é necessária. Mas encontramos-nos no campo informacional da Via Láctea e provavelmente para ele a forma de inteligência chama-se Homo Sapiens. A outros sistemas informacionais e códigos não podemos aceder, nem nos são necessários.

Provavelmente também no homem é assim. Ele contacta com o banco informacional mundial apenas quando lhe é necessário, quando se elevou ao nível requerido. Por isso pessoas como Vanga nascem muito raramente. Elas reúnem em si a matéria e o espírito, predominando o espiritual, enquanto o material é apenas uma forma temporária de existência. Elas trazem uma partícula da Razão Divina Eterna, do Logos, e a sua vinda à Terra para nós é um dom de Deus, uma Boa Nova ou simplesmente um dos sucessivos presentes do além.

13. O mítico

O ser humano, como uma das muitas espécies animais na Terra, foi criado com a espantosa possibilidade de sobreviver nas situações mais sublimes e de ter sempre perspectiva para o seu desenvolvimento. Não foi por acaso que Deus nos criou à sua imagem e semelhança. Isso significa que em nós há ainda possibilidades insuspeitas, que se encontram num algum período latente de desenvolvimento e que se manifestarão talvez daqui a séculos ou apenas em determinadas condições que ameaçariam a existência da espécie humana. Como espécie biológica não viemos a esta Terra por um ou dois dias e necessitamos de: perspectiva para o nosso desenvolvimento e possibilidade de sobrevivência. Para o homem, na esfera da diversidade das espécies quase tudo já foi dito, sabemos também os avisos relacionados com o incesto, com os códigos genéticos... Podemos levar o nosso corpo à perfeição, com ele podemos alcançar mesmo o impossível. Conhecemos excelentemente cada órgão nosso – como funciona, de que adoece, como preservá-lo. Por enquanto os enigmas permanecem na esfera das glândulas de secreção interna e do cérebro. Ou dito de outro modo, lá onde se encontra a «matéria fina», que está

organizada num nível mais elevado, na fronteira, no limite entre o material e o espiritual. E é exatamente aí que devemos procurar as possibilidades insuspeitas do nosso corpo, do nosso desenvolvimento como espécie biológica, que estão latentes e que se descobrirão para o homem nos séculos futuros. Esta é a área da psique, a área do mágico. Essa esfera das possibilidades humanas que sempre foi destinada aos eleitos de Deus, a um círculo esotérico de seres humanos que depois filtram aquilo que sentem e veem graças às possibilidades que Deus lhes deu e decidem o que transmitir ulteriormente ao grande círculo exotérico de pessoas interessadas no problema. Quer os chamemos profetas, xamãs ou lhes demos outro nome qualquer, a sua missão entre os homens é mais do que clara. Sem que eles próprios possam explicar, transmitir informação sobre aquelas coisas claras apenas para Deus neste mundo espantosamente diverso, que nós com sentidos simples não podemos nem ver nem compreender.

O mítico, o místico e o metafísico entrelaçam-se como que num nó que só com a ajuda de Deus podemos desatar. Mas as obras de Deus são incognoscíveis, como explicar o inexplicável? A presença de fenómenos como Vanga leva-nos contudo a algumas conclusões das quais não podemos fugir, se nos encontrámos com ela ou se pelo menos lemos as memórias escritas por testemunhas oculares. Nela, como que há coincidência entre o temporário e o mutável e o eterno e o imutável. Ela não só desenvolve ao máximo as suas capacidades, mas também supera em muitos momentos a si própria, sai dos limites das suas possibilidades, deixa de ser aquilo que é. Ela consegue fazer algo que nós não sabemos – superar o nível das oposições no nosso mundo terreno, o limiar da relatividade. A eternidade é inalcançável quer por um período conhecido de tempo, quer após o nosso tempo. Ela está fora do tempo. Vanga sente continuamente um sofrimento insuportável, infinito pelo mundo e pelo inferno contemporâneo. Isto não é o «Os antigos deuses partiram, os novos ainda não chegaram» de Hölderlin. Ela defende um regresso pleno e sem compromissos aos valores da civilização sagrada tradicional, que o mundo contemporâneo nega de forma tão brutal. O seu subconsciente irreprimível, supersaturado, perturba frequentemente as pessoas que a visitam, que procuram salvação sem terem dado um único passo em direção a ela. Muitas pessoas não conseguem desligar-se, renunciar àquilo que

possuem, mas ela coloca-nos também a questão «Sabemos nós o que possuímos?». Por isso quer frequentemente dizer-nos que as saídas que a civilização ateia, antitradicional, profana, quantitativa propõe são falsas, inúteis. Se há alguns segredos, eles só nos podem ser revelados no seu prazo predeterminado pelo Divino e ela não tem direito de os dizer, embora frequentemente os saiba.

Tudo isto para nós está além do limite das possibilidades humanas, transcende esse limite. Algo se nega e supera subconscientemente, supera-se algo que se encontra do lado cognoscível desse limite. A palavra em latim é «transcendental» e ela anda sempre de mãos dadas com o metafísico e o mítico. As pessoas comunicam com a profetisa no nosso plano cognoscível da realidade, mas todas elas secretamente, sem o suspeitarem, aspiram ao inverso (afinal por isso foram ter com Vanga), à imagem incognoscível do Ser. E isto já é característico do sagrado, do tradicional, uma das mais antigas consciências dos homens. Sempre foi distintivo de todos os mais altos representantes do género humano.

Na história humana as capacidades de fenómenos como Vanga nunca foram um objetivo abstrato e inalcançável. O princípio do transcendental, aplicado em cada variante do ser, inclusive à realidade terrena, à realidade do homem terreno, conduz à necessária organização desse nível em conformidade com a estrutura rigorosa decorrente dos princípios do metafísico.

O fluxo de formação da humanidade histórica, na presença de uma perspectiva metafísica, encontra gradualmente a sua lógica, orientações, hierarquia, sentido, direção, porque introduz no caos vital um sistema vertical de valores e, em maior ou menor grau, traz a medida para distinguir os seres e as coisas, a medida para a sua ordenação. O que foi dito acima está na base daquilo a que chamamos «tradição». Ela é característica sobretudo do mundo dos antigos trácios e helenos, dificilmente se perde no tempo e continua até aos nossos dias. Esta consciência é simbólica, pressupondo o lado invisível de cada coisa, assim como a sua essência metafísica presente na realidade. A expressão mais antiga desta consciência simbólica é a sepultura 36 do necrópolio de Varna, onde foi enterrado não um homem, mas uma máscara de rosto humano, e sobre ela há oferendas funerárias.

Os antigos gregos saltam rapidamente a fase da sua consciência sagrada e transformam os valores celestes em terrenos, o espiritual em material, as normas éticas da tribo e da pólis em leis. Nos antigos trácios isso não acontece. Por isso o prof. Alexander Fol escreve sobre um tipo de cultura polissénica e etnossénica. Nos trácios o sagrado permanece dominante na vida mesmo numa das suas mais poderosas formações estatais – o reino dos odrisos. O rei não tem capital, mas as tribos trácias incluídas no Estado têm um centro unificador – o santuário de Dionísio. Isto coloca para eles as normas do mítico acima do mundo terreno. Para os antigos gregos a tradição de consultar o oráculo de Delfos continua mesmo após a adoção das regras da democracia, mas já é simbólica. Sensacional para muitos cientistas foi a exposição no museu de Jerusalém de uma moeda única, que mostrou exatamente estes dois lados do processo – uma tetradracma de prata, cunhada há 2500 anos, com de um lado o deus Zeus e do outro... um sátiro mítico. Foi cunhada exatamente no período em que as normas éticas impostas pelos antigos deuses, pelos antigos mitos, se materializaram com as suntuosas festas dedicadas aos deuses individuais, com a escrita do épico homérico, com as representações teatrais que recriavam a vida dos deuses e dos heróis. As orações aos deuses transformaram-se em maravilhosos contos sobre os representantes do panteão grego antigo, o prazer estético já não se obtinha da comunhão com Deus no sacrifício, mas do conhecimento das suas façanhas. O espiritual materializou-se, tornou-se um guia escrito de comportamento ético na sociedade.

Nos trácios isso não acontece. Eles preservam a capacidade de memorizar as longas orações aos deuses quando lhes oferecem sacrifícios, de ter um sistema de vida rigorosamente determinado, incluindo todas as etapas e vicissitudes desde o nascimento até à morte. E um círculo rigorosamente determinado de pessoas como Vanga, que veem no além, que se movem no tempo em todas as direções. Tal é, por exemplo, o mítico Orfeu ou o herói da «Ilíada» rei Reso. Quando em 1971 o prof. Ivan Venedikov descobriu durante escavações perto da aldeia de Tatoul, no município de Momchilgrad, uma pirâmide truncada com dois sarcófagos, ninguém acreditou nas suas afirmações de que se tratava provavelmente da sepultura de Orfeu. Nos nossos dias, o prof. Nikolai Ovcharov continuou o estudo do terreno, escavando perto dessa pirâmide truncada um templo terrestre

da época helenística no topo de um monte na localidade Kaya Bash (Grande Pedra). O templo tem forma retangular com dimensões 8 por 7 metros, alvenaria seca de pedra local. A parede tem espessura de 1 metro e numa das paredes há uma abertura, de onde provavelmente o sacerdote olhava para a pirâmide truncada, que Venedikov supunha ser a sepultura de Orfeu. A poucos metros dele encontra-se um altar circular com diâmetro de 4,5 metros. O templo existiu 800 anos, até ao século IV. O prof. Ovcharov afirma que existe ligação entre o santuário de Tatoul e o palácio real-santuário de Perperikon e o templo da deusa-mãe na zona da aldeia de Nenkovó. Ali há uma gruta na qual, segundo os antigos mitos sobre os argonautas, se supõe que Orfeu foi concebido.

Os povos que vivem na Península Balcânica preservaram estas capacidades sagradas e esotéricas de alguns indivíduos viajarem para a frente e para trás no tempo desde então até ao século XIX devido a uma série de circunstâncias ligadas ao seu destino. As antigas normas éticas, o respeito e a aspiração ao sagrado, juntamente com o cristianismo, são os fatores que lhes dão possibilidade de sobreviver na enorme multinacional Império Otomano. Por isso Vanga é precisamente continuadora desta tradição ligada ao mítico, ao metafísico e ao transcendental, que não se perdeu apesar da expansão material do século XX, que a todo o custo queria explicar também o inexplicável.

Na medida em que o homem é parte subjetiva no meio em que se encontra, ele representa nele camadas ainda mais subjetivas, que já não têm relação direta com a nossa representação generalizada do homem. Esta sua supersubjetividade simboliza a subjetividade superior e por vezes dá-lhe possibilidades máximas que os outros não possuem. Com estas possibilidades estão ligadas todas as antigas mistérios e práticas religiosas dos povos antigos. As suas tradições sempre sublinham o caráter sobrenatural destas possibilidades, e as pessoas que as possuem são aceites como personalidades santas. Para elas todos sabem que são livres do cosmos material, são apenas a sua pálida sombra ou continuação, completamente independentes dos ciclos históricos. Os nossos conhecimentos sobre os eventos históricos são fragmentários, incompletos em comparação com aquilo que elas veem e sabem. Lembrai-vos das conversas de Vanga a propósito de diversos eventos históricos. «Sim, mas não é bem assim...» diz ela e conta

detalhes tais que nós não temos de onde saber. A surpresa vem quando, com o tempo, em resultado de escavações arqueológicas ou investigações aprofundadas, se verifica que o dito por ela é realmente assim.

Como se realiza esta viagem no tempo? Esta é uma das questões principais que muitas pessoas colocam. Não esqueçamos que o homem, desde que existe, se debate continuamente entre a sua essência e o ser e pergunta-se sempre qual é a natureza humana. O homem orgânico, corporal, traz em si as fontes materiais de todas as formas do meio cósmico que o rodeia, aparece como síntese material desse meio. E o outro – o espiritual, o sensitivo, que também vive nele, é síntese espiritual do cosmos, a sua paradigma intelectual e fonte da sua harmonia. Em Vanga predomina o segundo tipo, a síntese espiritual do cosmos impõe-se sempre sobre o material e isto é o fenomenal, o divino que ela traz.

O mundo humano, o mundo terreno, são apenas uma partícula dos inumeráveis mundos. A humanidade que povoa o nosso setor do mundo de Deus não é o centro do ser. É apenas uma partícula da vida com que está impregnado todo o cosmos. Na sua dimensão quantitativo-concreta, espaço-temporal, apenas aspira a imitar a eternidade. A surpresa para todos vem quando se deparam com o problema chamado «máquina do tempo» em fenómenos como Vanga, que existem desde a antiguidade até aos nossos dias. E chega a vez de explicar o inexplicável. Uns diriam que são coisas de Deus e não temos direito de nos intrometer nelas, porque não sabemos se vêm de Deus ou do diabo. E estariam completamente certos com uma única ressalva – a todos é conhecido que as boas obras são de Deus, e as más do diabo...

Os cientistas, especialmente do século XX, que têm a presunção de poder decifrar todos os segredos da matéria e do cosmos, são de outra opinião. Eles, por exemplo, estabeleceram que a menor medida de tempo é a distância percorrida pela luz de 1 cm no vácuo. Equivale a $3,3357 \times 10^{-11}$ s. Mas Einstein é categórico ao afirmar que o tempo é algo relativo. Se, segundo as medidas terrestres de tempo, nos deslocarmos no cosmos apenas um ano à velocidade de 99,9999% da velocidade da luz e depois aterrarmos, encontraremos sete séculos após a partida.

Este assim chamado «paradoxo dos gémeos», a ciência contemporânea mastiga-o há anos e não consegue avançar mais. Com tal velocidade superlumínica movem-se, segundo a física contemporânea, as partículas «taquiónios». Ou por outras palavras, elas viajam para trás no tempo.

Segundo Richard Feynman, as antipartículas vivem no eixo temporal inverso – do futuro para o passado, porque a antimatéria, em princípio, move-se em sentido contrário ao nosso tempo. Mas então o que acontece com os princípios básicos sobre os quais se constrói a nossa vida – a causa de um evento e a consequência?

Sobre este tema falamos também noutro lugar. O mais importante é que ninguém até agora traçou a linha e chegou a alguma conclusão. Porque além das provas científicas há também exemplos vivos como Vanga. Se essas partículas, de que acabámos de falar, tiverem a propriedade de transportar informação, tornar-se-nos-á mais do que claro por que razão ela viaja tão frequentemente no tempo – tanto para o futuro como para o passado.

E mais uma coisa – o centro cerebral da razão – o córtex pré-frontal é dos últimos a atingir a maturidade. Desenvolve-se apenas quando a pessoa passa pela puberdade. Mas na maioria dos fenómenos, incluindo Vanga, as capacidades extraordinárias manifestam-se quando sofrem algum stress ou entram em coma exatamente por volta da idade da puberdade. Provavelmente o que lhes aconteceu não só acelera este processo, mas também perturba o curso normal das coisas. Porque segundo os cientistas o tecido de trabalho do córtex cerebral – a substância cinzenta – diminui com os anos do occipital para o frontal. Mas criam-se novas ligações nervosas mais rápidas. Nos fenómenos este processo é perturbado. E dado que as áreas ligadas aos sentidos amadurecem primeiro, quando uma delas – por exemplo a área da visão, como é o caso de Vanga – é afetada, perturba-se todo o processo.

Deveríamos parar aqui, porque se nos perguntarmos «Como é que isso acontece?» saímos da esfera do cognoscível, por mais que nos apeteça que não seja assim. Como explicar algo que ela própria não pode nem quer explicar? E aqui chegamos novamente ao mítico, aos conhecimentos antigos, àquele círculo esotérico de pessoas com as capacidades de Vanga, que não admitem os mortais comuns junto de si, mas procuram guiá-los para boas ações e, se puderem, corrigir para o

bem o seu destino. Não é por acaso que são eleitos de Deus, porque têm clareza tanto da causa, de que falámos, como das consequências, e isso antecipadamente. Estes não são conhecimentos para uma pessoa comum, porque de outro modo sobreviria o caos à civilização terrena se todos possuíssemos estas capacidades.

No mundo civilizado contemporâneo, a Península Balcânica permaneceu até ao início do século XX como a única região onde ainda existia a criação popular oral, a transmissão de informação sobre eventos importantes pela memória, e não através da palavra escrita, o recurso a pessoas em contacto com o mundo do mítico para eventos importantes da vida. Vanga foi o último mohicano deste tempo já passado, que nunca mais regressará daqui em diante. Outra questão é que as capacidades que fenómenos como ela possuem, em determinadas condições, podem sempre ser despertadas e desenvolvidas. Basta que cumpramos um dos requisitos principais – fazer tudo em nome do bem!

14. Do divino e do feito por mãos humanas

Esta disputa é antiga «como o mundo», mas Vanga sente-a nas costas quando começa a realizar-se o sonho da sua vida – a igreja em Rupite. Chega a vez da sua pintura mural e o académico Svetlin Roussev, como antigo pintor de ícones, trabalha lá de coração (porque só assim se pintam ícones), com inspiração divina, dia e noite. Os frescos estão prontos e começa a grande disputa – é assim que se pinta ícones?!

Uma contradição semelhante ligada aos dogmas principais da igreja e a um dos momentos mais dolorosos da sua história resolve-se apenas com representantes do mais alto clero espiritual. Vanga espera-os com impaciência, mas eles nunca aparecem. Isto amargura os seus últimos anos até aos últimos minutos da sua vida...

Tudo começa talvez com Abgar V Ukama, príncipe de um pequeno Estado entre os rios Tigre e Eufrates com capital Edessa. Ele é mencionado nos «Vidas dos Santos» no dia 16 de agosto – «Transferência da imagem do Senhor não feita por mãos de Edessa para Constantinopla». Eis o que lá está escrito concretamente:

«Eusébio (270-338), bispo de Cesareia da Palestina, um dos primeiros historiadores da antiga Igreja Cristã, conta:

«A divindade do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, pela sua força milagrosa, glorificada entre todos, atraía para Ele, com esperança de cura de doenças e diversos sofrimentos, uma multidão inumerável de pessoas, até estrangeiros que viviam longe da Judeia. Por esta razão o rei Abgar, que com grande glória governava os povos que viviam além do rio Eufrates, mas que sofria de uma doença grave, incurável por meios humanos, ao ouvir falar do nome e dos milagres de Jesus, confirmados unanimemente por todos, enviou-Lhe imediatamente uma carta, com a qual Lhe pedia que o curasse. Embora o Salvador não tenha ido então ter com Abgar, honrou-o contudo com uma carta própria, na qual prometia enviar-lhe um dos Seus discípulos para o curar da doença e salvar tanto ele como todas as pessoas próximas. Não muito depois a promessa foi cumprida.»

E mais adiante:

«Abgar enviou a carta ao Salvador pelo pintor Ananias (noutro lugar menciona-se o cronista Hannan), a quem ordenou que retratasse a imagem de Cristo, caso Cristo não viesse ter com ele. Ananias entregou a carta e começou a observar o rosto do Salvador. E como, devido à multidão, não conseguia aproximar-se d'Ele, subiu a uma pedra, de onde fixou o olhar em Cristo, segurando na mão um papel no qual queria desenhar o Seu rosto. Mas os seus esforços foram em vão devido à mutabilidade da glória e graça divina, inefável e incompreensível do rosto de Cristo. O Conhecedor dos corações viu o desejo de Ananias, chamou-o para junto de Si, pediu água, lavou-Se, pegou num pano para o rosto (ubrus), enxugou-Se com ele e de repente nesse ubrus refletiu-Se o Seu rosto – pintou-Se a Sua imagem não feita por mãos. O Senhor deu o ubrus a Ananias dizendo-lhe: «Vai e entrega isto àquele que te enviou!»...

Abgar recebeu com reverência de Ananias a imagem não feita por mãos do Salvador e logo se curou da sua doença principal, que deixou contudo marcas no seu rosto. Mas depois também disto o libertou Tadeu, um dos 70 apóstolos, enviado a Edessa após a ressurreição de Cristo.

Abgar mostrava profunda veneração pela imagem, ordenando que a colocassem em Edessa acima das portas da cidade e mandando que

todos os que passassem por essas portas se inclinassem perante a imagem.

Em 944, os imperadores Constantino Porfirogénito (905-959) e o sogro dele Romano Lacapeno (870-948), movidos por piedade cristã, compraram a imagem não feita por mãos e transferiram-na para Constantinopla, colocando-a no templo de «Santa Sofia».

No mineira do mês de agosto acrescenta-se ainda algo mais. O bisneto de Abgar, que regressa ao paganismo, quis destruir a imagem de Cristo. O bispo murou a imagem juntamente com uma lâmpada acesa diante dela. Com o tempo esse lugar foi esquecido, mas foi novamente descoberto no tempo de Cosroes, rei dos persas, que sitiou a cidade em 544. Encontraram a lâmpada ainda acesa. A imagem estava intacta e tinha-se impresso na parede interna da placa colocada sobre ela para a esconder. Assim a imagem não feita por mãos de Cristo podia encontrar-se tanto num pano como numa placa.

De outro modo se coloca a questão da imagem da Santíssima Virgem Maria, que Vanga encontra frequentemente nas suas visões. Logo após o Pentecostes, o santo Apóstolo e Evangelista Lucas pintou três ícones. Ele pintou a Mãe de Deus ao vivo e estas não são apenas as primeiras três ícones, mas também os primeiros três tipos de iconografia da Virgem Maria que ele nos dá: Ternura, Odigitria (Guia) e a Mãe de Deus sozinha, sem o Menino. Num dos hinos do cânone em louvor da Santíssima Virgem Maria canta-se:

«Pintando a tua imagem puríssima, o divino Lucas, autor do Evangelho de Cristo, inspirado pela voz divina, representou o Criador de tudo, de pé nos teus braços».

A tradição conta também outra iconografia da Santíssima Virgem Maria, mas pintada de modo não feito por mãos. Chama-se «Santa Virgem Maria Lídia».

As primeiras fontes para a iconografia com a imagem da Virgem Maria estão ligadas à arte das catacumbas romanas – os frescos das catacumbas de Priscila: o profeta Balaão diante da Virgem Maria, amamentando o Menino, a adoração dos magos. No final do século I e durante o século II os cristãos em Roma começaram a organizar os seus cemitérios comuns, na maioria das vezes subterrâneos. O arqueólogo

italiano Giovanni Battista de Rossi, que em meados do século XIX descobriu as entradas esquecidas das catacumbas, prova que antes de serem habitadas pelos cristãos eram galerias de depósitos de tufo e areia, usadas no século I. Os cristãos ampliaram as galerias, acrescentaram novos túneis para enterrar os corpos dos falecidos, provavelmente à semelhança dos enterros dos corpos de Jesus Cristo e da Virgem Maria. Organizaram também salas de reunião chamadas «tituli», que desempenhavam o papel de capela. Assim começaram a decorar essas galerias com pequenos frescos simbólicos e placas funerárias de terracota ou mármore. Gradualmente começaram a crescer as inscrições, os sinais que permitem decifrar o sentido das imagens. E isto já são as primeiras premissas para a iconografia cristã – as regras para pintar os temas e personagens cristãos.

No seu livro «Teologia do Ícone», Leonid Ouspensky indica que nas catacumbas a Santa Virgem Maria é representada tão frequentemente como Cristo, mas enquanto Cristo é pintado com símbolos, a Virgem Maria é sempre representada de forma direta e imediata. Trata-se de temas iconográficos ainda do século II encontrados nas catacumbas de Roma. Mas há um facto indicativo que de modo algum devemos ignorar. Quando o imperador Constantino chega ao poder, metade da população na parte oriental do império são cristãos, enquanto na parte ocidental do império romano o cristianismo foi aceite por apenas 20% da população.

Frescos de capelas cristãs foram descobertos na sinagoga judaica de Dura Europos na Síria, datados de 230 d.C. Pelo estilo são muito próximos dos de Roma e Nápoles. Consequentemente, imagens de Cristo e da Virgem Maria existiam também na parte oriental do Império Romano, mas não chegaram até nós. Para todas elas é característico combinar autenticidade histórica e símbolos e isto está na base da arte cristã. O objetivo não é representar a vida quotidiana, mas iluminá-la com uma nova luz evangélica, diríamos inspirada por Deus.

Ainda nos séculos I e II encontramos nas catacumbas temas do Antigo e do Novo Testamento. Do século I são «O Bom Pastor», «A Arca de Noé», o profeta Daniel na cova com os leões, a cena da ceia. As imagens do século II estão mais ligadas ao Novo Testamento: «Anunciação», «Natividade de Cristo», «Batismo do Senhor» etc.

O édito de 313 de Constantino e Licínio, ou o assim chamado Édito de Milão, e os eventos que se seguiram revolucionam a vida dos cristãos. De eternamente perseguidos passam a ser iguais aos restantes crentes pagãos, e mais tarde a sua religião torna-se dominante no império. Começam rapidamente a construir igrejas – na nova cidade constantiniana no Bósforo, no túmulo do Senhor e em muitos outros lugares. A disputa sobre como deveria ser o seu interior decorre durante séculos. Mas já no século IV prevalece a opinião de que a igreja deve ser expressão da paz interior, espiritual do crente cristão e que lá devem ser representados Cristo, a Virgem Maria, os Apóstolos, os mártires canonizados pela fé cristã. Nos primeiros concílios da igreja nota-se categoricamente que os símbolos de Cristo devem ser substituídos pela sua imagem. E aqui, após este longo desvio, chega a vez de regressarmos ao tema deste capítulo do livro.

Nos séculos IV – V aparecem pinturas murais monumentais, ciclos históricos inteiros representando os eventos do Antigo e do Novo Testamento. A arte cristã enfrenta a necessidade, por um lado, de transmitir verdades formuladas dogmaticamente e, por outro, de transmitir também a experiência viva dessas verdades – a experiência espiritual dos ascetas, o cristianismo vivo, onde dogma e vida se fundem num só. Um dos grandes pais da igreja – São Basílio Magno – recorre frequentemente à imagem, pois para ele a imagem possui a maior expressividade.

Eis o que diz numa homilia sobre o mártir São Barlaão:

«Apresentai-vos agora diante de mim, ó gloriosos pintores das virtudes dos santos. Completem pois pela vossa arte este retrato inacabado do nosso comandante /São mártir Barlaão/. Iluminai com as cores da vossa sabedoria o vencedor coroado representado de forma pouco clara por mim. Que as minhas palavras sejam superadas pelo vosso desenho das ações virtuosas deste mártir. Eu alegrar-me-ia em reconhecer tal vitória sobre mim... Olharei este lutador representado de forma mais viva nas vossas pinturas. Que os demónios chorem novamente derrotados pela coragem do mártir! Que lhe seja mostrada mais uma vez a mão queimada, mas vitoriosa! E que, pois, o chefe destas batalhas, Cristo, também seja pintado».

Estes são alguns dos primeiros documentos registados de orientações aos pintores de ícones, e isso por uma personalidade tão santa como São Basílio Magno.

A acesa disputa a favor e contra os ícones e o seu lugar na igreja cristã dura centenas de anos, passa pelo período do iconoclasmo, quando foram destruídos alguns dos melhores exemplares da iconografia, mas apesar disso a veneração dos ícones vence. E para pintar novamente os ícones que outrora existiam procura-se um modelo, um protótipo. São os assim chamados hermíneas ou manuais para imagens ou descrições verbais das imagens sagradas. Várias informações do tempo do estabelecimento do cristianismo mostram-nos que tais manuais de pintura de ícones existiam.

O bispo de Tours – São Gregório de Tours – na sua História dos Francos, sob o ano 475, conta sobre o bispo de Clermont, Namatius, e a construção da igreja local «São Estêvão»:

«17. A esposa de Namatius construiu fora das muralhas da cidade uma basílica em honra de São Estêvão. Desejando que ela fosse decorada com pinturas murais coloridas, pegou no livro necessário, abriu-o sobre os joelhos e, lendo os antigos escritos sobre as suas ações, dava instruções ao pintor sobre o que pintar na parede. Mas uma vez, enquanto estava sentada na basílica a ler, entrou um homem pobre para orar e viu-a. Assim como ela estava vestida com um vestido preto – já era de meia-idade – ele pensou que era uma das pobres, partiu um pedaço do seu pão e colocou-o aos pés dela... »

Segundo um texto hagiográfico escrito no século VIII, mas referente aos tempos apostólicos – a vida de São Pancrácio de Tauroménio – o santo recebeu como legado do seu mestre – o protoapóstolo São Pedro – dois evangelhos e dois apóstolos, utensílios da igreja e «dois tomos com a história pictórica divina, contendo a decoração do templo». Provavelmente trata-se da história pictórica do Antigo e do Novo Testamento, tomos feitos por encomenda dos santos apóstolos.

Numa tradução latina da Bíblia – códice de 350-410 –, tradução dos livros dos Reis, em frente a cada página havia miniaturas, acompanhadas de texto explicativo sobre como deviam ser pintadas:

«Pinta uma cena de três partes. Pinta o rei Salomão quando envia mensageiros ao rei Hiram, pedindo-lhe que envie carpinteiros para ajudar na construção do templo...»

Há um caso bastante curioso ligado a São Paulino de Nola, falecido em 431. O seu companheiro Sulpício Sever pediu-lhe que lhe enviasse uma imagem sua, para colocar no batistério, ao lado da imagem do recentemente falecido São Martinho, bispo da cidade de Tours. São Martinho respondeu que «um homem celestial não pode ser recriado em imagem, e um homem terreno não deve ser...». Apesar disso, São Paulino cumpriu o pedido de Sulpício enviando a imagem de São Martinho e, ao lado dela, a sua, mas acompanhou-a com um texto adequado, que mostrava que São Martinho era modelo de vida verdadeira, enquanto de São Paulino só os pecadores podiam aprender.

Provavelmente na Idade Média os pintores eram algo como semimonjes com baixo estatuto na hierarquia eclesiástica. Para com eles havia altos requisitos morais e éticos. Para poderem representar a palavra divina tinham de ser espiritualmente puros de quaisquer pensamentos pecaminosos.

Regressando às hermíneas, devemos notar que nelas já estão descritas as características típicas das figuras históricas sacralizadas. Todo o personagem santo é dividido em grupos separados dependendo da classificação de uma dada personalidade a um determinado grupo, unido pelos seus méritos para com a Igreja e pelo seu modo de vida e segundo a sua morte martirizada. Assim há grupos dos mártires, dos sagrados mártires, dos guerreiros, dos hierarcas, dos reverendos... Eles têm lugares rigorosamente determinados, sinais reconhecíveis que todos compreendem.

Mas eis que exatamente aqui, nos manuais de pintura, descobrimos momentos que não podemos encontrar nos livros litúrgicos. Abrimos o «Manual Iconográfico traduzido do eslavo para o búlgaro falado por Varban Gardev Kolarov em 1863».

«Igreja e cúpula e sob a cúpula – mesa e sobre ela incensário dourado e São Simeão o Recebedor de Deus segura Cristo como menino nos braços, abençoa-o e a Virgem Maria do outro lado da mesa estende as mãos e atrás dela José segura nas roupas dois pombinhos e perto a

profetisa Ana mostra Cristo e num livro diz: «Este menino criou o céu e a terra!»

As indicações são mais próximas pelo enredo não do texto bíblico, mas do Protoevangelho de Tiago, o que é uma divergência com o cânone eclesiástico. E ainda algo perturbador – por que razão a profetisa Ana segura nas mãos um rolo?

E mais um exemplo, que nos aproxima mais do protoevangelho do que da literatura canónica:

«Colinas e a Virgem Maria monta num jumentinho com o menino e olha para trás para José, que tem uma vara ao ombro. E um jovem conduz o jumentinho pela corda e segura uma cesta, olha para trás e diante deles uma cidade e ídolos caídos das muralhas.»

Evidentemente os evangelhos apócrifos ainda estavam amplamente difundidos entre os búlgaros na época em que foram escritos estes guias para os pintores de ícones. E será que estes textos não são pálidos reflexos da irremediavelmente perdida bíblia dos bessos?

Seja qual for a resposta a estas questões, torna-se claro que há um cânone eclesiástico, mas esse cânone é frequentemente violado, especialmente após os séculos XIII-XIV, há também pintores de ícones que pintam por inspiração divina e as suas imagens podem sempre superar em impacto tanto a palavra escrita como a oral, como nota o próprio São Basílio Magno. Regressando à pintura mural da igreja em Rupite, queremos novamente perguntar – para que serve a disputa? Quem pode dizer se as imagens pintadas lá são inspiradas por Deus, exceto aqueles que sentirão o seu impacto? Não é o mais importante, quando acendemos uma vela ou oramos e nos benzemos diante do ícone, que fale em nós o espírito divino, que acendamos a pequena faísca que é a nossa única ligação com o Divino? Essa ligação viva que para nós e para a nossa terra foi Vanga.

15. As coisas não são como estamos habituados a que sejam

Espantosa é a natureza dos Balcãs. Enquanto se está lá em baixo perto da terra e se sente o hálito da terra lavrada, apenas algumas horas depois pode-se estar alto na montanha e ter a sensação de que se comunica com Deus. Aqui pode-se encontrar tanto a bacanal dionisíaca como os sons angélicos da flauta de Orfeu, e ritmos impetuosos que

fazem o sangue ferver e melodias prolongadas que acendem no coração um amor incinerador. Uma incrível mistura de tudo o terreno e humano e aquilo que nos atrai para o espiritual e o santo.

Muitos cientistas já são da opinião que após o dilúvio universal alguns recantos dos Balcãs permaneceram como ilhas no meio da água. Exatamente aí preservaram-se diversas espécies da antiga flora e fauna. E entre elas, durante séculos, vivem e formam a sua consciência, a sua cultura sob a influência deste território kármico, tribos, povos, criações de Deus. Porque importante não é a raiz comum, não a proximidade genética comum, mas a cultura comum, os valores comuns que as pessoas que vivem nestes lugares professam graças à sua capacidade de preservar o seu pensamento mítico, transcendental, os olhos com que olham de modo particular para o mundo. Ainda desde os primeiros séculos do cristianismo, os europeus recém-batizados começam a perceber a maioria das festas eclesiásticas como carnaval, enquanto os habitantes dos Balcãs continuam a sua tradição – a festa espiritual é primeiro um modo de comunicação com Deus, e depois tudo o resto. Assim são os ciclos de canções koledarski, que há muito se afastaram do seu destino direto, assim são os ritmos do buenets, do horo nestinari, do modo de arranjar o horovod – em círculo solar ou enrolar-se como uma serpente, ou tremer como uma álamo... E se a maioria dos habitantes contemporâneos dos Balcãs há muito esqueceu que desta forma os seus avós comunicavam com Deus, então alguns deles, como Vanga, aparecem sempre nesta terra sagrada para lhes lembrar que o território onde nasceram é kármico e é aquele que sempre dará o fermento para que levede o pão cultural da humanidade.

Durante séculos após a queda do Segundo Estado búlgaro, independentemente de terem o seu alfabeto, os povos balcânicos contam mais com a sua memória, com aquilo que se transmite de boca em boca como conto, canção, mito, relato de evento recente ou fenómeno maravilhoso. Por isso até ao final do século XIX dificilmente podemos encontrar testemunhos escritos sobre pessoas com dons especiais, exceto se aquilo que predisseram tem grande significado social e se realizou. Tal é o caso de Miloš e do seu sobrinho Mitar Tarabić de Kremana, chamados «profetas de Kremana». Miloš afirma perante conhecidos que recebe informação quando vai à floresta e «vê e ouve aquilo que está para acontecer». Tudo isto acontece sem que ele

próprio o desejo. O sobrinho Mitar tem momentos de visões e ele próprio se admira de onde vêm. Sobre elas conta a familiares e amigos e o maravilhoso é que realmente se cumprem. Assim obtém uma imagem exata e viva no dia do assassinato do príncipe Miguel Obrenović III. Vê-o como num filme e imediatamente conta tudo com os mais pequenos detalhes. No dia seguinte as pessoas que ouviram o seu relato compreendem que a visão dele foi mais do que exata. Há ainda muitos outros casos em que os profetas de Kremana predisseram diversos acontecimentos e eventos, mas neles tudo vem espontaneamente, sem que eles próprios procurem contacto com o além, até por vezes se queixam desta força que os possui.

Vanga pergunta frequentemente «Por que me deste este dom, Senhor?». Mas esta pergunta muito antes dela foi frequentemente colocada pela assim chamada vidente de Boyana. Ela é especialmente popular imediatamente após a Libertação e dos testemunhos fragmentários que temos sobre ela torna-se claro que o seu fenómeno é muito próximo do de Vanga. Tal como ela, mantém no quarto a iconografia da Santíssima Virgem Maria e consulta-a continuamente, afirmando que dela tira informação, que «ela lhe diz». Talvez se não fossem as memórias de V. Atanasova de 1893 não tivéssemos prova escrita das suas capacidades. Mais exatamente o encontro dela com Stefan Stambolov. Ainda durante a conversa ela vê claramente a imagem da sua morte, como o atacam e o retalham. O ministro-presidente da Bulgária ainda não fechara a porta do quarto dela quando dali se ouve que ela chora. Avisa-o também de outros momentos da sua vida, avisa-o para que se cuide, mas sem resultado...

Vanga menciona frequentemente que lhe aparecem ora a Santíssima Virgem Maria, ora Santa Petka. Mas ainda no início do século Bona Velinova afirma o mesmo. Ela recebe a primeira visão quando tem apenas sete anos, provavelmente sob a influência do stress em que caíra – a irmãzinha jazia no leito de morte. Olhava fixamente pela janela. Ali estava sentado um homem belo com roupa azul e falava-lhe bondosamente para dizer aos pais que levassem a irmã ao mosteiro de Buhovo e lessem para a sua saúde... Ela própria afirma perante o jornal «Angelska traba» que quando fez 16 anos lhe apareciam a Santíssima Virgem Maria e Santa Petka e aconselhavam-na a não casar, porque devia servir a Deus. Ela não as ouviu e casou, mas daí começam uma

série de momentos difíceis na sua vida. No parto do segundo filho dorme três dias. Durante este «sono» dizem-lhe para não ter mais filhos e viver com o marido como irmão e irmã... Algo semelhante acontece também com Vanga. Assim como mais um momento que coincide na vida das duas. O marido dela morre durante a Guerra dos Balcãs. Ela continua frequentemente a cair em sono profundo, prolongado, por isso troçam dela chamando-lhe «desmaiadora», mas durante este sono tem visões de eventos futuros e destinos humanos. Torna-se conhecida pela capacidade de descobrir lugares onde se encontravam igrejas e mosteiros arrasados e queimados durante a invasão otomana na Península Balcânica. São mais de 40 igrejas, que estão mencionadas na revista «Bogoslovsko vreme». Ali pode encontrar-se uma lista das suas predições cumpridas. Perante militares, polícias, políticos, Bona prediz a Revolução de Outubro de 1917, a Primeira Guerra Mundial, a Revolta de Setembro, eventos ocorridos na Europa e no mundo. Ela é analfabeta, mas conhece textos da Bíblia. Em 1918 tem uma visão estranha – vê no pico de Musala uma cruz prateada, na qual está escrito «Esquecei o passado e dai-vos as mãos!». O igúmeno Kiril do mosteiro «Santa Virgem Maria» perto de Etara interpreta-o como sinal de Deus, ordem divina. Desde então Bona Velinova repete frequentemente que os povos dos Balcãs são eleitos de Deus e devem viver segundo as leis de Deus – amar-se, entenderem-se e estarem em paz entre si. Até ao fim da vida tem ainda muitas profecias que se cumprem com espantosa exatidão. Uma das últimas manifestações da sua clarividência é o encontro involuntário com o dr. Delius. Ela compreende imediatamente que se trata de um agente da inteligência alemã, que trabalha sob nome falso, vê qual será o futuro tanto dele como da sua amante.

Em vida Vanga gosta frequentemente de visitar Melnik e a cela da reverenda Stoyana. Ali ficava sozinha muito tempo, ouviam-na conversar com a santa, com quem tem destino semelhante. Stoyana Dimitrova é da aldeia de Haznatar, perto de Serres. Durante a Guerra dos Balcãs, juntamente com muitos outros búlgaros daquela região, abandona o lugar natal e parte para a fronteira búlgara. Antes de começar a guerra tem uma visão maravilhosa – visita-a um cavaleiro branco, que lhe ordena: «Vem aí guerra, tu irás para Melnishko, para a igreja de Dolna Sushitsa...». A vida dela é muito difícil. Adoece de varíola e fica cega, morrem os pais e fica a viver com o tio. Um dia o cavaleiro diz-lhe que

no pátio da casinha onde vivem há coisas santas enterradas, que as desenterre e ali construa uma igreja. Ela mostrou ao tio onde cavar. Realmente encontraram uma lâmpada e um ícone antigo, mas não tinham meios suficientes para construir uma igreja. Assim Stoyna torna-se obediente na igreja local «São Jorge». E então notam que a jovem cega não é como as outras. Conversava com os ícones, com os espíritos dos mortos, indicava qual doença com qual erva curar, por um torrão de açúcar desvendava os destinos humanos emaranhados. O estranho era que por vezes desaparecia «como fumo» e aparecia logo a seguir noutro lugar ou aparecia simultaneamente em dois lugares. Apesar de cega pintava ícones, enfiava coloridos colares de missangas que brilhavam com cores incríveis, e nos ombros dela pousavam mansamente pássaros. Junto dela todos os dias havia uma fila de pessoas que vinham com dor e esperança de serem curadas, ela não devolvia ninguém e nada recebia. Os presentes distribuía pelos pobres. E dizia frequentemente que junto do plátano na igreja outrora, anos antes, sentara-se outra profetisa e predizia às pessoas, esforçando-se por as proteger de pensamentos diabólicos e desgraças. E predizia que muito perto do lugar onde está agora apareceria outra profetisa e construiria uma igreja... Ela predisse o destino de um dos mais ricos bilionários do século XX – Aristóteles Onassis, avisou os seus próximos das desgraças que o esperavam e do que devia cuidar-se. Pena que o bilionário durante longos anos não prestou atenção aos avisos dela.

Realmente na Península Balcânica as coisas não são como estamos habituados a que sejam. Nos anos vinte é muito popular a mulher-cruzada – Stanka Kamenova de Brusartsi. Além de que durante a oração na testa e nas mãos dela aparecem cruzeiros, ela ouve frequentemente uma voz que lhe fala e transmite as palavras dela aos seus ouvintes. Numa dessas reuniões, em Veliko Tarnovo, a voz prediz-lhe e transmite à multidão que a rodeia as palavras:

«Um búlgaro inventará uma máquina que será usada por todo o mundo...» «Haverá um dia em que uma canção búlgara voará para o céu...»

Muito conhecida na época é também Corteza Stefanova, de Sliven, que não só cura doentes graves, mulheres sem filhos, pessoas com deficiências, mas também descobre fontes com água curativa,

afirmando que os locais lhe são indicados pela própria Santa Virgem. Os habitantes de Sófia chamam-lhe Santa Corteza; a casa onde nasceu, em Sliven, foi transformada em santuário.

Um fenómeno semelhante é o «pintor de ícones» de Nevrokop, Nikola Filipov. Ele tem visões frequentes, especialmente quando entra na igreja – os ícones ganham vida, vê os santos como se estivessem vivos. Além disso, aparecem cruzeiros no seu corpo e, na testa, surge uma imagem ou de João Batista ou de Cristo. Há casos em que todo o corpo se cobre de mensagens escritas.

Figuras emblemáticas do início do século são duas pessoas que, durante anos, recolhem nos jornais e revistas que publicam diversos casos de fenómenos, chegando mesmo a fundar uma sociedade na qual participam o ieromonaco Kiril, Bona Velinova e outros advogados, professores, comerciantes, jornalistas. Trata-se do funcionário bancário Hristo Ustabashev e do coronel Seyko Nikolov. Eles também possuem capacidades paranormais. Realizam palestras em diferentes localidades do país, nas quais a tese principal é que os búlgaros são um povo escolhido por Deus, mas que devem esquecer as disputas partidárias e acreditar no seu futuro. Juntamente com as palestras, realizam também sessões. Muito popular é o jornal publicado por eles «Glas na Angelskata traba» (Voz da Trombeta Angelical).

Paz, amor e fraternidade pregam durante anos outro búlgaro, formado na Universidade de Boston, que mais tarde alcança fama mundial. Até o famoso Albert Einstein é seu admirador. Fala-se de Petar Danov, nascido na aldeia de Nikolaevka, perto de Varna, que concluiu estudos de medicina e teologia e regressou à Bulgária no início do século. Ele ganha rapidamente popularidade com os seus métodos alternativos de cura e com as suas capacidades de vidência. Mas a sua maior popularidade deve-se ao chamado «Irmandade Branca», que funda, e aos cursos ocultos com palestras que realiza todos os anos. Durante a Primeira Guerra Mundial, proíbem as suas conversas, expulsam-no de Sófia, mas ele continua teimosamente a desenvolver a sua ideia. Os seus seguidores, por sugestão dele, começam em 1928 a construir casas no bairro sofiano de «Izgrevo» e assim os danovistas, como são chamados, transformam-se numa associação fraterna que prepara as pessoas para a vida espiritual. Todos os anos, a Irmandade Branca organiza

acampamentos junto aos sete lagos de Rila, com conversas com o Mestre, com Paneuritmia. Uma vez por ano, reúne em sua casa em Sófia videntes destacados, conseguindo contactar com eles apenas com o pensamento, como foi o caso com Vanga. E deixa mais de 200 volumes de coletâneas de conversas e palestras, que ainda hoje são leitura de cabeceira para muitas pessoas no mundo. Porque Danov tem seguidores também fora da Bulgária, em diferentes cidades e países.

A lista de personalidades com possibilidades fenomenais é inesgotável. Aqui não é nossa tarefa contar sobre Kosta Lulchev ou sobre o irmão Vlayko e muitos outros, dos quais agora só podemos ouvir nas memórias de testemunhas oculares.

Quanto aos fenómenos contemporâneos, eles devem passar pelo teste do tempo, como Vanga, para que as pessoas possam avaliar se o seu dom vem de Deus ou do diabo.

Aqui quero acrescentar ainda algo fenomenal, que aconteceu não com outro alguém, mas com a grande prima da ópera búlgara Hristina Morfova. Na manhã cedo de 1 de junho de 1936, viajando com amigos para o vale das rosas de Kazanlak, ela contou-lhes um sonho estranho, no qual o pai apareceu e a chamou do além para finalmente ir ter com ele. Imediatamente escreveu à amiga Lyudmila Prokopova que tinha um mau pressentimento e que nunca mais partiria em excursão sem ela. Pouco depois, morre num acidente de automóvel com apenas 47 anos.

Que provas mais convincentes de que os Balcãs são um lugar cármico. Porque, além da vidência, aqui deveríamos incluir também outras capacidades incríveis ligadas ao folclore, à palavra viva, às descobertas arqueológicas feitas nos últimos anos...

Assim, podemos concluir categoricamente que o nascimento de Vanga neste território estava predestinado, está ligado à série de fenómenos e factos fenomenais que o precedem e àqueles que o seguirão nesta terra cármica.

16. Sobre mim mesmo

O meu local de nascimento é a Serra Antiga Oriental – um pequeno vale, cercado por rochas, florestas, riachos e o imponente rio Kamchia. Talvez porque cresci lá até aos sete anos e devido a uma série de circunstâncias na minha vida, nunca me separei da convicção de que o

melhor remédio não são os medicamentos da farmácia, inventados pelos farmacêuticos, mas a capacidade de superar as doenças com as forças do próprio organismo, com a ajuda das ervas e de tudo o que existe neste mundo maravilhoso em que nascemos. E este lugar é realmente maravilhoso.

A nordeste da minha aldeia natal ainda se veem as marcas de sete túmulos trácios, alinhados em linha reta na direção leste-oeste. A norte, onde estão as rochas, há vestígios de uma igreja paleocristã, datada do século IV d.C., e de um povoado fortificado. A três quilómetros a leste fica o lugar habitado mais antigo desta região – a antiga aldeia de Ovchaga, depois Chenge, agora chamada Asparuhovo, datando do século IX d.C. A oeste estão outros povoados antigos – Prezha e Arkovna. Um lugar – fonte de vida desde tempos antigos, ainda não bem estudado por arqueólogos e historiadores e por isso talvez preservado de caçadores de tesouros e outros «amantes» de antiguidades...

Eu era muito pequeno, mal tinha três anos, quando a minha mãe acordou com o grito de uma coruja – o gato, que dormia quente aos nossos pés, saltou como se tivesse sido picado, o cão, deitado no limiar da porta da casa, começou a ladrar furiosamente. Saímos para afastar a coruja, mas ela não ia embora. Meia hora depois, chegou a minha avó para trazer a notícia que nos atingiu como um raio – o meu tio tinha-se enforcado.

Esta é a minha primeira memória da vida terrena, acompanhada do meu primeiro encontro com o inexplicável. Na aldeia, este «inexplicável» era aceite como algo natural. Sem rádio, televisão, nem sequer relógio (falo do final dos anos quarenta e início dos anos cinquenta do século XX), e nem pensar em médico. Mais perto da terra, dos bois e búfalos que ainda aqui e ali se encontravam, dos cavalos e cabras, mais perto das rochas e da floresta. As horas do dia eram determinadas com muita precisão por algum mecanismo biológico interno infalível. Para ajuda médica, contava-se com as habilidades das mulheres mais velhas ou com um ervanário ou curandeiro de alguma aldeia vizinha. As ervas eram abundantes e todos os invernos, no sótão, ainda hoje pendem molhos com pelo menos 20 tipos delas. Em vez de cinema e teatro,

vinham as festas de inverno, nas quais todos participavam ativamente e sobretudo nas cantigas de Natal.

E ainda outra memória gravada na minha mente desses primeiros momentos conscientes da vida terrena. É uma manhã cedo. Estou atrás da janela da porta de entrada, esperando que a minha mãe regressasse das compras e observo o nascer do sol. Vejo como ele se ergue gradualmente sobre os montes do outro lado e na minha consciência alinham-se imagens: como viajo sobre um raio de sol como uma grande bola luminosa e me sinto tão bem e alegre que começo a rir-me de todo o coração.

As mulheres da nossa família são conhecidas na minha região. A minha bisavó – avó Vela, a avó da minha mãe, foi sepultada com uma camisa branca, toda de branco, como sepultavam as parteiras, benzedeiras e curandeiras da aldeia. A minha avó e a minha mãe herdaram dela as suas habilidades, assim como o amor pelas canções e a memória forte – lembravam muitas canções, a genealogia de todos os colonos em Murna chiflik. O meu avô Marin, que desde criança percorria com rebanhos de porcos os Balcãs até ao Mar Negro, não só conhecia muitas ervas, mas sabia para que servia cada uma e onde crescia. A minha mãe curava-me à maneira antiga. Primeiro, fazia-me soprar para ver como cheirava o meu hálito e de que estava doente. Os remédios eram ervas e meios caseiros – aguardente, banha de porco, vinagre...

Esta atmosfera do céu de verão límpido, bordado com milhões de estrelas, a noite de inverno com os cantores de Natal, os jogos de kukeri e as festas de inverno – isso é o que para sempre se gravou na minha consciência como algo real, natural, legítimo. Havia lugares na aldeia, ao passar por eles, parecia-me ver sombras, silhuetas sombrias à espreita.

Este mundo voou irremediavelmente quando chegou a hora de ir para a escola. Custou-me habituar-me ao ambiente urbano, às gozações dos meus colegas por não falar como eles. Por outro lado, também os meus contemporâneos da aldeia se riam de mim porque o meu falar não era como o deles e eu «citadinava-me». Da aldeia só me lembravam os parentes que vinham quase todos os dias de visita ou, mais precisamente, os frutos e flores que traziam. Como se visse os jardins de onde foram colhidos, enchendo-me com o seu aroma. O último laço

com a aldeia foi a minha avó Todora – a mãe da minha mãe. Veio à cidade para tratamento médico, ficou uma semana e dizia-me sempre: «Vês aquele pombo pousado na janela? Assim virei eu daqui a anos, para conversarmos...»

Gradualmente esqueci o meu período rural e habituei-me à cidade. A vida aqui cada vez mais me cativava. Até que no meu destino ocorreu uma rutura espantosa e derrubou as minhas frágeis forças de resistência. Os médicos diagnosticavam com importância, tratavam-me sem resultado. Mais de 70% da minha pele estava coberta de feridas, desmaiava de tempos a tempos e o meu envio para Sófia, para o Instituto de Doenças Dermatovenéreas, era obrigatório. Foram dias de algum torpor. Lembro-me de como me levaram ao aeroporto. Por onde passava, as pessoas instintivamente afastavam-se. Foi a minha primeira viagem de avião, queria olhar durante o voo, mas adormeci logo que me sentei no assento.

E sonhei um sonho que se gravou na minha memória. Caminhava por um túnel qualquer. Parecia ferroviário, como aquele por onde passa o comboio até à minha aldeia natal, mas os carris desapareceram. Vi como ao longe clareava, depois abriu-se uma clareira banhada pelo sol. Apressei-me, mas quando cheguei à saída do túnel percebi que ela estava muito alta, até lá havia uma encosta íngreme coberta de erva e arbustos, e na própria borda crescia um enorme carvalho. Junto dele sentava-se um velho com longa barba branca, ao lado dele brincavam crianças. Era primavera, tudo se tornara verde, zumbiam abelhas, o meu coração cantava cheio da mesma sensação que tinha quando, pequeno, observava o nascer do sol. Rápido segui pelo caminho estreito, mas quando cheguei a meio, inesperadamente tropecei e voei para baixo, numa escuridão sem fundo, gritei várias vezes e acordei.

Em Sófia conseguiram diagnosticar – Doença de Dühring – e tratar-me dois anos com di-hidro cortisona e cortisona. Cuidaram de mim alguns dos melhores especialistas – dr. Botev e dr. Kiryakov, mas o medicamento ajudava enquanto a doença remitia, enquanto o tomava, mas só isso. O fim desta odisseia foi dado pelo meu pai – assinou um documento assumindo responsabilidade se algo me acontecesse e tirou-me do hospital. Levou-me ao curandeiro autodidata avô Dimo, de Mihalich, região de Varna. O seu unguento não era nada especial – pedia

que comprássemos na farmácia e lhe levássemos pó de zinco, pó de boro e banha de porco interna. Provavelmente adicionava ainda alguma erva que guardava em segredo. Chamou à doença solar – aparecia quando o girassol florava. E curou-me.

Assim, mais uma vez me encontrei com o inexplicável para o homem comum. A minha mãe tinha ido rezar à icona milagrosa da «Santa Virgem» em Varna. Ela acreditava que a Virgem me tinha ajudado e eu aceitei as duas decisões como reais e explicáveis. Mas pela reação das pessoas ao redor percebi que as pessoas sabem muito pouco sobre si mesmas e sobre o mundo. Por isso, aos 16 anos, abri a Bíblia. Tudo começou como uma brincadeira inocente. Todos os dias abria onde calhasse e lia as primeiras palavras. De acordo com elas, interpretava o que me aconteceria durante o dia. Assim, gradualmente me apaixonei por este livro sagrado.

Aqui é inapropriado contar os meus sonhos, como os interpreto e como se realizam. Ou que não consigo usar relógio mecânico – se o coloco no pulso, ele para ao fim de algumas horas. Sempre que confio na minha escolha instintiva, aleatória, nunca me engano. Ou sobre a influência milagrosa da minha terra natal, da qual já se falou.

Menciono isto, que talvez pareça aborrecido ao leitor, porque me atormenta há muito o tema de que escrevo neste livro, aquilo que aqui comento. Não tanto os factos em si, mas a descrença das pessoas quando se deparam com eles.

Tudo o que até aqui enumerei construiu em mim a pessoa com esta sensibilidade que possuo, poetizei tudo à minha volta, conversava continuamente com alguém que aceitava como a minha própria voz interior. Assim, ainda como estudante, comecei a escrever e a publicar poesia em várias edições, e ela ligou-me aos jornais, tornando o jornalismo a minha profissão principal durante mais de 20 anos.

Há alguns anos, antes das festas de Natal, sonhei novamente um sonho estranho – uma enorme sala, uma mesa de banquete, à qual estava sentado sozinho. Depois, entrou na sala um grupo de pessoas, liderado por um homem que comparei a Jesus Cristo. Arrepiei-me no primeiro instante. Atrás dele vinha um homem que me pareceu Homero, mas quando se aproximou, no seu aspeto reconheci Vanga. Atrás dela vinha

um ancião de barba branca, Petar Danov... O que aconteceu a seguir permanece para mim um segredo sagrado, mas este «encontro» impulsionou-me a ler tudo o que até então tinha sido escrito sobre Vanga. Durante muito tempo não me atrevi a sentar-me para escrever a primeira parte deste livro – «Ouço os sinos celestiais». Depois, numa semana, ela como que se derramou de repente no papel. A busca de explicação para o inexplicável é a base com que quero provar que não há nada de estranho em fenómenos como Vanga. O triste é que ainda estamos muito atrasados como intelecto, como crescimento espiritual. Por isso, este tipo de pessoas vem à Terra a cada 200-300 anos, para serem o nosso Anúncio, para nos libertarem e inspirarem esperança nos nossos momentos mais difíceis, para nos ensinarem o amor por tudo o que nos rodeia. Porque só através deste amor universal sobreviveremos e perduraremos.

Marin Boyadzhiev tel. 0884 255 179 e-mail: murna@mail.bg

BIBLIOGRAFIA

1. Aldebaran, «A Roda da Vida», Varna, Hipopo, 1999
2. Aldebaran – Nikolay Radev, «O Antigo Código 681, livro profético sobre a Bulgária», Varna, Hipopo, 2001
3. Arininski, V., «Os Milagres Ocorridos na Montanha da Cruz», Plovdiv, Prizma, 2000
4. Batakliiev, G., «Mitologia Antiga», Sófia, Petar Beron, 1985
5. Besant, A., «A Genealogia do Homem», Sófia, Madrostrui, 1998
6. «Estiveram Eles na Terra», Coletânea, Sófia, Tehnika, 1984
7. Birline, J. F., «Mitologia Paralela», 1994
8. Blavatsky, E., «A Doutrina Secreta», Anubis, 1992
9. Boev, N., «Belintash», Plovdiv, IMN, 2000
10. Grande Enciclopédia Soviética, Moscovo, 1974
11. Boyanov, A., «Com os Olhos de Deus», Sófia, Angoboy, 1991
12. Brennan, J. H., «Nostradamus, Visões do Futuro», Varna, Hipopo, 1999

13. Brun, F., «Os Mortos Falam-nos», Sófia, Goturanov, 1990
14. Vakarelski, Hr., «Etnografia da Bulgária», Sófia, Nauka i Izkustvo, 1977
15. Venediktov, I., «O Terreiro de Cobre dos Búlgaros», Sófia, Nauka i Izkustvo, 1983
16. Vitanov, N., «Ninguém de Nós Morre para Sempre», Sófia, Sikom 22, 1991
17. Georgiev, L., «Encontros com Vanga», Sófia, Knigotsvyat, 1996
18. Gerasimov, B., «A Força Misteriosa das Pirâmides», Sófia, Trud, 2000
19. Goranov, S., «Voz de Deus», Blagoevgrad, 1997
20. Gorbovski, Al., «Enigmas da História Mais Antiga», Sófia, Narodna Prosveta, 1977
21. Daldianski, Artemidor, «Interpretação de Sonhos», Sófia, Narodna Kultura, 1988
22. Danov, Hr., «Trácios», Sófia, Narodna Prosveta, 1982
23. Djuna, «Escuto as Minhas Mãos», Sófia, Meditsina i Fizkultura, 1990
24. Dimitrov, D. G., «História da Arte», Sófia, Izkustvo, 1991
25. Dobriyanov, V., «O Fenómeno Vanga», Sófia, Universidade «Sv. Kliment Ohridski», 1995
26. Duichev, I., «O Santo de Rila e o Seu Mosteiro», Sófia, 1947
27. Danov, P., «Forças Positivas e Negativas na Natureza», I e II parte, Sófia, Heliopol, 1997
28. Danov, P., «Conversas», Sófia, Vek 22, 1991
29. Agee, D., «Edgar Cayce», Veliko Tarnovo, Slovo, 1994
30. Eliade, M., «Ocultismo, Magia e Moda Cultural», Sófia, Prozorets, 2000
31. «Vidas dos Santos», Sófia, Editora Sinodal, 1991

32. Kaloyanov, A., «Mitos Búlgaros», Sófia, Narodna Mladezh, 1979
33. Kaloyanov, A., «Bom Herói com Bom Cavalo», Varna, Georgi Bakalov, 1986
34. Capra, Fritjof, «O Tao da Física», Sófia, Goturanov, 1997
35. Cayce, E., «Profecias», Sófia, Astrala, 1996
36. Cayce, E., «Memórias de Atlântida», Sófia, Astrala, 1994
37. Cayce, E., «O Suprassensorial», Sófia, Astrala, 1995
38. Kim, Lyudmila, «Diz-me, Vanga», Sófia, IK «5F», 1992
39. «Livro dos Segredos», Moscovo, Sociedade para o Estudo dos Segredos e Enigmas da Terra, 1991
40. Kondratov, A. M., «Civilizações Desaparecidas», Sófia, Narodna Prosveta, 1980
41. Konstantinov, M., H. Madzharov, «A Nova Cultura na Era de Aquário», Varna, Alfiola, 1991
42. Konstantinov, M., B. Boev, «O Mestre», Burgas, Sila i Zhivot, 1995
43. Konstantinov, M., «Astrossociologia Mundial», Sófia, Universidade «Sv. Kliment Ohridski», 1992
44. Konstantinova, Zh., «As Profecias de Vanga», I e II parte, Sófia, Trud, 1997, 1999
45. Cooper, A. S., «Reencarnação – a Esperança da Humanidade», Sófia, Evtimov-Ilinda, 1991
46. Kanchev, K., «loga – Termos Básicos», Sófia, Meditsina i Fizkultura, 1984
47. Lazarev, S. N., «Diagnóstico do Carma», 1, 2, 3 e 4 parte, Varna, Astrosfera, 1996, 1997, 1998
48. Lama Anagarika Govinda, «Fundamentos do Misticismo Tibetano», Sófia, Goturanov, 1995
49. Leadbeater, Ch. W., «Clarividência», Sófia, 1913
50. «Magia dos Números», Krasnogorsk, Litera, 1992

51. Machkanov, T., «Predito pela Bíblia», Veliko Tarnovo, Slovo, 1991
52. «Dicionário Mitológico», Moscovo, Enciclopédia Soviética, 1990
53. Mostovich, A., «Nós do Cosmos», Plovdiv, Hristo G. Danov, 1990
54. «Nauka i Zhizn», Moscovo, 12, 1990
55. Nikolova, Vidka, «Por Causa do Orfismo Trácio», Sófia, Tiliya, Marin Drinov, 1999
56. Oranski, I. E., «Fatores Curativos Naturais e Ritmos Biológicos», Moscovo, Meditsina, 1988
57. Nikolov, Blagoy Stoyanov, «O Milagre Vanga», Sófia, 1991
58. Palyushev, B., «Física de Deus 2», Sófia, Dilok, 2000
59. Palyushev, B., «Globalismo, Apocalipse e Física dos Campos de Torsão – Física de Deus 3», Sófia, Dilok, 2000
60. Pashov, V., «A Vida Extraordinária do Mestre Petar Danov», Sófia, «5F», 1992
61. Petkov, I., «Encontros com Vanga», Sófia, Vezni, 1993
62. Popov, Nikola, «O Fenómeno Vanga», Sófia, Peteks, 1991
63. Primov, Borislav, «Os Túmulos», Sófia, Editora da Frente Patriótica, 1970
64. Raban, Paco, «As Luzes do Budismo», Varna, Hipopo, 1995
65. Ravenscroft, T., «A Lança do Destino», Sófia, Goturanov, 1996
66. Ryder, Dorothy, «O Próximo Dimensão é Amor», Varna, Hipopo, 1998
67. Rezanov, I. A., «Grandes Catástrofes na História da Terra», Sófia, Nauka i Izkustvo, 1983
68. Ritchie, George, «Regresso do Além», Varna, Hipopo, 1995
69. Roberts, M., «Novo Dicionário Esotérico», Sófia, Goturanov i Sin, 1997
70. Sidorov, V., «Lyudmila e Vanga», Sófia, Reporter, 1995

71. Scott Rogo, D., «Os Milagres», Sófia, Zhar, 1997
72. Stefanova, Teodora, «Uma Voz Fala-me de Vós», Varna, Alex Print, 2000
73. Stoyanov, P., «Antiga Varna», Varna, Steno, 1992
74. Stoyanova, K., «A Verdade sobre Vanga», Sófia, Bălgariski Pisatel, 1996
75. Teodorov, E., «Herança Trácia Antiga no Folclore Búlgaro», Sófia, Marin Drinov, 1999
76. Tomov, Kubrat, «Parapsicologia», Sófia, Arges, 1990
77. Tomov, Kubrat, Valentin Stankov, «A Arte de Viver Eficazmente», Sófia, 2000
78. Filipov, D., «Tia Vanga – Santidade e Sabedoria», Sófia, «M&M», 1998
79. Fol, Al., Ivan Venediktov, Ivan Marazov, Dimitar Popov, «Lendas Trácias», Sófia, Nauka i Izkustvo, 1981
80. Francis, David Pit, «Nostradamus – Profecias para os Tempos Atuais», Varna, Hipopo, 1997
81. Heródoto, História, I e II parte, Sófia, Nauka i Izkustvo, 1986, 1990
82. Hinev, M., «O que é um Extrasensorial e Tem Ele Base entre Nós?», Plovdiv, 1992
83. Hristov, I., «Trácia Montanhosa», Veliko Tarnovo, Faber, 1999
84. Tsvetkova, Boyka, «Vanga – Vida para as Pessoas», Sófia, «Alisa-MG», 1998
85. Shuré, É., «Os Grandes Iniciados», I, II e III parte, Sófia-Pleven, Evraziya-Abagar, 1991
86. Jung, C. G., Seleção, Pleven, Evraziya-Abagar, 1993

